

COLEÇÃO ARCO DO TEMPO
Consultoria de Alzira M. Cohen

MEDITAÇÃO – Pam e Gordon Smith
VOLTA AO LAR – John Bradshaw
A CRIAÇÃO DO AMOR – John Bradshaw
QUÍRON E A JORNADA EM BUSCA DA CURA – Melanie Reinhart
PAZ A CADA PASSO – Thich Nhat Hanh
VIVENDO BUDA, VIVENDO CRISTO – Thich Nhat Hanh
O NOVO DESPERTAR DA DEUSA – Org. Shirley Nicholson, vários autores
AS PLANTAS E SUA MAGIA – Jacques Brosse
ANJOS E EXTRATERRESTRES – Keith Thompson
A MENTE HOLOTRÓPICA – Stanislav Grof
MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS – Clarissa Pinkola Estés
AS CARTAS DO CAMINHO SAGRADO – Jamie Sams
PLANETAS DE SOMBRA E DÉ LUZ – Irène Andrieu
JOGOS EXTREMOS DO ESPÍRITO – Muniz Sodré
MÍSTICA E ESPIRITUALIDADE – Leonardo Boff e Frei Betto
CORPO SEM IDADE, MENTE SEM FRONTEIRAS – Deepak Chopra
O CAMINHO DO MAGO – Deepak Chopra
DIGESTÃO PERFEITA – Deepak Chopra
ENERGIA ILIMITADA – Deepak Chopra
DOMINANDO O VÍCIO – Deepak Chopra
SONO TRANQUÍLO – Deepak Chopra
PESO PERFEITO – Deepak Chopra
AS SETE LEIS ESPIRITUAIS PARA OS PAIS – Deepak Chopra
O CAMINHO PARA O AMOR – Deepak Chopra
O CAMINHO DA CURA – Deepak Chopra
AS VIDAS DE CHICO XAVIER – Marcel Souto Maior
O LIVRO DO PERDÃO – Robin Casarjian
MENSAGEM DO OUTRO LADO DO MUNDO – Marlo Morgan
UM MUNDO ESPERANDO PARA NASCER – M. Scott Peck
O VALOR DA MULHER – Marianne Williamson
A CURA E A MENTE – Bill Moyers
RUMO AO PONTO ÔMEGA – Kenneth Ring
CURA ESPONTÂNEA – Andrew Weil
SAÚDE IDEAL EM 8 SEMANAS – Andrew Weil
DONS DA GRAÇA – Lone Jensen
SEDE DE PLENITUDE – Christina Grof
PORTAIS SECRETOS – Nilton Bonder
REIKI – Brigitte Müller & Horst H. Günther
MILAGRES DO DIA A DIA – David Spangler

STANISLAV GROF, M.D.
com HAL ZINA BENNETT, Ph.D.

A MENTE HOLOTRÓPICA

Novos conhecimentos sobre psicologia
e pesquisa da consciência

Tradução de
WANDA DE OLIVEIRA ROSELLI

IV
**IMPLICAÇÕES PARA UMA NOVA
 PSICOLOGIA DO SER**

11. Novas perspectivas da realidade e da natureza humana	243
Notas	269
Índice	273

AGRADECIMENTOS

Este livro baseia-se em experiências, observações e insights realizados durante trinta e cinco anos de exploração sistemática do valor de estados não comuns de consciência. Durante esse tempo recebi inestimável auxílio e apoio de muitas pessoas que desempenharam papéis importantes na minha vida particular e profissional. Gostaria de, nesta oportunidade, apresentar um agradecimento, embora um agradecimento sucinto, pelo menos a algumas dessas pessoas.

Joseph Campbell que, durante muitos anos, foi meu estimado amigo e notável professor, ensinou-me muito sobre a relevância da mitologia para a psicologia, religião e vida humana em geral. Sua brilhante inteligência, memória enciclopédica e capacidade de sintetizar esclareceram, de maneira incomum, muitas áreas confusas e mal compreendidas, no passado, pelas tradicionais ciência, religião e filosofia.

Gregory Bateson, um "generalista" cuja mente inquisitiva explorou muitas disciplinas em busca do conhecimento, foi o mais original pensador que conheci. Tive o privilégio de um contato quase diário com ele durante seus últimos dois anos e meio de vida, quando ambos éramos Professores-Estagiários no Instituto Esalen, em Big Sur, Califórnia. Através de sua crítica incisiva dos erros e insuficiências do paradigma newtoniano-cartesiano, ajudou-me a confiar em minhas próprias descobertas que, seguidamente, entravam em conflito com a psiquiatria preponderante e a ciência ocidental tradicional.

Recebi, ainda, inestimável encorajamento e apoio por parte de muitos físicos meus amigos, os quais realizaram importante trabalho pioneiro explorando implicações filosóficas da física quântica-relativista e contribuindo, de modo significativo, para a nova concepção universal emergente na ciência ocidental. Sou particularmente grato pela minha longa amizade e cooperação com Fritjof Capra, e valorizo profundamente o que aprendi com Fred Wolf, Nick Herbert, David Peat, Saul-Paul Siraque entre outros.

Um dos mais significativos eventos intelectuais de minha vida foi a descoberta da holografia e do pensar holomônico na ciência, o que proporcionou uma estrutura conceitual para uma variedade de descobertas na moderna pesquisa da consciência que, de outro modo, seriam incompreensíveis e enigmáticas. Sinto-me, nesse ponto, profundamente grato ao talento de Denis Gabor pela descoberta dos princípios da holografia ótica; grato a David Bohm por seu modelo holográfico do universo e pela teoria do holomovimento; grato a Karl Pribram por seu modelo holográfico do cérebro.

Lembro, com grande afeição, dois caros amigos, fundadores da psicologia humanística: Abraham Maslow e Anthony Sutich. Em fins de 1960, ambos convidaram-me para participar das sessões de "brainstorming" que originaram a psicologia transpessoal. O desenvolvimento dessa nova disciplina, que funde a antiga sabedoria dos grandes sistemas espirituais do mundo com o pragmatismo da ciência ocidental, tornou-se a paixão de minha vida.

O trabalho do campo controverso e desafiador da psicologia transpessoal e da pesquisa da consciência não teria sido possível sem o apoio intelectual e emocional de pessoas congêneres. Fui deveras afortunado ao ter como meus próximos e pessoais amigos muitos dos pioneiros da nova reflexão na psicologia. Essas pessoas muito especiais têm sido, por muitos anos, fontes de encorajamento mútuo e inspiração e estímulo para mim e para Christina, minha mulher. Meus agradecimentos especiais por esse papel crucial em nossas vidas dirigem-se para Angeles Arrien, Michael e Sandy Harner, Jack e Liana Kornfield, John Perry, Ram Dass, June Singer, Rick e Heather Tarnas, Frances Vaughan e Roger Walsh.

Reservo meu apreço mais profundo aos membros de minha família, a quem dediquei este livro. Minha mãe, Maria, e meu irmão Paul — este também psiquiatra, dividindo comigo muitos de meus interesses — têm sido, durante toda minha vida, fontes de grande apoio moral e emocional. Minha mulher, Christina, tem sido, durante os últimos dezesseis anos, minha amiga mais íntima, colega e companheira de pesquisas. Como dividimos muitos altos e baixos em nossa vida conjunta, aprendi a admirar muito a coragem e a integridade que ela demonstrou em sua tempestuosa jornada pessoal. O fato de ser parte integral dessa vivência ensinou-me lições extraordinárias e inestimáveis que apenas a vida pode oferecer.

Para terminar, gostaria de agradecer à Editora Harper San Francisco e, particularmente, ao meu editor Mark Salzwedel, que possibilitaram a publicação deste livro. Por fim, mas não de menor importância, sinto profunda gratidão para com Hal Zina Bennett que trouxe para este projeto, além de uma rara compreensão dos estados não comuns de consciência, a facilidade para escrever e a imaginação de um excelente autor. Foi enorme seu auxílio na descrição das descobertas resultantes de minha pesquisa, em linguagem simples e inteligível, tornando as informações acessíveis a um grande número de leitores. Graças às raras qualidades de Hal, compartilhando o trabalho, este projeto — tarefa que teve desafios e problemas — apresentou resultados muito bons e fez com que nós nos aproximássemos ainda mais um do outro.

Permanecem anônimas as pessoas cuja contribuição para este livro foram indispensáveis e cruciais. Sou muito grato a milhares de pessoas na Europa, América do Norte e do Sul, Austrália e Ásia — clientes, amigos, e participantes de workshops e diversos projetos de pesquisa — que, com extraordinária coragem, exploraram as profundidades e os pontos culminantes de suas psiques e compartilharam comigo os resultados de suas buscas incomuns: sem eles, este livro não poderia ter sido escrito.

Stanislav Grof, M.D.
Mill Valley, agosto, 1991

I

DESAFIANDO O UNIVERSO NEWTONIANO

A matéria... não é aquela coleção de objetos sólidos e estáticos espalhados no espaço, mas a vida vivida no cenário que eles compõem; assim, a realidade não é aquele cenário externo, mas a vida que nele é vivida. Realidade é "coisas como elas são".

Wallace Stevens

RUPTURAS EM DIREÇÃO A NOVAS DIMENSÕES DA CONSCIÊNCIA

Há um espetáculo maior que o mar: o céu;
há um espetáculo maior que o céu: o âmago da alma.

— Victor Hugo, "Fantine", *Les Misérables*

Durante as três últimas décadas a ciência moderna presenteou-nos com novos desafios e novas descobertas sugerindo que a capacidade humana vai muito além do que, sequer, imaginávamos. Respondendo a tais desafios e descobertas, o esforço coletivo de pesquisadores, de profissões e disciplinas diversas, apresenta-nos uma imagem completamente nova da existência humana e, muito particularmente, da natureza da consciência humana.

Tal como o mundo de Copérnico foi virado de cabeça para baixo por sua descoberta que a terra não era o centro do universo, as mais novas revelações de pesquisadores científicos de todo o mundo forçaram-nos a encarar, de mais perto, quem somos nós física, mental e espiritualmente. Estamos presenciando a emergência de uma nova imagem da psique e, com ela, uma extraordinária visão do mundo que combina descobertas nas mais avançadas fronteiras da ciência com a sabedoria das sociedades mais antigas. Como resultado dos avanços que estão surgindo precisamos avaliar, literalmente, todos os nossos pontos de vista como aconteceu com a reação às descobertas de Copérnico, há cerca de quinhentos anos.

O universo visto como máquina: Newton e a ciência ocidental

No cerne dessa dramática mudança de pensamento ocorrida no século XX está a reviravolta radical do nosso entendimento do mundo físico. Antes da teoria einsteiniana da relatividade e da física quântica, tínhamos a firme convicção de que o universo compunha-se de matéria sólida. Acreditávamos que a base da construção desse universo material fossem os átomos, tidos por nós como compactos e indestrutíveis. Os átomos existiam num espaço tridimensional e seus movimentos seguiam determinadas leis. Assim, a matéria desenvolvia-se ordenadamente, movendo-se do passado, através do presente, até alcançar o futuro. Sob esse ponto de vista, seguro e determinista, víamos o universo como uma gigantesca máquina e confiávamos que, algum dia, descobriríamos todas as regras que a governavam e assim poderíamos reconstruir precisamente tudo que acontecera no passado e prever tudo que aconteceria no futuro. Descobertas tais regras, dominaríamos tudo que observássemos. De acordo com alguns sonhos, seríamos até capazes de reproduzir vida misturando apropriados produtos químicos num tubo de ensaio.

Conforme essa imagem do universo, desenvolvida pela ciência newtoniana, a vida, a consciência, os seres humanos e a inteligência criativa eram tidos como subprodutos acidentais que teriam se desenvolvido a partir de uma fascinante disposição da matéria. Assim nós, humanos, apesar de complexos e fascinantes como deveríamos ser, não passaríamos de objetos essencialmente materiais, quase iguais a animais altamente desenvolvidos ou máquinas biológicas pensantes. Nossos limites eram definidos pela superfície de nossa pele, e a consciência era encarada como nada mais que o produto daquele órgão pensante conhecido como "cérebro". Tudo que pensávamos, sentíamos e conhecíamos baseava-se em informações colhidas com o auxílio de nossos órgãos sensórios. Seguindo a lógica desse modelo materialista, a consciência humana, a inteligência, a ética, a arte, a religião e a própria ciência eram tidos como subprodutos de processos materiais que ocorrem dentro do cérebro.

A crença de que a consciência e todo seu produto originaram-se no cérebro não era, por certo, inteiramente arbitrária. Inúmeras observações clínicas e experimentais indicam estreita conexão entre consciência e certas condições neurofisiológicas e patológicas, tais como infecção, trauma, intoxicação, tumor e derrame cerebral. É evidente que tais condições são tipicamente ligadas a dramáticas mudanças na consciência. No caso de tumores no cérebro, a diminuição resultante nas funções — como perda da fala, do controle motor, etc. — pode ajudar-nos a diagnosticar exatamente onde os danos de cérebro ocorreram.

Essas observações provam, sem sombra de dúvida, que nossas funções mentais ligam-se a processos biológicos de nosso cérebro. Entretanto, isso não significa, necessariamente, que a consciência origine-se desses processos ou seja produzida pelo cérebro. Tal conclusão da ciência ocidental é, antes, uma suposição metafísica ao invés de um fato científico. É mesmo possível que surjam outras interpretações a partir dos mesmos dados. Tomemos como analogia: um especialista em consertar aparelhos de televisão, ao perceber uma distorção de imagem ou som sabe, exatamente, o que há de errado e quais as partes que devem ser trocadas ou reparadas para que o aparelho funcione bem novamente. Entretanto, ninguém encararia esse fato como prova de que é o aparelho que gera, dentro de si mesmo, os programas a que assistimos quando o ligamos. Isso é, porém, o tipo de argumento que a ciência mecanicista apresenta como prova de que a consciência é produzida pelo cérebro.

A ciência tradicional sustenta a crença de que a matéria orgânica e a vida desenvolveram-se a partir do limo do oceano primeiro através, apenas, das interações ocasionais de átomos e moléculas. Similarmente argumenta que, apenas por acidente e "seleção natural", a matéria foi organizada dentro de células vivas, e as células dentro de complexos organismos multicelulares dotados de sistema nervoso central. E de alguma forma, paralelamente a essas explanações, a suposição de que a consciência é subproduto de processos materiais que ocorrem no cérebro tornou-se o dogma metafísico mais importante do pensamento ocidental.

Essa imagem simplista do universo torna-se crescentemente insustentável à medida que a ciência moderna descobre as pro-

fundas interações entre inteligência criativa e todos os níveis da realidade. A suposição de que a consciência humana e nosso universo, infinitamente complexo, pudessem passar a existir através de interações ocasionais de matéria inerte foi, recentemente, comparada a um tornado, soprando através de um depósito de ferro-velho, e produzindo acidentalmente um Jumbo 747.

Até agora a ciência newtoniana tem sido responsável pela criação de uma muito limitada visão do ser humano e seu potencial. Por mais de duzentos anos a perspectiva newtoniana impôs seus critérios sobre o que é uma aceitável, ou inaceitável, experiência da realidade. De acordo com tal critério, uma pessoa "funcionando normalmente" é um espelho fiel do mundo externo objetivo descrito pela ciência de Newton. Sob tal perspectiva, nossas funções mentais limitam-se a retirar informações de nossos órgãos sensórios, estocando-as em nosso "banco-computador" mental e, então, talvez recombinao dados sensórios para criar alguma coisa nova. Qualquer afastamento significativo dessa percepção da "realidade objetiva" — ou, melhor dito, a *consensus reality*, tudo aquilo que o povo em geral acredita ser verdade — deveria ser rejeitado como produto de uma imaginação superativa ou uma desordem mental.

A moderna pesquisa da consciência mostra uma necessidade urgente de drasticamente revisar e expandir essa visão limitada da natureza e da dimensão da psique humana. O principal objetivo deste livro é explorar essas novas observações e a visão, radicalmente diferente, de nossas vidas, nelas implícitas. É importante ressaltar que, mesmo que essas novas descobertas sejam incompatíveis com a tradicional ciência newtoniana, elas são inteiramente coerentes com os revolucionários desenvolvimentos da física moderna e de outras disciplinas científicas. Todos esses novos insights estão transformando profundamente a visão do mundo newtoniano na qual acreditávamos tanto até agora. Emerge uma excitante nova visão do cosmos e da natureza humana com implicações de longo alcance para nossas vidas, tanto como indivíduos quanto como coletividade.

Consciência e cosmos: a ciência descobre a mente na natureza

À medida que os físicos aperfeiçoavam suas explorações daquilo que é muito pequeno e daquilo que é muito grande — os domínios subatômicos do micromundo e os domínios astrofísicos do macromundo — logo perceberam que alguns dos princípios newtonianos básicos apresentavam sérios limites e imperfeições. Em meados do século XX percebeu-se que o átomo, definido pelos físicos newtonianos como indestrutível e mais elementar bloco-construtor do mundo material, era, na verdade, composto de partes ainda menores e mais elementares: prótons, elétrons e nêutrons. Pesquisas posteriores detectaram, literalmente, centenas de partículas subatômicas.

As partículas subatômicas então descobertas apresentavam um comportamento estranho que desafiava os princípios newtonianos. Em alguns experimentos comportavam-se como se fossem entidades materiais e, em outros, como se tivessem propriedades ondulatórias. Isso tornou-se conhecido como "o paradoxo onda-partícula". Em um nível subatômico, nossas antigas definições de matéria foram substituídas por probabilidades estatísticas que descreviam sua "tendência para existir" e, finalmente, as velhas definições de matéria desapareceram naquilo que os físicos chamam de "vácuo dinâmico". A exploração do micromundo logo revelou que o universo de vida diária, que nos parece composto de sólidos e discretos objetos é, na realidade, uma complexa teia de relações e eventos unificados. De acordo com esse novo contexto, a consciência não reflete o mundo material objetivo de maneira apenas passiva: ela tem papel ativo na criação da própria realidade.

A investigação científica do campo astrofísico é responsável por revelações igualmente surpreendentes. Na teoria da relatividade de Einstein, por exemplo, o espaço não é tridimensional, o tempo não é linear, e espaço e tempo não são entidades separadas. Ao invés disso, são integrados dentro de um contínuo quadridimensional conhecido como "espaço-tempo". Sob essa perspectiva do universo, o que, antes, encarávamos como limite entre objetos e distinções entre matéria e espaço vazio, são agora substituídos por algo novo. Não são mais tidos como discretos objetos separados por espaços vazios: o universo in-

teiro é visto como um campo contínuo, com densidade variável. Na física moderna a matéria torna-se intercambiável com a energia. Segundo essa nova concepção a consciência é vista como parte integrante da estrutura universal, certamente não limitada às atividades dentro de nossos crânios. Como disse o astrônomo britânico James Jeans, cerca de sessenta anos atrás, o universo do físico moderno parece bem mais como um grande pensamento do que uma máquina gigante.

Assim, temos agora um universo que é um complexo sistema de fenômenos vibratórios, e não um aglomerado de objetos newtonianos. Tais sistemas vibratórios têm propriedades e possibilidades jamais sonhadas pela ciência newtoniana. Um desses fenômenos mais interessantes é descrito em termos de holografia.

Holografia e a ordem implícita

Holografia é um processo fotográfico para produzir no espaço imagens tridimensionais, usando luz laser-coerente com o mesmo comprimento de onda. Um holograma — que poderia ser comparado a um slide fotográfico do qual se projeta uma imagem — é o registro de um padrão de interferência de duas metades de um raio laser. Depois que um raio de luz é dividido ao meio por um espelho parcialmente prateado, uma de suas metades (raio de referência) direciona-se para a emulsão do holograma. A outra metade (raio operador) volta-se para o filme, a partir do objeto que está sendo fotografado. A informação transmitida por esses dois raios, necessários para reproduzir uma imagem tridimensional, é “dobrada” no holograma de tal modo que expande-se através de todo ele. Como resultado, quando o holograma é iluminado pelo laser a imagem tridimensional completa pode ser “desdobrada” a partir de qualquer fragmento do mesmo. Podemos cortar o holograma em muitos pedaços e mesmo cada um deles é capaz de reproduzir a imagem do todo.

A descoberta dos princípios holográficos tornou-se uma parte importante da concepção científica do mundo. Por exemplo, David Bohm, proeminente físico teórico e antigo colaborador de Einstein, inspirou-se na holografia para criar um modelo do universo que poderia incorporar os muitos paradoxos da

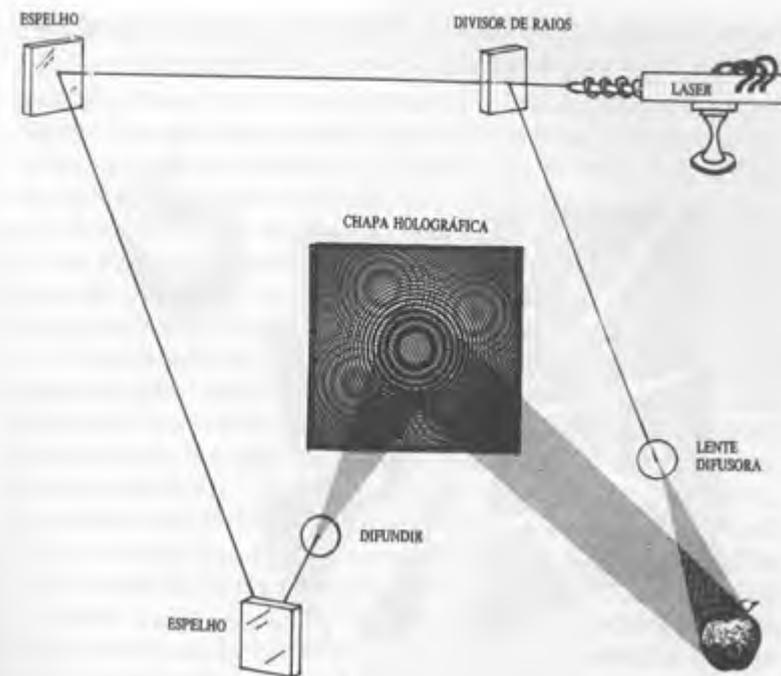


Figura 1 — Um holograma é produzido quando um único raio de luz laser é dividido em dois raios separados. O primeiro raio é dirigido e refletido pelo objeto a ser fotografado, no caso uma maçã. Então o segundo raio pode colidir com a luz refletida do primeiro, e o modelo de interferência resultante é registrado no filme.

física quântica. Ele sugere que o mundo que percebemos através dos sentidos e do sistema nervoso, com ou sem auxílio de instrumentos científicos, representa apenas um minúsculo fragmento da realidade. Aquilo que percebemos é chamado por ele de ordem “desdobrada” ou “explicitada”. Tais percepções emergiram como formas especiais de uma matriz muito maior. A matriz maior é chamada de ordem “dobrada” ou “implícada”. Em outras palavras, aquilo que interpretamos como sendo realidade é semelhante a uma imagem holográfica projetada. A matriz maior, sendo a fonte que projeta essa imagem, pode ser comparada com o holograma. Entretanto, a figura da ordem implícita (análoga ao holograma) apresentada por

Bohm descreve um nível da realidade não acessível aos nossos sentidos ou a um direto escrutínio científico.



Figura 2 — Diferentemente das fotografias normais, cada parte de uma peça do filme holográfico contém toda a informação do conjunto. Assim, se uma placa holográfica é quebrada em fragmentos cada peça pode ser ainda usada para reconstruir a imagem inteira.

Em seu livro *Wholeness and the Implicate Order*, Bohm trata, em dois capítulos, do relacionamento entre consciência

e matéria e como isso é encarado pelo físico moderno. Descreve a realidade como um todo intacto e coerente envolvido num inacabável processo de mudança — chamado *holomovimento*. Sob essa perspectiva, todas as estruturas estáveis do universo são apenas abstrações. Poderíamos investir todo o tipo de esforço para descrever objetos, entidades ou eventos mas, em última análise, devemos admitir que tudo isso origina-se de um todo indefinível e irreconhecível. Neste mundo em que tudo flui, sempre em movimento, usar nomes para descrever o que está acontecendo pode apenas induzir-nos ao erro.

Para Bohm, a teoria holográfica ilustra sua concepção de que a energia, a luz e a matéria são compostas de modelos interferentes que transmitem informações sobre todas as outras ondas de luz, energia e matéria com as quais tiveram contacto direto ou indireto. Assim, cada parte da energia e da matéria representa um microcosmo que envolve o Todo. A vida não pode mais ser compreendida em termos de matéria inanimada. Matéria e vida são, ambas, abstrações extraídas do holomovimento, isto é, do Todo não dividido; mas nenhuma delas pode ser separada desse Todo. De maneira similar, a matéria e a consciência são ambas aspectos do mesmo Todo não fragmentado.

Bohm nos lembra que mesmo os processos de abstração, pelos quais nós criamos a ilusão da separação do Todo são, eles próprios, expressões do holomovimento. Chegamos, finalmente à conclusão de que todas as percepções e conhecimento — incluindo o trabalho científico — não são reconstruções objetivas da realidade; ao invés disso, são atividades criativas comparáveis a expressões artísticas. Não podemos medir a verdadeira realidade; de fato, a própria essência da mesma é a sua imensurabilidade.¹

O modelo holográfico oferece possibilidades revolucionárias para uma nova compreensão do relacionamento entre as partes e o Todo. Não estando mais aprisionada à lógica limitada do pensamento tradicional, a parte cessa de ser apenas um fragmento do Todo mas, sob certas circunstâncias, reflete e contém o Todo. Como seres humanos, não somos entidades newtonianas isoladas e insignificantes; pelo contrário, como campos integrais do holomovimento, cada um de nós é também um microcosmo que reflete e contém o macrocosmo. Sendo isso verdadeiro, então cada um de nós tem o potencial pa-

ra obter acesso experimental, direto e imediato, para, virtualmente, cada aspecto do universo, estendendo nossa capacidade bem além do alcance de nossos sentidos.

Há, na verdade, muitos paralelos interessantes entre o trabalho de David Bohm sobre física e o de Karl Pribram sobre neurofisiologia. Após décadas de experimentos e intensiva pesquisa, este renomado neurocientista concluiu que apenas a presença dos princípios holográficos a serviço do cérebro pode explicar as observações relativas à função do cérebro que, de outro modo, seriam enigmáticas e paradoxais. O revolucionário modelo do cérebro de autoria de Pribram e a teoria do holomovimento de Bohm têm implicações de largo alcance para nosso entendimento da consciência humana que apenas começamos a transferir para o nível pessoal.

Em busca dos princípios desconhecidos

A Natureza é plena de talentos,
plena de divindade,
para que nenhum floco de neve
liberte-se de sua mão criadora.

— Henry David Thoreau

As revelações concernentes aos limites da ciência newtoniana e a necessidade urgente de uma maior expansão de conceitos universais emergiram de, virtualmente, cada disciplina. Por exemplo, Gregory Bateson, um dos maiores teóricos de nosso tempo, desafiou a opinião tradicional demonstrando que todos os limites do mundo são ilusórios e que o funcionamento mental, usualmente atribuído apenas aos seres humanos, ocorre através de toda a natureza incluindo animais, plantas e, mesmo, sistemas inorgânicos. Em sua síntese altamente criativa sobre cibernética, informação e teoria dos sistemas, antropologia, psicologia e outros campos, demonstrou que mente e natureza formam uma unidade indivisível.

O biólogo britânico Rupert Sheldrake apresentou uma crítica incisiva da ciência tradicional, aproximando-se do proble-

ma por ainda um outro ângulo. Disse que a ciência ocidental negligenciou o problema da forma na natureza em sua busca unidirecional da "causalidade energética". Afirmou que nosso estudo apenas da substância não pode explicar por que há ordem, padrão e significado na natureza, da mesma maneira que o exame do material de construção de uma catedral, um castelo ou um prédio de apartamentos não pode explicar as formas específicas usadas nesses exemplos de arquitetura. Por mais sofisticado que seja nosso estudo do material, não somos capazes de explicar as forças criativas que orientam o desenho de tais estruturas. Sheldrake sugere que as formas na natureza são governadas pelo que chama de "campos morfo-genéticos", os quais não podem ser detectados ou medidos pela ciência contemporânea. Isso significaria que todos os esforços científicos do passado negligenciaram uma dimensão absolutamente crucial para entender-se a natureza da realidade.²

O denominador comum de todas essas, e outras, teorias recentes que apresentam alternativas ao pensamento newtoniano é que elas não encaram a consciência e a inteligência criativa como derivadas da matéria — mais especificamente, derivadas das atividades neurofisiológicas do cérebro — mas, ao contrário, como importantes atributos básicos de toda existência. O estudo da consciência, que já foi considerado o "primo pobre" das ciências físicas, está conquistando rapidamente um lugar de honra entre os cientistas.

A revolução na consciência e a nova visão científica do mundo

Nossa consciência despertada — consciência racional, como a chamamos — constitui apenas um tipo especial de consciência, ao passo que em toda parte em torno dela encontram-se formas potenciais de consciência inteiramente diferentes, somente separadas pelo mais tênue dos véus... Nenhuma explicação do universo, em sua totalidade, pode ser definitiva se não levar em conta estas outras formas de consciência.

— William James

A moderna psicologia profunda e a pesquisa da consciência devem muito ao psiquiatra suíço C. G. Jung.

Durante toda uma vida de sistemático trabalho clínico, Jung demonstrou que o modelo freudiano da psique humana era muito acanhado e limitado. Reuniu convincente evidência, demonstrando que devemos olhar muito além da biografia pessoal e da consciência individual para que possamos apenas começar a compreender a verdadeira natureza da psique.

Uma das mais renomadas contribuições de Jung é o conceito do "inconsciente coletivo", imenso reservatório de informações da cultura e história humanas, utilizáveis por todos nós nas profundezas de nossa psique. Jung também identificou os padrões básicos e dinâmicos, ou primordiais princípios organizadores, que operam no inconsciente coletivo tanto quanto no universo em geral. Chamou-os de "arquétipos" e descreveu seus efeitos sobre nós, como indivíduos, e sobre a sociedade humana como um todo.

De especial interesse são os estudos junguianos sobre sincronicidade, de que trataremos depois, mais detalhadamente. Descobriu que eventos psicológicos individualizados, como sonhos e visões, seguidamente, formam padrões de significativa coincidência com vários aspectos da realidade consensual, que não podem ser explicados em termos de causa e efeito. Isso sugere que o mundo da psique e o mundo material não são duas entidades separadas, mas intimamente entrelaçadas. Assim as idéias de Jung desafiam não apenas a psicologia mas, também, o conceito newtoniano da realidade e a filosofia da ciência ocidental. Essas idéias mostram que consciência e matéria sofrem constante influência recíproca, informando e modelando uma a outra, como o poeta William Butler Yeats deve ter imaginado quando tratou desses eventos em que "você não pode distinguir o dançarino da dança".

Mais ou menos ao mesmo tempo em que começávamos a ter profundas mudanças na física, a descoberta do LSD e a subsequente pesquisa psicodélica abriram-nos novos e revolucionários caminhos no estudo da consciência humana. As décadas de 50 e 60 presenciaram uma grande explosão de interesse pelas filosofias e práticas espirituais orientais, xamanismo, misticismo, psicoterapias experimentais e outras explorações profundas da psique humana. O estudo da morte e do estar morrendo apresentou alguns dados extraordinários sobre o relacionamento entre a consciência e o cérebro. Além

disso, ressurgiu o interesse pela parapsicologia, particularmente em torno da pesquisa da percepção extra-sensorial (ESP). Novas informações sobre a psique humana foram também geradas em laboratórios dedicados às técnicas modernas de alteração mental, tal como privação sensorial e biofeedback.

O denominador comum de toda essa pesquisa foi sua focalização nos estados não comuns de consciência, área que, no passado, foi grandemente negligenciada não apenas pela ciência tradicional mas, também, por toda a cultura ocidental. Com nossa ênfase em racionalidade e lógica colocávamos grande valor ao sóbrio estado mental de todos os dias, relegando todos os outros estados da consciência ao setor de patologia inútil.

A esse respeito temos uma posição bastante única na história humana. Todas as culturas antigas e pré-industriais mostravam grande interesse pelos estados não comuns de consciência. Atribuíam-lhes valor como poderosos instrumentos para ligar-se às realidades sagradas, à natureza, e entre si. Também usavam tais estados para identificar doenças e curas. Estados alterados eram também vistos como importantes fontes de inspiração artística e um caminho aberto para a intuição e a percepção extra-sensorial. Todas as outras culturas gastavam considerável tempo e energia desenvolvendo várias técnicas de alteração da mente, usando-as com regularidade numa variedade de contextos rituais.

Michael Harner, antropólogo bastante conhecido que submeteu-se a uma iniciação xamânica na América do Sul, afirmou que, do ponto de vista de uma perspectiva intercultural, a tradicional compreensão ocidental da psique humana é significativamente imperfeita. Ela é *etnocêntrica*, já que os cientistas ocidentais enfocam a sua própria aproximação à realidade e os fenômenos psicológicos superiores e "comprovados sem sombra de dúvida". Ao mesmo tempo julgam inferiores, ingênuas e primitivas as perspectivas de outras culturas. Em segundo lugar, o enfoque acadêmico tradicional é, também, o que Harner qualifica de "cognocêntrico", considerando apenas aquelas observações e experiências mediadas pelos cinco sentidos em um estado comum de consciência.¹

O foco principal deste livro é descrever e explorar as mudanças radicais de nossa compreensão da consciência, da psi-

que humana e da própria natureza da realidade, compreensão necessária quando consideramos atentamente o testemunho dos estados não comuns de consciência, como o fizeram outras culturas antes de nós. Para essa finalidade, não faz muita diferença se esses estados estão se originando da prática de meditação, uma sessão experimental de psicoterapia, um episódio de espontânea crise psicoespiritual ("emergência espiritual"), uma situação de quase-morte ou a ingestão de uma substância psicodélica. Ainda que tais técnicas e experiências possam variar em algumas características específicas, todas elas representam caminhos diversos para os profundos territórios da psique humana, áreas inexploradas pela psicologia tradicional. O tanatologista Kenneth Ring reconheceu esse fato criando, para ele, o termo coletivo *Experiências ômega*.

Uma vez que, aqui, estamos interessados em explorar as mais gerais implicações da pesquisa moderna da consciência, para o conhecimento de nós mesmos e do universo, os exemplos que uso neste livro partem de variadas situações. Alguns são de sessões de Respiração Holotrópica™ ou de terapia psicodélica; outros de rituais xamânicos, regressão hipnótica; situações de quase-morte ou episódios espontâneos de emergência espiritual. O que todas essas experiências têm em comum é que representam um desafio crítico aos tradicionais modos de pensar, e sugerem um caminho inteiramente novo para encarar-se a realidade e a nossa existência.

A aventura começa: abrem-se os portões além da realidade cotidiana

Há muitos caminhos diferentes para nosso entendimento da consciência. Meu próprio caminho começou em Praga, capital da Tchecoslováquia, logo após ter terminado o curso secundário em fins da década de quarenta. Um amigo emprestou-me, então, o livro *Introductory Lectures to Psychoanalysis*, de Sigmund Freud. Impressionei-me profundamente pela penetrante mente de Freud e por sua habilidade em decodificar a linguagem obscura da mente inconsciente. Poucos dias depois,

após terminar a leitura do livro, decidi fazer o curso de medicina, pré-requisito necessário para ser-se psicanalista.

Durante o meu curso de medicina, juntei-me a um pequeno grupo de pessoas ligadas à psicanálise e dirigidas por três psicanalistas, membros da Associação Internacional de Psicanálise, e entrei, como voluntário, no departamento de psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade de Praga. Mais tarde, submeti-me a uma análise didática sob a direção do antigo presidente da Associação Tchecoslovaca de Psicanálise.

Quanto mais conhecia a psicanálise, mais desiludido me tornava. Tudo que havia lido sobre Freud e seus discípulos apresentara o que parecia ser uma explicação convincente da vida mental. Mas esses insights não pareciam vingar no trabalho clínico. Eu não conseguia entender por que esse brilhante sistema conceitual não oferecia igualmente impressionantes resultados clínicos. O curso de medicina me havia ensinado que desde que eu tivesse entendido um problema seria capaz de acertar o que deveria ser feito a seu respeito ou, no caso de doenças incuráveis, perceber claramente o motivo de minhas limitações terapêuticas. Mas agora eu era induzido a acreditar que, mesmo que tivéssemos conseguido um completo entendimento intelectual da psicopatologia com que trabalhávamos, poderíamos fazer relativamente pouco a seu respeito, ainda que num extremamente longo espaço de tempo.

Quase na mesma época em que lutava com esse dilema, chegou ao departamento onde eu trabalhava um pacote vindo da Suíça. Tinha sido enviado pelos Sandoz Pharmaceutical Laboratories, da Basileia. Continha amostras de uma substância experimental chamada LSD-25, apresentada como tendo notáveis propriedades psicoativas. A companhia Sandoz fazia chegar tal substância a pesquisadores de todo o mundo, os quais poderiam estudar seu efeito e possível uso na psiquiatria. Em 1956 tornei-me um dos primeiros sujeitos experimentais dessa droga.

Minha primeira sessão com LSD mudou radicalmente tanto minha vida pessoal quanto profissional. Tive um extraordinário encontro com meu inconsciente e essa experiência ofuscou, instantaneamente, todo meu prévio interesse pela psicanálise freudiana. Me foi proporcionado um fantástico painel de visões coloridas, algumas abstratas e geométricas, outras

cheias de significados simbólicos. Senti um conjunto de emoções de uma intensidade que jamais sonhara possível.

Essa primeira experiência com LSD-25 incluiu submeter-me a testes especiais supervisionados por um membro da Faculdade que estava estudando os efeitos de raios de luz dirigidos ao cérebro. Antes da experiência psicodélica, eu havia concordado em ter minhas ondas cerebrais monitoradas por uma eletroencefalografia, enquanto luzes de várias frequências cintilavam à minha frente.

Durante essa fase da experiência, fui atingido por uma radiação que me pareceu comparável à luz do epicentro de uma explosão atômica ou, possivelmente, à luz sobrenatural descrita nos livros sagrados orientais que aparece na hora da morte. Tal raio de luz arremessou-me para fora do meu corpo. Perdi, totalmente, a percepção do assistente da pesquisa, do laboratório, e de qualquer detalhe de minha vida como estudante em Praga. Pareceu-me que minha consciência havia explodido em dimensões cósmicas.

Encontrei-me no meio de um drama cósmico que, antes, estaria muito além de minha mais fantástica imaginação. Senti o Big Bang, corri através de buracos negros e brancos do universo, e minha consciência tornou-se o que poderia ter sido uma explosão de supernovas, pulsares, quasares e outros eventos cósmicos.

Não havia dúvida, em minha mente, de que tudo aquilo aproximava-se muito de experiências da "consciência cósmica", sobre o que eu havia lido nos grandes livros místicos do mundo. Nos compêndios de psiquiatria tais estados eram definidos como severa patologia. Mergulhado em tais experiências, eu tinha certeza que não eram resultantes de uma psicose causada pela droga, mas um vislumbre de um mundo além da realidade comum.

Mesmo nas mais dramáticas e convincentes profundezas da experiência, eu percebia a ironia e o paradoxo da situação. A Divindade tinha se manifestado e assumido minha vida dentro de um moderno laboratório, durante uma séria experiência científica, em um país comunista, com uma substância produzida num tubo de ensaio por um químico do século XX.

Sai dessa experiência profundamente mexido. Nessa época não acreditava, como faço hoje, que o potencial para expe-

riências místicas é um direito inato de todos os homens, e atribuía à droga tudo que eu havia experienciado. Entretanto, não duvidava que tal substância era a "estrada real para o inconsciente". Sentia, fortemente, que essa droga poderia remediar a lacuna entre o brilho teórico da psicanálise e sua falta de eficiência como instrumento terapêutico. Parecia que a análise, auxiliada pelo LSD, poderia aprofundar, intensificar e acelerar o processo terapêutico.

Nos anos seguintes, a partir de minha nomeação para o Instituto de Pesquisa Psiquiátrica, em Praga, consegui estudar os efeitos do LSD em pacientes com várias desordens emocionais, bem como em profissionais da saúde mental, artistas, cientistas e filósofos com sérias motivações para participarem dessa experiência. A pesquisa levou a uma compreensão mais profunda da psique humana, à intensificação da criatividade e à facilidade na resolução de problemas.

Durante o primeiro período de minha pesquisa senti minha concepção do mundo abalada pela diária exposição a experiências que não poderiam ser esclarecidas em termos de minhas crenças. Sob o influxo impiedoso de uma evidência indiscutível, minha compreensão do mundo foi, gradualmente, passando de uma posição basicamente ateuista a uma posição mística. Aquilo que, logo no princípio, foi previsto em minha experiência da consciência cósmica, tornou-se uma completa realização através de cuidadosos e diários exames dos dados da pesquisa.

Nas sessões de psicoterapia e LSD testemunhamos um padrão bastante peculiar. Com doses baixas e médias da droga, os sujeitos limitavam suas experiências a reviver cenas da meninice e da segunda infância. Entretanto, quando as doses eram aumentadas, ou repetidas as sessões, cada cliente, mais cedo ou mais tarde, ia muito além do campo descrito por Freud. Muitas das experiências relatadas eram notavelmente semelhantes àquelas narradas em antigos textos espirituais da tradição oriental. Considerei isso particularmente interessante porque a maioria das pessoas que as relatavam não tinha conhecimento prévio das filosofias espirituais do oriente e eu não tinha, com certeza, imaginado que tais extraordinários domínios experimentais pudessem, dessa maneira, tornar-se acessíveis.

Meus clientes experienciavam morte e renascimento psicológicos, sentimento de identidade com toda a humanidade,

natureza e cosmos. Relatavam visões de deidades e demônios de culturas diferentes da sua própria, ou visitas a campos mitológicos. Alguns deles relatavam experiências de sua "vida passada", experiências cuja exatidão histórica poderia ser confirmada mais tarde. Durante sessões mais profundas contactavam pessoas, lugares e objetos que jamais haviam tocado com seus sentidos físicos. Isto é, não haviam lido a respeito, visto ou ouvido alguém falar de tais coisas mas, mesmo assim, as viam agora como se estivessem acontecendo naquele determinado momento.

Essa pesquisa foi uma fonte de incessantes surpresas. Tendo estudado religiões comparadas, eu tinha conhecimento intelectual de algumas experiências que tais pessoas relatavam. Entretanto, jamais suspeitei que os sistemas espirituais antigos tivessem realmente apresentado, com espantosa precisão, diferentes níveis e tipos de experiências que ocorrem nos estados não comuns de consciência. Surpreendi-me com sua força emocional, autenticidade e potencial para transformar a imagem que as pessoas tinham de suas próprias vidas. Francamente, houve momentos em que senti profundo medo e desconforto ao confrontar fatos para os quais não tinha explicação racional e que estavam minando meu sistema de crença e visão do mundo.

Quando me familiarizei mais com tais experiências, tornou-se claro para mim que aquilo que testemunhava eram manifestações normais e naturais das maiores profundezas da psique humana. Além disso, quando o processo ultrapassou o material biográfico da primeira infância e da adolescência e as experiências começaram a revelar essas profundezas, com todas as suas implicações místicas, os resultados terapêuticos excederam qualquer coisa que eu conhecesse previamente. Sintomas que, durante meses ou mesmo anos haviam resistido a outros tratamentos desapareciam, muitas vezes, depois que os pacientes experienciavam morte ou renascimento psicológicos, sensação de unidade cósmica, visões arquetípicas e seqüências do que descreviam como memórias de vida anterior.

Rompendo barreiras

Mais de três décadas de estudo sistemático da consciência humana levaram-me a conclusões que muitos psiquiatras e psicólogos tradicionais poderiam julgar implausíveis ou totalmente incríveis. Hoje, acredito firmemente que a consciência é mais que um subproduto dos processos neurofisiológicos e bioquímicos do cérebro humano. Vejo a consciência e a psique humanas como expressões e reflexos de uma inteligência cósmica que permeia todo o universo e toda a existência. Não somos apenas animais muitíssimo evoluídos, com computadores biológicos encaixados em nosso cérebro. Somos também campos ilimitados de consciência transcendendo tempo, espaço, matéria e causalidade linear.

Como resultado de ter, literalmente, observado milhares de pessoas experienciando estados não comuns de consciência, estou agora convencido de que nossa consciência individual nos liga não apenas a nosso meio ambiente e a vários períodos de nosso passado mas, também, a eventos muito além do alcance dos sentidos físicos, ligando-se a outras épocas históricas, à natureza e ao cosmos. Não posso mais negar a evidência de que temos capacidade de reviver as emoções e sensações físicas que sentimos em nossa passagem através do canal pélvico e, também, que podemos reexperienciar episódios acontecidos quando éramos fetos no útero de nossas mães. Em estados não comuns de consciência, nossa psique é capaz de reproduzir essas situações com vívidos detalhes. De vez em quando podemos voltar a tempos distantes e testemunhar seqüências das vidas de nossos ancestrais humanos e animais, tanto quanto acontecimentos que envolvem pessoas de outras culturas e períodos históricos com os quais não temos conexão genética. Através de nossa mente podemos transcender tempo e espaço, atravessar fronteiras que nos separam de várias espécies animais, experienciar processos do reino vegetal e do mundo inorgânico e, mesmo, explorar realidades místicas e outras realidades que, antes, não saberíamos existir. Podemos descobrir que experiências desse tipo exercerão profunda influência em nossa filosofia de vida e ideologia universal. É bem possível que julguemos cada vez mais difícil compartilhar do siste-

ma de crença dominante na cultura industrial e das suposições filosóficas da tradicional ciência ocidental.

Havendo começado essa pesquisa como materialista e ateuista convicto, tive que admitir o fato de que a dimensão espiritual é uma chave mestra para a psique humana e para o esquema universal de acontecimentos. Percebi, de maneira profunda, que tomando conhecimento dessa dimensão de nossas vidas, e aplicando-a, tornou-se ela uma parte essencial e desejável de nossa existência, inclusive podendo ser um fator crítico para nossa sobrevivência neste planeta.

O estudo dos estados não comuns de consciência ensinaram-me uma importante lição: o reconhecimento de que muito do que as principais correntes da psiquiatria consideram bizarro ou patológico é, na realidade, manifestação da dinâmica profunda da psique humana. Em muitos casos, a emergência desses elementos na consciência pode ser o esforço que o organismo faz para liberar-se dos laços de várias marcas e limitações traumáticas, a fim de curar-se e conseguir funcionar mais harmoniosamente.

Acima de tudo, a pesquisa da consciência nas três décadas passadas convenceu-me que nossos atuais modelos científicos da psique humana não conseguem levar em conta muitos dos novos fatos e observações científicas. Representam uma camisa-de-força conceitual e tornam muitos de nossos esforços teóricos e práticos ineficientes e, muitas vezes, contraproducentes. A abertura a novos dados que desafiam crenças e dogmas tradicionais tem sido, sempre, uma característica importante do melhor da ciência e uma força-motora do progresso. Um verdadeiro cientista não confunde teoria com realidade e não prescreve o que a natureza deveria ser. Não cabe a nós decidir o que a psique pode, ou não, fazer para enquadrar nossas idéias caprichosamente organizadas e preconcebidas. Se, em qualquer ocasião, pudéssemos descobrir como cooperar melhor com a psique, deveríamos admitir que ela nos revela sua verdadeira natureza.

Está claro para mim que necessitamos uma nova psicologia que esteja mais de acordo com as descobertas da pesquisa moderna da consciência, e que complemente a imagem do cosmos que estamos começando a perceber através das mais recentes descobertas das ciências físicas. Para investigar as novas

fronteiras da consciência é necessário ir além dos tradicionais métodos verbais, usados para coletar relevantes dados psicológicos. Muitas experiências resultantes dos mais profundos campos da psique, como os estados místicos, não se prestam a descrições verbais. Através dos tempos, as tradições espirituais referem-se a elas como "inexprimíveis". Assim, é evidente ser necessário usar enfoques que permitam às pessoas um acesso aos níveis mais profundos de sua psique sem dependerem da linguagem. Uma das razões para essa estratégia é que muito do que experienciamos nos recessos mais profundos de nossa mente ocorreu antes que desenvolvêssemos nossa capacidade verbal: a pessoa é não-verbal por natureza quando ainda está no útero materno, ao nascer, e na primeira etapa da infância. Tudo isso sugere a necessidade de desenvolverem-se projetos de pesquisa absolutamente novos, mecanismos exploratórios e metodologia para descobrir-se a natureza mais profunda da psique humana e a natureza da realidade.

Neste livro, as informações são resultantes de milhares de experiências incomuns de vários tipos. Muitas experiências foram sessões holotrópicas e psicodélicas que conduzi, e testemunhei, nos Estados Unidos, Tchecoslováquia e durante minhas viagens; outras sessões foram conduzidas por colegas meus que dividiram comigo suas observações. Também trabalhei com pessoas em crise psicoespiritual e, durante alguns anos, experienciei pessoalmente estados não comuns de consciência por meio de psicoterapia experimental, sessões psicodélicas, rituais xamânicos e meditação. Durante os seminários com um mês de duração que minha mulher, Christina, e eu conduzimos no Esalen Institute em Big Sur, Califórnia, tivemos um extremamente valioso intercâmbio com professores, antropólogos, parapsicólogos, tanatologistas, médiuns, mestres espirituais xamanistas, e psíquicos muitos dos quais são hoje nossos grandes amigos. Todos ajudaram-me imensamente a entender minhas próprias descobertas, graças a um contexto interdisciplinar e intercultural.

A maneira experiencial que uso agora para induzir estados não comuns de consciência e acesso à psique inconsciente e superconsciente é a Respiração Holotrópica™ que desenvolvi, juntamente com Christina, nos últimos quinze anos. Esse processo, aparentemente simples, combina respiração, música

evocativa e outras formas de som, trabalho corporal e expressão artística, e tem um extraordinário potencial para abrir o caminho que explora toda a gama do mundo interior. Estamos agora conduzindo um amplo programa de treinamento e já registramos algumas centenas de praticantes que atualmente dirigem workshops em diferentes partes do mundo. Aos leitores que estiverem seriamente interessados nos caminhos descritos neste livro não deve ser difícil encontrar oportunidades para explorá-los experiencialmente, num contexto seguro e sob direção especializada.

O material que apresento provém de mais de vinte mil sessões de Respiração Holotrópica™ com pessoas de países e formas de vida diferentes, e de quatro mil sessões psicodélicas que conduzi nas primeiras fases de minha pesquisa. O estudo sistemático de estados não comuns mostrou-me, sem sombra de dúvida, que a tradicional compreensão da personalidade humana, limitada à biografia pós-natal e ao inconsciente individual freudiano, é penosamente restrita e superficial. Para explicar todas as novas e extraordinárias observações foi necessário criar um modelo, radicalmente ampliado, da psique humana e um modo de encarar a saúde e a doença mentais.

Nos próximos capítulos descreverei a cartografia da psique humana que emergiu de meu estudo dos estados não comuns de consciência, e que foi muito útil em meu trabalho diário. Nessa cartografia delimito caminhos, através de vários tipos e níveis de experiência, disponíveis em certos estados especiais da mente que são, aparentemente, expressões normais da psique. Além do nível biográfico tradicional relativo à nossa infância, meninice e vida adulta, esse mapa do espaço interior inclui dois importantes campos adicionais: (1) o nível perinatal da psique que, como o nome indica, refere-se a nossas experiências associadas ao trauma do nascimento biológico, e (2) o nível transpessoal que alcança muito além dos limites comuns de nosso corpo e nosso ego. Este nível representa uma conexão direta entre nossa psique individual, o inconsciente coletivo junguiano e o universo como um todo.

Durante minhas primeiras pesquisas quando, inicialmente, tornei-me consciente desses territórios, imaginei que estivesse criando um novo mapa da psique possibilitado pela descoberta de um revolucionário instrumento — o LSD. À medida

que o trabalho continuava ficou muito claro para mim que o mapa não era absolutamente novo. Percebi que estava *redescobrimo* antigo conhecimento da consciência humana que existia há séculos ou, mesmo, há milênios. Comecei a perceber importantes paralelos com o xamanismo, com as grandes filosofias espirituais do oriente (tais como diferentes sistemas de ioga, budismo e taoísmo), com os ramos místicos do judaísmo, cristianismo e islamismo, e com muitas outras tradições esotéricas de todos os tempos.

Esses paralelos entre minha pesquisa e tradições antigas provaram a convincente e moderna validação da infinita sabedoria a que o filósofo e escritor Aldous Huxley chamou de "filosofia perene". Concluí que a ciência ocidental, cuja juvenil arrogância rejeitou e ridicularizou o que os ancestrais ofereciam, deve agora revisar seu julgamento prematuro, tendo em vista as novas descobertas. Espero que a velha/nova cartografia, descrita neste livro, seja útil como guia para quem decidir aventurar-se aos alcances extremos da psique humana e à exploração das fronteiras da consciência.

Ainda que cada jornada interior seja singular e variada nos detalhes, todas elas mostram também significativas semelhanças e seguras balizas gerais. À medida que penetramos em territórios novos e potencialmente terríficos, deve ser útil e confortante sabermos que muitas outras pessoas trilharam antes, a salvo, os mesmos caminhos.

Desvendando os mistérios da infância e da meninice

O setor da psique que, normalmente, é o primeiro a emergir na terapia experimental é o nível biográfico ou relembrativo, trazendo-nos memórias de nossa infância e meninice. A moderna psicologia profunda geralmente admite que nossa presente vida emocional é, em grande parte, modelada pelos eventos dos anos "formativos" de nossa vida, isto é, os anos antes de aprendermos a articular nosso pensamento e sentimento. A qualidade de cuidados maternos, a dinâmica familiar, as

experiências traumáticas e educativas daquela época têm papel importante na formação de nossa personalidade.

O campo biográfico é geralmente a parte de mais fácil acesso à psique, certamente a parte que nos é mais familiar. Entretanto, nem todos os eventos importantes do começo de nossa vida podem ser apreendidos pelos métodos comuns de recordação. Pode ser mais fácil lembrar tempos felizes, mas os traumas, raízes de nossos medos e dúvidas pessoais, conseguem nos enganar. Mergulham profundamente na região de nossa psique, que tornou-se conhecida como "inconsciente individual", e escondem-se de nós por meio de um processo que Sigmund Freud denominou "repressão". O trabalho pioneiro de Freud revelou ser possível ter acesso ao inconsciente, e nos libertarmos do material emocional reprimido, através da análise sistemática de sonhos, fantasias, sistemas neuróticos, lapsos de linguagem, comportamentos diários e outros aspectos de nossa vida.

Freud e seus seguidores investigaram a mente inconsciente baseando-se na "livre associação". Essa é uma técnica familiar a muitas pessoas. Somos convidados a dizer qualquer coisa que nos seja significativa, permitindo-se palavras, imagens mentais e lembranças, livremente, sem qualquer censura. Essa técnica, bem como outros enfoques puramente verbais, provou ser um instrumento relativamente insuficiente. Então, em meados deste século, uma nova disciplina chamada "psicologia humanística" apresentou várias terapias que utilizavam "trabalho corporal" e estimulavam a completa manifestação de emoções, protegidas por uma estrutura terapêutica. Esses enfoques "experimentais" aumentaram a efetividade da exploração do material biográfico. Entretanto, essas novas experiências atingiram estados comuns da consciência, tal como as primeiras técnicas verbais.

A utilização terapêutica dos estados não comuns, que exploramos neste livro, irradia nova luz ao material biográfico. Enquanto este trabalho com estados não comuns confirma muito do que já é conhecido por meio da psicoterapia tradicional, também abre caminhos para novas e vastas possibilidades, fornecendo-nos informações quase revolucionárias sobre nossa vida. Na psicanálise e aproximações afins, o núcleo da memória, reprimida desde a infância e a meninice, pode levar

meses até anos para ser contactado. No trabalho com estados não comuns, como na Respiração Holotrópica™, significativo material biográfico dos nossos primeiros anos vem à tona nas primeiras sessões. A pessoa ganha acesso a memórias da infância e meninice e, também, seguidamente, entra em vívido contacto com seu nascimento e sua vida intra-uterina, aventurando-se num campo de experiências mais profundas que as anteriores.

Há uma vantagem adicional a esse trabalho. Ao invés de, simplesmente, lembrarmos os primeiros eventos de nossas vidas ou reconstruí-los a partir de pedacinhos ou partes de sonhos e lembranças, podemos revivê-los literalmente em estados não comuns de consciência. Nesse caso podemos experimentar novamente qualidades físicas, sensoriais e emocionais como as conhecemos mesmo aos dois, ou menos, meses de idade. Sentimos nosso corpo como se fôssemos ainda crianças de colo, com percepção primitiva, ingênua e infantil do que nos cerca. Tudo vemos com rara vivacidade e clareza. Isso é uma boa razão para crermos que essa experiência nos faz perceber camadas quase inatingíveis no nível celular.

É espantoso quando, durante sessões experienciais de Respiração Holotrópica™, podemos testemunhar a profundidade de que as pessoas podem alcançar ao reviver as primeiras experiências de suas vidas. Não é raro vê-las mudarem de aparência e comportamento voltando assim à idade remota que estão experienciando. As pessoas que regressam à infância adotam típicas expressões faciais, posturas, gestos e comportamentos de crianças pequenas. Nas experiências relativas à primeira infância percebem-se salivação e movimentos de sucção. O mais extraordinário é que, normalmente, essas pessoas manifestam reflexos neurológicos também próprios da idade em questão. Podem apresentar um reflexo de sucção quando recebem um ligeiro toque nos lábios, além dos chamados reflexos axiais que caracterizam a reação neurológica normal nos bebês.

Uma das mais dramáticas descobertas foi o resultado positivo do teste de Babinski ocorrendo em pessoas que regressavam ao estado infantil. Para obter esse reflexo, que é parte do teste neurológico pediátrico, a sola do pé é tocada com um objeto aguçado. Nos bebês os dedos abrem-se em forma de

leque, respondendo ao estímulo, e nas crianças mais velhas os dedos dobram-se. Quando adultos regressavam à condição de bebês, reagiam abrindo os dedos; e quando reviviam períodos da meninice reagiam também normalmente. E, como era esperado, essas mesmas pessoas adultas apresentavam reações normais ao teste de Babinski quando retornavam ao estado normal de consciência.

Há outra importante diferença entre explorar a psique durante estados não comuns ou durante estados comuns da consciência. Nos estados não comuns há uma seleção automática do material mais relevante, e emocionalmente carregado, do inconsciente da pessoa. Tal seleção funciona como se um sistema de "radar interno" esquadrinhasse psique e corpo, buscando os mais importantes problemas e os tornassem disponíveis para nossa mente consciente. Isso é inestimável tanto para o terapeuta quanto para o cliente: livra o terapeuta de precisar decidir sobre quais problemas que surgem do inconsciente são importantes e quais não o são. Tais decisões são tipicamente tendenciosas por serem, muitas vezes, influenciadas por nossas convicções pessoais e pelo treinamento em um dos diversos ramos da psicoterapia, que divergem entre si.

A função radar, encontrada nos estados não comuns de consciência, tem revelado aspectos do campo biográfico que nos iludiram em nossa exploração da consciência humana. Um desses aspectos envolve o impacto de traumas físicos anteriores em nosso desenvolvimento emocional. Percebemos que o sistema-radar traz à superfície não apenas memórias de traumas emocionais mas, também, lembranças de eventos que ameaçavam a sobrevivência ou a integridade do corpo físico. A libertação de emoções e padrões de tensões, ainda armazenados no corpo e resultantes de traumas precoces, provou ser um dos benefícios mais imediatos e valiosos, derivados desse trabalho. Problemas associados com a respiração, como difteria, coqueluche, pneumonia ou sufocação por um quase afogamento, têm nisso um papel particularmente crucial.

A psiquiatria tradicional encara os traumas físicos acima mencionados como contribuintes potenciais para avarias orgânicas no cérebro. Entretanto, não reconhece seu grande impacto no nível emocional. As pessoas que, experiencialmente, reviveram memórias de sérios traumas físicos confirmam as

marcas que tais traumas deixaram em sua psique. Confirmam também a forte contribuição desses traumas para atuais dificuldades em doenças psicossomáticas como asma, enxaqueca, dores de cabeça, depressão, fobias ou, mesmo, tendências sadomasoquistas. Por outro lado, reviver e trabalhar esses traumas tem, com frequência, um efeito terapêutico, trazendo alívio temporário ou permanente de sintomas, e uma sensação de bem-estar que tais pessoas jamais julgaram possíveis.

Sistemas COEX — Chaves para nosso destino

Outra importante descoberta de nossa pesquisa foi que memórias de experiências emocionais e físicas são guardadas na psique, não como partículas e peças isoladas mas em forma de constelações complexas que chamo de *sistemas* COEX (Sistemas de Experiência Condensada). Cada sistema COEX consiste de memórias, emocionalmente carregadas, de diferentes períodos de nossa vida. O denominador comum que as une é o fato de fazerem parte da mesma qualidade emocional ou sensação física. Cada COEX pode ter muitas camadas, cada uma delas permeada por seu tema central, sensações e qualidades emocionais. Muitas vezes podemos identificar camadas individuais, de acordo com os diferentes períodos da vida de uma pessoa.

Cada COEX tem um tema que o caracteriza. Uma única constelação COEX, por exemplo, pode conter todas as principais memórias de eventos humilhantes, degradantes ou vergonhosos. O denominador comum de outro COEX pode ser o terror causado por experiências que envolvem claustrofobia, sufocação e sensações associadas com circunstâncias opressivas e confinadoras. Outro tema COEX muito comum é a rejeição e privação emocional que nos leva a suspeitar de outra pessoa. De particular importância são os sistemas envolvendo experiências de ameaça de vida, ou memórias em que nosso bem-estar está, claramente, em risco.

É fácil concluir-se que os sistemas COEX sempre contêm material penoso. Entretanto, um sistema COEX pode conter,

também, constelações de experiências positivas, experiências de imensa paz, contentamento ou êxtase, que nos ajudaram a moldar nossas mentes.

Nos primeiros estágios de minha pesquisa, eu acreditava que os sistemas COEX regiam, em primeiro lugar, o aspecto da psique conhecido como inconsciente individual. Nessa época, eu ainda trabalhava sob a premissa do que havia aprendido em meu treino como psiquiatra, isto é, que a psique era inteiramente um produto da nossa criação, do material biográfico que havíamos estocado em nossa mente. À medida que minhas experiências com estados não comuns aumentaram, tornando-se mais ricas e extensas, percebi que as raízes dos sistemas COEX eram muito mais profundas do que eu imaginara.

Cada constelação COEX parece ser justaposta e fixada a um aspecto muito particular da experiência do nascimento. Como apresentaremos nos próximos capítulos deste livro, a experiência do nascimento, tão rica e complexa em emoções e sensações físicas, contém os temas elementares para cada sistema COEX concebível. Além desses componentes perinatais, os típicos sistemas COEX têm raízes ainda mais profundas. Podem alcançar a vida pré-natal e o campo dos fenômenos transpessoais, como experiências de vida passada, arquétipos do "inconsciente coletivo", e identificação com outras formas de vida e com processos universais. Minhas experiências de pesquisa com os sistemas COEX convenceram-me que não apenas servem para organizar o inconsciente individual, como eu antes imaginara, mas organizam toda a psique humana.

Os sistemas COEX afetam cada área de nossa vida emocional. Podem influenciar a maneira como percebemos a nós próprios, percebemos outras pessoas e o mundo que nos cerca. São, eles, forças dinâmicas atrás de nossos sintomas emocionais e psicossomáticos, condicionando-nos para nossas dificuldades em relação a nós mesmos e aos outros. Há uma constante interação entre os sistemas COEX de nosso mundo interior e eventos do mundo exterior. Eventos externos podem ativar, dentro de nós, sistemas COEX correspondentes. Inversamente, os sistemas COEX ajudam-nos a moldar nossas percepções do mundo, e agimos através dessas percepções, criando situações no mundo exterior que repetem padrões em nossos sistemas COEX. Isso significa que nossa percepção interior

pode funcionar como roteiros complexos, através dos quais recriamos temas centrais de nossos próprios sistemas COEX no mundo exterior.

A função dos sistemas COEX em nossa vida pode ser mais bem ilustrada através da história de um homem, a quem chamarei Peter, um monitor de trinta e sete anos. Peter foi tratado periodicamente em nosso departamento, em Praga, e sem sucesso antes de submeter-se à terapia psicodélica. Suas experiências, tendo-se tornado adulto durante um período negro da história mundial, são dramáticas, vívidas e bizarras. Por isso, o leitor pode achar o exemplo desagradável. Entretanto, sua história é valiosa no contexto de nossa presente discussão porque revela, claramente, a dinâmica dos sistemas COEX, e como é possível nos liberarmos emocionalmente desses sistemas que nos causam dor e sofrimento.

Quando iniciamos as sessões experienciais, Peter mal conseguia "viver" sua vida diária. Estava obcecado pela idéia de encontrar um homem de determinada aparência física, preferivelmente vestido de preto. Queria fazer-se amigo desse homem e contar-lhe seu ardente desejo de ser trancado em uma cela escura e exposto a torturas mentais e físicas. Seguidamente incapaz de concentrar-se em outra coisa, andava sem rumo pela cidade, visitando parques públicos, lavatórios, bares e estações ferroviárias à procura do "homem certo".

Muitas vezes Peter conseguiu persuadir ou subornar homens que serviriam para realizar sua vontade. Tendo um dom especial para encontrar pessoas com características de sadismo, por duas vezes quase foi morto, muitas vezes seriamente ferido e, uma vez, roubado de todo seu dinheiro. Nessas ocasiões, quando conseguia chegar à experiência pela qual ansiava, tornava-se extremamente amedrontado e sentia verdadeira repugnância pela tortura a que se submetia. Sofria de depressão suicidomaniaca, impotência sexual e ocasionais acessos epiléticos. À medida que abordávamos sua história pessoal, descobri que os problemas começaram com seu emprego compulsório na Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial. Como cidadão de um território ocupado pelos nazistas, foi forçado a trabalho escravizante, com tarefas muito perigosas. Nessa época dois oficiais da SS forçaram-no, sob a mira de armas, a engajar-se em suas práticas homossexuais. Quando a

guerra terminou e foi finalmente libertado, Peter continuou a procurar intercurso homossexual, como parceiro passivo. Isso eventualmente incluía um fetichismo por roupa preta e, finalmente, atingiu o cenário total da obsessão já descrita.

No esforço para resolver seus problemas, Peter submeteu-se a quinze sessões consecutivas de terapia psicodélica. Durante esse processo veio à tona um importante sistema COEX, fornecendo-nos a chave para uma eventual solução. Nas camadas mais superficiais desse particular COEX descobrimos, como era previsto, as mais recentes experiências traumáticas de Peter, com seus sádicos parceiros.

Uma camada mais profunda do mesmo COEX continha as memórias de Peter da época do Terceiro Reich. Em sessões experienciais ele reviveu suas terríveis provocações com os oficiais da SS, e foi capaz de começar a dissolver as muitas sensações complexas que acompanhavam esses eventos. Além disso, reviveu outras traumáticas memórias da guerra e toda a opressiva atmosfera daquele horrível período histórico. Teve visões das pomposas paradas militares nazistas, comícios, bandeiras com a cruz suástica, sinistros emblemas com gigantes casacas águias, cenas de campos de concentração, e outras visões.

Depois dessas revelações, Peter mergulhou numa camada ainda mais profunda desse sistema COEX, começando então a reexperienciar cenas de sua infância. Muitas vezes foi punido brutalmente pelos pais, particularmente pelo pai alcoólatra que se tornava violento quando bêbado, surrando Peter com uma larga tira de couro. A mãe seguidamente o castigava, trancando-o num porão escuro, durante horas, sem alimento e sem água. Ele não conseguia lembrar-se de qualquer roupa da mãe a não ser vestidos pretos. Quando chegou a esse ponto, Peter reconheceu o padrão de sua obsessão — ele parecia necessitar de todos os elementos de punição que lhe tinham sido aplicados por seus pais.

Peter continuou a exploração experiencial de seu sistema COEX. Reviveu o trauma de seu próprio nascimento. Vivas memórias dessa época — novamente focalizadas na brutalidade biológica — revelaram-se a ele como padrão, ou modelo, para todos aqueles elementos de experiência sádica que pareciam ter predominado em sua vida subsequente. Sua atenção voltou-se, nitidamente, para escuros espaços fechados, con-

finamento e sujeição de seu corpo, e exposição a extrema tortura física e emocional.

Quando Peter reviveu seu trauma de nascimento começou a sentir-se liberto das obsessões como se tendo, finalmente, localizado a fonte primeira de seu sistema COEX, ele pudesse começar a destruí-la. Por fim, livrando-se de seus difíceis sintomas, estava apto para viver e funcionar normalmente na vida.

Embora a descoberta da importância psicológica dos traumas físicos tenha acrescentado novas e importantes dimensões ao vasto campo biográfico da psique, esse trabalho é ainda dirigido, em primeiro lugar, a um território bem conhecido e aprovado pela psicologia e pela psiquiatria tradicionais. Mas minha pesquisa e as pesquisas de outras pessoas sobre estados não comuns de consciência levaram-nos a novos territórios da psique que a ciência ocidental e a psicologia tradicional apenas começaram a explorar. A exploração não preconceituosa e sistemática desses campos pode ter conseqüências de longo alcance, não apenas para a pesquisa da consciência humana e para a psiquiatria, mas para a filosofia da ciência e toda a cultura ocidental.⁴

Jornadas interiores: abrindo novos horizontes da consciência

Quando se trabalha com estados não comuns de consciência, varia muito o tempo despendido na exploração da primeira infância. Entretanto, se as pessoas continuarem a trabalhar com estados não comuns, deixam, mais cedo ou mais tarde, a arena da história individual que se segue ao nascimento, e partem para territórios inteiramente novos. Mesmo que esses territórios ainda não tenham sido reconhecidos pela psiquiatria acadêmica ocidental, não são, de maneira alguma, desconhecidos da humanidade. Pelo contrário, têm sido estudados sistematicamente e tidos em alta conta pelas culturas antigas e pré-industriais desde o alvorecer da história humana.

À medida que nos aventuramos além dos eventos biográficos da primeira infância, entramos num campo de experiên-

cias associadas ao trauma do nascimento biológico. Penetrando esse novo território, começamos a experimentar emoções e sensações físicas de grande intensidade, muitas vezes ultrapassando qualquer coisa que julgávamos humanamente possível. Aqui encontramos dois pólos opostos de emoção: um estranho entrelaçamento de nascimento e morte, como se esses dois aspectos da experiência humana fossem, de algum modo, uma só experiência. Junto a uma sensação de confinamento que ameaça a vida, aparece uma decidida luta pela libertação e pela sobrevivência.

Pelo fato de muitas pessoas identificarem a experiência acima com o nascimento biológico, refiro-me a ela como o campo perinatal de psique. "Perinatal" é uma palavra de origem greco-latina, composta pelo prefixo *peri* (que significa "perto" ou "à volta de") e a palavra-raiz *natalis* (significando "relacionado ao nascimento"). *Perinatal* é uma palavra usada comumente pela medicina para descrever os processos biológicos que ocorrem um pouco antes, durante, e imediatamente após o nascimento. Entretanto, uma vez que a medicina tradicional rejeita a capacidade da criança para reter na memória as experiências de seu nascimento, esse termo não é usado pela psicologia tradicional. O uso da palavra perinatal em conexão com a consciência reflete minhas próprias descobertas, e é inteiramente novo.

O estudo dos estados não comuns de consciência já apresentou convincente evidência que estocamos memórias de experiências perinatais em nossa psique, freqüentemente em um profundo nível celular. Pessoas sem conhecimento intelectual de seu nascimento têm sido capazes de reviver, com extraordinário detalhe, fatos referentes a elas como o uso do fórceps, o parto pélvico e as primeiras reações maternas ao recém-nascido. Muitas e muitas vezes tais detalhes têm sido confirmados objetivamente por pesquisa em documentação de hospitais, ou por adultos presentes ao parto.

As experiências perinatais envolvem emoções e sensações primitivas, tais como ansiedade, fúria biológica, dor física e sufocação, tipicamente associadas com o processo do nascimento. As pessoas que revivem a experiência do próprio nascimento apresentam, normalmente, os movimentos apropriados, posicionando braços e pernas e virando o corpo, de maneira a

recriar acuradamente a mecânica de um particular tipo de parto. Podemos observar isso mesmo em pessoas que jamais estudaram ou presenciaram um parto em sua vida adulta. Contusão, inchaço e alteração vascular podem, inesperadamente, aparecer em sua pele onde o fórceps foi aplicado, onde a cabeça foi pressionada pelo canal de parto ou onde o cordão umbilical enrolou-se na garganta. Todos esses detalhes podem ser confirmados se houver boas anotações sobre o nascimento ou testemunhas confiáveis.

Essas primeiras experiências perinatais não se limitam ao momento do parto. Profundas memórias perinatais podem conseguir-nos um acesso ao que Jung chamou de inconsciente coletivo. Quando revivemos a tormentosa passagem pelo canal de parto, podemos identificar-nos com os mesmos eventos experienciados por pessoas de outras épocas e culturas ou, mesmo, identificar-nos com os processos de nascimento experienciados por animais ou figuras mitológicas. Podemos também sentir profunda ligação com pessoas que tenham sido maltratadas, torturadas ou vitimizadas de algum outro modo. É como se nossa própria conexão com a universal experiência do feto lutando para nascer nos proporcionasse uma ligação nítida e quase mística com todos os seres que, agora ou sempre, passam ou passaram por condições semelhantes.

Os fenômenos perinatais ocorrem em quatro diferentes padrões que chamo de Matrizes Perinatais Básicas (MPBs). Cada uma dessas quatro matrizes é estreitamente relacionada com um dos quatro períodos consecutivos do parto biológico. Em cada um desses estágios o bebê passa por experiências caracterizadas por emoções específicas e sensações físicas. Cada um deles parece associado também com imagens simbólicas específicas. Eles representam padrões psicoespirituais altamente individualizados que indicam a maneira de experienciarmos nossas vidas. Eles podem refletir-se em psicopatologia individual e social ou em religião, arte, filosofia, política e outras áreas. E, naturalmente, temos acesso a tais esquemas psicoespirituais através de estados não comuns de consciência, os quais nos mostram com muito maior clareza as forças que dirigem nossas vidas.

A primeira matriz, MPB I, chamada "Universo Amniótico", refere-se a nossas experiências dentro do útero, antes do

início do parto. A segunda, MPB II, chamada “Devoração Cósmica Sem Saída”, trata das experiências quando começam as contrações sem que a cérvix uterina se tenha aberto. A terceira matriz, MPB III, “Luta, Morte e Renascimento”, reflete nossas experiências à medida que nos movemos dentro do canal de parto. A quarta e última matriz, MPB IV, a que nos referimos com “Morte e Renascimento”, relaciona-se com nossa experiência quando realmente saímos do corpo materno. Cada matriz perinatal tem seus próprios aspectos específicos: biológicos, psicológicos, arquetípicos e espirituais.

Nos próximos quatro capítulos trataremos das matrizes perinatais e seu desdobramento natural durante o nascimento humano. Cada capítulo começa com uma narrativa pessoal, descrevendo experiências características da matriz, depois discute a base biológica para a experiência, como a experiência transforma-se num simbolismo específico na nossa psique e, por fim, mostra como o simbolismo afeta nossas vidas.

Deve-se mencionar que, na auto-exploração experiencial, não experienciamos as matrizes individuais necessariamente em sua ordem natural. Ao invés disso, o material perinatal é selecionado por nosso próprio sistema interior de radar, apontando a ordem pela qual cada pessoa tem acesso a esse material altamente individualizado. Não obstante, para uma simplificação, será bom pensá-la na ordem dos próximos quatro capítulos.

II

AS MATRIZES PERINATAIS — INFLUÊNCIAS QUE MODELAM A CONSCIÊNCIA HUMANA DESDE A VIDA PRÉ-NATAL E ATRAVÉS DO NASCIMENTO

O sonho é a pequena porta escondida no mais profundo e mais íntimo espaço da alma e abre-se para a noite cósmica primeva, que já era alma muito antes de haver um ego consciente e será alma muito além daquilo que o ego consciente pode jamais alcançar.

Carl Gustav Jung,
Memórias, Sonhos, Reflexões

A TOTALIDADE E O UNIVERSO AMNIÓTICO — MPB I

Profunda paz na onda rolante pra você
 Profunda paz no ar deslizando pra você
 Profunda paz na terra silenciosa pra você
 Profunda paz nas estrelas brilhantes pra você
 Profunda paz nas noites tranquilas pra você
 Lua e estrelas espalhem sua luz de cura pra você
 Profunda paz pra você

— Tradicional bênção gaélica

Auxiliado pelo terapeuta e uma enfermeira diplomada, o homem, um psiquiatra de trinta e poucos anos, foi dirigido para um nível alterado e moveu-se vagarosa mas profundamente num mundo que existia nos mais profundos recessos de sua consciência. A princípio, não sentiu nenhuma grande mudança perceptiva ou emocional mas apenas sutis sintomas físicos que lhe pareceram o começo de uma gripe. Depois experienciou enxaqueca, arrepios, um estranho e desagradável gosto na boca, ligeira náusea e desconforto intestinal. Ondas de tremores e contrações suaves estenderam-se a vários músculos de seu corpo e ele começou a transpirar.

Tornou-se impaciente, convencido de que nada estava acontecendo mas preocupado, imaginando ter sido infectado pelo vírus da gripe. Pensou que talvez tivesse escolhido a hora errada para a experiência, pois parecia-lhe que ia adoecer. Decidiu, então, fechar os olhos e observar cuidadosamente o que estava lhe acontecendo.

Assim que fechou os olhos, sentiu-se movendo-se num nível de consciência totalmente diferente e muito mais profundo, um nível inteiramente novo para ele. Teve a estranha sensação de que seu corpo diminuía e que a cabeça era conside-

ravelmente maior que o resto do corpo. Percebeu então que aquilo que, antes, pareceu-lhe um começo de gripe, tornara-se todo um complexo de agravos tóxicos que lhe eram dirigidos não como a um adulto, mas como a um feto! Sentiu-se suspenso dentro de um líquido contendo algumas substâncias perigosas que, através do cordão umbilical, penetravam-lhe no corpo e das quais estava certo serem nocivas e hostis. Experimentava o gosto desagradável de substâncias apresentando uma estranha combinação de iodina e sangue putrefato, ou de um caldo choco e fermentado.

À medida que isso acontecia, sua parte adulta — parte com treinamento médico e orgulhosa de sua disciplinada perspectiva científica — estudava o feto, de uma distância objetiva. Graças à sua condição de cientista-médico sabia que, nesse altamente vulnerável estágio de sua vida, as cargas tóxicas provinham do corpo de sua mãe. De vez em quando conseguia distinguir, umas das outras, essas substâncias nocivas. Num momento pareciam ser condimentos ou temperos impróprios para um feto; noutra, fumaça de cigarro que sua mãe devia ter inalado e, ainda em outro momento, traços de álcool. Tornou-se também consciente das emoções de sua mãe — primeiro uma espécie de essência química da ansiedade materna, depois sua raiva, sensações sobre sua gravidez mais tarde, e até o despertar sexual.

A idéia de que poderia existir no feto uma consciência funcionando estava em conflito com tudo que ele havia aprendido na escola de medicina. Porém, mais do que isso, deixava-o atônito a possibilidade de que poderia conhecer, no momento atual, as sutis nuances da interação entre ele e sua mãe. Apesar disso, não poderia negar a natureza concreta dessas experiências. Tudo isso causava-lhe, como cientista que era, um conflito muito sério, tudo que estava experienciando era oposto àquilo que “sabia”. Entretanto, apareceu uma solução para tal conflito e tudo tornou-se muito claro: era necessário revisar suas presentes crenças científicas — algo que ele sabia ter acontecido muitas vezes a outras pessoas no curso da história — ao invés de questionar a relevância de sua própria experiência.

Após um período de consideráveis lutas, ele abandonou o pensamento analítico e aceitou tudo que lhe estava acontecendo. Os sintomas de gripe e indigestão desapareceram.

Parecia-lhe, agora, que estava conectando-se com as memórias dos períodos serenos de sua vida intra-uterina. Seu campo visual estava clareando e brilhando e, ele, tornando-se progressivamente mais extático. Sentia como se múltiplas camadas de grossas e sujas teias de aranha tivessem sido, miraculosamente, desmanteladas e dissolvidas. O cenário abriu-se à sua frente e ele viu-se envolto por uma luz brilhante e uma energia que, com sutis vibrações, espalhava-se pelo seu ser inteiro.

Em um nível, ele era ainda um feto experienciando a perfeição e felicidade supremas de um útero bom, ou um recém-nascido fundindo-se com o seio alimentador e vivificante. Em outro nível, tornava-se o inteiro universo. Testemunhava o espetáculo do macrocosmo com infinitas galáxias pulsantes. Às vezes colocava-se “fora” e via essas coisas como espectador; outras vezes ele *era* tais coisas. Esse panorama cósmico radioso e surpreendente misturava-se com experiências, igualmente miraculosas, do microcosmo — uma dança de átomos e moléculas e, depois, a emergência do mundo bioquímico e a descoberta das origens da vida e das células individuais. Ele sentiu que, pela primeira vez em sua vida, estava experienciando o universo pelo que é realmente — um mistério insondável, um divino jogo de energia.

Essa rica e completa experiência durou o que parecia uma eternidade. Ele vacilava entre experienciar-se como um feto doentio e sofredor, ou em um estado de satisfação e serenidade da existência intra-uterina. Algumas vezes, influências nocivas tomavam a forma de demônios arquetípicos ou malévolas criaturas de contos de fada universais. Começou a receber fluxos de insights relacionados com os motivos pelos quais as crianças fascinam-se tanto pelas histórias míticas e suas personagens. Alguns desses insights tinham uma relevância bem mais ampla. O anseio por um estado de total plenitude, como a que pode ser experienciada num útero benéfico ou num êxtase místico, parecia ser a máxima força motivadora de cada ser humano. Ele percebeu esse tema de ansiedade, expresso no desdobramento das histórias de fada até um final feliz. Viu isso no sonho revolucionário de um futuro utópico. Viu-o no esforço do artista para ser aceito e aclamado, e na ambição por riqueza, status e fama. Tornou-se claro para ele que, aqui, estava a resposta para os dilemas mais fundamentais da hu-

manidade. O anseio e a necessidade, por trás desses esforços, jamais poderiam ser satisfeitos, mesmo pelo êxito mais espetacular no mundo exterior. A única maneira desse anseio ser satisfeito era reconectá-lo com o próprio inconsciente. Subitamente ele entendeu a mensagem de tantos mestres espirituais: a *única revolução* que pode resolver isso é a transformação interior de cada ser humano.

Durante episódios em que revivia memórias positivas de sua existência fetal, experimentou sentimentos de unanimidade com todo o universo. Encontrou o Tao, *Beyond that is within*, e *Tat tvam asi* (tu és isto) dos upanixades. Perdeu então seu sentido de individualidade. Seu ego dissolveu-se e ele tornou-se toda a existência. Algumas vezes essa experiência era inatingível e sem conteúdo; outras era acompanhada por bonitas visões — imagens arquetípicas do paraíso, a cornucópia final, o século de ouro, a natureza virginal. Ele tornou-se peixe nadando em águas cristalinas, borboleta voando sobre campinas nas montanhas e gaivota voando para baixo para deslizar na superfície do oceano. Tornou-se oceano, animais, plantas, nuvens — algumas vezes uma dessas coisas, outras vezes outra, ou até todas elas de uma só vez. Depois disso, nada de concreto aconteceu, exceto que ele começou a sentir-se unificado com a natureza e o universo, banhando-se numa luz dourada que, aos poucos, diminuía de intensidade. Desistiu, então, dessa experiência e, relutantemente, retornou ao estado cotidiano de consciência. Quando fez isso, teve certeza de que alguma coisa extremamente importante tinha-lhe acontecido e que ele jamais seria a mesma pessoa. Alcançou uma nova sensação de harmonia e auto-aceitação e um conhecimento global da existência, para cuja descrição não encontrava palavras.

Durante horas após a experiência, sentiu-se absolutamente convencido de que era composto de pura energia e espírito, achando difícil aceitar plenamente suas velhas crenças sobre sua existência física. Mais tarde, no mesmo dia, teve uma sensação profunda de que estava curado e inteiro, encontrando-se num corpo funcionando perfeitamente.

Nos meses seguintes, ele, psiquiatra, encarou mais perguntas que respostas. Teria sido fácil livrar-se de muito do que havia experienciado, caso sua experiência tivesse sido apenas intelectual. A compreensão intelectual poderia ter surgido a par-

tir de livros ou filmes. Porém, alguma coisa a mais tinha acontecido. Mais do que qualquer outra coisa, sua experiência tinha sido sensorial — extraordinárias sensações físicas com impressão de estranhas texturas, a luz e a escuridão da vida. Ele havia sentido a náusea causada pelas toxinas que o haviam bombardeado no útero e, depois, a inexplicável claridade.

É claro que alguma informação do que lhe acontecera pode ter-se originado de livros que lera ou filmes a que assistira, mas qual era a fonte de suas sensações minuciosamente detalhadas? Como poderia ter conhecido as sensações do período fetal de sua vida? Claramente, sua consciência estava proporcionando-lhe uma informação surpreendentemente complexa e concreta que ele jamais julgara possível. Ele havia *sentido* identidade com o universo, o Tao. Experienciou a dissolução de seu ego e o fundir-se com o tudo da existência. Mas, se isso foi verdadeiro, ele teria que abandonar tudo em que acreditou até aquele ponto: que nossas mentes só nos poderiam provar com memórias de eventos que experienciamos em primeira mão, no período que se segue ao nosso nascimento.

Como eu conheço tanto sobre as questões que passaram pela mente desse psiquiatra? Conheço porque as experiências acima descritas são minhas próprias experiências. Descobri, ainda, que essas experiências não são únicas nem incomuns na pesquisa profunda da consciência. Pelo contrário, minha própria história representa um conjunto de experiências humanas que têm acontecido em centenas de sessões semelhantes, com outras pessoas, durante os últimos trinta anos, e testemunhadas por mim.

Características biológicas e psicológicas da MPB I

As características centrais dessa matriz, e as imagens que dela emanam, refletem a simbiose natural existente entre a mãe e o filho durante esse período de nossas vidas. É importante lembrar que, durante essa época, somos tão intimamente ligados à mãe, tanto biológica quanto emocionalmente, que somos

quase um órgão de seu corpo. Durante os períodos imperturbáveis da vida intra-uterina, as condições do bebê são quase ideais. O oxigênio e os nutrientes necessários para o crescimento são fornecidos continuamente pela placenta que, também, dispõe de todos os resíduos. O feto é protegido de sons altos e choques pelo líquido amniótico; o corpo da mãe e a temperatura do útero são mantidos relativamente estáveis. Há, ali, segurança, proteção e retorno imediato e fácil para toda necessidade.

Esse quadro da vida no útero pode parecer maravilhoso e róseo, mas nem sempre é assim. Quando as condições são boas, raramente o feto sofre distúrbios, com pequena duração. A mãe, por exemplo, pode ter ingerido algum alimento que tenha causado transtorno ao feto; pode ter tomado uma bebida alcoólica ou fumado um cigarro. Pode ter passado algum tempo num local muito barulhento, ou causado desconforto a si própria e ao bebê dirigindo carro numa estrada esburacada. Como qualquer pessoa ela pode apanhar um resfriado ou uma gripe. Além disso, a atividade sexual, especialmente nos últimos meses da gravidez, pode também ser sentida pelo feto, a certo nível.

Em situações piores, a vida dentro do útero pode ser excessivamente insuportável. O bebê pode ser afetado por uma séria infecção, um desarranjo endocrinal ou metabólico, ou uma grave toxicose sofridos pela mãe. Podemos até citar "emoções tóxicas", como intensa ansiedade, tensão ou crises violentas de raiva. A qualidade da gravidez pode sofrer influência do cansaço pelo trabalho, de crônicas intoxicações, vícios ou cruel tratamento. Tais situações podem ser tão maléficas que um aborto espontâneo torna-se iminente. No trabalho experiencial profundo, muitas pessoas têm descoberto até bem guardados segredos de família, como não terem sido desejadas e tenha havido tentativas de abortá-las nos primeiros estágios de suas vidas.

Na obstetrícia moderna, nossas experiências negativas durante o período fetal são consideradas importantes apenas do ponto de vista físico, isto é, apenas como uma fonte potencial de perigos biológicos para o corpo. Se houver efeitos maus no desenvolvimento psicológico da criança, isso é encarado como resultado de alguma deterioração do cérebro. Entretanto,

experiências descritas por pessoas capazes de reexperienciar esse nível, em estados não-ordinários de consciência, deixam pouca dúvida de que a consciência da criança pode ser afetada por um vasto campo de influências nocivas, mesmo nos primeiros estágios da vida embrionária. Teríamos, então, de acreditar que, assim como há um "seio bom" e um "seio mau", há também um "útero bom" e um "útero mau". A esse respeito, experiências positivas no útero parecem desempenhar no desenvolvimento da criança um papel pelo menos tão importante quanto uma positiva experiência de amamentação.

Durante estados não comuns de consciência, muitas pessoas reportam suas experiências intra-uterinas com palavras muito vívidas. Experienciam-se como muito pequenas, com cabeça caracteristicamente grande em relação ao corpo. Podem sentir o líquido amniótico que as circunda e, algumas vezes, percebem o cordão umbilical. Se a conexão é feita com um período pacífico da vida fetal, as experiências associam-se a um prazeroso estado da consciência, sem sensação de dualidade entre sujeito e objeto. É um estado "oceânico", sem qualquer limite, em que não sentimos diferença entre nós mesmos e o organismo materno, ou entre nós mesmos e o mundo exterior.

Essa experiência fetal pode desenvolver-se em muitas direções diferentes. O aspecto oceânico da vida embrionária pode promover uma identificação com várias formas aquáticas de vida como baleias, golfinhos, peixes, medusas, e mesmo algas marinhas. A sensação de não termos fronteiras, experienciada no útero, pode também trazer-nos a impressão de que nos identificamos com o cosmos. Podemos nos identificar com o espaço interestelar, vários corpos celestes, toda uma galáxia, ou com o universo em sua totalidade. Algumas pessoas também identificam-se com a experiência de astronauta voando levemente no espaço, ligados à "nave-mãe" por um vivificante cabo umbilical.

O fato de um bom útero preencher incondicionalmente as necessidades do feto é a base para simbolismos como a infinita generosidade da "Mãe Natureza" — uma entidade bonita, protetora e nutriente. Quando revivemos experiências fetais, em estados não comuns de consciência, tais experiências podem mudar subitamente, levando-nos a magníficas vistas de

lindas ilhas tropicais, pomares carregados de frutas, campos de milho maduro, ou as opulentas hortas nos planaltos dos Andes. Outra possibilidade é que a experiência fetal aproxime-se dos campos arquetípicos do inconsciente coletivo e, ao invés dos céus dos astrônomos e da natureza dos biólogos, encontremos campos celestiais e Jardins do Paraíso, citados nas mitologias várias de culturas universais. Assim, o simbolismo da MPB I entrelaça, de maneira simples e lógica, elementos feais, oceânicos, cósmicos, naturais, paradisíacos e celestiais.

Estado de êxtase e unidade cósmica

As experiências da MPB I possuem, tipicamente, fortes implicações místicas, estimulando sensações sagradas ou santas. Mais preciso, talvez, seria o termo *numinoso*, usado por C. G. Jung para evitar o jargão religioso. Quando temos experiências desse tipo, sentimos haver encontrado dimensões da realidade pertencentes a uma ordem superior. Há um importante aspecto da MPB I, seguidamente descrito como um profundo sentimento de união cósmica e êxtase, intimamente associado às experiências que poderíamos ter num útero bom — paz, serenidade, alegria e êxtase. Desaparece nossa percepção diária de espaço e tempo e nos tornamos “puro ser”. A linguagem não consegue exprimir a essência desse estado, sugerindo apenas que é “indescritível” e “inefável”.

As descrições da unidade cósmica apresentam sempre paradoxos que violentam a lógica aristoteliana. Na vida diária, por exemplo, acreditamos que as coisas que encontramos não podem, simultaneamente, ser e não ser elas mesmas, ou que não podem ser algo diferente do que são. “A” não pode ser “não-A” ou “B”. Entretanto, uma unidade cósmica poderia ser “sem conteúdo e, mesmo assim, abrangendo tudo que há”. Poderíamos sentir que “não temos ego”, ao mesmo tempo que nossa consciência expande-se para incluir o universo inteiro. Podemos nos sentir humildes e temerosos por nossa própria insignificância e, simultaneamente, termos a sensação de grandes realizações e importância, muitas vezes a ponto de nos iden-

tificarmos com Deus. Podemos nos perceber existindo e não existindo; podemos ver todos os objetos materiais como coisas vazias, enquanto o mesmo vazio aparenta encher-se de formas.

Nesse estado de unidade cósmica, sentimos ter um direito, imediato e ilimitado acesso ao conhecimento e à sabedoria de significação universal. De modo geral, isso não significa informação concreta, com detalhes técnicos que poderiam ser usados na prática; pelo contrário, envolve complexos e reveladores insights da natureza da existência. Tais insights são, tipicamente, acompanhados por um senso de certeza de que esse conhecimento é, em última análise, mais relevante e “real” que as percepções e crenças que partilhamos na nossa vida diária. O antigo Upanixade Indiano fala sobre o profundo insight a respeito dos segredos definitivos da existência como “conhecendo That, o conhecimento que nos dá o conhecimento de tudo”.

O enlevo associado com a MPB I pode ser chamado de “êxtase oceânico”. Na parte que trata da MPB III, neste livro, encontraremos uma forma muito diferente de êxtase, associada ao processo morte-renascimento. Dei-lhe o nome de *êxtase vulcânico*. É selvagem, dionisiano, com uma quantidade aparentemente insaciável de explosiva energia e uma forte tendência para a atividade héctica. A energia oceânica da MPB I pode, ao contrário, ser chamada de apolônica: envolve pacífica fusão de fronteiras, é serena e tranqüila. Quando fechamos os olhos, e esquecendo o resto do mundo, ela se manifesta como uma experiência interna independente, cujos traços já descrevi. Ao abriremos os olhos, ela se transforma, no sentido de fundir-se, de “tornar-se um com” tudo que percebemos à nossa volta.

No estado oceânico, o mundo parece manifestar-se com intensa radiância e beleza. A necessidade de justificação é dramaticamente reduzida e o universo torna-se “um mistério a ser experienciado, não um enigma a ser decifrado”. Torna-se virtualmente impossível achar algo negativo sobre a existência: tudo parece absolutamente perfeito. Esse sentido de perfeição incorpora uma contradição, sucintamente apresentada por Ram Dass a partir de uma afirmação que ouviu de seu guru do Himalaia: “O mundo é absolutamente perfeito, in-

cluindo vossa própria insatisfação com ele e tudo que estais tentando mudar nele'. Quando experienciamos o êxtase oceânico, o mundo interno parece um lugar amigável onde podemos, a salvo e seguramente, assumir uma atitude infantil, passiva e dependente. Nesse estado, o mal parece efêmero, irrelevante ou mesmo inexistente.

As sensações do êxtase oceânico estão intimamente ligadas à "experiência de apogeu" de Abraham Maslow que a caracteriza como sentir-se um todo unificado e integrado; passivo e à vontade; completamente você mesmo; usando sua capacidade para a plenitude; livre de bloqueios, inibições e medos; espontâneo e expressivo; estar no aqui e agora; ser puramente psique e espírito; sem vontades ou necessidades; simultaneamente criança e adulto; e agraciado de maneira além do que qualquer palavra. Enquanto minhas observações sobre o êxtase oceânico nasceram, em primeiro lugar, de ocorrências percebidas no trabalho experiencial de regressão, as descrições de Maslow refletem seu estudo de experiências de apogeu espontâneas na vida adulta. Os fortes paralelos entre essas duas áreas sugerem que as raízes de algumas de nossas mais poderosas forças motivadoras situam-se em momentos muito mais remotos de nossas vidas do que era, originalmente, considerado possível pelos psicólogos.

As agonias do "útero mau"

Até agora exploramos o complexo simbolismo associado com o "útero bom" ou com as imperturbadas experiências intra-uterinas. Os distúrbios pré-natais têm suas próprias e distintas características experienciais. Se tais distúrbios não forem extremos, como aborto acidental ou proposital, ou intoxicação severa, seus sintomas são relativamente sutis. Normalmente podem ser, com facilidade, diferenciados das manifestações mais dramáticas e desagradáveis, associadas ao processo do nascimento, como imagens de guerras; cenas sadomasoquistas; sentimento de sufocação; dores e pressões agonizantes; sacudidas violentas; e contrações espasmódicas de músculo

grande. Uma vez que a maioria das agressões intra-uterinas baseiam-se em mudanças químicas, seus motivos predominantes são: natureza poluída e perigosa, envenenamento, ou insidiosas influências maléficas.

A clara atmosfera oceânica pode tornar-se escura, sombria, sinistra, parecendo cheia de ocultos perigos aquáticos. Alguns desses perigos poderiam assemelhar-se a grotescas criaturas da natureza; outros, a presenças demoníacas rastejantes, traiçoeiras e malévolas. Pode haver identificação com peixes ou outras formas de vida aquática, ameaçadas pela poluição de rios e oceanos, ou embriões de galinha dentro do ovo, e ameaçados pelos próprios resíduos. De modo semelhante, a visão de um céu estrelado, característica para experiências de útero bom, pode escurecer subitamente devido a uma ameaçadora camada de neblina. Tais distúrbios visuais lembram imagens distorcidas em aparelhos de televisão com mau funcionamento.

As típicas experiências do útero mau podem apresentar, entre outras coisas: cenas de resíduos industriais poluindo o ar; guerra química; lixo tóxico; e identificação com prisioneiros morrendo em câmaras de gás de campos de concentração. Pode também ser sentida a presença quase tangível de entidades malévolas, influências extraterrenas e campos astrológicos. A dissolução das fronteiras que, durante episódios de tranqüila vida intra-uterina cria uma sensação de união mística com o mundo, torna-se, agora, responsável por um sentimento de confusão e ameaça. Pode, ainda, haver uma sensação de vulnerabilidade e desamparo frente a ataques malévolos. Num ponto extremo, essa experiência leva a distorções paranóicas de nossa percepção do mundo.

Portas para a experiência transpessoal

Como foi visto no início deste capítulo, o mundo pré-natal da MPB I serve, muitas vezes, como passagem para dentro do campo transpessoal da psique que, depois, descreveremos com detalhes. Quando nos identificamos com experiências do útero

bom ou do útero mau, podemos experienciar também fenômenos transpessoais específicos que partilham emoções e sensações físicas com aquelas experiências. Algumas vezes elas nos levam a um tempo muito anterior, retratando episódios da vida de nossos ancestrais humanos ou animais. Pode haver, também, seqüências cármicas e flashbacks de outros períodos da história da humanidade. Outras vezes podemos transcender os limites que nos fazem sentir separados do resto do mundo, mas a sensação de nos fundirmos com pessoas diferentes, com grupos de pessoas, animais e plantas ou, mesmo, com processos inorgânicos.

Entre essas experiências, são de especial interesse encontros importantes com vários seres arquetípicos, especialmente com deidades jubilosas ou coléricas. Os estados do êxtase oceânicos são, seguidamente, acompanhados de visões de divindades benéficas como a Deusa-Mãe da Terra, várias outras grandes deusas-mães, Buda, Apolo, e outras deidades. Como já mencionamos, os distúrbios intra-uterinos são seguidamente experienciados junto com demônios de diferentes culturas. Participantes do trabalho experiencial avançado têm tido, muitas vezes, revelações que mostram uma integração de experiências com bons e maus úteros, com dramáticos insights que lhes permitem perceber os intentos de todas as divindades da ordem cósmica.

A integração das experiências dos bons e maus úteros pode ser ilustrada através do resumo em que um homem, Ben, reportou encontros com seres arquetípicos, enquanto revivia sua vida intra-uterina. Essas experiências levaram-no a extraordinários insights sobre deidades e demônios dos panteões indianos e tibetanos. Subitamente, ele percebeu uma relação impressionante entre a posição do Buda, sentado sobre uma flor de lótus em profunda meditação, e a de um embrião num útero bom. A paz, a tranqüilidade e a satisfação do Buda, ainda que não idênticas à felicidade do embrião, pareciam dividir com este algumas importantes características, como se este fosse sua "oitava mais alta". Os demônios rodeando Buda e, potencialmente, ameaçando sua paz, como aparecem em pinturas indianas e tibetanas, pareceram a Ben algo também representando os distúrbios associados com a MPB I.

Ben conseguiu distinguir, entre demônios, dois tipos diferentes: demônios ferozes com dentes pontiagudos, sangui-

nários, abertamente agressivos, carregando punhais e lanças, simbolizavam as dores e perigos dos processos biológicos do nascimento; os outros, horripilantes, insidiosos e traiçoeiros, representavam as influências nocivas na vida intra-uterina. Num nível diferente, Ben experienciou algo que acreditava serem memórias de suas encarnações passadas. Parecia-lhe que seu "mau carma" tinha entrado em sua vida sob a forma de distúrbios embrionais, trauma de nascimento e negativas experiências associadas com amamentação. Sentiu as experiências do "útero mau", do trauma do nascimento, e do "seio mau" como se fossem elementos de transformação, através dos quais as influências cármicas estavam entrando em sua vida presente.¹

Os aspectos psicológicos e espirituais da MPB I são tipicamente acompanhados por característicos sintomas físicos. Enquanto o útero bom transmite, nas experiências, uma sensação de saúde e bem-estar fisiológico, o reviver de traumas intra-uterinos envolve uma variedade de desagradáveis manifestações físicas. As mais comuns são os sintomas que lembram um forte resfriado ou gripe, dores musculares, calafrios, tremores leves e sensação de indisposição geral. Igualmente frequentes são sintomas que associamos com uma ressaca como dor de cabeça, náusea, desarranjo intestinal e gases. Isso pode vir acompanhado por um gosto desagradável na boca, descrito por diferentes pessoas como sangue podre, iodina, cheiro metálico ou, simplesmente, veneno. Em nossos esforços para confirmar essas experiências descobrimos muitas vezes que, durante a gravidez, a mãe estava doente, tinha insuficientes hábitos alimentares, trabalhava ou vivia em ambientes tóxicos insalubres, ou era consumidora de álcool ou outras drogas.

Onde fundem-se experiências adultas e perinatais

Além de todos os aspectos já apresentados, a MPB I tem, também, associações muito interessantes com memórias de vida pós-natal. O aspecto positivo dessa matriz representa uma base natural para lembrança de todas as experiências aprazíveis

de nossas vidas (sistema COEX positivo). Durante trabalho experiencial sistemático, as pessoas descobrem, seguidamente, profundas conexões entre o êxtase oceânico da MPB I e memórias de períodos felizes de sua vida, tais como despreocupadas e alegres brincadeiras com companheiros, ou episódios harmoniosos da vida familiar. Romances agradáveis e relações amorosas com intensa satisfação emocional e sexual associam-se, também, com períodos fetais positivos. No trabalho experiencial profundo, freqüentemente as pessoas comparam o êxtase oceânico de um útero bom com certas formas de enlevo que podemos experimentar como adultos.

Muitas experiências associadas com essa matriz podem ser causadas por cenários naturais muito belos, como o magnífico esplendor do alvorecer e do ocaso; a pacífica majestade do oceano; a emocionante grandeza de uma cadeia de montanhas cobertas de neve; ou a mística da aurora boreal. Também podem evocar sentimentos ligados à MPB I o ponderar sobre o mistério insondável de um céu estrelado; o permanecer ao lado de uma sequóia gigante de trezentos anos; ou o contemplar a beleza de ilhas tropicais. Outros estados mentais semelhantes aparecem, às vezes, graças a criações humanas de incomuns valores estéticos e artísticos, tais como música estimulante; belas pinturas; ou espetacular arquitetura de antigos palácios, catedrais ou pirâmides. Imagens semelhantes emergem, muitas vezes espontaneamente, em sessões influenciadas pela primeira matriz perinatal. Enquanto experiências positivas na vida adulta podem nos aproximar das memórias do útero bom, experiências negativas são capazes de nos lembrar distúrbios intra-uterinos. Podemos, por exemplo, citar experiência de mal-estar gastrointestinal resultante de alimento deteriorado, excesso de bebida alcoólica ou, mesmo de uma doença virótica. São fatores adicionais o ar e a água poluídos, tanto quanto a ingestão de produtos intoxicantes. Indiretamente, imagens da natureza danificada, lixo industrial e sucata podem apresentar o mesmo efeito. Experiências mostrando o mergulho de escafandro são lembranças poderosas da situação dentro do útero. A beleza inofensiva de um recife de coral com milhares de peixes tropicais à volta podem reviver sensações do êxtase oceânico do útero. De igual maneira mergulhos em água obscura e poluída ou perigos embaixo da água podem recriar a situa-

ção psicológica do útero mau. Julgando sob essa perspectiva, certamente fomos bem-sucedidos nas últimas poucas décadas, levando, de modo considerável, toda a biosfera de nosso planeta em direção do útero mau.

Começa uma nova fase

Quaisquer que tenham sido as experiências sobre a vida uterina, já é tempo de nos afastarmos delas. O feto deve submeter-se à transição fenomenal de um organismo aquático simbiótico para uma forma de existência completamente diferente. Mesmo nos partos mais suaves esse acontecimento deve ser encarado como uma grande provação, uma jornada verdadeiramente heróica associada a consideráveis desafios emocionais e físicos. Quando o parto começa, o universo da criança dentro do útero é severamente perturbado. Os primeiros sinais desse distúrbio são relativamente delicados, aparecendo sob a forma de influências hormonais. Entretanto, tornam-se crescentemente dramáticos e mecânicos com o início das contrações uterinas. O feto começa a sentir intenso desconforto físico e uma situação de extrema emergência. Com os primeiros sinais do processo do nascimento, a consciência fetal é introduzida num conjunto de experiências inteiramente novas, completamente diversas das que tinha conhecido até então. Estas são as experiências associadas à MPB II — perda do universo amniótico e o engajamento no processo do nascimento. Esta fase do drama da vida é o assunto do próximo capítulo.

EXPULSÃO DO PARAÍSO — MPB II

Os sofrimentos do meu corpo eram tão intoleráveis que, ainda que em minha vida tenha suportado os mais severos padecimentos deste tipo, tudo isso desaparecia em comparação com aquilo que senti então, e isto tudo sem falar que eu sabia serem estes sofrimentos contínuos, e que jamais cessariam. Mas mesmo assim tudo isto nada era se comparado com a agonia de minha alma — uma opressão, uma sufocação e uma aflição profundamente sentidas, acompanhadas por tal desesperança e tão profunda angústia que não consigo, por mais que me esforce, descrevê-la.

— Sta. Teresa de Ávila, *Vida*

Logo após o começo da sessão, ele sentiu-se penetrando no despreocupado mundo de uma criança satisfeita. Todas as suas percepções, sentimentos e sensações eram infantis. A experiência era incrivelmente real e autêntica; ele salivava, arrotava, e seus lábios faziam involuntários movimentos de sucção. De vez em quando isso era entremeado com cenas do mundo dos adultos, a maioria delas cheia de tensões e conflitos. O contraste entre o mundo simples da criança e as dificuldades da idade adulta era penoso e parecia ligá-lo a uma profunda necessidade de voltar à sua original felicidade infantil. Viu imagens de reuniões religiosas e políticas, com multidões procurando conforto em várias organizações e ideologias. Subitamente percebeu o que essas pessoas buscavam: procuravam satisfazer uma necessidade interior, a mesma necessidade que ele sentia de experiência primeva do êxtase oceânico que havia conhecido no útero e no seio de sua mãe.

A atmosfera parecia cada vez mais sinistra e carregada de perigos ocultos. Parecia que toda a sala rodopiava e ele sentiu-se atirado ao centro de um ameaçador sorvedouro. Lembrou-se da deprimente descrição de uma sensação seme-

lhante feita por Edgar Allan Poe em “Descend into the Maels-trom” (Descida no sorvedouro). À medida que os objetos pareciam voar à sua volta, num movimento rotativo, surgiu-lhe à mente outra imagem da literatura: o ciclone que, no livro *Wonderful Wizard of Oz* (O mágico de Oz) de Frank Baum, leva Dorothy para longe de sua vida monótona em Kansas, proporcionando-lhe uma estranha jornada de aventuras. Não tinha dúvida mental de que sua experiência tinha, também, alguma semelhança com a entrada na toca do coelho em *Alice in Wonderland* (Alice no país das maravilhas). Pensava, além disso, com grande temor, no mundo que encontraria do outro lado do espelho. Parecia que o universo inteiro estava fechando-se sobre ele e nada poderia ser feito para livrá-lo desse apocalíptico envolvimento.

Enquanto mergulhava, mais e mais profundamente, no labirinto de seu próprio corpo inconsciente, sentiu um violento acesso de ansiedade que transformou-se em pânico. Tudo parecia escuro, opressivo e terrificante. Era como se o peso do mundo todo caísse sobre ele e uma incrível pressão de água ameaçasse quebrar-lhe o crânio e reduzisse seu corpo a uma bola minúscula e compacta. O desconforto tornou-se dor, a dor tornou-se agonia; a tortura intensificou-se a tal ponto que cada célula de seu corpo parecia estar sendo perfurada por uma diabólica broca de dentista.

O útero devorador

A introdução deste capítulo mostra como um adulto pode reviver o início do processo de nascimento. Mostra também como a memória de ser expulso do útero, e remetido a enfrentar as dificuldades do canal de nascimento, pode igualar-se a situações adultas que dividem com elas certas características importantes. A base biológica para a MPB II é o término da vida no útero e o encontro com as contrações uterinas. Inicialmente as mudanças são predominantemente químicas; mais tarde tomam caráter mecânico. O parto é anunciado por sinais hormonais e outras modificações químicas no organismo da

mãe e no da criança. Logo depois aparece a intensa atividade muscular do útero.

O mesmo útero, que era relativamente pacífico e previsível durante uma gravidez normal, apresenta agora contrações fortes e periódicas. O mundo inteiro do feto se fecha e oprime-o, causando ansiedade e grande desconforto físico. Cada contração comprime as artérias uterinas e interfere no fluxo de sangue entre mãe e feto. Essa situação é muito alarmante para o feto, uma vez que significa interrupção do suprimento de oxigênio vital e alimentação, tanto quanto o corte das significativas conexões com o organismo materno. Em esse momento a cérvix está ainda fechada. As contrações, a cérvix fechada e as desfavoráveis mudanças químicas combinam-se para criar um ambiente doloroso e ameaçador para a vida, do qual o feto não percebe possibilidade de escapar. Não é de espantar, portanto, que morte e nascimento sejam tão intimamente relacionados com essa matriz.

O tempo despendido nessa situação difícil e sem saída varia grandemente de pessoa para pessoa. Para algumas, é questão de minutos; para outras, muitas horas. Antes que a cérvix se abra, é normal sentir-se preso mas, de vez em quando, o processo do nascimento pode arrastar-se em etapas posteriores e não ter o prosseguimento esperado. Há muitas razões para que isso aconteça. A pelve materna pode ser muito estreita, ineficazes as contrações, ou a placenta bloquear a abertura uterina. Às vezes a criança é muito grande ou está numa posição anormal, o que não permite um parto tranquilo. Todas essas circunstâncias levam a um parto mais demorado e difícil, e tal situação tem, claramente, um impacto mais traumático sobre o nascituro do que um parto fácil e normal. E, naturalmente, todos esses fatores manifestam-se espontaneamente nas sessões experienciais, durante as quais a pessoa revive o seu nascimento.

Os eventos biológicos não são os únicos fatores que determinam nossa experiência com essa matriz. Relatos de pessoas, em sessões de terapia e em workshops, indicam que podemos reviver o medo e a confusão de uma mãe inexperiente, ou uma atitude materna negativa ou ambivalente, para com a criança, o que pode tornar tal fase mais difícil para ambas. Parece que as conflitantes emoções da mãe podem alterar a

interação fisiológica entre as contrações uterinas e a abertura da cérvix. Isso pode interferir no parto, prolongando-o, e introduzindo uma variedade de complicações na dinâmica natural do processo do nascimento.

Preso num mundo hostil

Subjetivamente, reviver o início do parto traz ansiedade intensa e sensação de ameaça iminente e vital. Parece que todo o nosso universo está em perigo, mas a fonte dessa ameaça permanece misteriosa, eludindo nossos esforços para identificá-la. Pode parecer uma doença ou uma intoxicação porque as mudanças iniciais são químicas. Em caso extremo, a pessoa pode sentir-se paranóide ou exposta a um ataque insidioso. Num esforço para entender tal situação, a pessoa — homem ou mulher — pode atribuir essas sinistras sensações a venenos, radiações eletromagnéticas, forças maléficas, organizações secretas ou, mesmo, influências extraterrestres. A emergência espontânea de memórias envolvendo distúrbios intra-uterinos, ou o começo do parto, parecem estar entre as importantes causas dos estados paranóicos.

À medida que essas experiências ameaçadoras continuam e se aprofundam, a pessoa pode ter uma visão de um gigantesco sorvedouro, sentir-se dentro dele, sendo implacavelmente tragada para seu centro. Pode também parecer que a terra abriu-se e está levando um aventureiro involuntário para os escuros labirintos de seu terrificante centro. Outra variação das mesmas sensações pode ser a impressão de se estar sendo devorado por um monstro arquetípico, ou envolvido por um octópode fantástico ou uma imensa tarântula. A experiência pode tomar proporções fantásticas como se não apenas um único indivíduo, mas todo o mundo estivesse sendo tragado. A atmosfera geral é de um evento apocalíptico que destrói o pacífico mundo intra-uterino, trocando a liberdade oceânica e cósmica do feto por uma agonizante cilada, além da impressão de se estar sendo subjugado por forças externas desconhecidas.

Vivenciando uma MPB II, uma pessoa sente-se enjaulada, presa num claustrofóbico mundo de pesadelo. O campo visual é escuro e sinistro, e a atmosfera geral é de intolerável tortura física e emocional. Ao mesmo tempo, a concepção com o tempo linear é completamente perdida e qualquer acontecimento parece eterno, como se não tivesse fim. Sob a influência da MPB II, a pessoa é levada, seletivamente, para os piores e mais desesperançados aspectos da existência humana; a psique torna-se preocupada com os aspectos mais escuros, feios e maléficos do universo, estando agudamente ciente disso. Todo o nosso planeta parece um lugar apocalíptico, repleto de terror; sofrimento; guerras; epidemias; acidentes e desastres naturais. É, ao mesmo tempo, impossível ver qualquer aspecto positivo da vida humana como amor e amizade, realizações artísticas e científicas ou beleza natural. Podem ser vistas crianças bonitas brincando umas com as outras, mas predomina a visão de seu envelhecimento e morte, da mesma maneira que, dentro de alguns dias, aquela magnífica rosa murchará.

A MPB II liga as pessoas, num sentido quase místico, com o sofrimento do mundo, identificadas com os vitimizados, tiranizados e oprimidos. Nos estados não comuns de consciência, governados por essa matriz, podemos realmente experimentar a nós mesmos como os milhares de jovens, homens e mulheres, que morreram nas guerras da humanidade. Podemos nos identificar com todos os prisioneiros que sofreram ou morreram em calabouços, câmaras de tortura, campos de concentração, ou asilos de loucos. Entre os freqüentes temas associados a essa matriz, há cenas de inanição e fome, tal como desconforto e perigo de um frio glacial, do gelo e da neve. Isso parece relacionar-se com o fato de as contrações interromperem o suprimento de sangue para a criança — o sangue que significa calor e alimento. Outro aspecto típico da MPB II é a atmosfera do mundo desumanizado, grotesco e bizarro, dos autômatos, robôs e aparelhos mecânicos. Imagens de monstruosidades humanas, exibição de aberrações e o mundo enganoso de espeluncas pertencem também ao simbolismo característico da segunda matriz.

A MPB II é acompanhada por manifestações físicas bem distintas. Elas envolvem tensão em todas as partes do corpo e uma postura expressando a idéia de estar preso ou de com-

bater inutilmente. Podem ser mantidas fortes pressões na cabeça, no corpo, opressão no tórax, e diferentes combinações de intensas dores físicas. A cabeça inclina-se para frente com os maxilares cerrados e queixo abaixado; os braços são muitas vezes cruzados no peito; as mãos, firmemente agarradas aos punhos. Seguidamente os joelhos se dobram e as pernas flexionam-se, completando a aparência da posição fetal. Pode haver acúmulo de sangue nos vasos capilares da pele, e manchas vermelhas podem surgir em diferentes partes do corpo.

Onde o começo e o fim se unificam

As pessoas especialmente ajustadas à MPB II tendem a ver a existência humana como totalmente vã. Podem sentir isso porque julgam tudo transitório; julgam a vida fundamentalmente destituída de sentido, e qualquer objetivo orientado para uma finalidade como uma insensatez ingênua, vazia e auto-ilusória. Sob essa perspectiva, qualquer esforço, ambição ou sonho para o futuro está, simplesmente, condenado ao fracasso. Em casos extremos, os homens aparentam ser nada mais que vítimas perenes dignas de dó, numa batalha quixotesca contra forças que lhes são muito superiores e nas quais não têm a menor chance de vitória.

Ao nascer somos arremessados neste mundo sem a menor escolha de nossa parte, e a única certeza que temos é que, um dia, morreremos. O velho provérbio latino expressa o predicamento humano de modo conciso: *Mors certa, hora incerta* (A morte é certa, a hora, incerta). O espectro de nossa mortalidade pende sobre nossa cabeça, lembrando-nos, constantemente, da transitoriedade de todas as coisas. Chegamos nus ao mundo, sem nada possuir, em meio a dor e angústia, e essa é, sem dúvida, a maneira como nos despedimos dele. O que quer que façamos em, ou com, nossa vida, não modifica a equação básica. Esta é a mensagem mais desencorajadora da MPB II.

As experiências dessa matriz revelam tipicamente a íntima ligação entre a agonia do nascimento e a agonia da morte.

Perceber a similaridade entre essas duas situações geralmente nos leva a um profundo niilismo e a uma crise existencial. Muitas vezes isso aparece em visões que mostram a inexpressividade e o absurdo da vida e a inutilidade de qualquer esforço para mudá-la. Podemos encontrar imagens da vida e morte de reis, ilustres líderes militares, glamourosos artistas e outras pessoas que alcançaram extraordinária fama e fortuna. Quando a morte chega, tais personagens não se diferenciam de quaisquer outras. Essa profunda revelação existencial, que se percebe ao reviver a MPB II, faz com que se entenda o mais profundo significado de expressões como “Tu és pó e ao pó retornarás”, ou “Assim passa a glória do mundo”.

Emoções individuais e reflexões culturais da MPB II

É fascinante observar os profundos paralelos entre percepções e sensibilidades impressas na consciência humana, no estágio sem saída do nascimento, e a filosofia e arte de escritores existenciais tais como Soren Kierkegaard, Albert Camus e Jean-Paul Sartre. Esses filósofos sentiram dolorosamente, e expressaram vividamente, os temas primários dessa matriz sem, no entanto, perceberem a única solução possível: abertura espiritual e transcendência. Muitas pessoas que, em suas psiques, confrontaram elementos da MPB II, sentiram profunda ligação com a filosofia existencial que retrata magistralmente a desesperança e o absurdo desse estado. Sartre usou mesmo o título *Huis-clos* em uma de suas peças mais famosas. Vale a pena mencionar que a vida desse escritor foi muito influenciada por uma sessão psicodélica, difícil e insatisfatória, à base de mescalina — alcalóide ativo do cacto mexicano peiote, usado como um tipo de sacramento pelos nativos. Notas pessoais de Sartre mostraram que tal sessão centrou-se em experiências claramente associadas à MPB II.

Pessoas portadoras de sintomas como depressão profunda, perda de iniciativa, desinteresse pela vida e incapacidade para apreciar qualquer coisa, sofreram, geralmente, forte in-

fluência desse aspecto do inconsciente. Mesmo quem, entre nós, não experienciou depressão clínica, conhece sensações similares associadas com separação, alienação, desamparo, desesperança e, até, solidão metafísica. A maioria conhece, ou conheceu, sensação de inferioridade e culpa quando circunstâncias de nossas vidas parecem confirmar que somos, ou fomos, inúteis, imprestáveis ou simplesmente maus. Essas sensações são, muitas vezes, desproporcionais aos eventos que as originaram — certeza que só aparecerá depois de muito tempo, quando pudermos ter uma medida de objetividade. Entretanto, no momento em que experienciamos tais emoções nos convencemos de que são apropriadas e justificadas, mesmo se alcançarem as dimensões metafísicas do pecado original descrito na Bíblia. Não nos ocorre a possibilidade de que essas emoções tivessem tido suas raízes nas primeiras impressões deixadas pela MPB II em nossa consciência.

Experiências da MPB II são mais bem caracterizadas pela tríade seguinte: medo da morte, medo de jamais voltar, medo de enlouquecer. Já discuti a predominância do tema da morte, que inclui, muitas vezes, a sensação de que a própria vida é seriamente ameaçada. Uma vez que essa sensação esteja presente, a mente é capaz de engendrar um sem-número de histórias para provar uma “explicação racional” do porquê desse acontecimento — um iminente ataque cardíaco ou apoplexia, uma “overdose” causada por uma droga psicodélica, etc. A memória celular do nascimento pode emergir na presente consciência com tal força que a pessoa acredita, sem qualquer dúvida, que a morte real biológica é possível e realmente iminente.

Caracteristicamente, a perda de qualquer senso do tempo linear, associado a essa matriz, pode levar à convicção de que esse insuportável momento durará para sempre. Essa conclusão envolve o mesmo erro que encontramos nas religiões principais que entendem a eternidade como um intervalo do tempo cronometrado, ao invés de uma experiência atemporal, isto é, de ter escapado totalmente dos limites do tempo. Na MPB II, a sensação de total desesperança e preocupação a respeito do “voltar jamais” pertence, simplesmente, às características experienciais dessa matriz e não tem valor predicativo relacionado ao resultado da experiência. Paradoxalmente, a melhor maneira de sair dessa sensação é aceitar, por completo, a de-

sesperança da situação que, na realidade, significa aceitação consciente das sensações originais do feto.

O mundo da MPB II, com seu penetrante sentido de perigo, mergulho cósmico, absurdas e grotescas percepções do mundo e perda do tempo linear, é tão diferente de nossa realidade diária que podemos nos sentir à beira da insanidade quando o defrontamos. Podemos ter a sensação de ter perdido todo o controle mental como se estivéssemos escorregando num abismo e, por isso, estarmos em sério perigo de uma psicose definitiva. O insight de que essa forma extremada da consciência é apenas um reflexo do trauma das primeiras fases do nascimento, pode ajudar ou não a enfrentar essa situação. Uma versão mais branda desse estado é a crença que, através da experiência da MPB II, tivemos um insight acurado e definitivo sobre o total absurdo da existência, e que jamais seremos capazes de retornar ao compassivo auto-engano necessário para nos conduzirmos com eficiência neste mundo.

Representações e insights espirituais associados à MPB II

Tal como a primeira matriz perinatal, a MPB II tem rica dimensão espiritual e mitológica. Através das culturas de todo mundo são encontradas imagens arquetípicas mostrando a qualidade de experiências que pertencem a essa categoria. A razão do insuportável sofrimento emocional e físico, que jamais acabará, encontra sua total expressão nas imagens do inferno e dos refugos de submundos, que aparecem em muitas culturas. Ainda que a especificação dessas imagens possa diferir de um para outro grupo cultural, a maioria delas tem importantes semelhanças. Elas representam contrapartes negativas e oposições polares dos diferentes tipos de paraíso que discutimos na MPB I. A atmosfera desse escuro ambiente de um submundo é opressiva, sem apresentar a natureza ou apresentando-a deteriorada, contaminada e perigosa: rios fétidos e pantanosos; infernais árvores aguçadas com frutos venenosos; rios e lagos de fogo; e regiões congeladas. Pode-se testemunhar ou sofrer

torturas como dores agudas causadas por demônios munidos de arpões, punhais e forcados; ferver em caldeiras ou congelar em regiões frias; sofrer estrangulamento e esmagamento. Há, no inferno, apenas emoções negativas: dor, desespero, desesperança, culpa, caos e confusão.

Comoventes figuras arquetípicas representam eterna dor e tortura. Os gregos antigos pareciam ter íntimo contacto com essa dimensão. Suas tragédias, tramadas sobre temas de irreconciliáveis maldições, culpas que passam de uma para outra geração e destino inevitável, retratam acuradamente a atmosfera da MPB II. As figuras mitológicas gregas, simbolizando torturas eternas, alcançam heróicas proporções. Sísifo, nas profundezas do hades, é apresentado no seu esforço inútil para empurrar montanha acima um grande bloco de pedra. Quando o bloco atinge o cume, rola para baixo, mas para Sísifo qualquer pequena parada da pedra significa que ele está progredindo em seu intento. Ixion é amarrado a uma roda ardente que gira, sem cessar, nas profundezas do inferno. Tântalo é atormentado por fome e sede eternas, dentro de um lago de águas cristalinas, sob árvores de apetitosos frutos. E Prometeu sofre acorrentado a uma rocha e torturado por uma águia que se alimenta de seu fígado.

Na literatura cristã, a MPB II repercute como "a noite negra da alma", imaginada por místicos com São João da Cruz que a encara como importante estágio para o desenvolvimento espiritual. Particularmente relevante é a história de Adão e Eva, expulsos do Paraíso por causa de seu "pecado original". No Gênesis, Deus liga essa situação, especificamente, ao nascimento e ao parto quando diz a Eva: "Em dor parirás teus filhos". A perda do reino celeste é descrita na história da queda dos anjos, o que leva à criação da polaridade entre céu e inferno. As descrições cristãs do inferno mostram conexões específicas com as experiências da MPB II.

Em estados não comuns, muitas pessoas têm o insight de que ensinamentos religiosos sobre o inferno repercutem experiências da MPB II, o que proporciona um toque de verdade aos conceitos teológicos que, de outra forma, parecem implausíveis. Tal ligação com as primeiras memórias inconscientes poderia explicar por que as imagens do inferno têm um impacto tão poderoso tanto sobre crianças quanto sobre adultos. Na

Bíblia, a descrição do doloroso julgamento de Jó, e da tortura, desespero, humilhação e crucificação de Cristo, relacionam-se intimamente com a MPB II.

Na literatura espiritual budista o simbolismo da MPB II é encontrado num trecho da biografia de Buda, "Four Passing Sights" (Quatro imagens passageiras). Essas imagens, ou encontros, referem-se a quatro eventos que precipitaram a decisão de Buda Gautama de deixar a família, e a vida, no palácio real para sair em busca da iluminação: durante passeios, fora da cidade, presenciou quatro cenas que o impressionaram indelevelmente. A primeira foi seu encontro com um decrepito velho, com dentes quebrados, cabelos grisalhos, corpo derreado, que representou a confrontação de Buda com o envelhecimento. A segunda cena foi a visão de uma pessoa jazendo num fosso à beira da estrada, o corpo travado pela enfermidade, e que representou o encontro de Buda com a doença. A terceira, foi deparar com um cadáver, o que provou-lhe a existência da morte e a da temporaneidade. A última cena foi seu encontro com um monge de cabeça raspada, vestido com um manto de cor ocre, que irradiava alguma coisa parecendo transcender todo o sofrimento inerente à carne. A súbita percepção da impermanência da vida, da morte e do sofrimento deram a Buda o impulso para renunciar ao mundo e lançar-se à sua jornada espiritual.

No trabalho experiencial com a MPB II, seguidamente uma pessoa enfrenta crises semelhantes à de Buda em seus quatro encontros. Durante esses episódios, o próprio inconsciente da pessoa apresenta imagens de velhice, doença, morte e impermanência que, basicamente, precipitam a crise existencial. A pessoa, homem ou mulher, percebe então a futilidade da vida sem espiritualidade, limitada a prazeres superficiais e objetivos mundanos. Essa revelação é um passo importante para uma abertura espiritual que começa quando a cérvix se abre e modifica-se a situação "sem saída" da MPB II.

Expressões artísticas da MPB II

Muitas vezes pessoas referem-se ao *Inferno*, de Dante, como uma descrição dramática da MPB II. Vêm toda a *Divina*

Comédia como uma explicação da jornada transformativa e da abertura espiritual. Outras obras da arte que transmitem a atmosfera desse domínio são, por exemplo, os romances e contos de Kafka que refletem culpa e angústia abismais; as obras de Dostoiévski, cheias de sofrimento emocional, insanidade e absurda brutalidade; passagens de Emile Zola descrevendo os mais negros e repulsivos aspectos da natureza humana. Os contos repletos de horror de Edgar Allan Poe retratam, seguidamente, elementos da segunda matriz, como em "The Pit and the Pendulum" (O poço e o pêndulo). As maldições que pesam sobre "O holandês voador" e o "Judeu errante", condenados a viver sem rumo até o fim do mundo, são relevantes exemplos adicionais apresentados pelo mundo das artes.

Pinturas mostrando a atmosfera da MPB II incluem as imagens do inferno na arte cristã, muçulmana e budista, tanto quanto representações da cena "Eis o homem" (Ecce homo), do Caminho da Cruz e da crucificação de Jesus. Pertencem também a essa categoria as criaturas bizarras e assustadoras de Hieronymus Bosch; as imagens de horror e guerra de Francisco Goya; e muitas outras imagens surrealistas. Especialmente fortes são as pinturas de Hansruedi Giger, artista suíço que é um verdadeiro gênio ao focar o campo perinatal. Suas figuras alternam-se entre MPB II e MPB III (esta, discutida no próximo capítulo), representando o simbolismo das matrizes perinatais de forma extraordinariamente explícita e facilmente reconhecível. Giger recebeu o prêmio Golden Oscar por seus macabros e artísticos desenhos do filme *The Alien*, todos com dramáticas figuras perinatais. Para a seqüência desse filme, *Alien*, ele criou uma fantástica imagem arquetípica da Mãe Devoradora — uma terrificante fêmea extraterrena parecendo uma aranha com sua diabólica incubadeira. Muitos temas perinatais podem também ser encontrados em filmes de Federico Fellini, Ingmar Bergman, George Lucas, Steven Spielberg, e muitos outros diretores.

MPB II e o papel de vítima na vida diária

Tal como a MPB I, a MPB II liga-se a memórias recolhidas ao longo da vida, cujas qualidades são semelhantes às experiências aqui encontradas. Os fatos, guardados na memória em direta conexão com a MPB II, são situações desagradáveis, onde nos sentimos ameaçados e sem esperança, onde uma poderosa força destrutiva impõe-se a nós e é enfatizado nosso papel de vítimas desamparadas. Especialmente significantes são as memórias de incidentes em que o bem-estar e a sobrevivência estão ameaçados, tanto por intervenções cirúrgicas, violência física, acidentes de carro, quanto por mutilação durante uma guerra. Graças à sua semelhança com certos aspectos do trauma do nascimento, essas lembranças tendem a ser registradas na memória de tal modo que coincidem com, e ligam-se à MPB II.

Quando experienciamos tais eventos traumáticos de nossas vidas, o evento atual nos faz voltar ao material perinatal correspondente, reativando nossos velhos sofrimentos emocionais e físicos. Reagimos, então, não apenas à situação presente mas, também, a um anterior e fundamental trauma de nossa vida. Isso pode explicar a profundidade do dano psicológico — e seus duradouros efeitos negativos — causado pela visão de guerras, catástrofes naturais; campos de concentração; ou seqüestro por terroristas. Tais situações não são traumáticas apenas em si mesmas, o que já é bastante sério, mas também despem as vítimas de suas defesas, defesas que geralmente as protegem dos elementos dolorosos do material inconsciente que guardam em sua psique. Para trabalhar corretamente com esses estados é necessário criar um ambiente de apoio e usar técnicas que permitam, a essas pessoas, reviver e superar não só os traumas adultos relativamente recentes mas, também, as primitivas e subjacentes memórias de vitimização associadas à MPB II.

Em nível mais sutil, a segunda matriz pode envolver também memórias de severas frustrações psicológicas, principalmente abandono, rejeição, privação, fatos emocionalmente ameaçadores, e situações confinantes ou opressivas no núcleo

familiar ou na vida posterior. O papel de vítima na família de origem, na classe escolar, em relações íntimas, no local de trabalho e na sociedade em geral, reforça e perpetua a memória do estágio sem saída do nascimento, tornando-o psicologicamente mais relevante e disponível para uma experiência consciente. A MPB II relaciona-se também com uma variedade de sensações e tensões desagradáveis em áreas do corpo, chamadas por Freud de zonas erógenas ou produtoras de prazer. No nível oral essas sensações podem ser de sede e/ou fome; na área anal, sensações desconfortáveis no reto e no cólon, associadas com prisão de ventre, colite ou hemorróidas; no trato geniturinário, frustração sexual ou dor associadas a infecções, intervenções cirúrgicas ou dolorosa retenção de urina.

Passagem do inferno para o purgatório

Nesse estágio de experiência do nascimento, cada contração uterina puxa a cérvix sobre a cabeça do bebê e dilata a abertura cervical. Quando a cérvix se abre finalmente e a cabeça desce para a pelve, há uma grande mudança, não apenas na parte biológica do parto mas, também, na experiência psicológica. A situação sem saída da MPB II transforma-se numa passagem vagarosa pelo canal de nascimento, caracterizando a MPB III. No próximo capítulo exploraremos o mundo rico e colorido da MPB III e suas implicações, individuais ou coletivas, em nossas vidas.

A LUTA MORTE-RENASCIMENTO — MPB III

Queres ser anulado, apagado, cancelado,
tornar-te um nada?
Queres tornar-te um nada, mergulhado no
esquecimento?

Se não queres, jamais mudarás realmente.

— D. H. Lawrence, *Phoenix*

Ainda que ele não tenha visto, de maneira clara, o canal de parto, sentia sua pressão esmagadora na cabeça, e sabia, em cada célula do corpo, que estava envolvido num processo de nascimento. A tensão atingia dimensões que ele não havia imaginado serem humanamente possíveis. Sentia uma pressão implacável na testa, têmpora e osso occipital como se estivesse preso num torno de aço. A tensão do corpo tinha também uma qualidade brutal mecânica: imaginava-se passando por um monstruoso moedor de carne ou uma gigantesca prensa cheia de cilindros e rodas dentadas. Passou-lhe pela mente, num segundo, a imagem de Charlie Chaplin vitimado pela tecnologia, em *Tempos modernos*. Incrível energia parecia fluir por todo o seu corpo, condensando-se e se libertando em explosivas descargas.

Havia nele uma incomum mistura de sentimentos: estava sufocado, amedrontado, abandonado, mas também furioso e, de modo estranho, sexualmente excitado. Outro importante aspecto de sua experiência foi uma sensação de profunda confusão. Ao mesmo tempo em que sentia-se um bebê envolvido em viciosa luta pela sobrevivência, e percebia que o que estava por acontecer era seu nascimento, também experienciava-se como se fosse sua própria mãe dando à luz. Sabia mentalmente que, sendo homem, jamais daria à luz uma criança mas, mesmo assim, sentia estar de algum modo cruzando essa barrei-

ra, sentia que o impossível estava tornando-se realidade. Não havia dúvida de que estava ligado a alguma coisa primordial — um antigo arquétipo feminino, o de uma mãe na hora do parto. A imagem que tinha de seu corpo incluía uma grande barriga prenhe, e genitália feminina com todas as nuances de sensações biológicas. Sentia-se frustrado por não poder render-se a esse processo elemental — dar à luz e nascer; soltar-se e fazer nascer.

Do submundo de sua psique emergiu enorme reserva de mortal agressão; era como se um infernal abscesso tivesse sido subitamente aberto por um cirurgião cósmico. Um lobisomem, ou um guerreiro, incorporou-se nele; Dr. Jekyll transformava-se em Mr. Hyde. Apareceram muitas imagens do assassino e da vítima como se fossem uma só pessoa. Não conseguia diferenciar a criança, que estava nascendo, da mãe parturiente. Era um impiedoso tirano, o ditador expondo seus subordinados a inimagináveis crueldades, mas também o revolucionário liderando a multidão furiosa para depor o tirano. Tornou-se o criminoso que mata a sangue-frio, e o policial que mata em nome da lei. A certa altura, experienciou os horrores dos campos de concentração nazistas. Quando abriu os olhos, viu-se como oficial da SS. Teve a profunda sensação de que ele, o nazista, e ele, o judeu, eram a mesma pessoa. Pôde notar Hitler e Stalin em si mesmo, e sentiu-se inteiramente responsável pelas atrocidades ao longo da história humana. Percebeu que o problema da humanidade não é a existência de ditadores corruptos mas, sim, o Matador Oculto que cada um encontra em sua própria psique, se olharmos profundamente.

Então mudou a qualidade da experiência, alcançando proporções mitológicas: ao invés da maldade da história humana, ele sentiu a atmosfera de feitiçaria e de demoníacos elementos. Seus dentes transformaram-se em longas presas, cheias de um misterioso veneno, e ele sentiu-se voando com grandes asas de morcego, através da noite, como um sinistro vampiro. Isso logo mudou para cenas selvagens e intoxicantes de um Sabá das Bruxas. Nesse rito escuro e sensual, todos os impulsos normalmente proibidos e reprimidos pareciam ter vindo à tona e foram experienciados e representados. À medida que qualidades demoníacas gradualmente desapareciam de sua experiência, ele ainda sentia-se tremendamente erótico, engajando-se

em infinitas seqüências das mais fantásticas orgias e fantasias sexuais em que ele era todas as personagens. Durante todas essas experiências, continuava sendo, simultaneamente, a criança que lutava através do canal de parto e a mãe que o expelia. Tornou-se muito claro para ele que sexo e nascimento eram profundamente interligados e, também, que forças satânicas tinham importantes conexões com a situação do canal de nascimento.

Ele lutou, combateu sob muitos papéis diferentes contra muitos inimigos também diferentes. Algumas vezes perguntava-se se haveria um fim para sua miséria e, então, novo elemento entrava em sua experiência. Seu corpo inteiro estava coberto por alguma imundície biológica viscosa e escorregadia. Não sabia dizer se era fluido amniótico, muco, ou secreção vaginal. A mesma matéria parecia estar-lhe na boca e até em seus pulmões. Sentia-se engasgado, nauseado, cuspidor, e tentando livrar-se de tudo isso. Ao mesmo tempo recebia uma mensagem de que devia lutar; o processo tinha seu próprio ritmo e tudo que devia fazer era render-se a ele. Lembrou-se, então, de muitas situações em sua vida em que sentia necessidade de lutar, combater e, em retrospecto, achava isso, ao mesmo tempo, desnecessário. Era como se, de alguma maneira, tivesse sido programado, pelo seu nascimento, para perceber a vida de modo muito mais complicado e perigoso do que ela é na realidade. Pareceu-lhe que essa experiência poderia abrir-lhe os olhos a respeito do que acontecia e fazer de sua vida algo bem mais fácil e prazenteiro.¹

Começa a perigosa travessia

Como vimos acima em experiências com a MPB III, essa matriz é extremamente dinâmica e rica tanto em imagens positivas quanto em negativas. Em nível biológico, divide certas características com a MPB II, especialmente a continuação das contrações uterinas e a situação do confinamento e constrição. Como no estágio anterior, cada contração interfere com o suprimento de oxigênio para o feto. Outras fontes de sufo-

camento são quando o cordão umbilical enrola-se no pescoço do feto, ou a cabeça é apertada entre as paredes pélvicas.

Mesmo havendo certos paralelos entre a MPB III e a matriz anterior, há também significantes diferenças que devem ser anotadas cuidadosamente. Na matriz prévia a cérvix estava fechada; agora está aberta, permitindo ao feto mover-se através do canal de parto. Mesmo que a luta pela sobrevivência continue, agora há uma sensação de esperança, uma crença de que a luta terá um fim.

Nesse estágio, a cabeça do feto introduz-se à força na abertura pélvica, tão estreita que, mesmo sob circunstâncias normais, a passagem é vagarosa e cansativa. A musculatura do útero é muito forte e o poder de suas contrações oscila entre 25 e 50 quilos. Isso cria uma atmosfera de conflito e choque de energias, e uma forte pressão hidráulica. O organismo da mãe e o da criança ainda estão intimamente conectados em muitos níveis; por isso deve haver uma forte identificação entre ambos, como já foi narrado. No registro da memória dessa matriz não percebemos limites entre nós mesmos e nossa mãe, não tendo ocorrido separação física ou psicológica. Mãe e filho são ainda uma só consciência. Assim é possível experienciar todos os sentidos e sensações do bebê, identificar-se plenamente com a mãe parturiente e também ligar-se ao arquétipo da mulher que dá à luz.

Experiência do nascimento e sexualidade

Além das experiências de intensa dor física, ansiedade, agressão, estranha sensação de excitação e energia direcionada, essa matriz é caracterizada pelo despertar sexual, sem dúvida o aspecto mais inesperado de todo o processo do nascimento. Isso merece uma explicação, principalmente porque tem importantes implicações naquilo que, de outra maneira, poderia ser visto como formas enigmáticas do comportamento sexual humano. Não é difícil perceber que, por causa do intenso envolvimento da área genital, a experiência da mãe pode ter um componente sexual. Além disso, a preparação e o desfecho da

tensão, à medida que o nascimento progride, seguem um ciclo natural muito semelhante ao orgasmo sexual. Muitas mulheres, que dão à luz em circunstâncias ideais, seguidamente descrevem o parto como a mais forte experiência sexual de suas vidas. Porém, é muito mais difícil entender, ou mesmo acreditar, que o nascimento possa provocar sensações sexuais também no bebê.

Sigmund Freud scandalizou o mundo anunciando ter descoberto que a sexualidade não começa na puberdade, mas na primeira infância. Somos, nesse caso, convidados a estender ainda mais nossa imaginação e aceitar que temos sensações sexuais mesmo antes de termos nascido. Observações de pessoas que, em estado não comum de consciência, experienciaram a MPB III, apresentam indicações claras de que isso é verdade. Há evidências de que o corpo humano abriga um mecanismo que transforma extremo sofrimento, especialmente quando associado a sufocação, numa forma de excitação que lembra o despertar sexual. Tal mecanismo tem sido relatado por pacientes com relacionamentos sadomasoquistas, prisioneiros de guerra torturados pelo inimigo, e pessoas que tentam enforcar-se mas sobrevivem para contar a história. Em todas essas situações a agonia pode ser intimamente associada ao êxtase, até mesmo levando a experiências transcendentais, como no caso de mártires religiosos e flagelantes.

O que isso significa em termos da realidade diária? Para começar, é importante entender que nossa primeira experiência de sexualidade ocorre num contexto precário e ameaçador da vida. Ao longo do processo há, ainda, a experiência de sofrer e infligir dor, tanto quanto ansiedade e agressão cega. Além disso, durante a passagem pelo canal de parto, a criança está em contato com vários produtos biológicos, incluindo muco, sangue e, possivelmente, até urina e fezes. Tal conexão, combinada com outros eventos, forma uma base natural para o desenvolvimento de várias desordens e desvios sexuais ao longo da vida. Reforçadas por experiências traumáticas na infância e na meninice, as experiências da MPB III podem originar disfunções sexuais e, também, práticas de sujeição e sadomasoquismo, associação da urina e das fezes com sexualidade e mesmo sexualidade criminosa.

A dimensão titânica da terceira matriz

Como as outras matrizes, a MPB III tem seu próprio simbolismo que inclui temas seculares, mitológicos e espirituais, divididos em cinco diferentes categorias: o titânico; o agressivo e sadomasoquista; o sexual; o demoníaco, e o escatológico. Entretanto, todos eles têm em comum o encontro com a morte e a luta para nascer. Mais freqüentemente, as experiências associadas com a terceira matriz são uma mistura de sensações e emoções relacionadas com o nascimento, acompanhadas de simbolismo arquetípico, como vimos no início deste capítulo.

Talvez o aspecto mais extraordinário dessa matriz seja a atmosfera de luta titânica, freqüentemente de proporções catastróficas. Isso reflete, de modo claro, as grandes energias conflitantes, envolvidas nesse estágio do processo do nascimento, e as quais procuramos descarregar. As experiências podem alcançar uma intensidade dolorosa que excede, de longe, o que parece ser possível de agüentar por qualquer ser humano. Podemos experienciar seqüências nas quais a energia é tremendamente concentrada e localizada, fluindo através do corpo como se fosse uma corrente elétrica de alta voltagem. Essa energia pode provocar um curto-circuito, criando enorme tensão em diferentes partes do corpo que pode, então, movimentar-se explosivamente. Para muitas pessoas, esse fato lembra imagens da moderna tecnologia e de destruições provocadas pelo homem — gigantescas usinas elétricas; cabos de alta voltagem; explosões nucleares; lançamento de projéteis; artilharia de combate; reides aéreos e outras cenas de guerra.

Outras pessoas associam o fato, experiencialmente, com desastres naturais devastadores como explosão de vulcões, fortes tremores de terra; furacões e tornados violentos; espetaculares tempestades elétricas; cometas e meteoros; e cataclismas cósmicos. Ouvimos referências às catástrofes como os últimos dias de Pompéia e a erupção do vulcão Krakatoa. Com menor referência, há imagens de destruição provocada pela água: ameaçadoras tempestades marítimas; marés gigantescas, enchentes

causadas por rios, ou rompimentos de barragens seguidos por maciça inundação de cidades inteiras. Algumas pessoas descreveram imagens mitológicas como a destruição da Atlântida, o fim de Sodoma e Gomorra e, até, o Armagedão.

Raízes perinatais da violência

Os aspectos agressivos e sadomasoquistas da terceira matriz parecem ser produtos da situação encontrada pela criança ao enfrentar o canal de parto. A agressão direcionada para o exterior reflete a fúria biológica do organismo, cuja sobrevivência é ameaçada pela sufocação. Isso não pode ser explicado psicologicamente, nem tem algum significado ético. É comparado ao estado mental que qualquer um de nós manifestaria se nossa cabeça estivesse coberta por água, impedindo-nos de respirar. Quando esse aspecto da matriz é ativado em estados não comuns, encontra sua expressão em numerosas imagens de guerra, revoluções, massacres, morticínios, torturas e violências de vários tipos, em que temos papel ativo.

Há também uma forma de agressão direcionada para dentro, associada a essa matriz, e que apresenta uma qualidade autodestrutiva. Tal agressão, expressa em impulsos e fantasias autodestrutivas, parece ser a internalização de forças que nos são impostas originalmente pelo exterior — pelas contrações uterinas e pela resistência dentro do canal de parto. A memória dessa experiência sobrevive em nós como uma sensação de confinamento físico e emocional e a impossibilidade de uma total fruição da vida. Algumas vezes, toma a forma de um cruel juiz interior exigindo punição — a parte selvagem do superego que pode levar a pessoa ao extremo da autodestruição.

Gostaria de mostrar, aqui, algumas importantes diferenças entre as experiências associadas com a segunda e com a terceira matriz. Enquanto somos exclusivamente vítimas na MPB II, na MPB III podemos, alternadamente, identificarnos com a vítima e com o perpetrador. Além disso, algumas vezes, podemos ser um observador olhando as cenas pelo lado de fora. Isso está expresso na narrativa acima pela pessoa

que se experiencia como, ao mesmo tempo, sendo vítima, juíza, e um perseguidor nazista. As pessoas que entram em contato com esse aspecto do processo do nascimento dizem muitas vezes que podem ter empatia e identificar-se com líderes militares cruéis e tirânicos como Gengis Khan, Hitler ou Stalin, ou com, mais contemporâneos, assassinos de massas.

As associações sadomasoquistas dessa matriz refletem o relacionamento entre causar e infligir dor, sofrimento e despertar sexual, já tratadas nos parágrafos acima. Isso explica o entrelaçar de sentimentos sexuais e dor, característico do sadomasoquismo. Sadismo e masoquismo nunca existiram como fenômenos puramente separados; ao invés, são interconectados na psique humana como se fossem duas faces da mesma moeda. Como é de se supor, as imagens associadas com experiências sadomasoquistas envolvem cenas de estupro, assassinatos por motivos sexuais, e práticas sadomasoquistas de infligir ou receber tratamentos dolorosos.

Agonia e êxtase do nascimento

À medida que aumenta a intensidade de experiências com essa matriz, as emoções e sensações que eram, originalmente, polos opostos (dor versus prazer, por exemplo) começam a convergir. Eventualmente podem fundir-se num simples e indiferenciado estado mental contendo todas as possíveis dimensões da experiência humana. Sofrimento intenso e estranhos prazeres tornam-se a mesma coisa; calor cáustico transforma-se em congelante frio; agressões mortíferas e amor apaixonado tornam-se um sentimento único; e a agonia da morte transforma-se no êxtase do nascimento. Quando o sofrimento alcança seu ápice absolutamente estranhamente perde a qualidade de sofrimento e agonia. Ao contrário, a própria intensidade da experiência é transformada em selvagem e arrebatado êxtase, que pode ser descrito como êxtase "dionísíaco" ou "vulcânico".

Esse êxtase vulcânico, ou enlevo, pode durar até que alcance proporções transcendentais. Contrastando com o êxtase oceânico, ligado à MPB I, o tipo vulcânico envolve enorme

tensão explosiva, com elementos ao mesmo tempo explosivos e autodestrutivos. Esse tipo de êxtase pode ser experienciado no nascimento, em acidentes, e em rituais que se valem de procedimentos fisicamente dolorosos, como aqueles praticados por flagelantes ou pela nativa Dança do Sol americana em que as pessoas, voluntariamente, agüentam intensa dor física por prolongado período de tempo. Um certo nível do êxtase vulcânico pode ser alcançado em cerimônias aborígenes que envolvem danças selvagens, ou mesmo em seus correlativos modernos como certos concertos de rock.

O aspecto sexual da MPB III é geralmente experienciado como um erotismo generalizado, sentido através de todo o corpo e não apenas na genitália. Muitas pessoas descrevem o êxtase como semelhante ao início da fase do orgasmo sexual, ainda que multiplicado mil vezes. Entretanto, nesse caso, essas sensações podem ser sentidas durante prolongado período de tempo e acompanhadas por violentas fantasias eróticas. A sexualidade aqui retratada caracteriza-se pela intensidade do impulso instintivo, sem nenhuma meta ou objetivo particular. Não é, certamente, o erotismo que sentimos num romance com profundo respeito mútuo, compreensão, e sentimentos de amor que culminam na união sexual. Aqui, a ênfase é a satisfação egotística do impulso sexual primitivo, seguidamente de natureza defeituosa, alcançado de qualquer modo possível e com pequena preocupação com o parceiro.

A imagem e as experiências da MPB III têm sempre traços pornográficos ou ligam o sexo a perigo e imundície. Durante essas seqüências a pessoa pode identificar-se com donos de haréns, garotos de programa e prostitutas, ou com uma vasta série de figuras ligadas a sexo, históricas ou legendárias, tais como Casanova, Rasputin, Don Juan ou Maria Teresa. Pode, também, testemunhar e participar de cenas no Soho, na Pigalle, e outros famosos locais de meretrício, de "luz vermelha". Uma vez que essa matriz tem também um componente espiritual dinâmico, podemos encontrar, de vez em quando, o que se assemelha a experiências contraditórias ligando sexo e transcendência. Aqui vemos ritos de fertilidade, adoração fálica e templos de prostituição.

O que talvez seja o mais curioso a respeito das experiências da MPB III é a proximidade emocional de morte e sexua-

lidade. Poderíamos pensar que a ameaça de morte afastaria os sentimentos libidinosos mas, no que concerne a essa matriz, o oposto é o verdadeiro. Observações de psiquiatria clínica, experiências de pessoas torturadas em prisões e campos de concentração e arquivos da Anistia Internacional atestam forte inter-relação entre o arrebatado êxtase sexual, o nascimento e a extrema ameaça à integridade do corpo e à sobrevivência. No processo morte-renascimento, temas relacionados a essas três áreas alternam-se ou até coexistem, em variadas combinações.

Encontros com o grotesco, o satânico e o escatológico

Algumas vezes os aspectos sexuais da MPB III são experienciados numa atmosfera carnavalesca, cheia de cores brilhantes, costumes exóticos e tentadora música. A combinação característica dos temas da morte, do macabro e do grotesco com alegria e festividade é uma muito apropriada expressão simbólica para a disposição mental que logo precede o renascer. Nesse estágio, energias sexuais agressivas e há muito reprimidas explodem, e a lembrança de ameaças vitais perde seu controle sobre o corpo e a psique. A popularidade da Mardi Gras e outros eventos similares podem ser devidos ao fato que, além de oferecerem diversão e um contexto para a libertação de tensões reprimidas, podem permitir-nos uma conexão com o arquétipo do renascimento nas profundezas de nossa psique.

Experiências que ocorrem nos estágios finais do processo morte-renascimento oferecem também interessantes insights sobre formas de feitiçaria e práticas satânicas. A luta no canal de parto pode associar-se a visões que lembram os rituais da Missa Negra e do Sabá das Bruxas. A intrusão do elemento satânico, nesse momento específico, parece relacionar-se ao fato de a MPB III dividir com esses rituais uma estranha combinação de emoções e sensações físicas. A luta no canal de parto envolve dor extrema, encontro com sangue e excrementos corporais, além de excitação e despertar sexual. Todos esses ele-

mentos são entrelaçados com a imagem do "Servir o Deus Negro". A conexão entre tais práticas e o nível perinatal do inconsciente deviam ser levados em consideração em qualquer estudo sério de abuso do culto satânico, fenômeno que parece estar atraindo a crescente atenção de profissionais e do público em geral. Outra importante experiência, da mesma categoria, é a tentação por forças maléficas, tema que pode ser encontrado na literatura espiritual de muitas religiões do mundo.

Por causa do íntimo contacto do recém-nascido com os fluidos do corpo e, ocasionalmente, com urina e fezes nos estágios finais do parto, impressões escatológicas são parte integrante da MPB III. No processo morte-renascimento, situações escatológicas podem ser grandemente exageradas para incluir produtos menos aceitáveis que a biologia oferece. Mesmo que, no nascimento, tenha havido um mínimo contacto com tais matérias, a pessoa que está revivendo esse aspecto pode perceber imagens de rastejamento em redes de esgoto e, literalmente, chafurdação em imundícies, sangue sendo bebido, além de se comprazer com cenas de decomposição e putrefação.

Temas mitológicos e espirituais

Os aspectos mitológicos e espirituais dessa matriz são particularmente ricos e variados. Tal aspecto pode expressar-se em imagens arquetípicas do confronto entre o bem e o mal e entre a criação e a destruição do mundo. Uma forma de luta para equilibrar o bem e o mal é o arquétipo do Divino Julgamento. As seqüências agressivas são sempre associadas a imagens de deidades destrutivas, tais como Kali, Shíva, Satã, Coatlícue, ou Marte. Particularmente característica é uma íntima identificação com figuras mitológicas representando morte e renascimento que aparecem nas mais importantes culturas — Osíris, Dionísio, Perséfone, Wotan, Balder e muitas outras. Em nossa cultura, a variação desse tema é a história da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Na MPB III, é freqüente o caso de pessoas terem visões da crucificação ou sentirem-se plena-

mente identificadas com Jesus pregado na cruz. Cenas de sacrifício e auto-sacrifício acompanhadas pelas deidades correspondentes, especialmente astecas e maias, são bastante comuns nesse estágio.

Pode haver imagens de deidades masculinas e femininas associadas a sexualidade e procriação, ao mesmo tempo que seqüências de bacanais. Já mencionei os temas que combinam espiritualidade com sexualidade, como ritos de fertilidade; adoração fálica; templos de prostituição, estupro ritual e rituais aborígenes enfatizando o sensual e o sexual. O tema escatológico é expresso mitologicamente por imagens como a de Hércules limpando a inimaginável sujeira dos estábulos do rei Augias, ou Tlacolteutl Devoradora de Imundície, deusa asteca do nascimento e da luxúria carnal.

A transição entre MPB III e MPB IV é seguidamente associada ao fogo destruidor. Suas chamas destroem tudo que é corrupto ou podre em nossas vidas, preparando-nos para renovação e renascimento. É interessante que, no estágio correspondente ao parto, muitas mães sentem que toda a sua genitália está sendo atacada pelo fogo. Revivendo esse estágio num papel passivo, as pessoas podem sentir que seus corpos estão sendo queimados, ou que estão passando através de chamas de purificação. Isso é particularmente bem apresentado no mito da fênix, a fabulosa ave da lenda egípcia que, a cada quinhentos anos, queimava-se numa pira e de suas cinzas surgia uma nova fênix. O fogo purificador é também uma característica para as imagens religiosas do purgatório.

MPB III e arte

Talvez a MPB III tenha sido uma fonte infinita de inspiração para artistas de diferentes gêneros, desde o alvorecer da história humana. São tantos os exemplos que só podemos apontar uma escassa seleção: a atmosfera de intensas emoções beirando a insanidade, magistralmente retratadas na obra de Dostoiévski e em muitas peças de Shakespeare, especialmente em Hamlet, Macbeth e King Lear; o elemento dionisiaco e a sede

pelo poder na filosofia de Friedrich Nietzsche; as diabólicas máquinas de guerra dos desenhos de Leonardo Da Vinci; as visões de pesadelos de Francisco Goya; a arte macabra de Hansruedi Giger e toda a escola de pintura surrealista são soberbas representações visuais da atmosfera da MPB III. De modo semelhante, as obras de Wagner apresentam poderosas seqüências que capturam a atmosfera dessa matriz. Entre elas, as orgiásticas cenas de Venusberg em Tannhäuser, a mágica seqüência de fogo em Walküre e principalmente a imolação de Siegfried e o incêndio de Valhalla na cena final de Götterdämmerung. A combinação de intensos dramas, sexo e violência, característica dessa matriz, é a fórmula mágica para muitos filmes modernos.

A ligação com experiências pós-natais

Assim como nas outras matrizes perinatais, a MPB III tem específicas conexões com memórias da vida pós-natal. Para pessoas que foram testemunhas ou participaram de alguma guerra, suas memórias de verdadeiros horrores identificam-se com os titânicos, agressivos e escatológicos aspectos da MPB III. Uma vívida experiência de guerra pode, mais tarde, levar a sérios problemas emocionais, comuns em soldados que presenciaram muitos combates. A forma específica de excitação, unida a medo e perigo, liga a MPB III a emocionantes mas precárias situações como pára-queda, corrida de carro, montanha-russa, exóticas aventuras de caçadas, boxe e luta romana. O aspecto erótico dessa matriz liga-se com os sistemas COEX, envolvendo intensas experiências sexuais sob circunstâncias perigosas, tais como estupro, adultério, outras aventuras sexuais associadas a grandes riscos e freqüência a zonas de meretrício. A faceta escatológica liga-se a educação forçada das funções excretórias; incidentes infantis envolvendo incontinência urinária ou anal; passeios a depósitos de sucata, monturos e outros lugares anti-higiênicos; o presenciar cenas que apresentam putrefação e estripação em guerras ou em acidentes fatais.

Experiências da MPB III são também acompanhadas por específicas manifestações nas zonas erógenas freudianas. Re-

lacionam-se com um largo campo de atividades que proporcionam súbito alívio, prazer e relaxamento depois de prolongada tensão ou estresse. Em nível oral tais atividades incluem morder, mastigar e engolir alimento, tanto quanto catarse pelo vômito. Na área anal envolvem os processos naturais de defecação e flatulência; na região uretral, o urinar depois de longa retenção. Por fim, o fenômeno genital correspondente é a preparação para o orgasmo sexual e na mulher, as sensações encontradas no segundo estágio clínico do parto.

A terceira matriz representa enorme quantidade de problemas emocionais e sensações difíceis que, ligando-se a eventos posteriores da infância e meninice, contribuem para o desenvolvimento de várias desordens. Entre elas, certas formas de depressão e condições envolvendo agressão e comportamentos autodestrutivos. Têm também raízes nessa matriz: desordens sexuais, aberrações, neuroses obsessivo-compulsivas, fobias e manifestações histéricas. Quais entre as muitas formas de desordens emocionais possíveis devem manifestar-se realmente parece ser co-determinado pela natureza de experiências biográficas posteriores que podem, de modo seletivo, reforçar os aspectos agressivos, autodestrutivos, sexuais, ou escatológicos da MPB III.

A luta termina

Quando vai chegando ao fim a luta agonizante para escapar do canal de parto, tensão e sofrimento atingem seu ápice. Segue-se uma explosiva libertação no momento em que o bebê sai pela abertura pélvica e respira, livre, pela primeira vez. Geralmente tal momento apresenta a promessa de profundo relaxamento, mas para que isso aconteça depende de circunstâncias específicas da hora do nascimento: a oportunidade de um contato amoroso com a mãe, a aproximação através do olhar e muitos outros fatores. Os aspectos experienciais dessa transição serão focalizados no próximo capítulo.

A EXPERIÊNCIA DE MORTE E RENASCIMENTO — MPB IV

A alma vê e sente abundância, riquezas inestimáveis, encontra todo o descanso e prazer que deseja, e compreende estranhos segredos de Deus... Encontra igualmente em Deus poder e força impressionantes que transcendem todos os outros poderes e forças: saboreia maravilhosa doçura e deleite espiritual, encontra verdadeiro descanso e a divina luz e tem sublimes experiências da sabedoria de Deus...

— São João da Cruz, *Cântico*

Ele começou a sentir grande confusão; o calor chegava em ondas e ele começou a transpirar. Começou a tremer e sentiu-se nauseado. De repente estava no alto de uma montanha-russa, gradualmente sendo sugado para o precipício, perdendo o controle e caindo para baixo. Uma analogia surgiu em sua mente: parecia que estava engolindo um pequeno barril de dinamite com o estopim já aceso. O barril logo explodiria e nada havia que ele pudesse fazer; tudo estava completamente fora do seu controle.

Enquanto a montanha-russa escorregava para o precipício, a última coisa que conseguia lembrar era o rugido de música que soava como se viesse através de um milhão de fones de ouvido. Sua cabeça estava enorme, sentia como se tivesse mil ouvidos, cada um deles recebendo uma música diferente. Essa era a maior confusão que já havia sentido na vida. Estava morrendo, ali mesmo, e nada podia fazer. A única coisa possível era enfrentar. Vieram-lhe à mente as palavras *confie e obedeça e*, no que lhe pareceu um relâmpago de tempo, não estava mais deitado no divã e não tinha sua costureira identificada. Imediatamente diversas cenas começaram a aparecer.

Na primeira cena, estava mergulhado num pântano cheio de sinistras criaturas. Elas moviam-se em sua direção mas não

conseguiram alcançá-lo. A melhor maneira em que ele podia descrever esse momento descendo na montanha-russa, mergulhado numa total perda de controle, era compará-lo a estar andando numa superfície extremamente escorregadia. A princípio, poderia ter havido superfícies firmes mas, depois, nada mais era firme, tudo era escorregadio, nada havia em que pudesse segurar-se e, então, ele estava caindo, rodopiando mais e mais até o oblvio. Ele estava morrendo.

Mas, subitamente, estava em pé, no meio de uma praça de uma cidade medieval. A praça era rodeada por fachadas de catedrais góticas. Viu animais nas cimalhas, gárgulas, pessoas, gente animalesca, demônios e espíritos — tudo isso, pensou, como figuras de um desenho de Hieronymus Bosch — caindo de seus nichos das catedrais. Estavam marchando para seu lado!

À medida que todas essas criaturas o imprensavam, começou a experimentar intensa dor e agonia, pânico, terror, horror. Havia uma pressão entre suas têmporas e ele estava morrendo. Ele tinha absoluta certeza que ia morrer. Então, morreu. A morte completou-se quando as pressões em sua cabeça finalmente dominaram-no e ele foi vertiginosamente expelido para outro mundo.

O novo mundo que encontrou em nada se parecia com os anteriores. Agora, o pânico e o terror tinham desaparecido. Havia uma nova angústia mas, nela, ele não estava sozinho. De alguma maneira, estava participando da morte de todas as pessoas. Começou experienciando a paixão de Jesus. Ele era Jesus, mas era também Todas-As-Pessoas que estavam dirigindo-se, numa procissão fúnebre, para o Gólgota. Nesse momento de sua experiência não havia mais confusão. Suas visões eram perfeitamente claras.

A tristeza que sentiu era agonizante. Percebeu, então, que uma gota de sangue estava-se formando no olho de Deus. Não via realmente o olho de Deus, mas viu a gota de lágrima voando sobre o mundo todo, como se o próprio Deus estivesse participando da morte e do sofrimento daqueles que tinham vivido. A procissão dirigiu-se para o Gólgota e, ali, ele foi crucificado com Cristo e com todas as pessoas na cruz. Ele era Cristo, ele era Todas-As-Pessoas. Foi crucificado e morreu.

Logo depois que todos morreram, ele ouviu a música mais celestial que jamais ouvira em sua vida. Ouviu anjos cantan-

do, e todas as pessoas que haviam morrido começaram a levantar-se vagarosamente. Era como nascimento; a morte na cruz tinha acontecido e então houve um zunido como se o vento se precipitasse da cruz para um outro mundo. Todos à sua volta começaram a levantar-se e as multidões tornaram-se procissões em enormes catedrais, rodeadas por velas e luz, ouro e incenso. Nesse momento ele não tinha a noção de ter uma identidade separada. Ele estava em todas as procissões e todas as procissões estavam nele. Não sentia mais a sensação de uma identidade separada. Ele era cada homem e cada mulher.

Junto com todos à sua volta, começou a levantar-se mais e mais, na direção da luz, por entre majestosos pilares de mármore branco. As multidões deixaram para trás os azuis, os verdes, os vermelhos, os púrpuras, o ouro das catedrais e todas as cores das vestes do povo. De branco, todas as pessoas levantaram-se, movendo-se entre grandes colunas puramente brancas. Soou a música, todos cantavam e então surgiu uma visão, diferente de todas as que já haviam aparecido: tinha qualidade especial, convencendo-o de que recebera uma visão verdadeira. Foi tocado pela roupa que Cristo usava na ressurreição. Entretanto, ela não tocou apenas nele; tocou em todas as pessoas, e, assim, tendo tocado nelas tocou também nele.

Quando a roupa o tocou, aconteceram diversas coisas ao mesmo tempo. Ele tornou-se muito pequeno, tão pequeno quanto uma célula, tão minúsculo quanto um átomo. Todas as pessoas tornaram-se muito humildes e se curvaram. Ele encheu-se de paz e sentimentos de alegria e amor. Amou a Deus completamente. Enquanto isso acontecia, o toque da roupa era como se, na realidade, fosse um fio elétrico de alta voltagem. Tudo explodiu. Explodiu o povo para o lugar mais alto que há: o lugar de luz absoluta. De repente houve silêncio. A música cessou. Cessaram todos os sons. Era como se tudo estivesse no centro absoluto da fonte de energia. Era como se se estivesse em Deus — não apenas na presença de Deus, mas em Deus, participando de Deus.

A situação não durou muito — ainda que ele soubesse que o tempo nada significava durante essa experiência — e todos começaram a descer. O mundo para o qual estavam descendo não era igual a qualquer outro que ele tivesse conheci-

do. Era um mundo de grande beleza. Vozes majestosas cantavam e, durante o Sanctus, as Glórias e as Hosanas, podia ser ouvida a voz de um Oráculo: “Nada queira, nada queira” e “Nada procure, nada procure”.

Durante esse período ocorreram muitas outras visões. Uma delas envolvia olhar para baixo, através da terra, para a base do universo. Ele desceu até as profundezas e descobriu um segredo: Deus é louvado pelas profundezas, bem como pelas alturas. Também, nas profundezas do universo a luz pode ser vista. Há ali muitas celas de prisões. À medida que passava por elas, as portas se abriam e os prisioneiros saíam louvando a Deus.

Outra forte visão, da mesma sessão, foi a de uma figura andando na superfície de um largo e lindo rio, num amplo vale. Lírios de páscoa cresciam na superfície e o rio deslizava quieta e suavemente. O vale era rodeado por altas montanhas, onde escoavam rios até o solo. Nessa cena, foi ouvida uma voz: “O rio da vida desliza na direção da boca de Deus”. Ele queria estar no rio e não podia dizer se estava andando sobre o rio, ou se era o próprio rio. O rio deslizava e, enquanto movia-se na direção da boca de Deus, multidões de pessoas e animais — toda a criação — desciam pelas águas e fluíam pela corrente principal do rio da vida.

Quando essa sessão terminou e ele percebeu estar sendo novamente orientado, na mesma sala de terapia onde havia começado, continuou a sentir-se cheio de admiração, humildade, paz, bênção e alegria. Tinha convicção certa de que tinha estado com Deus no centro de energia do universo. Tinha ainda a forte sensação de que toda a vida é *uma*; que o rio da vida realmente corre para Deus; que não há distinção entre as pessoas — amigos ou inimigos, pretos ou brancos, homens ou mulheres: todas são *uma*.¹

A narrativa acima é de um clérigo descrevendo uma profunda sessão experiencial em que confronta a quarta matriz perinatal. Sua imaginação e simbolismos são, decididamente, cristãos, mas os mesmos temas essenciais aparecem, sempre de novo, com pessoas de todas as religiões e formações étnicas enquanto é revivida a MPB IV. O tema da morte e renascimento é, aqui, proeminente, tanto quanto a confrontação com demônios furiosos e seres divinos; a identificação com todo

o sofrimento humano e as revelações que dizem respeito à natureza do próprio universo. Como as outras matrizes, a MPB IV é uma combinação de memórias dos mais básicos eventos biológicos, associados com o nascimento, e seus paralelos espirituais e mitológicos.

Realidades biológicas

A base biológica da MPB IV é a culminação da luta no canal de parto, o momento próprio do nascimento e a situação imediatamente após a conclusão do parto. Toda a jornada através do canal aproxima-se do fim, cabeça e ombros emergem e, então, nasce o corpo (no parto pélvico, naturalmente, aparecem primeiro os pés e as nádegas). Tudo o que resta da união original com a mãe é a ligação através do cordão umbilical. Finalmente, esse é cortado, rompendo para sempre o elo biológico — a unidade com o organismo materno.

Quando respiramos pela primeira vez, nossos pulmões e canais respiratórios abrem-se e desdobram-se; o sangue oxigenado, alimentado, e limpo de produtos tóxicos do corpo materno, dirige-se para os pulmões, sistema gastrointestinal e rins. Terminados esses importantes atos de separação física, começamos nossa existência como indivíduos anatomicamente separados.

Quando o equilíbrio fisiológico é estabelecido, a nova situação representa um significativo progresso sobre dois estágios anteriores — a MPB II e a MPB III. Entretanto, comparando como eram as coisas antes que se iniciasse o processo do nascimento (MPB I) algumas condições são piores. As necessidades biológicas, automaticamente satisfeitas enquanto estávamos em completa união com o corpo de nossa mãe, não são mais cuidadas numa base contínua. Durante o período pré-natal, o útero oferecia segurança todo o tempo; depois que nascemos a figura protetora de mãe não está sempre presente. Não somos mais protegidos contra temperaturas extremas, barulhos perturbadores, variações da intensidade da luz e desagradáveis sensações táteis. Nosso bem-estar depende completamente do

tipo de cuidado materno, mas mesmo a melhor das mães não consegue reproduzir as condições de um útero bom.

Morte, renascimento, e o ego

Tal como as outras três matrizes, a pessoa revivendo a matriz número quatro seguidamente entra em contato com detalhes acurados de sua experiência original do nascimento. Sem conhecimento intelectual prévio das circunstâncias de seu nascimento, pode descobrir que nasceu com auxílio de fórceps, ou com o cordão umbilical enrolado em seu pescoço. Pode, seguidamente, reconhecer o tipo de anestesia usado durante o parto. Não é raro que possa reviver, com detalhes, fatos específicos acontecidos após o nascimento. Em muitos casos tivemos a oportunidade de verificar a exatidão de tais relatos.

A MPB IV tem, também, dimensões simbólicas e espirituais diferentes. Psicologicamente, reviver o instante do nascimento toma a forma da experiência morte-renascimento. O sofrimento e a agonia da MPB II e da MPB III culminam, agora, com a “morte do ego”, uma experiência de total aniquilação em todos os níveis — físicos, emocionais, intelectuais e espirituais.

Segundo a psicologia de Freud, o ego é a parte de nós mesmos que nos permite perceber corretamente a realidade externa e desempenhar-nos bem no dia-a-dia. As pessoas que têm esse conceito freqüentemente encaram a morte do ego como evento ameaçador e tremendamente negativo, como a perda da capacidade de gerir-se no mundo. Entretanto, o que realmente morre nesse processo é aquela nossa parte que tem uma visão basicamente paranóica de nós mesmos e do mundo que nos rodeia. Alan Watts chama tal aspecto que envolve um senso de absoluta separação de tudo mais o “ego encapsulado na pele”. É formado pelas percepções internas de nossas vidas, que aprendemos durante a luta no canal de parto, e durante os embates dolorosos e vários após o nascimento.

Nessas primeiras situações, o mundo nos parece hostil, encapsulando-nos, expelindo-nos da única vida que conhecíamos.

mos, causando dor física e emocional. Tais experiências formam em nós um "falso ego" que continua a perceber o mundo como perigoso, levando essa atitude para situações futuras mesmo quando as circunstâncias são radicalmente diferentes. O ego que morre na quarta matriz é identificado com uma compulsão de ser sempre forte, controlador e constantemente preparado para todos os perigos possíveis, mesmo jamais previstos ou puramente imaginários. Isso nos faz sentir que as circunstâncias nunca são corretas, que nada é suficiente, e que temos que buscar muitos projetos grandiosos para provar alguma coisa aos outros e a nós mesmos. Assim, a eliminação do falso ego nos ajuda a desenvolver uma imagem mais realística do mundo, e a organizar estratégias que mais se aproximam daquilo que é mais apropriado e compensatório.

A experiência da morte do ego, marcando a transição entre a MPB III e a MPB IV, é geralmente dramática e catastrófica. Podemos ser bombardeados por imagens do passado e do presente e, avaliando-as, podemos pensar que não fizemos nada certo; que somos absolutos fracassos ao convencer-nos de que somos dignos de dó e incapazes; que nada que pudéssemos pensar ou fazer mudaria nossa desesperada situação. Todo o nosso mundo parece sofrer um colapso e perdemos todos os pontos significativos de referência — realizações pessoais, pessoas queridas, sistemas de apoio, esperanças e sonhos, são vistos como um nada. O caminho para nos libertarmos do desespero e da impotência é visto, por nós, através de uma rendição — aquilo mesmo que nosso ego combate. A experiência de uma total rendição pessoal é um pré-requisito necessário para a conexão com a fonte transpessoal. Alcoólatras e viciados em recuperação, sabem que este é o momento — quando a pessoa admite sua fraqueza completa e descobre então a Força Superior.

Depois que batemos ao fundo, somos subitamente atingidos por visões de um branco ou dourada luz ofuscante de radiação e beleza sobrenaturais. Há uma sensação do espaço expandindo-se à nossa volta, e nos sentimos transbordar com um sentido de libertação, redenção, salvação e perdão. Sentimo-nos purificados como se tivéssemos nos libertado de todo o peso de nossas vidas — culpa, agressão, ansiedade e outras formas de emoções difíceis parecem desaparecer. Sentimos irre-

sistível amor pela pessoa humana, profundo gosto pelo calor do contato humano, solidariedade para com toda a vida, e uma sensação de unidade com a natureza e o universo. A arrogância e a autodefesa tendem a desaparecer à medida que descobrimos a força da humildade, talvez preparando-nos para servir aos outros. Ambição exagerada, luta por riqueza material, status e poder parecem-nos subitamente, infantis, absurdas e inúteis vaidades.

A mitologia da morte e do renascimento

Quando nos confrontamos com a MPB IV como adultos em terapia de regressão, crise psíquica ou meditação intensa, ela não se limita apenas, de modo geral, a reviver os aspectos biológicos e emocionais do nascimento. O tema morte-renascimento inclui muitos outros tipos de experiências que dividem com ele a mesma qualidade de emoções e sensações. Tipicamente, percebemos uma combinação das memórias originais e imagens simbólicas do nascimento; cenas da história humana; identificação com animais diversos; e seqüências mitológicas. Tudo isso pode ser entremeado com memória de eventos posteriores que refletem os paralelos entre a MPB IV e certos tipos de experiências de nossa vida.

O simbolismo espiritual e mitológico associado com a MPB IV é abundante e variado e, como acontece com as outras matrizes, a imagem pode originar-se, virtualmente, de qualquer tradição cultural. A morte do ego pode ser experienciada como um sacrifício à terrificante deusa indiana Kali, ou ao asteca deus-sol, Huitzilopochtli. Alguém pode também sentir-se identificado com um bebê atirado, por sua mãe, às chamas devoradoras da bíblica Moloch, juntamente com outras crianças mortas nesse ritual de imolação. Já mencionei a legendária ave fênix como um antigo símbolo de renascimento. Visões dessa ave mitológica, ou identificação com ela, são freqüentes nos estados não comuns. A pessoa pode também vivenciar renascimento espiritual na união com deidades específicas como, por exemplo, a asteca Quetzalcoatl; a egípcia Osiris; ou Adônis,

Átis e Dionísio, da tradição grega. Identificação com a morte e a ressurreição de Jesus Cristo é uma das mais freqüentes formas experienciais relacionadas à MPB IV, como já foi apresentada na narrativa do início deste capítulo. A felicidade dessa inesperada abertura espiritual, repleta de estonteantes insights, pode ser lembrada como um êxtase prometéico.

Celebrando o mistério da jornada

Uma pessoa que tenha superado os enormes tormentos da segunda e da terceira matriz e esteja alegrando-se com a experiência de renascimento, associada com a quarta matriz, tem geralmente emoções triunfantes. Tais emoções podem ser personificadas por heróicas figuras da mitologia: São Jorge matando o dragão; Teseu derrotando o Minotauro; ou Hércules, recém-nascido, matando as perigosas serpentes constritoras que o atacaram. Muitas pessoas relatam visões de uma luz brilhante, de qualidades sobrenaturais, irradiando divina inteligência ou experienciando Deus, como pura energia espiritual, tudo impregnando. Outras descrevem uma translúcida e celestial neblina azul, um lindo arco-íris ou a ostentação espetacular de intrincadas formas semelhantes a penas de pavão. Podem aparecer imagens da divina epifania, com anjos e outros seres celestes. Há também um tempo adequado para aparecer a Grande Deusa Mãe de diferentes culturas, irradiando amor e proteção, a Virgem Maria, Ísis, Cibele, ou Lakshmi.

Ocasionalmente, o renascimento espiritual pode ser associado com uma forma de experiência muito especial — a união Atman-Brahman, descrita em antigos textos hinduístas. Aqui, a pessoa sente uma profunda conexão com o mais íntimo âmaggo espiritual de seu ser. A ilusão do *eu* individual (*jiva*) desaparece e a pessoa deleita-se na união com seu divino Eu (*Atman*) que é, também, o Eu Universal (*Brahman*), a fonte cósmica de toda a existência. Há um contato direto e imediato com o “Além dentro de si” (*Beyond that is within*), com Deus, e com aquilo a que os upanixades se referem como *Tat tvam asi* (“Tu és isto”). Essa realização da identidade fundamental

da consciência individual com o princípio criador do universo é uma das mais profundas experiências que o ser humano pode ter. O renascimento espiritual, como é experienciado através da MPB IV, pode reabrir o caminho para o êxtase oceânico da MPB I, pelo qual vivenciamos a unidade cósmica.

A união simbólica com a mãe, que tipicamente segue a experiência do renascimento (“seio bom”), aproxima-se muito da serena existência intra-uterina (“útero bom”), alternando-se algumas vezes ou mesmo coexistindo. A experiência da MPB IV pode ser acompanhada por sensação de um fundir-se com o resto do mundo, lembrando assim a experiência da unidade que discutimos no contexto da MPB I. Nesse estado, a realidade que nos rodeia tem uma qualidade numinosa. À medida que nos sentimos unidos com tudo que existe, o apreciar a beleza natural e simples e a vida sem complicações tem precedência sobre a maioria de outros cuidados. A sabedoria de mestres e de sistemas de pensamento — a filosofia de Jean-Jacques Rousseau, Ralph Waldo Emerson, Henry David Thoreau ou os ensinamentos do taoísmo e do zen-budismo — parecem auto-evidentes e indiscutíveis.

Sob as mais ideais circunstâncias, a morte do ego e o renascimento podem ter conseqüências de longo alcance e muitas vezes duradouras. Isso nos livra de posturas paranóides e defensivas em relação ao mundo, o que pode ser resultado de certos aspectos do nosso nascimento e de dolorosas experiências posteriores. É como se nos tivéssemos descartado de filtros e lentes que distorcem e limitam nossa percepção de nós mesmos e do mundo. Com a experiência do renascimento, todos os nossos trilhos sensoriais abrem-se subitamente. Vista, sons, cheiros, paladar e sensações táteis parecem ser inconcebivelmente mais intensos, vívidos e prazerosos. Podemos sentir que estamos realmente vendo o mundo pela primeira vez em nossas vidas. Tudo à nossa volta, mesmo as cenas mais comuns e familiares, parecem invulgarmente excitantes e estimulantes. As pessoas relatam maneiras completamente novas de apreciar e gostar de seus entes queridos; do som da música; das belezas da natureza; e dos infínitos prazeres que o mundo oferece aos nossos sentidos.

Tornam-se cada vez mais importantes, em nossas vidas, forças motivadoras mais fortes como buscar justiça; apreciar

harmonia e beleza e desejar criá-las; ter nova tolerância e respeito pelos outros; e conservar sentimentos de amor. O mais importante é que percebemos tudo isso como expressões diretas, naturais e lógicas de nossa verdadeira natureza e da ordem universal. Tais forças não podem ser explicadas em termos de defesas psicológicas como a "reação formativa" de Freud (parecer amar quando há, na realidade, sentimentos de agressão e ódio), ou a "sublimação" de instintos primitivos (gastar longas horas ajudando outras pessoas como meio de vencer nossas ansiedades sexuais). São interessantes os extraordinários paralelos que existem entre essas novas percepções e aquilo que Abraham Maslow chama de "metavalores" e "metamotivações". Maslow observou mudanças desse tipo, repentinamente, em pessoas que têm experiências místicas ou "de apogeu". Efeitos posteriores positivos dessa espécie são mais intensos durante os dias ou semanas seguintes, logo após rupturas espirituais e tendem a enfraquecer com o tempo. Entretanto, em nível mais sutil deixam a pessoa permanentemente transformada.

O indivíduo que, com sucesso, completou a seqüência morte-renascimento, tem a sensação de profundo relaxamento, calma excitação, serenidade e paz interior. Há, porém, ocasiões em que o processo não se completa e resulta num estágio temporário semelhante à mania. O indivíduo pode então sentir-se sobremaneira excitado, hiperativo e eufórico, a ponto de assemelhar-se a uma penosa caricatura. Por exemplo, depois de uma ruptura incompleta na MPB IV ou um ataque violento de insights cósmicos, algumas pessoas saem proclamando suas revelações em altas vozes, tentando reparti-las indiscriminadamente com os que estão à sua volta. Pode-se vê-las fazendo proselitismo; desejando honrarias especiais; tentando arranjar grandes celebrações; e fazendo planos grandiosos para transformar o mundo.

Isso acontece freqüentemente durante espontâneas crises psicoespirituais em que conhecimento, apoio e lideranças não são acessíveis. Quando a descoberta da própria divindade permanece ligada ao ego do corpo, ela pode tomar a forma de uma ilusão psicótica de grandeza ao invés de um genuíno insight místico. Esse tipo de comportamento mostra que tal pessoa não se conectou completamente com a MPB IV e deve tra-

balhar e integrar elementos problemáticos da MPB III. Depois que esses aspectos residuais negativos da MPB III estiverem completamente resolvidos, o renascimento é experienciado em sua forma pura, como um êxtase calmo, sereno, tranqüilo. Esse estado é completamente satisfatório e auto-suficiente e não requer nenhuma ação imediata no mundo.

Onde o presente liga-se ao passado

Os denominadores comuns ligando memórias de vida posterior com as experiências da MPB IV incluem elementos de vitória importante, sucesso em projetos difíceis e escapadas fortuitas de situações perigosas. Temos visto muitas vezes que, enquanto revivem o momento do nascimento, muitas pessoas experienciam uma lembrança do fim de uma guerra ou revolução, a sobrevivência de um acidente ou a vitória sobre um grande desafio. Em nível diferente, podem também lembrar o fim de um casamento difícil e o início de uma nova relação amorosa. Ocasionalmente, pode ocorrer toda uma série de sucessos posteriores na vida, sob a forma de uma recapitulação condensada.

Um nascimento sem complicações parece ser o fato mais importante para enfrentar difíceis situações posteriores, na vida. Várias complicações, como parto prolongado e debilitante, uso de fórceps ou anestesia profunda, parecem correlacionar-se com problemas específicos no trato de futuros problemas difíceis de todos os tipos. O mesmo acontece quando há parto induzido ou prematuro e operação cesariana.

Em termos freudianos de zonas erógenas, a MPB IV associa-se com prazer e satisfação, após o término da tensão. Assim, no nível oral, o aspecto físico desse estado lembraria o saciamento da fome e da sede ou o alívio sentido pelo vomitar após um problema gástrico. No nível anal e no uretral lembraria a satisfação pelo defecar e urinar, após uma dolorosa retenção. No nível genital esse estado corresponde ao prazer e relaxamento sentidos depois de um bom orgasmo sexual. Para mulheres, seria a libertação orgástica que pode ser experienciada logo após o término do parto.

Outros mundos, outras realidades

A área do inconsciente, que associamos com as quatro matrizes perinatais, representa uma inter-relação entre nossa psique individual e aquilo que Jung chamou de inconsciente coletivo. Como vimos, experiências relativas às diferentes matrizes combinam, seguidas vezes, memórias de vários aspectos do nascimento biológico com seqüências de história da humanidade, mitologia e identificação com variados animais. Esses elementos pertencem ao domínio transpessoal, reino de uma nova cartografia que vai além dos campos biográficos e perinatais. Esta é a área mais controvertida, sendo atualmente estudada na moderna pesquisa da consciência.

As experiências transpessoais desafiam a crença de que a consciência humana é limitada pelo alcance de nossos sentidos e pelo ambiente que encontramos ao nascer. Enquanto a psicologia tradicional crê que nossa experiência e funcionamento mentais resultam da capacidade de nosso cérebro para classificar, dar sentido e estocar informações reunidas por nossos sentidos, os pesquisadores transpessoais mostram a evidência de que, sob certas circunstâncias, temos acesso a fontes de informações virtualmente ilimitadas sobre o universo que pode, ou não, ter complementos no mundo físico. Na próxima seção deste livro exploraremos essa fascinante área.

III

O PARADIGMA TRANSPESSOAL

*A mais bela coisa que podemos sentir é o Mistério.
Ele é a fonte de toda verdadeira arte e ciência.*

Albert Einstein

UMA VISÃO GERAL DO PARADIGMA TRANSPESSOAL

A consciência não pode ser confinada a conceitos egocêntricos de si mesma. A identidade existencial tem utilidade prática para enfrentar a tarefa de viver no mundo tanto quanto a física newtoniana é útil para construir pontes. Entretanto, a identificação exclusiva com o eu existencial, como entidade independente, não faz sentido, tendo em vista estados de consciência que transcendem as limitações comuns de tempo/espaço e operam numa realidade mais bem descrita na linguagem da física subatômica.

— Frances Vaughan, *The Inward Arc*

Para entendermos o campo transpessoal devemos começar encarando a consciência de maneira inteiramente nova. É aqui que começamos a nos libertar da idéia preconcebida de que a consciência é algo criado dentro do cérebro humano e, assim, contida numa caixa representada pela estrutura óssea de nossa cabeça. É aqui que enxergamos além da crença de que a consciência existe apenas como resultado de nossas vidas individuais. Assim que aceitamos o conceito do campo transpessoal, começamos a pensar na consciência como alguma coisa que existe fora e independente de nós mesmos, alguma coisa sem fronteiras materiais. Ao contrário da nossa experiência diária, a consciência é independente de nossos sentidos físicos, ainda que eles intervenham nela na percepção cotidiana da vida.

A consciência transpessoal é infinita, mais do que finita, estendendo-se além dos limites de tempo e espaço. Aprender as completas dimensões do reino transpessoal assemelha-se a um desafio tão grande para nossa mente, quanto se, descansando sob o céu estrelado de uma noite clara, tentássemos saber qual a amplitude e a largura do vasto e insondável espaço onde residem os corpos celestes. Aqui, sob o teto cósmico do

céu noturno, começamos a reconhecer que os limites que percebemos estão em nossa mente, não lá, no imenso e ilimitado universo. E, o que é verdadeiro sobre o espaço exterior para os astrônomos, é igualmente aplicável ao espaço interior da psique humana. É difícil escapar da ilusão de nossas crenças profundamente enraizadas, de que o universo deve ser finito e de que nossa consciência individual é independente de todas as outras, confinada dentro de nosso cérebro. Temos também grande dificuldade em acreditar que a mente e a consciência podem não ser privilégios exclusivos da espécie humana, mas que permeiam toda a natureza, existindo nas formas mais elementares e mais complexas. Mesmo que lutemos, somos incapazes de nos libertar das concepções impostas por nossa cultura e por aquilo que acreditamos ser o senso comum. Entretanto, para manter essas ilusões é preciso ignorarmos um vasto número de observações e informações sobre a moderna pesquisa da consciência, além de uma variedade de outras disciplinas científicas. De todas essas fontes aparece a evidência, fortemente sugestiva, de que o universo e a psique humana não têm fronteiras nem limites. Cada um de nós é uma expressão de tudo o que existe e a isto conectado.

A aceitação da natureza transpessoal da consciência desafia muitos aspectos tradicionais de nossa sociedade, conceitos que afetam todos nós em níveis profundamente pessoais. Se aceitamos essa nova visão da consciência, isso significa aceitarmos, também, que nossa vida não é modelada apenas pelas influências ambientais momentâneas, desde o dia de nosso nascimento, mas, pelo menos de igual importância, modelada por influências ancestrais, culturais, espirituais e cósmicas, muito mais do que percebemos com nosso sentido físico.

Precedentes históricos

Apenas nos últimos vinte anos a consciência transpessoal tem sido reconhecida como objeto para séria investigação científica. Antes, as experiências transpessoais eram discutidas no contexto espiritual, místico, religioso, mágico, ou paranormal. Não

era domínio de cientistas, mas de padres e místicos. Apesar de modernos preconceitos contra a abertura do reino transpessoal para sérias pesquisas, tem havido grande número de pioneiros dedicando sua vida ao estudo da consciência humana. Entre eles, um dos mais francos e capacitados foi o altamente considerado psiquiatra suíço C. G. Jung.

Já perto do fim da vida, Jung disse que todos os seus trabalhos mais amadurecidos surgiram de experiências transpessoais que relatou em *Septem Sermones ad Mortuos* (Sete Sermões aos Mortos), publicado a primeira vez, com limitada edição, em 1916. Neste livro descreveu como quebrou as barreiras da consciência cotidiana para penetrar num mundo que ele, previamente, jamais sonhara existir. Nesse mundo começou a comunicar-se com uma entidade que chamava a si mesma de "Basilides". Quando Jung perguntou-lhe sobre suas origens, Basilides respondeu que tinha vivido em Alexandria, centúrias antes do nascimento de Jung. Foi Basilides quem lhe falou sobre o "pleroma", um conceito transpessoal que reaparece, mais tarde, no conceito junguiano do "inconsciente coletivo".

"O pleroma é tanto o começo quanto o fim dos seres criados. Ele os penetra como, em qualquer lugar, a luz do sol penetra o ar... Nós somos, entretanto, o próprio pleroma, pois somos parte do eterno e do infinito... Mesmo no menor detalhe o pleroma é infinito, eterno e inteiro, uma vez que pequenez e grandeza são qualidades nele contidas. Ele é aquele nada que está em todos os lugares, inteiro e contínuo."

Mas, enquanto Jung aprendia muito por meio de comunicações com seu guia interior Basilides, foi sua associação com a segunda entidade, encontrada no nível transpessoal, que, em última análise, teve uma influência mais profunda em seu trabalho. Essa segunda figura, que chamava a si mesma de Philemon, "figura espírito", supriu Jung com conselhos e orientação durante o resto de sua vida. Na verdade, no fim da vida Jung creditava muito de seu trabalho mais criativo e bem-sucedido à sua associação com Philemon.

Outro precedente no apoio aos níveis transpessoais de experiências pode ser encontrado no trabalho, de toda uma vida, de Abraham Maslow, sobre experiências de apogeu. Ele insistia sobre a necessidade de "despatologizar" a psique, isto é,

encarar o “âmago interior” de nosso ser não como fonte de obscuridade metafísica ou enfermidade, mas como fonte de saúde e nascedouro da criatividade humana. Maslow acreditava que a civilização ocidental obscureceu a importância desse núcleo interior, vendo-o mais como uma superstição do que uma realidade, e tratando-o como fonte maléfica, perigosa e neurótica ou de impulsos psicóticos — alguma coisa que deve ser reprimida ou suprimida.

Através de seu trabalho com pessoas “auto-realizadas” em alto grau, Maslow demonstrou que o potencial completo de alguém pode ser alcançado, não suprimido, mas ao contrário aprendendo a ouvir os sinais do âmago interior. Sua pesquisa mostrou que enquanto as “vozes e impulsos” desse âmago interior (como o Philemon, de Jung) podem ser “fracos, sutis e delicados, facilmente afundados pelo estudo, pela experiência cultural, medo ou desaprovação”, também é verdadeiro que a nossa “Essência autêntica pode ser definida, em parte, por ser capaz de ouvir essas vozes-impulsos dentro de si mesma...”, e também disse: “Nenhuma saúde psicológica é possível a não ser que esse cerne interior e essencial da pessoa seja fundamentalmente aceito, amado e respeitado.”²

Há quase cem anos William James, um dos pioneiros da moderna pesquisa psicológica, refletia sobre o fato de nós mesmos montarmos fronteiras arbitrárias que protegem nossa psique. Como Jung e Maslow, James apelava para que nos abrissemos urgentemente, nós mesmos, às vastas possibilidades inerentes.

A maioria das pessoas vive... num círculo muito restrito de seu ser potencial. Elas *fazem uso* de uma porção muito pequena das possibilidades de sua consciência e dos recursos de sua alma em geral, lembrando um homem que, esquecendo-se de todo o resto de seu corpo, poderia adquirir o hábito de usar e mover apenas seu dedo mínimo.³

Explorando e mapeando o mundo transpessoal

Em nossos estados de consciência comum, ou normal — como os chamamos —, experienciamos nossas vidas apenas como

se estivessem ligadas somente às percepções que adquirimos com os cinco sentidos. Aqui, em estado normal de consciência, definimos a realidade pela vista, sons, texturas, paladar e cheiros do mundo que nos rodeia. Nossa percepção do mundo limita-se também ao momento e à localização presentes. Podemos, naturalmente, lembrar o passado ou fantasiar o que nos pode ocorrer no futuro. Podemos, ainda, estar cientes de várias coisas acontecendo fora do alcance de nossos sentidos. Entretanto, não temos a sensação de estarmos experienciando o passado, o futuro ou eventos remotos; sentimos claramente que esses outros tempos e outros lugares só existem em nossa imaginação. Estamos criando-os como um romancista cria as personagens e a paisagem em sua obra.

Quando entramos no reino da experiência transpessoal, derrubamos as barreiras que acreditávamos completamente reais, em nosso dia-a-dia. Nesse ponto, vários eventos históricos, momentos que pertencem ao futuro e elementos que, normalmente, consideramos além do âmbito da nossa consciência, parecem-nos tão reais e autênticos como qualquer coisa que já tivéssemos experienciado. Não mais podemos assumir que o que agora encontramos é produto de nossa imaginação. Jung observou isso em seus primeiros encontros com seu espírito-guia Philemon, afirmando que era, claramente, o guia e não o próprio Jung, quem falava. Philemon explicara que Jung encarava seus pensamentos como se fossem gerados por ele próprio ao passo que, para Philemon, “pensamentos eram como animais na floresta, ou pessoas numa sala, ou pássaros no ar”. Jung concluiu que Philemon havia lhe ensinado “objetividade psíquica, a realidade da psique”. Isso ajudou Jung a compreender, “que há alguma coisa em mim que pode dizer coisas que não entendo e não pretendo”.

No campo transpessoal experimentamos uma expansão, ou extensão, da consciência além dos limites usuais do nosso corpo e do nosso ego, tanto quanto muito além dos limites físicos de nossa vida diária. Em minhas pesquisas, quanto mais explorei esse campo mais me convenci de que a consciência transpessoal pode incluir o espectro inteiro da própria existência.

Ao penetrar esse novo território, é importante estudar o domínio transpessoal com certo grau de cuidado e, pelo menos,

com alguma apreensão. Nossa apreensão aumenta ao percebermos estar entrando num campo desconhecido. Nosso cuidado resulta do conhecimento de que esse é um empreendimento pioneiro, num terreno não mapeado, e que podem ser necessárias mudanças, à medida que nele avançamos. Quem já penetrou nesse nosso território tem a responsabilidade de explicá-lo a outras pessoas interessadas e encorajá-las a segui-lo. Mapear a consciência humana não é como mapear uma região geográfica, certamente: mas há diretrizes e sinais que devemos assinalar aos outros para que reconheçam onde estão e o que poderão encontrar.

Ao mapear o reino transpessoal, descobri ser útil pensar em termos de seguir três *regiões* experienciais: (1) uma expansão, ou extensão, da consciência *dentro* do conceito comum de tempo e espaço; (2) uma expansão, ou extensão da consciência *além* do conceito comum de tempo e espaço; (3) experiências "psicóides".

Essa lista representa os tipos de experiências transpessoais que tenho presenciado em minhas próprias pesquisas, e que têm sido descritas, repetidamente, por várias e respeitadas autoridades do mesmo campo de trabalho. Discutiremos os diferentes tipos de fenômenos transpessoais separadamente, mas, na prática, ocorrem freqüentemente várias combinações dos mesmos entre si, ou combinando com experiências perinatais e biológicas. Por exemplo, experiências cármicas e figuras de várias deidades arquetípicas seguidamente emergem pela primeira vez em conexão com as matrizes perinatais básicas. Do mesmo modo, experiências embrionárias podem aparecer, combinadas com memórias filogenéticas, com uma experiência de unidade cósmica, ou com visões de várias deidades e demônios.

Nos capítulos seguintes exploraremos as três categorias-chaves dessa lista com maiores detalhes. Iniciaremos pela expansão da consciência dentro do conceito comum de tempo e espaço, tratando, depois, do além-tempo e espaço e, finalmente, das experiências psicóides que encontramos nas margens mais distantes da consciência transpessoal.

VIAGENS ALÉM DOS LIMITES FÍSICOS

Às vezes a psique funciona fora da lei da causalidade espaço-tempo. Isso indica que nossa concepção de espaço e tempo e, portanto, também da causalidade, é incompleta. Uma visão completa do mundo deveria abranger ainda uma outra dimensão adicional...

— C. G. Jung, *Memories, Dreams, Reflections*

Em nossa vida do dia-a-dia, muitos de nós pensam que o mundo em que vivemos é feito de corpos físicos altamente individualizados — alguns animados, outros inanimados — e cada um deles tendo seus limites próprios e fixos. Todos os nossos sentidos — vista, audição, olfato, paladar e tato — parecem nos dizer que somos, pelo menos fisicamente, separados de tudo que conhecemos. Há uma diferença entre nós mesmos e outras pessoas, entre nós e o universo, parecendo indicar que cada um de nós é soberano, autônomo e único. Entretanto, há poucos anos atrás, pesquisas sobre a consciência começaram a mostrar-nos que nossos limites físicos podem ser muito mais ilusórios que reais. Tal como a miragem proverbial de uma enganosa fonte borbulhante avistada por um viajante no deserto, os limites que percebemos, entre nós mesmos e o resto do universo, podem ser entendidos como produtos de nossa mente.

Nos mais distantes alcances de pesquisa da consciência humana, descobrimos que a ciência levou-nos a uma visão de nossa vida bastante parecida com aquela descrita pelos mais antigos sábios das culturas antigas e orientais. Sri Aurobindo nos diz:

"Devemos encarar todos os acontecimentos como desenvolvimentos da movimentação em nosso verdadeiro eu, e esse eu como algo habitando todos os corpos, não apenas nosso próprio

corpo. Devemos ser conscientes, em nossa relação com o mundo, daquilo que somos realmente — esse eu tornando-se tudo o que observamos. Todo o movimento, todas as energias, todas as formas, todos os acontecimentos, devem ser vistos por nós como aqueles de nosso mesmo eu real em muitas existências.”

De maneira semelhante percebemos o tema acima, refletido nas palavras de Albert Einstein:

“O ser humano é uma parte de um todo, chamado por nós de ‘Universo’ — uma parte limitada no tempo e no espaço. Ele experiencia a si próprio, seus pensamentos e sensações como coisas separadas do resto — uma espécie de ilusão ótica da consciência.”

Há poucas pessoas que jamais experienciaram, sob certas circunstâncias, a extensão de seus limites diários. Nesses momentos, nossas ilusões de separação desaparecem, como os últimos raios do sol ao findar o dia. Em fugazes momentos desse arrebol, achamo-nos incorporados com outras pessoas, identificados com o modo com que elas experienciam o mundo. Ou, então, nos vemos afinados com a consciência de um grupo inteiro de pessoas, identificados com as tristezas ou alegrias de toda uma sociedade ou raça, ou com toda a humanidade. Numa disposição semelhante, podemos nos perder na natureza, talvez numa caminhada pelas montanhas ou na espessura de uma floresta de sequóias. Então, ultrapassamos os limites de nossa existência exclusivamente humana para, ativamente, experienciar a vida das plantas, dos animais e, mesmo, de processos ou objetos inorgânicos. O trecho seguinte, da peça de Eugene O’Neill, *Long Day’s Journey into Night*, é um belo exemplo de um estado transpessoal que transcende os limites comuns da experiência humana:

“Estou deitado no barco, olhando para a popa, com água espumando debaixo de mim, os mastros com cada vela branca ao luar dominando-me do alto. Embriaguei-me com tal beleza e ritmo cantante e, por um momento, me perdi — na verdade perdi minha vida. Estava livre! Dissolvi-me no mar, tornei-me brancas velas e gotas d’água voando, tornei-me beleza e ritmo, tornei-me luar e o barco e o alto céu ofuscante. Eu pertencia, sem passado ou futuro, em paz e unidade e selvagem alegria,

a algo maior que minha própria vida ou que a Vida do Homem, pertencia à própria Vida. Ou pertencia a Deus, se quiseres entender assim... tal como o véu das coisas que parece escondê-las com mão invisível. Por um segundo, há sentido.”

Em estados alterados da consciência, esta nova percepção do mundo torna-se dominante e empolgante. Ela sobrepuja completamente a ilusão cotidiana da realidade newtoniana, onde nos assemelhamos a “egos encapsulados na pele”, existindo num mundo de seres e objetos separados. Em formas extremas de percepção transpessoal, podemos nos experienciar como a biosfera inteira de nosso planeta ou todo o universo material.

Identificação com outras pessoas

Talvez a nossa experiência transpessoal mais familiar aconteça em nosso relacionamento com as pessoas que nos são mais chegadas. Ao fazer amor ou dividir outros momentos de êxtase, parecem voar as demarcações entre *você* e *eu*. De repente percebemos que a consciência é completamente separada de nossos corpos. Nossas duas mentes misturam-se, tornando-se uma só, desafiando os limites físicos de que, normalmente, estamos muito seguros. Enquanto isso acontece, podemos também nos sentir unidos à fonte criativa da qual procedemos e da qual somos, cada um de nós, uma parte.

A forma de conexão transpessoal que sentimos com outra pessoa pode-se chamar de “unidade dual”. Tais experiências podem ocorrer durante e prática de exercícios espirituais, particularmente o ioga tântrico; durante períodos de grande choque emocional ou alegria extraordinária, como a morte de um ente querido, o nascimento de uma criança; ou depois da ingestão de substâncias psicoativas. São também comuns entre a mãe e o feto, ou o bebê, durante a gravidez ou amamentação. Em experiências de unidade dual temos uma sensação de completa fusão e nos tornamos uma só pessoa, ainda que mantenhamos o sentido de nossa própria identidade.

Em situações clínicas, testemunhei várias formas dessa unidade dual, literalmente centenas de vezes. Um exemplo particularmente interessante aconteceu com uma cliente minha, Jenna, que experienciou uma fusão com sua mãe enquanto revivia os períodos intra-uterinos e de aleitamento de sua vida.

Durante a sessão Jenna enroscou-se numa posição fetal, característica de pessoa que se encontra em profundo estado de regressão. Cada ruga de sua face pareceu desaparecer e seu comportamento assemelhava-se ao de um pequenino bebê. Num voz fraquinha, descreveu como, agora, sentia-se perto de sua mãe. Tinha uma maravilhosa sensação de ter-se tornado realmente parte dela, fundindo-se com ela até não haver diferença entre as sensações de ambas. Percebia que podia alternar entre as duas, sentindo-se, ao mesmo tempo, ela própria e sua mãe. Algumas vezes ela era um feto no útero, outras, um bebê alimentando-se no seio materno. Então podia inverter os papéis tornando-se sua mãe, grávida e alimentadora. Podia experienciar ser ambas, sua mãe e ela mesma como um bebê, simultaneamente, como se as duas fossem um único e contínuo organismo ou uma única mente.

Nesse ponto, quando ela experienciava essa unidade dual, simbioticamente fundindo-se com sua mãe, abriu os olhos. Quando me viu pareceu muito surpresa. Disse que estava certa de poder ler meus pensamentos e sabia o que eu estava sentindo, como se todas as fronteiras que nos separavam tivessem desaparecido. Quando ela realmente descreveu meus pensamentos, provou estar completamente certa.²

Isso foi, incidentalmente, um momento de abertura para Jenna. À medida que experienciava unidade dual com sua mãe, e depois comigo, ganhou uma nova perspectiva sobre sua vida anterior, permitindo a si mesma estabelecer um nível mais profundo de confiança e comunicação comigo. Seguidamente essa experiência de unidade dual pode auxiliar-nos a estabelecer compreensão e confiança mais profundas voltadas para a família e para os entes amados. É seguro especular-se, então, que esse aspecto da consciência humana pode ser a base para o que chamamos de empatia.

Estreitamente relacionada com a experiência dual é a completa *identificação com outra pessoa*. Isso ocorre quando nos identificamos de tal maneira com outra pessoa que perdemos

nosso senso de identidade e nos tornamos essa outra pessoa. Um exemplo vivo desse tipo de identificação aconteceu com minha mulher, Christina, quando vivíamos no Esalen Instituto, em Big Sur.

Nessa época Christina estava em repouso, na cama, recuperando-se de uma infecção virótica. Um de nossos amigos, também morador de Esalen, era o antropólogo e cientista geral Gregory Bateson. Durante uma operação exploratória, os cirurgiões descobriram um tumor maligno em seus pulmões, do tamanho de um grapefruit (toronja). Os médicos disseram-lhe que era inoperável e que ele teria só mais quatro semanas de vida. Enquanto viveu em Esalen, recebeu muitos tratamentos alternativos e, na realidade, viveu dois anos e meio além do que os médicos haviam previsto. Durante esse tempo, Christina e eu convivemos muito com Gregory e sua família e nos tornamos grandes amigos.

Naquela manhã específica, quando Christina ainda estava na cama, teve uma sensação irresistível de que estava tornando-se Gregory. Sentia-se com seu corpo gigantesco, suas mãos enormes, seus pensamentos e seu firme temperamento britânico. Sentia-se ligada à dor que ele sofria por causa do câncer e, de algum modo, percebeu, com cada célula de seu corpo, que ele estava morrendo. Isso surpreendeu-a por não refletir seu conhecimento consciente da situação em que ele se encontrava.

Mais tarde, no mesmo dia, Christina viu nosso amigo Dr. Carl Simonton, que estava visitando Esalen. Carl tinha estado, de manhã, assistindo Gregory, usando um método de visualização que havia desenvolvido em conjunto com seu trabalho de oncologista e radiologista. Carl contou a Christina o que havia transpirado em sua sessão com Gregory naquela manhã. No meio da sessão, Gregory, subitamente, anunciou: "Não quero mais fazer isto. Quero morrer!" Imediatamente chamaram Lois, mulher de Gregory, e começaram a conversar sobre morrer, em lugar de lutar contra o câncer. O tempo decorrido nesse episódio coincidiu exatamente com a experiência de Christina em sua identificação com Gregory.

A identificação de fronteiras individuais pode estender-se muito além e envolver todo um grupo de pessoas que têm alguma coisa em comum: podem pertencer à mesma raça, na-

cionalidade ou cultura, ter a mesma crença, a mesma experiência profissional, ou a mesma categoria. Formas momentâneas e superficiais de tal *identificação com a mente de um grupo* podem ocorrer sem profundas ou duradouras modificações na mente. Por exemplo, pessoas que visitam Auschwitz — onde milhões de judeus foram torturados e assassinados — frequentemente experienciam uma forte sensação de compartilhar o terror, a aflição, a cruel privação sofridas pelos prisioneiros que ali morreram. Do mesmo modo, as pessoas que visitam o Memorial da Guerra do Vietnam, em Washington, D. C., sentem-se participando, ainda que por um minuto, dos sofrimentos de todos aqueles jovens homens e mulheres que morreram na guerra.

Em estados não-ordinários de consciência, experiências transpessoais como essas podem ser muito profundas, vivas e descritivas, durando apenas segundos, ou horas. É possível, por exemplo, a pessoa sentir-se todas as mães do mundo que perderam seus filhos em guerras; todos os soldados que morreram em campos de batalha; ou todos os fugitivos e proscritos da história da humanidade. É difícil acreditar, mas pessoas que nunca passaram por experiências tão dolorosas como as relatadas acima podem, sob tais circunstâncias, ter uma absolutamente convincente sensação de se tornarem todos aqueles indivíduos, ao mesmo tempo. A pessoa transforma-se numa consciência única que contém centenas ou, mesmo, milhões de indivíduos.

Experiências visionárias desse tipo podem ser encontradas e descritas, muitíssimas vezes, em sagradas escrituras e literaturas místicas de todas as épocas. Entretanto, tais experiências não são privilégio exclusivo das grandes figuras da história das religiões. Também não são, como os céticos às vezes alegam, invenções fantasiosas de astutos sacerdotes planejando manipular multidões ingênuas. Uma das mais surpreendentes revelações da moderna pesquisa da consciência é a descoberta que, sob certas circunstâncias, tais extraordinários estados da mente e experiências visionárias podem ser, virtualmente, vividas por cada um de nós. Elas nos são proporcionadas pelos potenciais transpessoais da consciência humana.

Apresentamos agora um exemplo, contemporâneo, de uma experiência visionária vivida por um professor de saúde mental

que visitou as antigas ruínas maias de Palenque, no México. Esse relato, um tanto longo, envolve também transcendência de tempo e apresenta a explicação de um encontro com arquetípicas entidades, sobre o que ainda não falamos. Entretanto, deixo intacto esse relato porque é um comovente exemplo dos tipos de capacidades visuais de que dispomos através da consciência transpessoal.

“Achei incrivelmente difícil relacionar-me, como simples turista apreciador, com as ruínas que me rodeavam. Senti ondas de profunda ansiedade penetrando meu inteiro ser, e um senso de opressão quase metafísico. Meu campo de percepção tornava-se mais e mais escuro, e comecei a notar que os objetos à minha volta eram dotados de impressionante energia e começavam a mover-se de modo ameaçador.

Percebi que Palenque era um lugar onde tinha havido milhares de sacrifícios humanos. Senti que todo o sofrimento, de tantos anos, de alguma maneira ainda flutuava à volta como pesadas nuvens. Percebi a presença de coléricas deidades sedentas por sangue. Obviamente, ansiavam por mais sacrifícios e pareciam ter assumido que eu seria sua próxima vítima para um sacrifício. Mesmo convencido de meus sentimentos, tive suficientes insights críticos para perceber que tudo isso era uma experiência simbólica interior, e que minha vida não estava realmente em perigo.

Fechei os olhos para descobrir o que estava acontecendo dentro de minha psique. De repente, pareceu-me que a História tornou-se viva novamente: vi Palenque como uma florescente cidade no auge de sua glória, e não como uma ruína. Presenciei um sacrifício ritual com incríveis detalhes, mas eu não era um simples observador: era também a vítima sacrificável. Isso foi imediatamente seguido por uma cena similar, e mais outras. À medida que eu tinha surpreendentes insights sobre a religião pré-colombiana e o papel do sacrifício que lhe era inerente, minhas fronteiras individuais pareciam ter sumido completamente e senti aumentar, cada vez mais, minha fusão com todos os que haviam morrido em Palenque, durante séculos, com tal intensidade que tornei-me eles.

Experienciei-me como um imenso poço de emoções que eles haviam sentido e que continha todo um spectrum de sentimentos: pesar pela perda de uma vida jovem; antecipação ansiosa; estranha ambivalência a respeito de seus executores mas, também, uma peculiar rendição a seus destinos e, mesmo, excitação e curiosa expectativa sobre o que estava por acontecer.

Tive um forte pressentimento de que a preparação para o ritual envolvia a administração de algumas drogas alteradoras da mente que elevavam a experiência para outro nível."

Ele estava fascinado pela dimensão da experiência e pela riqueza dos insights a ela vinculadas. Subiu a colina e deitou-se ao lado do Templo do Sol para concentrar-se melhor no que estava acontecendo. Cenas do passado continuavam bombardeando sua mente com força extraordinária. Sua fascinação foi rapidamente substituída por um profundo medo metafísico. Pareceu-lhe receber uma mensagem, clara e alta: "Você não está aqui como turista bisbilhotando a História, mas como uma vítima para ser sacrificada, como todas as outras que sacrificamos no passado. Você não sairá vivo daqui." Ele sentiu a presença poderosa de deidades demandando sacrifícios, e até as paredes do templo pareciam sedentas de mais sangue. Ele continua:

"Eu já havia experienciado, antes, estados alterados de consciência em sessões psicodélicas. Sabia, portanto, que nessas experiências o pior medo não reflete objetivamente a existência de perigo e que, normalmente, o medo desaparece assim que a consciência volta ao estado normal. Apesar da experiência estar sendo muito convincente, tentei acreditar que ela era apenas 'uma outra entre as outras'. Porém, a sensação de uma catástrofe iminente tornou-se cada vez mais real. Abri os olhos, e um terrível pânico tomou conta de todo o meu ser. O meu corpo achava-se coberto de gigantescas formigas e em minha pele centenas de bolhas vermelhas começavam a pipocar. Isto tudo não estava localizado tão-somente em minha mente, mas acontecia de fato.

Eu me dei conta de que esta complicação inesperada me trazia um elemento que antes me havia faltado, e que fazia os meus temores parecerem totalmente convincentes. Eu antes não havia acreditado de que uma experiência destas pudesse me matar, mas agora começava a ter dúvida a respeito. Eu não sabia o que uma grande quantidade de toxina, proveniente de gigantescas formigas mexicanas desconhecidas para mim, poderia provocar em uma pessoa num estado alterado de consciência. Decidi fugir, escapar das ruínas, afastar-me da influência daquelas deidades. Entretanto, o tempo parecia ter ficado quase imóvel, a ponto de parar, e todo o meu corpo tornou-se enormemente pesado, como se fosse feito de chumbo.

Tentei, desesperadamente, correr tão rápido quanto podia, mas minha corrida parecia um filme em câmara lenta. Senti-me como se tivesse sido apanhado pela alavanca de um trator, enquanto as deidades e paredes das ruínas seguravam-me firmemente, mantendo-me sob sua magia. Enquanto isto acontecia, imagens de toda a história de Palenque ainda flutuavam em minha mente. Eu conseguia ver o estacionamento cheio de carros, separado de ruínas por uma pesada corrente. Este era o atributo racional do mundo de minha realidade cotidiana. Concentrei toda a minha mente no esforço de me dirigir até lá, sentindo que isto, de algum modo, salvaria minha vida. Nesse momento, consegui ver aquelas correntes como uma fronteira onde terminava a influência do mundo mágico dos deuses antigos. Nosso mundo atual não conquistou e destruiu os impérios fundados nas crenças de míticas realidades?"

Suas expectativas deram certo. Depois do que lhe pareceu uma eternidade, e com muito esforço, ele chegou ao estacionamento. Nesse instante, foi como se um grande peso — físico, psicológico e espiritual — tivesse sido retirado de seu ser. Sentiu-se leve, extático, renascido, vibrando com exuberante energia vital. Suas sensações claras, libertas; o glorioso pôr-do-sol em seu retorno de Palenque; o jantar num pequeno restaurante de Villahermosa, de onde percebia o pulsar da vida nas ruas; o sabor dos sucos de fruta nas lancherias locais — tudo tornou-se, para ele, uma arrebatadora experiência. Entretanto, passou parte da noite tomando chuveiradas frias para aliviar a dor e a coceira das inúmeras picadas de formigas.

Muitos anos depois, um antropólogo seu amigo que havia estudado extensivamente a cultura maia, contou-lhe que as formigas tiveram um papel muito importante na mitologia maia e eram profundamente ligadas às deusas da terra e ao processo do renascimento.

A forma extrema de consciência grupal é a *identificação com toda a humanidade*, em que parece não haver limites no campo experiencial das espécies humanas. Na literatura antiga há muitos exemplos disso, como a experiência de Cristo no Jardim do Getsêmani. Usarei entretanto outro exemplo, originado pelo mundo da moderna tecnologia: uma experiência transpessoal relatada por Rusty Schweickart sobre o vôo da

Apollo 9, cuja missão era testar o módulo lunar para futuro pouso na lua.

Quando sua nave espacial estava em órbita, cruzando limites geográficos e políticos com tremenda velocidade, Rusty sentiu uma crescente dificuldade para identificar-se como pertencendo a qualquer nação específica. Viu o Mediterrâneo, bem abaixo dele, e refletiu que esse berço da civilização representou, durante séculos, todo o mundo conhecido. Deu-se conta de que a superfície desse azul, verde e branco, que ele circundava a cada hora e meia, apresentava tudo aquilo que tinha algum significado para ele — história, música, arte, guerra, morte, amor, lágrimas, jogos e alegria. Sua mente estava sofrendo uma profunda transformação.

“Quando você circunda a terra em uma hora e meia, começa a reconhecer que sua identidade mistura-se a tudo. Isso provoca uma mudança. Você olha para baixo e não consegue imaginar quantos limites e fronteiras você cruza... Centenas de pessoas matando-se umas às outras por causa de alguma linha imaginária que você não conhece e nem vê. De onde você está, o planeta é um todo, e tão belo que você gostaria de tomar cada indivíduo pela mão e dizer: ‘Olhe para ele desta perspectiva. Olhe para o que é importante!’”

Durante seu trajeto pelo espaço, essas revelações explodiram subitamente numa experiência mística profunda. A câmera desenhada para documentar suas atividades estava funcionando mal e, por muitos minutos, ele nada tinha a fazer a não ser flutuar no espaço, permitindo que o espetáculo da terra, do cosmos, de toda a existência, bombardeasse sua mente. Rapidamente, percebeu ser impossível manter seus limites individuais e, em lugar disso, identificou-se com o todo da humanidade.

“Você pensa no que está vivenciando e por quê. Você merece isto, esta experiência fantástica? Você ganhou isto de alguma maneira? Você foi selecionado para ser tocado por Deus, para ter alguma experiência especial que outros homens não podem ter? Você sabe que a resposta é não, você nada fez para merecer isto. Não é uma coisa especial para você. Você sabe muito bem, naquele momento — e lhe vem à mente poderosamente —, que você é o elemento sensório para o homem.

Você olha para baixo e vê a superfície do globo onde você viveu todo esse tempo e você conhece todas as pessoas lá embaixo. Eles são semelhantes a você, eles são você, você os representa. Você está lá como elemento sensório, aquele ponto lá fora no fim... De algum modo você reconhece que você é uma peça dessa vida toda, e você está lá fora na vanguarda e deve trazer isso de volta.

Isso torna-se uma responsabilidade muito especial e lhe diz alguma coisa sobre seu relacionamento com o que chamamos vida. Isso é uma mudança, isso é alguma coisa nova e, quando você volta, isso faz uma diferença naquele mundo. Há uma diferença no relacionamento entre você e aquele planeta e entre você e aquelas outras formas de vida no planeta porque você teve esse tipo de experiência e ela é tão preciosa.”¹⁴

Desde sua volta da missão Apollo 9, Rusty tem dedicado muito de sua vida a levar sua visão a outras pessoas, dividindo com elas a transformação de sua mente. Permanece vitalmente interessado e altamente motivado em trazer paz e harmonia ecológica para nosso planeta Terra e para a humanidade, com a qual tornou-se tão profundamente identificado.

Transpondo os abismos entre as espécies

No reino transpessoal, torna-se possível haver insights experimentais nas sensações de um puma seguindo o rastro de sua presa em um rochoso desfiladeiro; nos impulsos primitivos de um réptil gigante ao encontrar um membro do sexo oposto; ou no poderoso vôo de uma águia. Há relatos de pessoas que, após a identificação com animais, obtiveram profundo conhecimento orgânico de energias completamente estranhas ao homem, tais como o sentimento que impele a enguia ou o salmão vermelho em seu heróico trajeto contra a corrente, o instinto estrutural da aranha tecendo sua teia; ou a experiência misteriosa de metamorfose de uma mariposa: de ovo para lagarta, de crisálida para borboleta.

Nossa experiência transpessoal de penetrar a consciência de animais pode ser extremamente convincente. Isso pode in-

cluir sensações de adotarmos a imagem dos seus corpos ou estarmos sentindo sensações e impulsos instintivos, próprios da percepção dos animais em seus ambientes nativos. A natureza e os traços específicos dessas experiências seguidamente transcendem o alcance da fantasia e da imaginação humanas.

Em Bruxelas, uma mulher belga, assistindo ao nosso workshop de respiração holotrópica, teve a experiência que relata abaixo. Ela teve alguns notáveis insights sobre o comportamento de baleias, a respeito de que não havia lido nem ouvido falar.

“Após uma poderosa seqüência de estar nascendo e, triunfante, surgir para a luz, as coisas começaram a se acalmar. Senti-me mais e mais pacífica e calma, e minha experiência parecia adquirir incrível profundidade e amplitude. Veio-me uma sensação progressiva de que minha consciência tinha uma qualidade distintamente oceânica, até o momento em que percebi ter, na realidade, me tornado naquilo que, melhor descrito, é chamado de consciência do oceano. Percebi a presença de muitos enormes corpos e certifiquei-me que era um cardume de baleias.

A certa altura senti uma corrente fria de ar envolvendo minha cabeça e um gosto de água salgada na boca. Minha mente foi perceptivelmente tomada por uma variedade de sensações e sentimentos estranhos e, sem dúvida, não humanos. A imagem de um novo e gigantesco corpo começou a formar-se, a partir da conexão primordial com os outros grandes corpos à minha volta, e percebi que me havia tornado um deles. Senti, em minhas entranhas, a forma de uma nova vida e percebi que era meu bebê. Em minha mente, não havia dúvida de que eu era uma baleia-fêmea prenhe.

Aconteceu, então, outra etapa do processo de nascimento. Agora, porém, tinha uma qualidade diferente de nascimentos anteriores. Tinha proporções gargantuanas como se o oceano estivesse levantando-se de sua profundidade mas, ao mesmo tempo, era surpreendentemente fácil e natural. Senti minha genitália de um modo mais íntimo, com todas as nuances relativas ao nascimento, e associadas com um conhecimento profundo e visceral de como é o parto das baleias. O que me surpreendeu mais foi o modo com que usam a água para expelir o filhote, sugando-a pela genitália e, depois, trabalhando com a pressão hidráulica. Pareceu-me significativo que, ao nascer, aparecia primeiro a cauda do filhote.”¹⁵

Descrevi a experiência dessa mulher num workshop que apresentamos, bem mais tarde, na Califórnia. Um membro do grupo era um biólogo marinho que explicou como as baleias pariam seus filhotes e confirmou, totalmente, a acuidade dos insights da jovem belga. Esta é apenas uma confirmação entre centenas delas, de extraordinários insights que as pessoas recebem quando se acham em estados alterados. Surpreendi-me muitas vezes com a voracidade desses insights que, seguidamente, envolvem informações altamente específicas e detalhadas, mesmo que as pessoas não tivessem conhecimento, interesse ou experiências prévias sobre o assunto.

Outra experiência da consciência animal que vem à mente é a de um homem engajado, por muitos anos, numa séria auto-exploração. Ele descreveu como havia experienciado ser uma águia. Subia numa corrente de ar mudando, com perícia, a posição de suas asas. Seu olhar esquadrinhava a área abaixo dele notando que tudo, na terra, parecia aumentado como se fosse visto através de um binóculo potente, permitindo-lhe reconhecer os menores detalhes. Quando percebia algo se movimentando era como se seus olhos congelassem e se aproximassem como uma lente zoom. Descreveu sua nova habilidade visual como conseguir ver através de um túnel, através de um tubo estreito e comprido. Disse ele: “A sensação dessa experiência que representa acuradamente o mecanismo da visão das aves predatórias — coisa em que nunca pensei e que nunca me interessou — foi tão convincente e empolgante que decidi ir a uma biblioteca para estudar a anatomia e a fisiologia do sistema ótico das águias.”

Experiências da consciência do animal não se limitam a suas espécies mais evoluídas como primatas, cetáceos, pássaros e répteis. Podem chegar ao nível de insetos, vermes, lesmas ou mesmo celenterados. Essas experiências envolvendo formas mais rudimentares de vida podem, também, apresentar espantosos novos insights e informações. Lembro-me especialmente de uma sessão de respiração holotrópica em que um homem identificou-se com uma larva e experienciou, em nível muito primitivo, como ela via o mundo, movia-se, e alimentava-se de folhas.

A experiência culminou com a formação de um casulo e um estado específico de consciência, associado a essa etapa

do ciclo vital da larva. A pessoa em questão presenciou, então, o milagre da metamorfose, num nível subcelular de seu próprio corpo. Comentou, depois, sua surpresa ao descobrir que o processo da metamorfose envolve completa desintegração do corpo da larva dentro do casulo para, então, emergir desse limo amorfo sob uma forma completamente nova: a borboleta. Após sair do casulo, o homem experienciou o processo de abrir e secar suas asas úmidas e encolhidas, acontecendo então o triunfo de seu primeiro vôo.

Esse homem não tinha conhecimento prévio do processo da metamorfose, pelo qual o corpo da larva é completamente dissolvido e liquefeito pelas enzimas proteolíticas do casulo. Não tinha prévio interesse em entomologia ou biologia; foi sua experiência transpessoal que o alertou para um dos grandes mistérios da natureza: os campos morfogenéticos que fornecem um gabarito energético para originar a forma da borboleta, a partir do ciclo liquefeito da larva.

Nosso potencial para transitar pela mente de outras espécies não se limita à mente de animais. Não importa quão fantástico e absurdo possa parecer a pesquisadores tradicionais, e não importa quanto isso possa alargar os limites do senso comum, pois não é possível descartar completamente relatos de pessoas que reivindicam ter experienciado a *consciência de plantas e de processos botânicos*. Durante anos tenho observado centenas de tais experiências, e eu mesmo passei por muitas desse tipo. Isso torna-me possível reconhecer sua surpreendente autenticidade e quanto nos oferecem em termos de auxílio para desvendarmos os mistérios alquimistas do reino botânico.

Experiências sobre consciência das plantas cobrem um vasto campo, desde bactérias; plâncton oceânico e fungos; até dióneias, orquídeas e sequóias. Essas experiências podem apresentar interessantes insights sobre processos de fotossíntese; polinização; função da *auxina*, hormônio do crescimento; substituição de água e minerais no sistema de raízes; e muitas outras funções fisiológicas de várias plantas. Para ilustrar esse tipo de experiência, escolhi uma descrição de identificação com uma sequóia, relatada por uma pessoa durante uma sessão holotrópica. Essa árvore maravilhosa, devo acrescentar, aparece muitas vezes em estados não-ordinários de consciência, e sua

presença jamais falha na evocação de especulações metafísicas e filosóficas.

“Eu nunca tinha considerado seriamente a possibilidade de haver alguma coisa como consciência de planta. Havia lido sobre experimentos a respeito da ‘vida secreta das plantas’ e de como a mente do plantador pode influir na colheita. Sempre considerei essas coisas como uma dessas historinhas da Nova Era. Mas, ali estava eu, completamente transformado numa sequóia gigantesca. Estava absolutamente claro para mim que o que estava experienciando ocorre realmente na natureza, que eu estava descobrindo, agora, dimensões do cosmos normalmente desconhecidas de nosso sentido e inteligência.

O nível mais superficial de minha experiência parecia bastante físico e envolvia coisas descritas pelos cientistas ocidentais mas, para mim, pareciam apresentar um novo ângulo: processos mentais guiados por inteligência cósmica, ao invés de acontecimentos mecânicos na matéria orgânica ou inconsciente. Meu corpo tinha realmente a forma de sequóia, ele *era* a sequóia. Podia sentir a seiva circulando, através de um intrincado sistema de vasos capilares sob minha casca. Minha mente seguia o fluxo até os galhos e espinhos mais finos, e testemunhou o mistério da comunhão da vida com o sol — a fotossíntese. Meu conhecimento chegou ao sistema de raízes. Mesmo a permuta de água e alimento, tirados da terra, não era um processo mecânico, mas consciente e inteligente.

Entretanto, a experiência tinha níveis mais profundos, místicos, e essas dimensões entrelaçavam-se com os aspectos físicos da natureza. Assim, a fotossíntese não era somente um espantoso processo alquímico; era um contacto direto com Deus, que se manifestava através dos raios do sol. Os processos naturais, como chuva, vento e fogo, tinham dimensões místicas e eu os encarava facilmente como deidades tal como o fazia a maioria das culturas aborígenes.”

É interessante notar aqui que, enquanto tal pessoa identificava-se com a consciência da árvore, ao mesmo tempo percebia os relacionamentos e os seres associados unicamente àquela consciência.

“Eu tinha uma relação de amor e ódio com o fogo, meu auxiliar e inimigo, que abria as vagens de sementes, tanto para fazê-las germinar, quanto para queimar outras vegetações no solo

da floresta, o que poderia competir com meu novo crescimento. A própria terra era uma deusa, a Grande Mãe, a Mãe Natureza, e seu solo era permeado por seres semelhantes a gnomos, criaturas elementais e que se pareciam com fadas. A filosofia da comunidade Findhorn, na Escócia, em que essas entidades fazem parte de um sistema de crença, não me parecia estranha ou alienígena.

O nível mais profundo da experiência era puramente espiritual. A consciência da sequóia era um estado de profunda meditação. Eu sentia rara tranquilidade e serenidade como se fosse uma quieta, impassível, testemunha dos séculos. A certa altura, minha imagem da sequóia fundiu-se com uma gigantesca figura do Buda em profunda meditação, enquanto a insensatez do mundo passava à minha volta. Lembrei-me dos cortes transversais nos troncos de imensas árvores que eu havia visto no Sequoia National Park. Na mandala, feita de quase quatro mil anéis anuais, no corte do tronco diversos espaços de tempo alcançam a superfície; apresentam referências como "Revolução Francesa" ou "Colombo descobre a América" e, a meio caminho do centro, marcam o ano da crucificação de Cristo. Toda a agitação da história mundial significa muito pouco para um ser que tinha alcançado esse estado de consciência."⁶

Para as pessoas que experienciam a consciência das plantas, é muito comum a sensação de forte dimensão espiritual. Seguindo tais experiências, comentam muitas vezes que encararam as plantas como modelos de vida, exemplos altamente espirituais de como viver nesse mundo. Ao contrário do homem, a maioria das plantas jamais mata ou tem vida predatória. As plantas vivem daquilo que recebem da natureza — alimentadas pelo solo, irrigadas pelas chuvas, e em contato direto com o sol, força que dá vida a este planeta e expressão mais próxima da criativa energia cósmica. Além de não matarem, ferirem ou explorarem outras coisas vivas, as plantas servem de alimento para muitas delas. Para o homem, fornecem material de construção, vestimenta, papel e ferramenta, além de supri-lo com combustível, remédio e beleza.

O relato de estados não-ordinários, como o citado acima, fazem-nos refletir como a nossa capacidade de identificação com a consciência das plantas contribuiu, sem a menor dúvida, para o fato de muitas culturas considerarem sagradas certas plantas. Em muitas culturas americanas nativas o milho

e outros grãos eram reverenciados como deuses. Para os habitantes de Pueblo, no sudoeste dos Estados Unidos, por exemplo, o Deus Milho, o Sustentáculo da Vida, era exaltado como uma deidade da maior importância. De modo semelhante, na Índia a figueira-brava é considerada sagrada, e muitos santos importantes pretensamente encontraram a iluminação enquanto meditavam sob sua fronde. O nenúfar, ou lótus, tem sido um importante símbolo espiritual no Egito, na Índia, na Mesopotâmia e na América Central, enquanto para os druidas a erva-de-passarinho era a planta sagrada. É bastante lógico que as plantas com propriedades psicodélicas, que oferecem acesso direto a experiências transpessoais como certos cogumelos e o peiote ou *yage*, tenham sido incorporadas às religiões de muitas culturas e sejam consideradas como deidades, como a "carne dos deuses".

Experienciando a consciência da biosfera

Em alguns raros exemplos, pessoas podem experienciar uma percepção que engloba toda a vida em nosso planeta: toda a humanidade e o inteiro mundo da fauna e da flora, desde o vírus até os maiores animais e plantas. Ao invés de se identificarem com uma única planta ou espécie animal, experienciam a *totalidade da vida*. Essa experiência poderia ser descrita como uma identificação com a vida encarada como um fenômeno cósmico, como uma entidade ou força *dentro e de si mesma*.

As experiências transpessoais levam, seguidamente, a um mais profundo conhecimento do papel das forças elementares da natureza, uma acentuada percepção das leis que regem nossa vida e uma apreciação da extraordinária inteligência subjacente a todos os processos vitais. Experiências desse tipo resultam, tipicamente, num cuidado intensificado com o meio ambiente. Em alguns casos, as experiências focalizam apenas um aspecto único da vida como, por exemplo, a força da energia sexual, ou o instinto materno.

A passagem abaixo foi relatada por um médico que experienciou, vividamente, identificação com a totalidade da vida em nosso planeta.

"Parecia-me haver conectado, de maneira muito profunda, com a vida neste planeta. Passei, primeiro, por toda uma série de identificações com várias espécies, porém, mais tarde, a experiência foi cada vez mais abrangente. Minha identidade espalhou-se não apenas horizontalmente no espaço, para incluir todas as formas vivas, mas também verticalmente, no tempo. Tornei-me a evolutiva árvore darwiniana com todas as suas ramificações. Eu era a totalidade da vida!

Senti a qualidade cósmica das energias e experiências envolvidas no mundo das formas vivas, a infinita curiosidade e a experimentação que caracterizam a vida e o impulso para a auto-expressão, tudo operando em diferentes níveis. Para mim, a questão crucial era a sobrevivência, ou não, deste planeta. É um fenômeno viável e construtivo, ou um crescimento maligno na face da Terra que contém algum fluxo fatal em seu esquema, condenando-o à autodestruição? É possível que tenha havido algum erro básico quando o plano para a evolução das formas orgânicas foi configurado? Os criadores do universo podem errar como os humanos? Naquele momento parecia uma idéia plausível, mas muito ameaçadora, algo em que eu não havia pensado antes.

Identificando-me com a vida, experienciei e explorei todo um spectrum de forças destrutivas operando na natureza e nos seres humanos. Percebi suas perigosas extensões e projeções na moderna sociedade tecnológica — destrutivas operações de guerra; prisioneiros de campos de concentração morrendo em câmaras de gás; peixes envenenados em águas poluídas; plantas mortas por herbicidas; e insetos borrifados com produtos químicos.¹⁷

As experiências acima alternavam-se com comoventes imagens de bebês sorrindo; encantadoras crianças brincando na areia; animais recém-nascidos; pássaros recém-chocados em ninhos cuidadosamente feitos; sábios golfinhos e baleias cruzando as águas cristalinas do oceano e imagens de belas pastagens e florestas. O autor desse relato sentiu uma profunda empatia com a vida, uma forte percepção ecológica, e uma determinação verdadeira para juntar-se às forças pró-vida deste planeta.

Sondando a consciência da matéria inanimada e dos processos inorgânicos

Além da extensão transpessoal da consciência para outras pessoas, grupos de pessoas, tudo da humanidade, plantas, animais e a totalidade da vida, há relatos de experiências de identificação com a água de rios e oceanos; com o fogo; com o solo da terra; com montanhas; ou com forças desencadeadas em catástrofes naturais, tais como tempestades elétricas; tremores de terra; tornados; ou erupções vulcânicas. Em outras ocasiões essa identificação envolvia minerais e metais específicos como diamante e outras pedras preciosas; cristais de quartzo; âmbar; aço; mercúrio e muitos outros. Essas experiências podem estender-se para o microcosmo, envolvendo a estrutura dinâmica de moléculas e átomos, forças eletromagnéticas e a "vida" de subatômicas partículas. Experiências desse gênero são muito comuns em relatos de pessoas de nossa época, quando sob estados alterados de consciência. Provavelmente, também representam uma fonte importante da visão animista do mundo de certas culturas aborígenes. O povo zuni, por exemplo, registra experiências de forte identificação com fenômenos da natureza como relâmpago, vento e fogo. Seu saber espiritual é rico em descrições sobre a natureza metafísica desses elementos e em como usar sua sabedoria, originada de tais elementos, para processos de cura.

Há pessoas que têm relatado identificação com produtos altamente sofisticados da moderna tecnologia, tais como aviões a jato; naves espaciais; raios laser e computadores. Durante essas experiências, a imagem de seus corpos toma a forma característica desses objetos e elas podem sentir-se assumindo as qualidades de materiais e processos que lhes chamaram a atenção.

Experiências desse tipo sugerem que há uma constante intercomunicação entre os objetos inanimados, que geralmente associamos ao mundo material, e o mundo da consciência e da inteligência criativa. Ao invés de serem dois campos muito diferentes, com discretas delimitações, a consciência e a matéria acham-se engajadas numa dança constante, e suas atuações recíprocas formam e completam toda a estrutura da exis-

tência. Essa noção tem sido confirmada por modernas pesquisas de física, biologia, termodinâmica, teoria de informática e de sistemas; e outros ramos da ciência. Observações do campo transpessoal estão começando a sugerir que a consciência está envolvida no, assim chamado, mundo material de maneira jamais antes imaginada.

A identificação experiencial com vários aspectos do mundo inorgânico pode trazer novas informações sobre o micro e o macromundo da matéria, congruentes com as descobertas da ciência moderna. Entretanto, estados transpessoais desse tipo têm, também, outras dimensões fascinantes, pois são tipicamente associados com insights e experiências filosóficas, mitológicas e espirituais. Fornecem, por exemplo, interessantes conhecimentos novos sobre as religiões animistas de muitas culturas aborígenes que consideram toda a natureza — montanhas, lagos, rios, rochedos — como seres vivos. De modo semelhante, a alquimia medieval e a medicina homeopática, que vêem profunda conexão entre as substâncias materiais e condições psicoespirituais podem, talvez, ser encaradas sob novo aspecto. As pessoas que experienciaram contato com matéria inorgânica, em estados não comuns de consciência, encaram esses dois sistemas de pensamento como baseados em experiência direta e insight intuitivo, e não simples especulação.

Durante sessões experienciais em estados não comuns de consciência, duas forças naturais aparecem mais e mais vezes: água e fogo. É interessante notar aqui que esses dois elementos também aparecem muitas vezes na literatura espiritual, cada um deles tendo, aparentemente, significação simbólica universal.

Na literatura espiritual a água é muito usada como metáfora para descrever estados místicos de consciência. Os paralelos usados derivam, seguidamente, da água pura, fluida, cristalina, em estado natural, sem delimitação. Ela busca o lugar mais baixo na terra e tem uma força desprezível e serena. Tem grande capacidade para limpar e purificar, compartilhando com a consciência a combinação paradoxal de imutabilidade que representa ao mesmo tempo infundáveis mudanças e transformações.

Por sua vez, o fogo é uma força amedrontadora no mundo natural e um poderoso símbolo espiritual. Tem potencial

para criar e para destruir, pode alimentar e confortar ou ameaçar e ferir. Pode iluminar e cegar. Sob sua influência, objetos sofrem transformações, deixando suas formas sólidas e transformando-se em pura energia. Em sua mais poderosa manifestação — o sol — o fogo é um princípio cósmico sem o qual a vida cessaria de existir. Em nível arquetípico e mitológico, o fogo é visto representando papéis semelhantes àqueles que tem no mundo físico — mantenedor da vida e força transformativa. Desde tempos imemoriais o fogo é adorado em todas as suas formas partindo do mais humilde bruxuleio de uma vela e da flamejante erupção de vulcões até as misteriosas fornalhas cósmicas do sol. Na literatura espiritual, fogo e luz são seguidamente usados como metáforas para a fonte criativa do próprio universo. Em estados não comuns de consciência o fogo, como a água, parece representar aquelas mesmas forças cósmicas que simboliza na literatura espiritual.

Pesquisas sobre a consciência nos fornecem novos insights a respeito do mérito sagrado de vários metais e pedras como diamante, esmeralda, ouro e prata, e porque são freqüentemente usados como adorno para objetos sagrados. Em muitas mitologias, o paraíso é descrito como adornado com metais e pedras preciosas. As escrituras sagradas de muitas tradições têm usado as pedras e os próprios metais como símbolos de elevadas experiências espirituais. Em estados não comuns, em que as pessoas identificam-se com pedras preciosas e metais, elas sempre contam que esses estados têm uma qualidade mística, brilhante e sobrenatural.

O escritor e filósofo Aldous Huxley teve uma compreensão profunda e intuitiva da conexão entre metais e pedras e os estados espirituais da consciência. Em sua famosa conferência "A Experiência Visionária", levantou a questão do por que serem valiosas as pedras preciosas, e do por que uma cultura pragmática como a nossa está disposta a pagar preços exorbitantes por objetos de pouco ou nenhum valor prático. Observou que, certamente, fazemos isso porque tais objetos servem como substitutos para experiências místicas que nos faltam. Em nossa vida atual, representam a maior proximidade que podemos ter com experiências visionárias, oferecendo radiância, brilho, claridade, eternidade e incorruptibilidade.

Apresentamos abaixo o relato de um homem que se identificou com âmbar, cristal de quartzo e diamante, sucessivamente. Sua descrição ilustra a natureza e a complexidade de experiências envolvendo o mundo inorgânico.

“Nesse ponto da sessão, o tempo parecia ter parado. De súbito, veio-me à mente que eu estava experienciando o que parecia ser a essência do âmbar. Meu campo visual mostrava um brilho homogêneo e amarelado e eu tinha sensação de paz, tranquilidade e eternidade. Apesar de sua natureza transcendental, esse estado parecia relacionado com a vida; tinha uma certa qualidade orgânica que é difícil descrever. Concluí que o mesmo era verdadeiro a respeito do âmbar, uma espécie de cápsula do tempo orgânico. O âmbar é material orgânico mineralizado — uma resina que seguidamente contém organismos como insetos e plantas e os preserva, de modo imutável, por milhões de anos.

Então, a experiência começou a mudar e meu campo visual tornava-se, progressivamente, mais e mais claro. Tive a sensação de que, ao invés de estar-me experienciando como âmbar, estava agora ligado a um estado de consciência relacionado com o cristal de quartzo. Era algo muito forte que, de algum modo, parecia representar uma condensação de algumas forças elementares da natureza. Subitamente compreendi por que os cristais tinham um papel tão importante em culturas aborígenes como objetos de força xamânica, e por que os xamãs consideravam os cristais como luz solidificada.”

Ele pensou, então, no crânio Mitchell-Hedges, perfeita réplica de um crânio humano e objeto ritual pré-colombiano, encontrado em uma floresta da Guatemala. Tal crânio tem a reputação de haver causado profundas alterações de consciência em muitas pessoas que tiveram contacto com ele. Fez também sentido perfeito para ele acreditar que as primeiras transmissões de rádio foram mediadas por cristais, e que eles têm parte importante na moderna tecnologia do laser. Ele continua:

“Meu estado de consciência passou por outro processo de purificação e tornou-se absolutamente puro e radioso. Percebi que o diamante é, quimicamente, puro carbono, é elemento em que se baseia toda a vida que conhecemos. Parecia significativo e importante o fato de ele ser criado por pressões e tempera-

turas extremamente altas. Senti, de modo muito convincente, que o diamante contém, de alguma maneira, toda a informação sobre a natureza e a vida numa forma absolutamente pura, condensada e abstrata, semelhante ao mais moderno computador cósmico.

Todas as outras propriedades físicas do diamante pareciam mostrar seu significado metafísico — beleza, transparência, lustro, permanência, imutabilidade, e a capacidade de transformar a luz branca num surpreendente spectrum de cores. Percebi ter entendido a razão pela qual o budismo tibetano é chamado Vajrayana (*vajra* significa ‘diamante’ ou ‘raio’; *yana* significa ‘veículo’). A única maneira que encontrei para descrever esse estado de êxtase cósmico supremo foi chamá-lo de ‘consciência do diamante’. Parecia estar aí toda a inteligência criativa e a energia do universo, como consciência pura existindo além do tempo e do espaço, inteiramente abstrata, mas contendo todas as forças da criação.”¹⁸

Através dessa descrição podemos perceber por que estados transpessoais da consciência, envolvendo materiais inorgânicos, podem trazer-nos tão profundos insights sobre os sistemas espirituais antigos e aborígenes que incluem, em sua mitologia, pedras preciosas e metais. De maneira semelhante, se você teve a experiência de identificar-se com a água, entenderá o motivo de ela ser tão importante no taoísmo. Se teve experiência transpessoal com o fogo, achará fácil compreender por que os persas o encaram como elemento sagrado; por que várias culturas adoram os vulcões; por que o Sol é tido como uma deidade suprema por tantos povos e grupos religiosos.

Através de identificação experiencial com o granito, é fácil perceber por que os hindus vêem o Himalaia como um gigantesco Shiva reclinado. A partir disso pode-se pensar de uma maneira diferente sobre a razão de culturas variadas terem construído colossais estátuas de granito de seus deuses. Essas peças não apenas *representam* as figuras divinas; elas *são* as próprias divindades, desde que o material de que são feitas é infinitamente associado à vasta, indiferenciável, imperturbável e imutável consciência do criativo princípio cósmico na natureza.

Gaia, a Terra-Mãe: a experiência da consciência planetária

Em uma forma rara de experiência transpessoal, a consciência, ou percepção, expande-se para incluir a terra em sua totalidade. Pessoas que tiveram tal experiência comovem-se profundamente com a noção de nosso planeta ser uma unidade cósmica. Percebem seus diferentes aspectos — biológicos, geológicos, psicológicos, culturais e tecnológicos — como manifestações de um esforço sustentador para alcançar um nível mais alto de evolução e auto-realização. Torna-se claro que, na terra, esses processos são dirigidos por uma inteligência superior que excede, de longe, todas as capacidades humanas, e que merece confiança e respeito. Deveríamos ser extremamente cautelosos em nossos esforços para manipulá-la e controlá-la, a partir de nossa limitada perspectiva humana. Lembrei-me, aqui, das palavras de Lewis Thomas em *Lives of the Cell*.

“Vista lá da distante lua, o fato estonteante sobre a terra — que nos tira a respiração — é que ela é viva... Suspensa, fluando livre abaixo da membrana úmida e luminosa do claro céu azul, está a terra, única coisa exuberante nessa parte do cosmos. Se a gente pudesse olhar bastante, veria o torvelinho de nuvens brancas, cobrindo e descobrindo o meio-escondido vulto da terra. Se a gente estivesse olhando durante um longo tempo geológico, poderia ter visto os próprios continentes em movimento, indo à deriva na crosta terrestre, suspensos pelo fogo sob eles. A terra tem a aparência organizada, autocontida, de uma criatura viva, cheia de informações, maravilhosamente perita em usar o sol.”

As experiências transpessoais que mostram a terra como uma consciente e inteligente entidade, são confirmadas por evidência científica. Gregory Bateson — que criou uma síntese brilhante de cibernética, teoria de informação e sistemas; teoria da evolução; antropologia; e psicologia — concluiu ser inevitavelmente lógico assumir que o processo mental ocorre em todos os níveis, em qualquer sistema ou fenômeno natural de complexidade suficiente. Acreditava que o processo mental está

presente em células, órgãos, tecidos, organismos, grupos humanos ou animais, ecossistemas e até mesmo na terra e no universo como um todo.

Outro escritor-cientista, o físico J. E. Lovelock, foi contratado pela NASA para estabelecer critérios a respeito da seguinte decisão: haver ou não haver formas de vida em áreas do universo onde a NASA pretendia fazer experiências espaciais. Lovelock concluiu que a própria terra é um organismo vivo que respira. De acordo com suas descobertas, nosso planeta comporta-se de modo muito semelhante ao de uma célula viva. Ele demonstrou que a terra metaboliza e que é “uma entidade auto-reguladora” com capacidades homeostáticas altamente sofisticadas. Chamou a terra de “um ser inteligente”. Sua evidência, ao dizer isso, tinha como base suas observações de funções homeostáticas.

“Grande parte da operação rotineira da homeostase, seja para a célula, o animal, ou toda a biosfera, é automática, mas mesmo assim deve-se reconhecer que é requerida alguma forma de inteligência, até nesse processo automático, para interpretar corretamente a informação sobre o meio ambiente... Se Gaia (a viva, inteligente terra que respira) existe, então ela é, sem dúvida, inteligente ao menos nesse sentido limitado.”

Mesmo que a evidência objetiva da teoria sobre Gaia não seja suficiente para convencer cientistas importantes, ela é certamente provada pelas experiências transpessoais que são totalmente coerentes com a mesma. Por exemplo, durante um workshop de cinco dias de respiração holotrófica, uma jovem alemã teve a persuasiva experiência de tornar-se a arquetípica Grande Mãe Deusa. Depois a experiência desenvolveu-se mais e ela sentiu-se transformada no planeta Terra (Terra Mãe). A jovem afirmou não ter dúvida alguma de que havia se identificado com, e se tornado, a própria consciência da terra. Experimentou-se sendo a terra, um organismo vivo, respirando, com inteligência, um organismo evoluindo em direção a um nível mais alto de consciência.

Como consciência da terra, ela sentiu que os metais e minerais, que dela faziam parte, constituíam seu próprio esqueleto. De modo similar, a biosfera e todas as formas de vida

eram sua carne. Experimentou, a seu redor, a circulação da água dos oceanos para as nuvens, destas para as nascentes e rios e, finalmente, para os grandes mares. O sistema da água era seu sangue, e as mudanças meteorológicas — evaporação, correntes de ar, chuvas — garantiam a circulação do sangue e transportavam alimento e limpeza. A comunicação entre todas as coisas vivas, grandes e pequenas, constituíam seu sistema nervoso e seu cérebro.

Imediatamente após a experiência, a jovem contou como os rituais de cura de povos primitivos tinham-lhe feito bem em sua experiência como terra. Falou sobre as atividades humanas que a afetaram, especialmente como as danças, a música e as orações levadas a efeito por aborígenes, lhe proporcionaram grande conforto. Voltando a seu estado normal de todos os dias, achou difícil imaginar que os rituais tinham sido realmente importantes, mas enquanto esteve tão intimamente identificada com a terra, sentia-se absolutamente convencida da importância da experiência para sua saúde completa.

Da desintegração das fronteiras físicas para a desintegração das fronteiras do tempo

À medida que experienciamos a desintegração das fronteiras de nosso mundo no reino transpessoal, começamos também a experienciar a desintegração das fronteiras temporais, das quais nos acostumamos a depender em nosso dia-a-dia. Do mesmo modo que podemos ultrapassar fronteiras físicas, podemos nos mover no tempo — para o passado e para o futuro — através dos anos. Podemos perceber nossa própria vida, e a vida de outras pessoas, como se todo o tempo coubesse num único momento.

Nossa percepção do tempo e do espaço são entrelaçados, mas há sutis diferenças que devemos procurar à medida que essas fronteiras estão desaparecendo. Nos adiantemos, pois, para explorar algumas dessas diferenças.

ATRAVÉS DAS FRONTEIRAS DO TEMPO

*Tempo presente e tempo passado
Ambos podem estar presentes no tempo futuro,
E o tempo futuro contido no tempo passado.*

— T. S. Eliot, *Four Quartets*

Tal como a descreveu o poeta, a consciência transpessoal nos permite experienciar o passado e o futuro, ultrapassando fronteiras em que os relógios, os calendários e o envelhecimento de nosso corpo parecem tão reais e tão inexoráveis. Entramos agora num mundo em que podemos experienciar-nos como um embrião nos primeiros estágios do desenvolvimento intra-uterino ou, mais atrás no tempo, como o esperma fertilizante ou o óvulo fertilizado, no momento da concepção.

Muitas pessoas, que experienciaram a transcendência do tempo linear, voltaram no tempo para épocas muito anteriores a suas próprias vidas, ligando-se a memórias ancestrais ou provindas do banco de memórias do inconsciente coletivo — esse vasto mar de conhecimentos que dividimos com toda a humanidade desde o começo dos tempos. Tais experiências, de vários períodos da história e de países diferentes, são frequentemente associadas a uma viva sensação de memória da história espiritual, e não biológica, do experienciador. Podemos, então, falar de *lembrança de vida passada* ou *vida cármica*. Muitas pessoas já relataram memórias de específicos animais, ancestrais na linhagem evolucionária. Entretanto, a consciência não parece limitar-se à história humana ou à história de organismos vivos. Em princípio, é possível experienciar a história da terra antes do aparecimento do homo sapiens, ou mesmo antes do começo da vida na terra. Nossa consciência parece ter a espantosa capacidade de ter acesso direto à mais primitiva história do universo, presenciando as dramáticas seqüên-

cias do Big Bang; a formação das galáxias; o nascimento do sistema solar; e os primeiros processos geofísicos que ocorreram neste planeta há bilhões de anos.

Para nosso propósito aqui, começaremos pelas escalas menores da vida humana alcançando, depois, as maiores. Por várias razões, é vantajoso estudar, em primeiro lugar, nossa capacidade para experienciar, através da consciência transpessoal, os primeiros estágios de nossas próprias vidas.

Experiências embrionárias e fetais

As experiências que pessoas relatam sobre suas vidas embrionárias e fetais cobrem vasto campo, indicando que a qualidade de nossas experiências, nas primeiras fases da vida, é tudo, menos universal. No lado mais positivo do spectrum, tais pessoas contam que em sua vida intra-uterina experienciaram sensações de "êxtase oceânico". Sentiram poderosa conexão mística com toda a vida e com as forças cósmicas criativas que a tornaram possível. No pólo oposto do spectrum, experienciaram intensas crises, com dominantes sensações de angústia, paranóia, sofrimento físico e sensação de serem atacadas por forças demoníacas. Não todas, mas muitas das experiências de memórias embrionárias são associadas a experiências cármicas, filogenéticas e arquetípicas, e a órgãos, tecidos e consciência celular.

Relatos sobre experiências embrionárias e fetais sugerem ser possível experienciar não apenas grandes distúrbios próprios do período — ameaça de aborto; perigo de aborto natural; imensas sacudidas e vibrações mecânicas, sons altos, influências tóxicas e doenças físicas da mãe, mas também, sensações da própria mãe. É bastante comum experienciar-se choques emocionais da mãe, como acessos de ansiedade, de ódio ou agressão, depressão, impulso sexual, tanto quanto sensações de relaxamento, satisfação, felicidade e amor.

A comunicação entre o feto e a mãe pode incluir muitas nuances de sensações e, também, a transmissão de complexos pensamentos e imagens. Muitas pessoas relataram que, ao

reviverem o começo da vida no útero materno, percebiam claramente pensamentos e sensações maternas que a mãe jamais havia verbalizado na vida diária. Por exemplo, a pessoa, lembrando a vida intra-uterina, pode de repente perceber o conflito e ressentimento da mãe por estar grávida ou, inversamente, sua alegria pela gravidez e sua feliz espera pelo nascimento do filho.

Tendo presenciado incontáveis episódios de pessoas regressando no tempo para experienciar os estágios embrionários e fetais da vida, e tendo eu mesmo tido tais experiências, acho impossível descartá-las como produtos fantásticos de nossa imaginação. Muitas experiências foram confirmadas pelo testemunho da mãe, de parentes, de médicos obstetras e registros médicos. Também comparamos descrições da vida fetal e embrionária de pessoas sem conhecimentos médicos, através de pesquisa em livros de medicina. Como resultado, descobrimos interessantes correlações entre informações objetivas de outras fontes e experiências que nos foram descritas. Um excelente exemplo das complexidades de experiências embrionárias nos é dado por um psiquiatra, em sua descrição de uma sessão de treinamento. É uma descrição detalhada dos primeiros estágios de nossas vidas, até mesmo regredindo ao momento da concepção.

"Minha consciência tornou-se cada vez menos diferenciada e comecei a sentir um estranho excitação, diferente de tudo que já havia sentido na vida. Sentí, vindas do meio de minhas costas, pulsações rítmicas, e pareceu-me que estava sendo arremessado para o espaço e o tempo, em direção a um alvo desconhecido. Tinha uma vaga sensação de qual poderia ser o destino final, mas a missão parecia ser da mais alta importância.

Depois de algum tempo fui capaz de reconhecer, para grande surpresa minha, que eu era um espermatozóide e que as regulares pulsações explosivas eram as batidas de um marca-passo que foram transmitidas a meus flagelos compridos, com flamejantes movimentos vibratórios. Eu estava envolvido numa supercorrida confusa, em direção à fonte de algumas mensagens químicas de sedutoras e irresistíveis qualidades. Percebi, então (usando meu conhecimento de homem adulto e educado), que a meta era alcançar, penetrar e fertilizar o óvulo. Apesar de a cena parecer absurda e ridícula à minha mente cientifi-

ca, não consegui resistir a essa estranha corrida, envolvendo-me nela com toda seriedade e grande consumo de energia.

Experienciando-me como um espermatozóide concorrendo pelo óvulo, estava consciente de todo o processo envolvido. O que estava acontecendo tinha as características básicas do evento fisiológico, como era ensinado em escolas de medicina. Entretanto, havia muitas dimensões adicionais longe de tudo que minha fantasia podia produzir num estado comum de consciência. A consciência celular desse espermatozóide era um todo autônomo microcosmo, um universo de si próprio. Tive uma clara percepção da complexidade do processo bioquímico no nucleoplasma e um nebuloso senso de cromossomos, genes e moléculas do DNA."

À medida que percebia essas configurações psicoquímicas, o psiquiatra estava também em contacto com elementos de memórias ancestrais, impressões de animais também ancestrais, motivos mitológicos e formas arquetípicas. Genética, bioquímica, mitologia e história evolucionária pareciam-lhe inextricavelmente entrelaçadas, mesmo sendo aspectos diferentes do mesmo fenômeno. Disse ele sentir que esse micromundo do espermatozóide estava, então, influenciado e governado por forças primordiais que modificavam e determinavam o resultado da raça. Descreveu tais forças como tendo "campos de força cármicos, cosmobiológicos e astrológicos". Ele continuava!

"A excitação dessa corrida aumentava a cada segundo, e o ritmo apressado parecia crescer a tal ponto que assemelhava-se ao vôo de uma nave espacial com velocidade semelhante à da luz. Então, a corrida alcançou o auge sob a forma de triunfante implosão e extática fusão com o óvulo. Um pouco antes do momento da concepção, minha consciência alternava entre o esperma veloz e o óvulo fortemente excitado, na expectativa de um evento vagamente definido mas irresistível. No exato momento da concepção, as duas unidades da consciência misturaram-se e tornei-me, ao mesmo tempo, as duas células germinativas.

Depois da fusão, a experiência continuou, ainda rapidamente. De maneira concentrada e acelerada, experienciei o desenvolvimento do embrião seguindo a concepção, com total conhecimento do crescimento dos tecidos, da divisão das células

e até de processos bioquímicos. Houve ainda desafios ocasionais a serem vencidos, períodos críticos a serem superados. Eu presenciava a modificação dos tecidos, a formação de novos órgãos; tornei-me o pulsante coração fetal, as colunas de células de fígado, e o epitélio das membranas mucosas intestinais. Uma grande liberação de luz e energia acompanhava o desenvolvimento do embrião. Sentí que esse ofuscante fulgor dourado tinha alguma ligação com a energia bioquímica envolvida com o rápido crescimento de células e tecidos."

Nesse momento, ele teve uma sensação bem definida de haver completado as partes críticas de seu desenvolvimento fetal. Sentiu isso como uma grande realização, tanto do ponto de vista pessoal quanto em termos da força criativa da natureza. Quando retornou ao estado comum de consciência, descreveu a realização como "uma forte sensação de que a sessão terá um efeito duradouro em minha auto-estima. Qualquer que seja meu futuro, comecei minha vida com dois grandes feitos: único vencedor numa corrida de espermas entre multimilhões de competidores, e completar com muito sucesso a embriogênese". Mesmo que o cientista, que nele existia, estivesse reagindo a essas idéias com certo grau de ceticismo, se não humor, as emoções provenientes da experiência foram poderosas e convincentes.

O exemplo seguinte é tirado de sessões de terapia com Richard, homem que sofria de crônica depressão suicida. Em uma das sessões, ele sentiu-se imerso no líquido fetal e fixado à placenta pelo cordão umbilical. Percebia o alimento fluindo pelo seu corpo através do umbigo, e experienciava maravilhosa união simbiótica com sua mãe. Ambos ligavam-se pela circulação sanguínea placentária que se assemelhava a um mágico fluido doador de vida.

Richard ouvia duas espécies de batidas do coração que se fundiam num ondulante padrão. Isso era acompanhado por peculiares sons, irrealis e ruidosos, identificados por ele, após alguma hesitação, como produzidos pelo sangue ao correr pelas artérias pélvicas, e como o movimento de gás e líquido durante movimentos peristálticos nas partes do intestino adjacente ao útero. Percebia perfeitamente a imagem de seu corpo, reconhecendo que era diferente de seu corpo adulto: ele, agora, era pequeno, com a cabeça desproporcionalmente maior

que as suas extremidades e o corpo. Com base em várias pistas experienciais, e julgando como adulto, foi capaz de identificar-se como um feto maduro, imediatamente antes do parto.

Nesse estado, Richard subitamente começou a ouvir barulhos estranhos, vindos do mundo exterior. Ecoavam de modo incomum, como se ressoassem de um lugar espaçoso ou de uma camada de água. O efeito resultante lembrou-o da qualidade ecóica de som que os técnicos em música conseguem em gravações, através de meios eletrônicos. Finalmente, concluiu que as paredes abdominais e uterinas e o líquido fetal eram responsáveis por esse efeito, e que essa era a forma pela qual os sons externos alcançavam o feto.

Ele tentou identificar de onde vinham e o que produzia os sons. Após algum tempo, conseguiu reconhecer vozes humanas, que gritavam e riam, e sons semelhantes a trombetas de carnaval. De repente, veio-lhe à mente que esses sons deviam ser o barulho de uma feira anual em sua aldeia nativa, e que acontecera justamente dois dias antes de seu nascimento. Juntou as peças de informação e concluiu que sua mãe deveria ter assistido à tal feira num adiantado estado de gravidez.

Perguntamos à mãe de Richard sobre as circunstâncias do nascimento, sem contar-lhe sobre as experiências do filho com o LSD. Voluntariamente, entre outras coisas, ela contou o que se segue. Na vida relativamente tediosa da vila, a feira anual era um raro acontecimento excitante. Ainda que estivesse em adiantada gravidez, por nada no mundo perderia a diversão. Não atendeu aos conselhos e objeções de sua própria mãe e foi para a feira. De acordo com parentes seus, o barulho do ambiente de vendedores precipitou o nascimento de Richard. Richard negou ter ouvido tal história e sua mãe não se lembrava de ter-lhe contado sobre o fato.²

A máquina-do-tempo da consciência

Mesmo que a possibilidade da memória celular dos primeiros estágios de nossa vida possa nos alargar as fronteiras da ima-

ginação, isso não é, de maneira alguma, o maior desafio apresentado pela experiência transpessoal. Para pessoas em estados não-ordinários de consciência, não é incomum apresentar material que precede sua concepção acuradamente, ou explorar o mundo de seus pais, seus ancestrais ou da raça humana. São particularmente interessantes as experiências de "vidas passadas", as quais sugerem que a consciência individual pode manter a continuidade de um para outro tempo de vida.

Revivendo a infância de nossos pais

Muitas vezes, pessoas em estados não comuns de consciência relataram ter experienciado episódios acontecidos muito antes de sua concepção. Muitas, por exemplo, dizem ter capacidade para penetrar a consciência de seus pais durante a infância dos mesmos, e experienciar os eventos que lhes aconteceram naquela época. Isso faz lembrar o filme *Back to the Future*, de Steven Spielberg, em que as personagens vão e voltam no tempo.

Lembro-me da experiência de uma moça finlandesa que tomou parte em um de nossos workshops na Suécia. A jovem Inga experienciou-se como um soldado muito moço, durante a Segunda Guerra Mundial, catorze anos antes de ter sido concebida. O soldado no qual havia se transformado era o seu pai e ela encontrava-se no meio de uma batalha, experienciando tudo com as sensações e o sistema nervoso dele. Identificou-se completamente com o pai, revivendo seu corpo e o alto nível de adrenalina, causado pelas emoções, que ele sofria no momento. Inga tinha aguda consciência de tudo que estava acontecendo a seu redor. Enquanto se escondia atrás de uma bétula, uma bala zunia, e tocou de leve a bochecha e a orelha dele, ou, no caso, dela.

A experiência de Inga foi extremamente real e constrangedora, já que ela não poderia jamais imaginar de onde lhe tinha vindo tal memória. Ela sabia que seu pai havia lutado na guerra russo-finlandesa, mas estava certa de que ele nunca

lhe contara alguma coisa a respeito que pudesse ter originado a experiência que teve. Ela decidiu telefonar para seu pai e perguntar sobre sua experiência.

Depois de falar com seu pai por algum tempo, Inga voltou e contou a conversa para o grupo, ficando mais e mais tocada e amedrontada pelo que havia acabado de descobrir. O pai havia ficado absolutamente atônito quando ela contou-lhe sua experiência, pois retratava exatamente tudo que havia acontecido com ele. A descrição de Inga sobre o campo de batalha e os pensamentos e sensações dele, naquele dia, eram absolutamente corretos, até mesmo a descrição detalhada da floresta de bétulas onde o fato tinha ocorrido. O pai assegurou que nunca falara a ninguém sobre sua experiência na guerra porque jamais a considerava bastante importante e interessante para ser comentada. Ainda que ele nunca a tivesse verbalizado, sua experiência, de alguma maneira, tinha passado para sua filha.³

No início de nossas pesquisas com LSD, psiquiatras e psicólogos que desejassem trabalhar com a droga deviam submeter-se a um extenso treinamento, que incluía experiências em primeira-mão com a mesma, cuidadosamente monitoradas por terapeutas treinados. Em muitos casos, homens e mulheres altamente sofisticados e instruídos — que, antes, não aceitavam conceitos relativamente bem fundamentados, como o “inconsciente coletivo” de Jung — encontraram-se, apesar disso, movendo-se através dos limites físicos e temporais da consciência. Num caso, por exemplo, Nadja, uma psicóloga de cinquenta anos, experienciou uma identificação viva e convincente com sua mãe. Tal episódio atinge um tempo bem mais distante daquele vivenciado por Inga, uma vez que ligava-se à primeira infância da mãe de Nadja.

Nadja relatou ter experienciado a sensação de uma mudança dramática na identidade de seu ego. De repente, ela era sua própria mãe, aos três ou quatro anos de idade. Corria o ano de 1902, e ela estava com um vestido muito engomado, embora estivesse num lugar muito peculiar, e desorientador, ainda mais, por causa do modelo de sua roupa. Ela estava escondida debaixo de uma escada, onde sentia-se amedrontada e solitária, dolorosamente certa de que algo terrível havia acontecido. Lembrou-se, então, que tinha falado, momentos antes,

alguma coisa muito feia, tinha sido repreendida e alguém tinha-lhe tapado a boca com muita grosseria.

Do esconderijo, Nadja podia ver seus parentes — tios, tias e primos — sentados no alpendre de uma grande casa de madeira, todos usando roupas antiquadas, próprias da época. Conversavam entre si, ignorando a infelicidade da menina. Ela sentia uma sensação de grande fracasso, dominada pela inconcebível exigência dos adultos: ser boazinha, falar direito, estar sempre limpa. Parecia impossível satisfazê-los, e sentia-se alienada e envergonhada.

Como acontece em tais casos, pedimos a Nadja para tentar averiguar o porquê dessa experiência, procurar saber se tinha ligação com alguma realidade objetiva. Logo Nadja procurou sua mãe. Não contou que tinha usado LSD, sabendo que a mãe não aprovaria. Disse-lhe, então, que havia sonhado com ela, sonhado *ser* ela, a própria mãe, escondida debaixo de uma escada, profundamente envergonhada, espiando os adultos que estavam no alpendre, desatentos à sua presença. Logo que começou a falar, a mãe interrompeu-a, completando detalhes exatamente como Nadja os havia experienciado. A descrição pormenorizada dos fatos ajustava-se perfeitamente à experiência de Nadja com o LSD, incluindo minúcias sobre o grande alpendre, a escada que levava até ele, as roupas usadas pelas pessoas ali presentes, e até o vestido que ela própria estava usando, coberto com engomado avental branco.⁴

Explorando o mundo de nossos ancestrais

Algumas vezes, a exploração experiencial de nossa ascendência nos transporta para a vida de avós já mortos, ou mesmo para a de parentes que viveram séculos antes de nós. As experiências com ancestrais distantes caracterizam-se por uma completa convicção de que a pessoa, ou as pessoas, com quem nos identificamos são nossos parentes sanguíneos. Esse sentido de conexão genética é, muitas vezes, descrito pelos experientia-

dores como "primordial", como algo que não pode ser transmitido por palavras, mas deve ser experienciado.

As experiências ancestrais desse tipo são sempre congruentes com o ambiental racial, cultural e histórico da pessoa através de cujos olhos nós enxergamos. Em alguns poucos exemplos, aparentes discrepâncias — como uma pessoa de origem anglo-saxônica ter experiências ancestrais com americanos nativos ou africanos — são esclarecidas por uma pesquisa mais profunda da genealogia da família, confirmando a acurácia da experiência. Muito seguidamente as memórias ancestrais contêm dados objetivos, facilitando sua verificação. Isso pode incluir informações sobre costumes, hábitos, crenças, tradições familiares, idiosincrasias, preconceitos e superstições, de que se sabe que foram conservados ou praticados pelos ancestrais em questão.

Algumas vezes experiências ancestrais podem ser vivas, com detalhes completos e muito específicos, facilmente verificados. Outras vezes, podem ser vagos e difusos, relevando apenas impressões e atmosferas emocionais concernentes a atributos como a qualidade de relacionamento entre membros de determinada família, tribo ou clã. Como psiquiatra, tenho-me interessado particularmente por quão freqüentemente essas experiências ancestrais proporcionam insights sobre problemas pessoais que nos afetam no presente. Estou convencido de que esses vislumbres da vida de nossos pais, avós, e até de parentes ainda mais distantes, podem nos ajudar a entender melhor, e muitas vezes resolver, os conflitos de nossa vida atual.

O exemplo seguinte ilustra a rica e precisa informação histórica que podemos obter, a partir de experiências ancestrais, e que nos fornece valiosos insights sobre épocas cuja memória de outro modo se perderia. Essa experiência particular interessa porque em seguida foi confirmada não apenas por pesquisa histórica concentrada como, também, por um evento que apresenta uma inesperada sincronicidade.

Numa sistemática terapia com LSD uma jovem, que chamei de Renata, ao ser tratada de uma complexa neurose experienciou muitas cenas que tiveram lugar em Praga, no século XVII. Nesse período, um pouco antes da Guerra dos Trinta Anos na Europa, a Boêmia — parte da Tchecoslováquia — caiu sob o domínio dos Habsburgos. Num esforço para extin-

guir no povo o sentimento de ufania nacional, os Habsburgos capturaram e decapitaram vinte e sete membros da nobreza tcheca, numa execução pública no Mercado Antigo, em Praga.

Durante sessões de terapia, Renata descreveu-me muitas imagens e insights relativos à arquitetura da época, enfeites típicos usados pelas pessoas e armas e utensílios de uso diário. Conseguiu descrever complexos relacionamentos entre a família real e os vassalos. Tudo isso vinha-lhe à mente com grandes detalhes e profundo conhecimento, apesar de nunca ter estudado a história desse período. (Para confirmar muitos dos detalhes descritos por ela, precisei consultar fontes dignas de crédito.)

Muitas das experiências relatadas por Renata eram a respeito de um determinado nobre executado pelos Habsburgos. Numa seqüência dramática, ela reviveu os detalhes da execução desse homem, experienciando-os como se ela estivesse dentro do corpo dele. Como testemunha da revivescência desse drama pessoal de Renata, devo admitir que compartilhei seu espanto e confusão. Esforçando-me para entender o que estava acontecendo, escolhi duas abordagens diferentes. Em uma, levei considerável tempo verificando a informação histórica relatada por ela. Descobri, então, uma estonteante quantidade de objetivas evidências ligando seu relato à história do século dezessete. Na outra abordagem, apliquei todo o meu conhecimento psicanalítico procurando descobrir alguma evidência que pudesse sugerir serem suas experiências históricas, na realidade, disfarçados conflitos infantis ou lutas emocionais em sua vida atual. Apesar de muita tentativa, não consegui explicar suas experiências transpessoais, a partir de seus problemas psicológicos.

Dois anos após meu trabalho com Renata, depois que me mudei para os Estados Unidos, recebi dela uma longa carta. Contava-me que havia encontrado seu pai recentemente. Não o via desde que tinha três anos, quando seus pais se divorciaram. Jantaram juntos na casa dele e, depois, ele mostrou-lhe o resultado de seu hobby favorito: o desenho da árvore genealógica da família, através dos séculos. Para seu espanto, descobriu que seu pai e ela eram descendentes de uns nobres executados pelos Habsburgos no começo da fatídica centúria dos 1600. Essa informação apenas confirmou sua suspeita ante-

rior: que certas memórias, emocionalmente carregadas, podem imprimir-se no código genético e podem ser transmitidas, através dos séculos, a gerações futuras.³

Depois de recobrar-me do choque inicial, percebi que havia uma falha na interpretação de Renata. Mesmo se fosse verdade que as memórias podiam ser transmitidas pelo código genético, naturalmente a morte cortaria essa rota de transmissão. Em outras palavras, já que o nobre tinha sido executado, geneticamente ele não poderia ter passado para Renata essa experiência de sua morte. Ainda que partindo de tal raciocínio, não fui capaz de ignorar as notáveis correlações entre as experiências de Renata e as descobertas de seu pai sobre a genealogia da família. Foi tudo isso apenas uma incrível coincidência sem sentido, ou tais incidentes merecem uma atenção mais séria?

Concluí que a espantosa sincronicidade entre a experiência de Renata e seu encontro com o pai, o qual passou-lhe informações genealógicas coincidentes com tal experiência, não poderia ser encarada como acidental. Mas o que poderia explicar tais fatos? A informação sobre a morte do nobre teria alcançado a psique de Renata através de uma conexão telepática com seu pai, a quem ela nem conhecia? Se isso fosse verdade, como poderia ter sido transformada em vivas seqüências, tão ricas em detalhes históricos, tendo partido apenas de meras informações genealógicas?

Teorizei que teria sido possível para um sobrevivente da família do nobre, um filho ou uma filha, haver passado geneticamente essa informação para Renata. Nesse caso, a testemunha deveria ter experienciado a execução do pai durante um estado transpessoal de "unidade dual", participando das reais emoções e sensações do homem executado no seu próprio interior. Poderia ser o universo, em última análise, apenas um divino jogo da consciência em que todas as leis naturais são arbitrarias, em que qualquer um de nós em qualquer tempo pode, de algum modo, ter acesso a qualquer material que existiu e existirá em qualquer lugar, liberto pelas ilusões de matéria, tempo e espaço? Uma coisa parece certa: há princípios trabalhando no universo que vão além da capacidade de imaginação do homem. Há, certamente, fenômenos cuja realidade não pode ser explicada pelos sistemas de crença impostos à nossa cultura pela ciência newtoniana.

Experiências raciais e coletivas

As experiências raciais e coletivas levam-nos um passo além das memórias ancestrais. Experiências raciais podem envolver pessoas sem parentesco familiar ou laços de sangue, estendendo-se para quaisquer membros da mesma raça. Esse processo pode partir da linhagem racial para outros grupos raciais e memórias coletivas da humanidade como um todo. Já mencionei que, tradicionalmente, a psiquiatria encara nossa psique como sendo afetada apenas pelo que experienciamos em primeira mão, através de nossos sentidos físicos, ou mesmo como resultado de nossa interpretação dessas experiências. Entretanto, nossas observações de centenas de pessoas que relataram experiências ancestrais, raciais e coletivas, apóiam a afirmação de Carl Gustav Jung: nossa psique é também profundamente afetada por um inconsciente coletivo que nos dá acesso a um vasto reservatório de memórias, englobando toda a experiência humana desde o começo dos tempos.

Durante um treinamento holotrópico que dirigimos na Califórnia, uma psiquiatra européia relatou a experiência que apresentamos aqui. Quando você estiver lendo a descrição da mesma, saiba que a mulher em questão não tinha, absolutamente, conhecimento intelectual da história nativa da América. Entretanto, sua experiência lembrava muitos fatos da vida dos índios cheroquis e outros índios americanos durante o Indian Removal Act. Abaixo, o que ela relatou.

"De repente, tudo me parecia frio, abismal e sem esperança. Senti uma grande força levando-me para muito além das fronteiras de minha vida presente, para um período histórico remoto. Meu ego comum parecia ter encolhido, ter o tamanho de um fóton, e depois desapareceu por algum tempo. Tornei-me outra pessoa: uma índia velha, pequenina, enrugada, com tranças de cabelo engordurado.

Vi um grande espaço aberto e, nele, milhares de índios reunidos. Formavam grupos, ou clãs, sentados à volta dos mais velhos que pareciam calmos, resolutos e imóveis, esperando que

seu povo respondesse se preferia a morte ou a jornada. Aqueles que escolheram a morte retiraram-se para cabanas compridas e baixas, dispostas em forma radial. Quando terminou o processo de decisão, os mais velhos resolveram sacrificar seus irmãos e irmãs, por meio de dardos envenenados. Tais pessoas aceitaram o fato calmamente, como se fosse um sagrado cumprimento de suas vidas. Quando a última delas morreu, as mulheres levantaram-se, dançando a dança da reconciliação com a morte, que incluía a semeadura e a germinação de grãos. Depois disso, os homens levantaram-se, apresentando a dança da força, da paz e da reconciliação com a morte.”

Completados os rituais acima descritos, os participantes da dança da reconciliação começaram a retirar-se. A mulher que teve essa experiência disse que seu inteiro ser “estava impregnado por uma tristeza e um desgosto sem palavras para descrevê-los”. Com vagarosos movimentos oscilatórios, ela começou a entoar uma cantilena, calma e monótona, que expressava seus sentimentos. Disse ainda:

“Intimamente, gritei e chorei a morte de milhares de pessoas de meu povo: crianças, velhos, homens e mulheres de todas as idades. Vi-as numa longa procissão, andando pelas montanhas, exaustas, famintas, desalentadas e morrendo pelo caminho. Sendo uma velha índia, interiormente vazia, sentia-me também como se fosse uma velha e árida montanha. Completamente imóvel, segui-as com a vista até que desaparecessem mas, de certo modo, eu estava com elas em sua jornada sem fim, para a frente e para lugar nenhum, na vida e na morte.”⁶

As pessoas que esperienciam episódios raciais e/ou coletivos podem encontrar-se participando de seqüências, normalmente breves, que acontecem durante mais ou menos remotos períodos históricos, culturas e países. Tais seqüências são tipicamente associadas com insights específicos, referentes ao relacionamento entre pessoas, estrutura social; práticas religiosas; códigos morais; arte; e tecnologia das épocas históricas envolvidas. Algumas vezes observamos complicados gestos, posturas e movimentos simbólicos da pessoa que está passando por experiências raciais ou coletivas. Muitas e muitas vezes observadores imparciais, tendo conhecimento dos países e povos que o sujeito está experienciando, confirmam que os movi-

mentos simbólicos são próprios e característicos dos povos e épocas que estão sendo experienciados.

Tanto nas sessões de terapia quanto em workshops, temos visto pessoas assumirem posturas complexas (*asanas*) e gesticulação (*mudras*) da antiga tradição iogue, apesar de não terem experiência ou conhecimento dessa prática espiritual. Muitas vezes, pessoas experienciaram-se como participantes de práticas culturais que, em estado comum de consciência, lhes são completamente desconhecidas. Sem treinamento ou conhecimento prévios, elas se engajam em movimentos característicos da dança hipnótica dos boximanes; do rodopio dos dervixes da tradição sufista; de danças rituais de Java ou Bali; e da gesticulação simbólica do drama hinduísta kathakali, que expressa temas da mitologia hindu, apresentado ao longo da costa do Malabar.

Muitas vezes, pessoas experienciando outras vidas falam línguas às vezes obscuras e arcaicas — que jamais conheceram em sua vida normal. Em alguns exemplos, a autenticidade dos idiomas usados tem sido confirmada por gravações feitas em sessões onde tenha ocorrido o fenômeno. Em outros casos, o desempenho oral teve todos os elementos de um idioma, mas fomos incapazes de decifrar o que estava sendo falado. Isso não significa, necessariamente, que a produção oral não era uma autêntica linguagem de algum grupo étnico. Linguístas concordam ser extremamente difícil identificar todos os milhares de idiomas e dialetos falados no nosso planeta. Porém, o fato de termos sido capazes de reconhecer um grande número de línguas dissipa dúvidas sobre a autenticidade do fenômeno. Entretanto, ocasionalmente, os sons aparecem como uma algaravia claramente inarticulada ou, como é conhecida em certos grupos, um “falando em línguas”.

Experiências ancestrais e raciais apresentam muitas vezes insights mais profundos no significado simbólico de práticas culturais, mesmo que as pessoas envolvidas não tenham prévio interesse ou conhecimento delas. Nossas bem documentadas pesquisas para verificar a exatidão dessas experiências têm sempre mostrado sua veracidade ainda que, seguidamente, envolvam informações que seriam acessíveis apenas a profundos conhecedores do assunto ou a especialistas comprometidos com as mesmas.

Testemunhei, por exemplo, o fato de um homem, sem nenhum conhecimento de antigas culturas, descrever com detalhes as práticas funerárias egípcias, baseado em vívidas experiências de sua vida pregressa. Com pormenores, passou informações como o significado esotérico e a forma de amuletos especiais e caixões funerários; o significado das cores escolhidas para as pirâmides funerárias; a técnica do embalsamamento e as práticas rituais exclusivas. Tendo-se experienciado como embalsamador no Egito antigo, foi capaz de descrever o tamanho e a qualidade das bandagens colocadas nas múmias; o material para fazer sua roupa; o formato e simbolismo dos quatro jarros cobertos, usados para guardar determinados órgãos retirados do corpo. Nossa pesquisa revelou que os detalhes relatados sobre as figuras simbólicas de cada jarro, tanto quanto o conteúdo de cada um deles, eram acurados, ainda que tais conhecimentos não sejam acessíveis, de modo geral, ao público.⁷

O mistério do carma e da reencarnação

Para a maioria de nós, nascidos e educados sob as tradições européias ocidentais, noções de vidas passadas, e do carma, parecem estranhas, se não bizarras e infantis. Entretanto, é difícil ignorar o fato que, por milhares de anos, escritos religiosos de muitas sociedades têm discutido vidas passadas, reencarnação e carma, descrevendo o impacto disso em nossa vida atual. Sob esse ponto de vista, nenhum de nós chega à vida com uma "ficha em branco". Pelo contrário, nossa vida presente é encarada como uma continuidade que pode voltar para trás, para muitas existências prévias e, certamente, se estenderá para a frente, para muitas vidas futuras. Em estados não comuns de consciência, memórias de vidas passadas são tecidas numa tapeçaria de experiências que incluem memórias da vida em torno do nascimento, primeira infância, meninice, adolescência e vida adulta.

Sabemos que o cristianismo contemporâneo e a ciência tradicional denunciam, ou mesmo ridicularizam, tal crença. Porém, pesquisas de psicologia transpessoal continuam a apre-

sentar amplas evidências que tal área de estudos é um verdadeiro tesouro, sem dono, de insights sobre a natureza da psique humana. É tão convincente a evidência a favor da influência de vidas passadas que os que se recusam a considerá-la digna de sérios estudos devem ser desinformados, ou terem espíritos excessivamente tacanhos.

Durante anos, minha observação sobre pessoas que tiveram experiências de vida passada, em estados não comuns de consciência, convenceu-me da validade desse fascinante campo de pesquisa. Gostaria de compartilhar com você alguns exemplos que nos convencem, que fenômenos de vida passada são extremamente relevantes, e que nosso conhecimento a seu respeito pode ajudar-nos a resolver conflitos e a viver uma vida melhor no presente.

Em meados da década de sessenta, encabecei uma pesquisa psicodélica e um programa de tratamento para cancerosos, no Maryland Psychiatric Research Center, em Baltimore. Tive a oportunidade de trabalhar com um operário não-especializado, a quem chamarei de Jesse. Ele fora admitido em nosso programa com um avançado câncer de pele que havia se espalhado para órgãos internos. Jesse era virtualmente iletrado e não tinha conhecimento algum sobre carma, reencarnação ou qualquer outra crença associada com o pensamento oriental. De fato, sob circunstâncias normais, poderia se assumir que sua restrita educação católica faria com que esse assunto fosse, para ele, um tabu.

Jesse estava perdendo sua luta contra o câncer, sabendo que ia morrer e, como resultado disso, extremamente perturbado e ansioso. Concordou em submeter-se à terapia psicodélica para tentar uma espécie de acordo com sua ansiedade. No início, focalizava a culpa pelo modo de vida que levava. Tinha sido educado como católico, casou-se mas divorciou-se e há muitos anos vivia fora do casamento com outra mulher. Acreditava firmemente na doutrina da Igreja ao ensinar que, aos olhos de Deus, ele seria sempre casado com sua primeira mulher sendo, portanto, na presente situação, adúltero e pecador.

Em suas sessões psicodélicas tinha visões de monstros, cenas de guerra, depósitos cobertos de cadáveres, esqueletos, restos putrefatos e lixo, expelindo abominável odor. Seu próprio corpo estava lá, envolto em fétidos panos, carcomido pelo cân-

cer. Então apareceu uma gigante bola de fogo e toda essa sujeira foi queimada rapidamente pelas chamas purificadoras. Ainda que a carne de Jesse tenha sido destruída, senti que sua alma sobrevivia, e percebeu-se no ato do julgamento dos mortos, com Deus ponderando sobre suas ações, boas e más. No final, as boas ações suplantaram as ações negativas e ele sentiu-se completamente livre de seus gravames. Nesse ponto, ouvi música celestial e começou a entender a significação de sua experiência.

Jesse percebeu uma poderosa mensagem fluindo através dele, por canais não verbais que pareciam permear seu ser inteiro. A mensagem era a seguinte: "Quando você morrer, seu corpo será destruído, mas você será salvo; sua alma estará sempre com você. Você voltará para a terra, você viverá novamente, mas não saberá o que vai ser na próxima terra."

Resultando dessa experiência, a dor de Jesse foi grandemente aliviada e desapareceu a aguda ansiedade que estava sofrendo. Emergiu da experiência com profunda crença na possibilidade da reencarnação, um conceito conflitante com sua tradição religiosa. Morreu pacificamente cinco dias depois, talvez um pouco mais cedo do que seria esperado. Foi como se sua mente tivesse se libertado para render-se, na luta contra a morte inevitável. Foi quase como se ele estivesse se apressando para alcançar o que chamou de "a próxima terra".

No trabalho de Jesse, sob minha orientação, jamais houve uma discussão sobre reencarnação ou sobrevivência da alma depois da morte física. Por ele próprio, ou talvez com pequeno auxílio de uma força que nós dois não tínhamos conhecido previamente, surgiu-lhe uma complexa visão do que ocorre após a morte, uma visão que lhe deu profunda segurança nos últimos dias de sua vida.⁴

Mesmo que a experiência de Jesse pudesse ser descartada como uma fantasia ilusória, outras experiências contêm extraordinários detalhes que podem ser verificados. Ainda que eu tenha tido experiências de minhas próprias vidas passadas, nenhuma é mais viva ou mais convincente que aquela associada com minha primeira viagem à Rússia. Essa experiência ilustra como esses eventos passados podem ser entrelaçados com nossa história individual mais recente, e como podemos empregar os extraordinários potenciais de cura dessas memórias.

Em 1961, fiz parte de uma excursão organizada para Leningrado, Moscou e Kiev. Tínhamos guias oficiais da Intourist e todos os nossos passeios eram supervisionados de perto, proibidas as saídas sem guias. Um pouco antes de nossa viagem, eu havia lido sobre o Pechorskaya Lavra, mosteiro russo ortodoxo em Kiev, localizado em catacumbas no interior de uma montanha. O lugar era o centro espiritual da Ucrânia, e eu ouvi falar que tinha sido poupado pelos bolcheviques porque temiam uma insurreição civil. Quando, pela primeira vez, ouvi sobre ele, senti uma estranha e poderosa atração emocional e forte desejo de conhecê-lo.

Em Kiev, fiquei sabendo que Pechorskaya Lavra não fazia parte de nosso itinerário e fiquei muito inquieto. Mesmo reconhecendo que corria um grande risco, resolvi visitar o lugar, sozinho. Como falava russo fluentemente, consegui um carro que me levou ao mosteiro. Andei por um labirinto de catacumbas guarnecidas com múmias de todos os monges que ali viveram, e morreram, durante muitos séculos. Suas mãos ossudas, cobertas com uma pele cor de pergaminho, entrelaçavam-se como se estivessem em posição de oração. Estreitos corredores abriam-se em cavernas decoradas com persuasivos ícones, fracamente iluminadas pela luz de velas. Através de pesadas nuvens de fumaça, com forte cheiro de incenso, vi grupos de monges com longas barbas, cantando como se estivessem em profundo transe.

À medida que caminhava vagarosamente por entre as catacumbas, senti-me num estado incomum de consciência, com uma perfeita sensação de ter conhecido esse lugar profundamente. Podia antecipar cada volta, cada encontro. Cheguei, então, à frente de uma múmia cujas mãos estavam numa posição estranha: não se entrelaçavam em oração como as outras. Experimentei uma onda de emoção vinda das profundezas de meu ser. Jamais havia sentido qualquer coisa, mesmo remotamente semelhante, ao que sentia então. Terminei minha excursão e voltei ao hotel, aliviado porque ela não tinha sido percebida pelos guias da Intourist.

Após meu retorno da Rússia, continuei preocupado com a memória das catacumbas, especialmente com minhas estranhas reações frente à múmia com as mãos soltas. Logo, entretanto, imergi em minha pesquisa e a experiência desapareceu-

me da memória. Muitos anos depois, quando eu trabalhava em Baltimore, no Psychiatric Research Center, o diretor do instituto trouxe da Europa um casal — Joan Grant e seu marido Dennys Kelsey — conhecido por sua inovadora terapia hipnótica. Durante sua visita de quatro semanas ao nosso centro, membros de nossa equipe tiveram a oportunidade de tomar parte em sessões pessoais com o casal.

Joan, francesa, era capaz de hipnotizar a si mesma e experienciar episódios de outros tempos e lugares que tinham a característica de memórias de vida anterior. Era autora de muitos livros baseados nessa extraordinária habilidade. Dennys era um psiquiatra e hipnotizador britânico. Em seu trabalho conjunto, hipnotizavam os clientes pedindo-lhes que voltassem às memórias mais antigas possíveis, necessárias para a resolução de seus problemas. Frequentemente as pessoas encontravam, em vidas passadas, a fonte original de seus conflitos. Joan tinha a habilidade de sintonizar-se com as experiências dos clientes e guiá-los na resolução de seus problemas.

O assunto que eu queria trabalhar com o casal tinha algo a ver com o conflito que eu às vezes sentia, entre sensualidade e espiritualidade. De modo geral, sentia grande sabor pela vida e aproveitava todos os prazeres oferecidos pela existência humana. Mas, de vez em quando, sentia um desejo que me impelia a afastar-me do mundo, a dedicar minha vida inteiramente à prática espiritual. Dennys hipnotizou-me e instruiu-me a voltar, no tempo, ao lugar onde começou o problema. Subitamente, eu era um menino russo, em pé num grande jardim, olhando para uma suntuosa casa que percebi ser meu lar. Ouvi Joan falando comigo como se fosse de uma grande distância: "Olhe para a sacada!"

Sem sequer imaginar como ela sabia que eu estava olhando para uma casa com sacada naquele momento, fiz o que mandou. Vi, na sacada, uma mulher velha, com mãos crispadas e deformadas, sentada numa cadeira de balanço. Percebi que era minha avó, e senti por ela uma onda de amor e compaixão.

Subitamente, a cena mudou. Eu estava na rua de uma vila próxima, sentindo que a vida simples, porém pitoresca, dos camponeses mujiques era uma excitante escapada do estilo rígido de vida da minha família rica. Senti que havia estado nesse lugar muitas vezes. Então, me vi na oficina escura e primitiva

de um ferreiro. Um homem gigantesco, musculoso, estava em pé à frente de uma fornalha incandescente. Batia, com um enorme martelo, num pedaço de ferro ardente que estava modelando na bigorna. De repente, senti uma dor aguda no meu olho. Todo o meu rosto contorceu-se num doloroso espasmo e lágrimas desceram. Percebi, com horror, que tinha sido ferido na face por um pedaço do ferro aquecido, e que estava seriamente queimado.

Experienciei a dor emocional de um adolescente horrivelmente desfigurado, a agonia do desejo sexual que não poderia ser satisfeito, e a angústia pelas repetidas rejeições devidas a minhas repugnantes cicatrizes. No meu desespero, resolvi tornar-me um monge e acabei indo para Pechorskaya Lavra. Com o passar dos anos, minhas mãos ficaram severamente desfiguradas. Foi isso um resultado de artrite, ou uma reação histerica provocada pela deformidade de minha amada avó?

Nessa sessão, a última cena de que me lembrei foi minha própria morte quando, de algum modo, percebi estar dentro de um caixão perto da parede das catacumbas. Minhas mãos crispadas não podiam se unir em oração e assim indicar um bem-sucedido fim de minha vida monástica que representava para mim um amargo refúgio da vida mais sensual com a qual sonhara.

Quando a sessão estava terminando, comecei a soluçar, dominado por uma mistura de raiva, desgosto e autopiedade. Percebi que, então, Joan massageava minhas mãos. Vagarosamente, senti que elas se relaxavam, não mais espasmódicas e contorcidas como haviam sido. Finalmente, Joan tomou minhas mãos entre as suas, unindo-as no gesto universal de oração. Num instante, empolgou-me um sentido de renovação como se algo, bem profundo dentro de mim, tivesse se curado. Desde aquele momento, nunca mais experienciei o conflito entre sensualidade e espiritualidade que me tinha afligido.

Pelo processo de experienciar episódios de vidas passadas, muitas pessoas são, seguidamente, curadas de sintomas emocionais e físicos que sofreram na vida presente. Por exemplo, tenho visto depressões crônicas, asma psicogênica, uma variedade de fobias, severas enxaquecas, dor psicossomática e sintomas semelhantes, reduzidos ou completamente erradicados quando as pessoas experienciam vidas passadas. Sendo

somente assim, as curas provenientes de experiências de vidas passadas poderiam ser encaradas como resultado de resoluções simbólicas, armadas pela psique. Entretanto tais curas envolvem, muitas vezes, outra dimensão da realidade, sugerindo que ali opera alguma outra coisa, além de processos simbólicos.

Minha própria experiência de vida passada, descrita acima, propiciou a cura de um conflito interior que eu sentia. A cura não envolveu diretamente outras pessoas e poderia ter sido vista como sendo de natureza simbólica. Entretanto, muitas vezes experiências de vidas passadas incluem outras pessoas e as curas podem apresentar um interessante nível de sincronicidade. Uma vez, por exemplo, trabalhei com um homem que tinha, de longa data, um relacionamento hostil. Durante uma experiência de vida passada, vi que seu adversário foi quem o assassinou quando tinham uma vida em comum há muito tempo atrás. Depois de ter-se transportado ao passado e perdoado o crime, imediatamente o cliente mudou seu sentimento atual em relação àquela pessoa. Velhos medos e animosidade desapareceram em instantes, quando ele a viu sob uma nova luz. Enquanto isso lhe acontecia, seu antigo inimigo, do outro lado do mundo, estava, simultaneamente mas de modo independente, passando por uma experiência pessoal semelhante que também o transformou. Quase no mesmo período de tempo, os dois tiveram experiências que mudaram suas perspectivas básicas, salvando seu relacionamento tão cheio de animosidade. Mesmo que os incidentes que mudaram essas duas pessoas pareciam não ter conexão nenhuma, tiveram o efeito de reuni-las.

Esse particular exemplo, apesar de extraordinário, não é raro em meu trabalho. Mais e mais vezes, tenho visto parceiros cármicos experienciarem mudanças dramáticas que os libertam do passado e lhes permitem esquecer velhas mágoas que existiram por muitos e muitos anos. Essas mudanças de atitude ocorrem em intervalos de minutos, umas das outras, mesmo que as pessoas em questão estejam muitas vezes separadas por milhares de milhas e não tenham comunicação direta entre si.

Já tivemos vida anterior à vida atual?

Aquilo que descrevi até agora sobre experiências de vida passada levanta questões importantes para qualquer séria consideração a respeito da reencarnação. Poderíamos perguntar: a existência de experiências cármicas prova, de verdade, que já vivemos antes? Isso significa que já tivemos uma série de vidas precedendo a vida atual? Significa que continuamos responsáveis por nossas ações, de uma vida para outra? Para responder a tais questões pode não apenas ser útil examinar a evidência, refutando ou apoiando estas crenças, mas considerar as nossas próprias crenças e preconceitos sobre o assunto. Também muito freqüente é acreditar naquilo que *fomos ensinados a acreditar*, ao invés de fazer um exame imparcial, de forma objetiva, para determinar nosso julgamento sobre fenômenos que não podem ser verificados diretamente através de nossos sentidos físicos ou pela matemática.

Devemos nos lembrar que reencarnação e carma são fundamentos das maiores religiões da Índia: hinduísmo, budismo, jainismo, sikhismo e zoroastrianismo. Reencarnação e carma são fundamentais para a vajrayana tibetana, o budismo esotérico japonês e numerosas seitas budistas do sul da Ásia.

Na Grécia antiga, muitos e importantes ramos do pensamento abraçaram a crença sobre reencarnação; entre eles o pitagórico, o órfico e o platônico. A mesma doutrina foi adotada pelos essênios, fariseus, karaites e outros grupos judeus e semijudeus; pelos neoplatônicos e gnósticos; e formaram parte importante da teologia cabalística do judaísmo medieval. Idéias semelhantes podem ser encontradas, histórica, geográfica e culturalmente, em diversos grupos de várias tribos africanas; no rastafarismo jamaicano; entre índios americanos; culturas pré-colombianas; kahunas da Polinésia; praticantes de umbanda brasileira; gauleses e druidas.

Em nossa moderna sociedade ocidental, a reencarnação tem sido aceita pelos teosofistas, antroposofistas e alguns espiritualistas. À primeira vista pode parecer que a crença na reencarnação é estranha à fé cristã, ou mesmo incompatível com ela. Entretanto, isso nem sempre foi assim: crença na reencarnação fez parte dos primórdios da cristandade mística. De acor-

do com São Jerônimo, santo que viveu entre os séculos IV e V d.C., foi dada à reencarnação uma interpretação esotérica, acessível apenas à elite da Igreja.

O mais famoso pensador cristão a especular sobre a existência de almas voltando à terra foi Orígenes, um dos maiores "Pais da Igreja" de todos os tempos. Seus escritos do século III d.C. (especialmente *Sobre os primeiros princípios*) foram condenados pelo Segundo Concílio de Constantinopla, convocado pelo imperador Justiniano em 553 d.C. O veredicto dizia o seguinte: "Se alguém afirmar a fabulosa preexistência da alma e submeter-se à doutrina monstruosa que a isso se segue, que seja excomungado!" Esse edito ajudou, com certeza, a estabelecer a reencarnação como heresia, mas scholars religiosos encontram traços de idéias semelhantes nos escritos de Santo Agostinho, São Gregório e São Francisco de Assis.

Na cultura ocidental dos três últimos séculos, essas atitudes negativas sobre reencarnação têm sido claramente sustentadas pela ciência newtoniana. A tendência prevalecente no moderno mundo industrial é a que exclui todas as formas de espiritualidade como sendo errôneas e enganadoras. Assim, vemos que a humanidade divide-se em três partes: as pessoas que acreditam firmemente na reencarnação; as que são neutras ou, simplesmente, não são interessadas; as que a rejeitam inteiramente.

Tendo em mente essas perspectivas sobre nossas crenças e preconceitos a respeito da reencarnação, voltemos à nossa questão original. A moderna pesquisa da consciência tem alguma coisa que possa contribuir para o problema? A contribuição mais importante é a realização de que não é correto nem útil falar da reencarnação como uma "crença", isto é, uma opinião. Esclarecerei, a seguir.

A doutrina da reencarnação não é uma matéria de crença, mas um sério esforço para conceitualizar experiências muito concretas e específicas, e observações relacionadas com vidas passadas. A existência dessas experiências é um fato que pode ser confirmado por qualquer pesquisador sério, familiarizado com estados não comuns de consciência. Há, porém, várias maneiras de interpretar os mesmos dados. Isso não é muito diferente de qualquer outra questão científica. Afinal, até a teoria da gravitação não é a mesma coisa que a própria gravi-

dade. De modo semelhante, poderíamos nos recusar a encarar seriamente experiências de vida passada porque não gostamos das teorias da reencarnação, mas não pensaríamos da mesma maneira sobre a gravidade, isto é, não negaríamos a queda de objetos porque não gostamos das teorias que a explicam.

Há fatos observáveis sobre a reencarnação. Sabemos, por exemplo, que nítidas experiências de vidas passadas ocorrem espontaneamente em estados não comuns de consciência, não precisando de programação ou conhecimento prévio sobre o assunto. Em muitos exemplos, essas experiências contêm informações corretas sobre épocas bem anteriores à nossa, e que podem ser averiguadas objetivamente. O trabalho terapêutico tem mostrado que muitas desordens emocionais têm suas raízes em experiências da vida passada, ao invés da presente. Os sintomas resultantes dessas desordens desaparecem, ou são aliviados, depois que a pessoa revive a experiência da vida passada, subjacente a elas. As sincronicidades associadas a essas experiências também sugerem que os fenômenos da vida passada merecem séria atenção. A pesquisa de Ian Stevenson sobre crianças que afirmavam lembrar-se de incidentes de suas vidas anteriores nos proporciona, também, evidências adicionais que sustentam a importância dessa área.

A crença de que a consciência individual sobrevive à morte do corpo físico é um caminho para explicar essas observações. É, porém, um erro confundir isso com "prova" final. É importante nos lembrarmos que a ciência jamais "prova" alguma coisa: ela apenas "refuta" e "aperfeiçoa" teorias. A própria história da ciência nos ensina que uma única teoria não explica todos os aspectos de um fenômeno, e sempre há mais de uma teoria que reivindica a explicação de fatos observáveis. Seria possível, então, respeitar experiências de vida passada e sugerir explicações alternativas que não incluem a teoria da sobrevivência da alma, ou da existência de uma continuidade da consciência individual, de uma vida para outra.

Na realidade, encontramos pelo menos duas explicações alternativas na literatura espiritual. Na tradição mística hindu, por exemplo, a crença literal na reencarnação é considerada uma interpretação inferior do carma. Essa teoria sugere que são arbitrários todos os limites e divisões do universo. Numa análise final, existe apenas o princípio criativo da Consciên-

cia Cósmica. Somente ela encarna, isto é, toma forma física. Sob esse ponto de vista, o universo inteiro é um jogo divino (*lila*) de um Ser Supremo (*Brahman*). Quem compreende esse conceito verá que as aparências cármicas constituem apenas outro nível de ilusão.

Outra explicação é que a entidade que encarna é o campo total da consciência humana. Esse campo, que pode ser chamado Alma Suprema (*Oversoul*), inclui toda a vida humana, estende-se por todo o planeta, todo o tempo, e assume identidades individuais para explorar e aprender a respeito de si mesmo. Depois da morte de uma pessoa, as partes não assimiladas da experiência de vida voltam para a Alma Suprema, onde se tornam material para futuras encarnações. Como a concha multicompartimentada do molusco *Nautilus*, a teoria da Alma Suprema incorpora os conceitos de separação e continuidade de maneira que transcende a ambos.

Percepção extra-sensorial e parapsicologia

O interesse pelos fenômenos transpessoais não é novo para a ciência ocidental nem é limitado ao campo da psicologia. Por muitas décadas a parapsicologia — reconhecidamente, uma disciplina altamente controversa entre os campos mais respeitados da ciência — tem estudado maneiras pelas quais possamos ter acesso a informações, sem usarmos nossos órgãos sensoriais. A parapsicologia tem explorado várias formas de percepção extra-sensorial (PES), isto é, habilidade para transcender limites espaciais, distâncias e limitações do tempo linear. Essas habilidades poderiam ter sido incluídas em nossas discussões prévias, mas resolvi descrevê-las numa seção separada por causa do interesse mostrado pelos parapsicólogos.

Os fenômenos PES, caracterizados pela transcendência de limites espaciais, incluem experiências fora-do-corpo, capacidade de experienciar eventos remotos e telepatia. Os fenômenos PES, caracterizados pela transcendência das barreiras do tempo, incluem conhecimento prévio (sobre fatos ainda não

acontecidos), clarividência (perceber fatos passados e futuros) e psicometria (acesso extra-sensorial à história de objetos).

Experiências da consciência desligando-se do corpo, ou fora-do-corpo (FDC), ocorrem numa variedade de graus e formas. Podem tomar a forma de episódios isolados na vida de alguém e podem ocorrer em grupos ou séries de eventos, os quais são parte do processo da crise transpessoal, ou abertura psíquica.

Esse tipo de experiência pode ser precipitado por vários fatos: através de emergências apresentando perigo de vida; situações de quase-morte e experiências de morte clínica; sessões de profunda terapia experiencial; crises psicoespirituais e ingestão de certas substâncias psicoativas. Algumas dessas experiências mais dignas de nota são descritas no *Tibetan Book of the Dead*. Essas antigas descrições não eram levadas muito a sério pelos cientistas até recentemente, quando a moderna pesquisa da psiquiatria experimental e a tanatologia confirmaram sua autenticidade.

Podemos experienciar a consciência deixando nosso corpo, separando-se dele, e olhando para trás, para o corpo. Em formas mais avançadas, podemos deixar nosso corpo e voar para vários lugares remotos.

Muitos anos atrás, logo que cheguei aos Estados Unidos, participei de uma sessão supervisionada de LSD, como parte de um programa de treinamento para profissionais da saúde mental. Durante a sessão, senti subitamente uma mistura de serenidade e alegria. Senti que havia entrado num mundo estranho, como o dos primeiros cristãos, onde os milagres eram possíveis, aceitáveis e compreensíveis. Comecei a pensar sobre os problemas de tempo e espaço, e os insolúveis paradoxos do infinito e da eternidade que confundem nossa mente racional em estados comuns de consciência. Não conseguia entender como meu cérebro tinha sido levado a aceitar o conceito simplista do tempo unidimensional e do espaço tridimensional como se fossem mandatórios e existissem numa realidade objetiva. No estado em que me encontrava, pareceu-me um tanto óbvio que não poderiam existir tais limites no reino do espírito, uma vez que tempo e espaço são nada mais que elaborações mentais.

No reino transpessoal de consciência, pode ser criado e experienciado qualquer número de tempos e de espaços. Nes-

se mundo, um único segundo pode alternar-se livremente com uma eternidade. Ocorreu-me, em tal situação, que eu não deveria vincular-me às limitações de tempo e espaço. Poderia viajar num contínuo tempo-espaço, sem restrições. Estava tão certo disso que decidi tentar uma viagem desse tipo indo para Praga, minha cidade natal, a milhares de milhas de onde estava no momento. Comecei a movimentar-me e tive a sensação de estar voando, através do espaço, numa tremenda velocidade. Mas, para meu grande desapontamento e contrariando minhas expectativas, não estava chegando a lugar algum.

Percebi, imediatamente, que ainda estava sob a influência de meus velhos conceitos de tempo e espaço, pensando em termos de direção e distância. Ocorreu-me que a maneira própria para atingir minha meta seria acreditar que o lugar da sessão era idêntico ao lugar para onde eu queria ir. Quando, desse modo, consegui o desejado, experienciei esquisitas sensações. Encontrei-me num lugar congestionado, cheio de válvulas eletrônicas, fios elétricos, aparelhos de resistência e condensadores. Após alguns momentos de confusão, concluí que estava preso dentro de um aparelho de televisão, no apartamento em que passei minha infância, em Praga. Estava tentando usar o alto-falante do aparelho para poder escutar e a válvula do tubo para poder enxergar. Tornou-se claro para mim que estava face a face com o último obstáculo conceptual, uma vez que os meios pelos quais eu estava superando a ilusão da distância tinham sido modelados, de certo modo, pela moderna eletrônica.

Logo que aceitei não haver limites para a consciência, saí pela tela do aparelho de televisão e me encontrei dando voltas dentro do apartamento de meus pais. A experiência foi tão séria e real como qualquer outra de minha vida. Andei até a janela e olhei para o relógio da esquina. Havia uma diferença de seis horas em relação ao horário do lugar de onde eu viera, nos Estados Unidos. Apesar do fato de o relógio refletir corretamente a diferença de horário entre as duas zonas de tempo, achei que isso não era uma evidência convincente. Meu intelecto conhecia a diferença de tempo e, naturalmente, minha mente poderia, com facilidade, ter engendrado essa experiência.

Eu queria uma prova mais persuasiva de que aquilo que estava experienciando era "objetivamente real", no senso

comum. Finalmente decidi fazer um teste. Removeria um quadro que estava na parede e, depois, perguntaria a meus pais se haviam notado alguma coisa diferente no apartamento. Ao aproximar-me do quadro, senti-me tomado por uma sensação desagradável, parecendo-me perigoso o que estava querendo fazer. Senti-me mergulhado numa misteriosa atmosfera que lembrava forças do mal e magia negra. Parei imediatamente o que estava fazendo para refletir sobre as conseqüências de minhas ações.

Imagens de cassinos mundialmente famosos encheram-me os olhos da mente. Vi bolinhas de roleta girando com intoxicante velocidade; movimentos mecânicos de caça-níqueis; barulho dos dados em mesas de jogo; cenas de pessoas jogando bacará e as luzes oscilantes dos mostradores do jogo de bingo. Isso foi seguido por imagens de escutas clandestinas em reuniões secretas de políticos, de oficiais do exército e de cientistas. Percebi que ainda não tinha vencido meu egocentrismo, e não seria capaz de resistir à tentação de usar minhas forças psíquicas para alcançar minhas próprias necessidades egoístas. Se eu pudesse, de fato, controlar tempo e espaço, teria ilimitada quantidade de dinheiro sabendo, de antemão, o resultado de corridas e jogos. Não haveria segredos. Poderia ficar à escuta de importantes encontros e ter acesso a sigilosas descobertas nas ciências nas áreas militares. Isso me traria possibilidades, jamais sonhadas, de controlar o curso da história do mundo.

Comecei a compreender os perigos envolvidos na minha experiência. Lembrei-me de passagens de diferentes livros, prevenindo não mexer com tais forças antes que a pessoa se livrasse dos impulsos egoísticos próprios. Descobri que estava extremamente ambivalente ao levar adiante o testar meus aparentes poderes. Se eu pudesse confirmar a possibilidade de manipular o ambiente físico, a partir de longuíssimas distâncias, todo o meu universo entraria em colapso e eu me encontraria num estado de total confusão metafísica. O mundo que eu conhecia não existia mais.

No fim, não pude ir até o fim de meu projetado experimento, mas isso permitiu que eu continuasse a brincar com a idéia que talvez tivesse, nessa sessão, conquistado tempo e espaço. No momento que desisti do experimento, vi-me de volta aos Estados Unidos, na sala onde a sessão havia começado.

Até agora, há momentos em que sinto profunda pena de ter desperdiçado a oportunidade única de testar minha habilidade para manipular o tempo-espço. Entretanto, a lembrança do horror metafísico envolvido faz-me duvidar se teria mais coragem se houvesse oportunidade de seguir adiante num teste similar. Felizmente, a autenticidade das experiências fora-do-corpo podem ser testadas de diferentes maneiras. Nas duas últimas décadas essa fascinante área tem sido explorada, sistematicamente, por uma nova disciplina científica: a tanatologia, que enfoca especificamente experiências relacionadas com a morte e o morrer.

Raymond Moody, Kenneth Ring, Michael Sabom, Elizabeth Kubler Ross e outros pesquisadores altamente respeitados têm repetidamente confirmado que pessoas em situações de quase-morte têm tido experiências fora-do-corpo (EFDCs), durante as quais são capazes de presenciar eventos acontecendo em outras salas, mesmo em lugares distantes. Esses fatos têm sido verificados objetivamente por observadores independentes. O desafio definitivo à ciência newtoniana, nessa área de pesquisa, tem sido a descoberta de que pessoas clinicamente cegas, experienciando EFDCs descrevem cenas acuradas, ainda que não as tivessem podido ver mesmo quando recuperadas da doença ou trauma causados pela experiência da quase-morte. Nossas observações sobre experiências de quase-morte confirmam passagens do *Tibetan Book of the Dead* sugerindo que, imediatamente após a morte, assumimos o "corpo bardo" que pode transcender as usuais limitações de tempo e espaço e viajar livremente ao redor da terra.

Durante o tempo em que estive ativamente envolvido em trabalho tanatológico, visitei um hospital em Miami. Ali, um médico tinha acabado de verificar uma experiência incomum de quase-morte de uma imigrante cubana. Durante uma crise cardíaca ela teve uma EFDC e viu-se de volta a Cuba. Estava numa casa onde havia morado, mas que não visitava há longos anos. Recobrou-se da crise cardíaca mas estava muito preocupada com o que tinha visto durante a EFDC. As pessoas que agora moravam na casa tinham feito modificações de que ela não gostara. Havia mudado objetos, trocado algumas peças do mobiliário e pintado a cerca com um tom de verde que ela julgou horrível. O médico que a assistia verificou em se-

guida que ela descrevera exatamente as mudanças ocorridas na casa durante sua ausência, inclusive a cerca pintada de um incomum tom de verde.

Nossa habilidade para deixar nosso corpo físico e viajar para outros lugares tem sido demonstrada em controlados experimentos de laboratório por pesquisadores com boas credenciais acadêmicas, incluindo Charles Tart, da Universidade da Califórnia, em Davis, e Russell Targ e Harold Puthoff, do Instituto de Pesquisa da Universidade Stanford. A pesquisa de Russell Targ sobre "visão remota" envolve duas pessoas: o "espectador" fica no ambiente de um laboratório cuidadosamente controlado, enquanto uma outra pessoa, o "balizador", fica em algum lugar, fora da vizinhança. Um computador seleciona, então, uma locação desconhecida do espectador.

O balizador é notificado, secretamente, para onde deve ir, com base na casual seleção do computador. Após a chegada do balizador a tal lugar, o espectador é convidado a descrever aquilo que o balizador está vendo. A distância que os separa parece não ter significativo efeito na capacidade do espectador de descrever o lugar corretamente. A distância pode ser de algumas quadras ou de milhares de milhas. Em muitas tentativas bem-sucedidas, um psíquico soviético descreveu corretamente a locação atual do auxiliar de Targ, Keith Harary, agindo como balizador, como também o que Harary veria no lugar seguinte, selecionado pelo computador, mesmo antes que Harary tivesse chegado a tal lugar ou soubesse o que ali veria!

Mesmo que as primeiras pesquisas da visão remota tenham utilizado homens e mulheres escolhidos por suas capacidades psíquicas, logo se percebeu que qualquer pessoa poderia, virtualmente, ser treinada para executar esse exercício. A maioria dos pesquisadores estão seguros de que a visão remota e outras qualidades telepáticas são capacidades normais. Depois de experienciarem a visão remota por si mesmas, muitas pessoas dizem que o processo de desenvolver essa capacidade não envolve aprender uma coisa nova, tanto quanto envolve "desaprender" condicionamentos negativos, que negam tais habilidades.

Bons videntes são capazes de ter acesso a informações sobre a história passada de seus clientes, ou de objetos físicos,

sem nenhuma pista visual ou verbal. Muitas vezes testemunhei os psíquicos Anne Armstrong e Jack Schwarz conseguirem acesso a completas e detalhadas informações desse tipo. A habilidade para obter tais informações sugere que a memória pode existir independentemente do corpo físico, mantendo uma forma irrefutável que pode ser reconhecida por faculdades humanas que estão além dos cinco sentidos. Ao invés de parecer uma ferrovia, cujos trilhos estreitos estendem-se, na distância, em duas direções (passado e futuro), o tempo assemelha-se mais a um mar infinito a cujas gotas podemos ter acesso instantâneo onde quer que estejamos.

Como pesquisador da consciência humana, é muito claro para mim que, ao longo de experiências de percepção extraordinária, seguidamente aparece um profundo medo metafísico: experienciei isso quando me confrontei com a possibilidade de projetar-me, através do tempo e do espaço, ao apartamento de meus pais. Esse medo tem raízes no fato de tais experiências desafiarem e abalarem as crenças fundamentais sobre a natureza da realidade. Quando ele ocorre, ameaça de tal modo as suposições básicas que administram nossa vida diária que, freqüentemente, torna-se muito mais fácil negar a existência da percepção do que aceitar e confiar naquilo que já experienciamos. Em outras palavras, quando devemos escolher entre aceitar uma nova visão do mundo ou subjugar nossos medos, seguidamente escolhemos a última opção.

Além do tempo e do espaço, em direção a um mundo mitológico

Neste capítulo, e no anterior, expusemos como a consciência transpessoal permite-nos investigar experiências que transcendem as fronteiras de tempo e espaço. Entretanto, até nesse reino de experiências, as pessoas que vemos e os eventos que presenciemos parecem pessoas e eventos "reais", ainda que os estejamos percebendo de modo inteiramente diferente daquele de nosso dia-a-dia. Porém, a consciência transpessoal permite-nos ir além do dia-a-dia. Podemos encontrar entidades, situações e

lugares diferentes de nossa realidade diária. É aqui que, indo além de nossas experiências mais comuns, entramos no mundo conhecido por xamãs e videntes, no mundo de deidades, demônios e seres sobre-humanos, refletido nas histórias mitológicas e contos de fadas.

ALÉM DA REALIDADE CONSENSUAL

Mitos não vêm de um sistema de conceitos; vêm de um sistema de vida; vêm de um núcleo mais profundo. Não devemos confundir mitologia com ideologia. Mitos vêm dali onde está o coração e dali onde está a experiência, mesmo que a mente estranhe porque as pessoas acreditam nessas coisas. O mito não aponta para um fato; o mito aponta além dos fatos, para alguma coisa que informa o fato.

— Joseph Campbell, *An Open Life: In Conversation with Michael Toms*

Há uma extensa categoria de experiências transpessoais que vão além do continuum tempo-espaco e da realidade que conhecemos no dia-a-dia. Aqui experienciamos o mundo do mito; das aparições; da comunicação com os mortos; e a capacidade de ver as auras, chacras ou outras energias sutis, geralmente não reconhecidas ou verificadas por métodos científicos modernos. Aqui podemos também experienciar encontros com espíritos-guias, “animais de poder”, várias entidades super ou subumanas, ou podemos fazer viagens fantásticas por universos diferentes do nosso.

Aldous Huxley observou que o mundo extraordinário que encontramos aqui não deve ser, apressadamente, descartado como simples fabricações mentais, sem um propósito específico. Disse ele:

“Tal como a girafa e o ornitorrinco com bico de pato, as criaturas que habitam essas mais remotas regiões da mente são extremamente improváveis. Não obstante, elas existem, são fatos observáveis e, como tal, não podem ser ignoradas por alguém que está honestamente tentando entender o mundo em que vive.”¹

Neste capítulo, vamos explorar as mais remotas regiões da consciência com alguns detalhes, a partir da descrição de sessões experienciais de uma variedade de pessoas. Começamos com uma das mais controvertidas áreas desse campo: a comunicação com os mortos.

Experiências espiritualistas e mediúnicas

Nessa categoria incluímos sessões espíritas; pesquisas sobre a possibilidade de sobrevivência da consciência após a morte; comunicações telepáticas com parentes e amigos mortos; contactos com entidades desencarnadas e experiências no reino astral. Numa forma mais simples, pessoas vêem aparições de mortos e recebem suas mensagens. Por exemplo, no dia seguinte à morte de seu marido, a viúva viu-o sentado na sua cadeira favorita na sala de estar. Ele cumprimentou-a, perguntando como ela estava, e ela respondeu que estava bem. Então ele contou-lhe onde encontrar alguns documentos necessários para o inventário. Ela não sabia onde estavam e a informação foi-lhe útil, poupando-lhe horas de procura. Experiências desse tipo têm sido relatadas por clientes sob psicoterapia experiencial e sessões psicodélicas, e por trabalhos de psíquicos e de pessoas que tiveram experiências de quase-morte.

Numa forma mais complexa dessas experiências, um médium entra em transe e o processo atinge mudanças grotescas na aparência física do médium, seja ele homem ou mulher. Sua postura, gestos e expressões faciais podem parecer completamente estranhos; sua voz pode sofrer mudanças na inflexão, acentuação, qualidade de tom e cadência. Em casos assim, já presenciei pessoas falando idiomas desconhecidos e que, fora do transe, não se lembram de jamais os terem falado ou mesmo ouvido. Ouvi pessoas falarem línguas estranhas, fazerem escrita automática, pintarem elaborados quadros e produzirem obscuros esboços hieroglíficos. Intrigantes exemplos disso podem ser observados em Igrejas Espíritas nas Filipinas e no Brasil, inspirados pelos ensinamentos de Allan Kardec.

Luiz Antonio Gasparetto, psicólogo e psíquico brasileiro ligado ao Movimento Espírita, é capaz de, em transe leve, pintar no estilo de grande variedade de pintores de diferentes países do mundo. Há muitos anos tive a oportunidade de observá-lo de perto, durante um seminário de um mês no Esalen Institute. Tanto quanto sua habilidade para produzir quadros que capturavam a essência dos mestres, impressionou-me a rapidez tremenda com que trabalhava, servindo de "canal" para os mestres já mortos. Durante o período em que trabalhou, produziu uma média de vinte e cinco telas por hora.

Gasparetto é capaz de trabalhar em completa escuridão ou sob uma luz vermelha que torna impossível distinguir as cores entre si. Muitas vezes eu o vi executando duas pinturas ao mesmo tempo, cada uma delas com uma de suas mãos. De vez em quando, pintava com os pés, debaixo da mesa, onde não os enxergava. Mesmo assim, essas pinturas agradavam esteticamente, com a sutileza de cores, estilo, forma e composição de um dos mestres já mortos.

Se toda comunicação com entidades desencarnadas envolvesse apenas visões e um vago e subjetivo senso de interação com as mesmas, poderíamos descartar tais experiências como artifícios da imaginação ou ilusória criação do pensamento. Porém, a situação não é assim tão simples. Seguidamente, há informações fornecidas por "seres desencarnados" que podem ser verificadas mais tarde. Segue-se um típico exemplo disso, transcrito de uma sessão experiencial de um jovem paciente em estado de depressão, citado no capítulo 8, a quem chamei de Richard.

Richard experienciou achar-se num espaço com as características do reino astral. Relatou ver uma surpreendente luminosidade, cheia de seres desencarnados. Tais seres estavam tentando comunicar-se com ele de modo muito urgente. Não podia vê-los ou ouvi-los, mas sentia sua presença e estava recebendo suas mensagens telepáticas. Uma dessas mensagens era tão concreta e específica que ele decidiu escrevê-la.

A mensagem era um pedido para que ele se comunicasse com um casal da cidade de Kromeriz, na Morávia. Richard deveria fazer saber ao casal que seu filho Ladislav estava bem, e bem cuidado. A mensagem incluía o nome do casal, o endereço e o número de seu telefone. Esses dados eram inteiramente

desconhecidos por Richard e por mim. A experiência, extremamente enigmática, não concordava com a vida anterior de Richard e os temas da terapia com que, agora, estava envolvido. Ele parecia incapaz de fazer uma ligação entre as comunicações que estava recebendo e qualquer fato de sua própria vida.

Depois de alguma hesitação, decidi fazer algo que talvez me tornasse o alvo das caçoadas de meus colegas, se soubessem disso. Liguei para o número de Kromeriz, constante da mensagem. Uma mulher atendeu e eu perguntei se podia falar com Ladislav. Para minha surpresa, ela começou a chorar. Quando se acalmou, consegui que me dissesse: "Nosso filho não está mais conosco. Morreu. Já faz três semanas."²

Um segundo exemplo ilustrando esse campo de experiências envolve meu caro amigo, e antigo colega, Walter N. Pahnke. Em 1971, ele, sua mulher Eva e seus filhos foram passar férias no Maine. Um dia, usando um capacete protetor, foi mergulhar, sozinho, perto da cabana onde estava a família. Não voltou. Uma extensa busca falhou, não encontrando seu corpo ou qualquer parte do equipamento de mergulho. Sob tais circunstâncias, foi muito difícil para Eva aceitar a morte do marido e dedicar-se ao processo de luto que, normalmente, ajuda a sublimar a tristeza. Parecia-lhe virtualmente impossível que Walter não fizesse mais parte de sua vida. A última lembrança que tinha era quando ele, cheio de energia e saúde, saiu da cabana. Incapaz de ratificar sua morte, Eva não conseguia iniciar o novo capítulo de sua vida sem ele.

Sendo ela mesma psicóloga, Eva foi qualificada para uma sessão de treinamento com LSD, oferecida por nosso Instituto para profissionais de saúde mental. Submeteu-se ao treinamento esperando que, num insight, pudesse mitigar ou superar a dor pela morte do marido. Na metade da sessão, teve uma visão, particularmente viva, de Walter, com quem manteve um longo e significativo diálogo. Ele falou sobre cada um de seus três filhos e libertou-a para começar uma nova vida, livre de um sentido de compromisso para com sua memória. Ao fim da sessão, Eva sentiu-se profundamente libertada.

Justamente quando Eva começou a questionar-se se ela havia criado tal diálogo para satisfazer seus próprios desejos, Walter apareceu novamente, com um pedido telepático espe-

cífico. Disse: "Esqueci-me de uma coisa. Faça-me um favor, devolva um livro que um amigo me emprestou. Está no meu escritório no sótão." Prosseguiu, dizendo o nome do amigo e o exato lugar onde estava o livro na estante. Depois de acabar a sessão, Eva foi para casa e seguiu as instruções de Walter a respeito do livro. Achou o livro e devolveu-o a seu dono, ainda que ela, antes, nada soubesse sobre tal fato.³

Através de seu trabalho de consciência transpessoal, Eva pôde superar o sofrimento pela morte do marido. Uma terapia restrita ao campo biográfico levaria meses e meses para que ela pudesse, apenas parcialmente, chegar a tal resultado.

Como pensei mais tarde, tinha sido bem próprio de Walter proporcionar a Eva algum modo de conferir suas experiências. Ele havia sido muito amigo de Eileen Garrett, famosa psíquica e presidente da American Parapsychological Association. Antes da morte de Eileen, Walter discutira com ela a possibilidade de conduzir um experimento, depois que ela morresse, para provar a existência do Além.

Um dos psicólogos participantes de nosso treino profissional de três anos testemunhou grande variedade de experiências transpessoais durante sessões de respiração holotrópica de seus colegas, tendo ele mesmo participado de algumas delas. Entretanto, continuou muito cético sobre a autenticidade desses fenômenos, questionando constantemente se mereciam, ou não, atenção especial. Então, em uma de suas sessões holotrópicas, experienciou uma sincronicidade incomum, convencendo-o de que talvez tivesse sido por demais conservador em seu enfoque da consciência humana.

Em uma de suas sessões, teve a viva experiência de encontrar sua avó, morta há muitos anos. Durante a infância, fora muito ligado a ela e, agora, sentia-se profundamente comovido pela possibilidade de haver uma comunicação real entre ambos. Apesar do profundo envolvimento emocional causado pela experiência, continuou mantendo a postura de um ceticismo profissional sobre o encontro. Ele pensou que poderia ter criado uma grande variedade de encontros imaginários, a partir de velhas lembranças, já que teve muitas interações com a avó, quando era viva.

Entretanto, esse encontro com a avó já morta foi, emocionalmente, tão profundo e convincente que ele não poderia

simplesmente rejeitá-lo como uma desejosa fantasia. Decidiu, então, procurar uma prova de que a experiência fora real, não apenas fruto de sua imaginação. Pediu à avó, morta, alguma forma de confirmação e recebeu a seguinte mensagem: "Vá à casa de tia Anna e procure rosas cortadas." Ainda cético, no fim de semana seguinte ele decidiu visitar sua tia Anna para ver o que aconteceria. Assim que chegou, encontrou sua tia no jardim, com rosas cortadas à sua volta. Ficou atônito. O dia da visita foi justamente o dia escolhido pela tia para fazer uma poda geral de suas rosas.⁴

Experiências desse tipo, ainda que estejam longe de serem provas definitivas da existência de reinos astrais e seres desencarnados, sugerem, claramente, que essa fascinante área merece séria atenção dos pesquisadores de consciência.

Fenômenos energéticos do corpo sutil

Em estados não comuns de consciência, é possível ver e experienciar campos de energia descritos nas tradições místicas do oriente, mas ainda não verificados, objetivamente, pela ciência ocidental. Falo, aqui, de "auras", "corpos sutis", "meridianos de acupuntura", "nadis", "chacras" e coisas semelhantes. Quando pensamos nesses campos de energia, é importante termos em mente que, mesmo nas tradições das quais tais conceitos evoluíram, sempre se encaixavam estas experiências como associadas ao mundo sutil, e não ao mundo físico denso.

Há muitos anos atrás, fiquei surpreso quando um grupo de ocidentais, totalmente desconhecedores destes sistemas, descreveram, com muitos e acurados detalhes, suas experiências com estes fenômenos energéticos sutis. Alguns viram campos de energia representados por cores, ao redor de outras pessoas, igualando as descrições de auras de antigos textos esotéricos. Outras experienciaram, em seus corpos, um fluxo de energia ao longo dos canais condutores correspondendo, exatamente, aos nadis e chacras das antigas escrituras indianas tântricas, ou correspondendo aos meridianos de acupuntura dos antigos textos médicos chineses.

A habilidade para enxergar auras, e mesmo para diagnosticar as condições gerais de alguém por seu intermédio, tem sido praticada por milhares de anos. O trabalho com as energias sutis do corpo é uma das antigas tradições de cura. Nos Estados Unidos, tenho presenciado o trabalho de Jack Schwarz, capaz de, por meio da aura, "ler" o histórico médico passado das pessoas e diagnosticar enfermidades atuais. Sua habilidade tem sido testada e documentada, muitas e muitas vezes, por pesquisadores da medicina, sob rigorosas condições. As credenciais de Schwarz são realmente esplêndidas.

Entre os vários sistemas que empregam energias sutis está o Poder da Serpente, ou *Kundalini*. De acordo com as tradições tântricas hinduístas e budistas, Kundalini é a energia criativa do universo que, normalmente, permanece inativa na base da espinha dorsal do homem. Pode ser ativada por práticas espirituais ou contacto com um guru, ou pode ascender espontaneamente disparada por fatores desconhecidos. Quando despertada, toma a forma de energia ativa, ou *Shakti*, subindo pelos canais condutores do corpo sutil das pessoas (*nadis*). Ao subir, abre e ativa os centros psíquicos (*chacras*) do corpo. Há sete chacras no corpo, localizados da base da espinha dorsal até o topo da cabeça.

Durante a experiência Kundalini há, seguidamente, uma poderosa sensação de calor e energia que parece fluir para o alto, ao longo da espinha. Junto com essa energia ascendente, a pessoa pode experimentar emoções intensas; tremores; espasmos; violentos estremecimentos; complexos movimentos de torção e um grande spectrum de fenômenos transpessoais.

Christina, minha mulher, teve uma experiência desse tipo durante seu primeiro casamento, quando nasceu seu filho — uma experiência que, finalmente, provocou sua busca sobre o sentido do reino transpessoal. Na preparação para um parto natural, aprendeu a usar o tipo de respiração Lamaze, para auxiliar o processo do nascimento. Nos últimos estágios do parto, teve a experiência que anotamos abaixo.

"Senti, em alguma parte dentro de mim, uma ruptura abrupta como se poderosas e desconhecidas energias tivessem se libertado de repente e começassem a fluir através de meu corpo. Comecei a tremer descontroladamente. Imensos tremores elétri-

cos percorriam-me, dos dedos dos pés para as pernas, a espinha, até o topo de minha cabeça. Brilhantes mosaicos de luz branca explodiam em minha cabeça e, ao invés de continuar a respiração Lamaze, senti ritmos respiratórios estranhos e involuntários tomando conta de mim.

Foi como se eu tivesse sido atingida por alguma força, miraculosa mas amedrontadora, que me deixou excitada e aterrorizada. O tremor, as visões e a respiração espontânea não eram, certamente, aquilo que eu esperava de uma preparação, de tantos meses, para o parto."⁵

Durante seu segundo parto, quando nasceu Sarah, Christina começou a ter sensações e experiências semelhantes às do primeiro parto. Desta vez, porém, os médicos administraram-lhe tranqüilizantes para suprimir tais sensações. Alguns anos mais tarde, uma pessoa amiga convidou-a para conhecer Swami Muktananda. Ainda que, nessa época, Christina tivesse pouco interesse pelos assuntos espirituais, aproveitou o ensejo para um fim de semana sem as responsabilidades de esposa e mãe.

No retiro, sentou-se junto a outras pessoas e aprendeu a meditar. De vez em quando, Swami Muktananda fazia-lhes uma preleção e a aparência dele causou um importante impacto sobre Christina. Então, no segundo dia do retiro, ela teve uma experiência inesperada.

"Durante um período de meditação, primeiro ele olhou para mim e, depois, com alguma força, deu-me uns tapas na testa. O impacto desse evento, aparentemente simples, levou a uma erupção das emoções, experiências e energias que eu controlava desde o nascimento de Sarah.

Subitamente senti-me como se tivesse sido inserida numa tomada elétrica de alta voltagem, e comecei a tremer incontrollavelmente. Minha respiração caiu para um ritmo automático e rápido, que parecia fora do meu controle, e uma multidão de visões inundou minha consciência. Chorei como se estivesse nascendo; experienciei a morte; mergulhei em dor e êxtase; força e delicadeza; amor e medo; profundezas e alturas. Eu estava numa montanha-russa experiencial e não conseguia mais controlá-la. O gênio tinha saído da garrafa."⁶

Durante experiências Kundalini, como essas, a pessoa pode começar rindo ou chorando involuntariamente. Pode começar

A habilidade para enxergar auras, e mesmo para diagnosticar as condições gerais de alguém por seu intermédio, tem sido praticada por milhares de anos. O trabalho com as energias sutis do corpo é uma das antigas tradições de cura. Nos Estados Unidos, tenho presenciado o trabalho de Jack Schwarz, capaz de, por meio da aura, "ler" o histórico médico passado das pessoas e diagnosticar enfermidades atuais. Sua habilidade tem sido testada e documentada, muitas e muitas vezes, por pesquisadores da medicina, sob rigorosas condições. As credenciais de Schwarz são realmente esplêndidas.

Entre os vários sistemas que empregam energias sutis está o Poder da Serpente, ou *Kundalini*. De acordo com as tradições tântricas hinduístas e budistas, Kundalini é a energia criativa do universo que, normalmente, permanece inativa na base da espinha dorsal do homem. Pode ser ativada por práticas espirituais ou contacto com um guru, ou pode ascender espontaneamente disparada por fatores desconhecidos. Quando despertada, toma a forma de energia ativa, ou *Shakti*, subindo pelos canais condutores do corpo sutil das pessoas (*nadis*). Ao subir, abre e ativa os centros psíquicos (*chacras*) do corpo. Há sete chacras no corpo, localizados da base da espinha dorsal até o topo da cabeça.

Durante a experiência Kundalini há, seguidamente, uma poderosa sensação de calor e energia que parece fluir para o alto, ao longo da espinha. Junto com essa energia ascendente, a pessoa pode experienciar emoções intensas; tremores; espasmos; violentos estremecimentos; complexos movimentos de torção e um grande spectrum de fenômenos transpessoais.

Christina, minha mulher, teve uma experiência desse tipo durante seu primeiro casamento, quando nasceu seu filho — uma experiência que, finalmente, provocou sua busca sobre o sentido do reino transpessoal. Na preparação para um parto natural, aprendeu a usar o tipo de respiração Lamaze, para auxiliar o processo do nascimento. Nos últimos estágios do parto, teve a experiência que anotamos abaixo.

"Senti, em alguma parte dentro de mim, uma ruptura abrupta como se poderosas e desconhecidas energias tivessem se libertado de repente e começassem a fluir através de meu corpo. Comecei a tremer descontroladamente. Imensos tremores elétri-

cos percorriam-me, dos dedos dos pés para as pernas, a espinha, até o topo de minha cabeça. Brilhantes mosaicos de luz branca explodiam em minha cabeça e, ao invés de continuar a respiração Lamaze, senti ritmos respiratórios estranhos e involuntários tomando conta de mim.

Foi como se eu tivesse sido atingida por alguma força, miraculosa mas amedrontadora, que me deixou excitada e aterrizada. O tremor, as visões e a respiração espontânea não eram, certamente, aquilo que eu esperava de uma preparação, de tantos meses, para o parto."⁵

Durante seu segundo parto, quando nasceu Sarah, Christina começou a ter sensações e experiências semelhantes às do primeiro parto. Desta vez, porém, os médicos administraram-lhe tranqüilizantes para suprimir tais sensações. Alguns anos mais tarde, uma pessoa amiga convidou-a para conhecer Swami Muktananda. Ainda que, nessa época, Christina tivesse pouco interesse pelos assuntos espirituais, aproveitou o ensejo para um fim de semana sem as responsabilidades de esposa e mãe.

No retiro, sentou-se junto a outras pessoas e aprendeu a meditar. De vez em quando, Swami Muktananda fazia-lhes uma preleção e a aparência dele causou um importante impacto sobre Christina. Então, no segundo dia do retiro, ela teve uma experiência inesperada.

"Durante um período de meditação, primeiro ele olhou para mim e, depois, com alguma força, deu-me uns tapas na testa. O impacto desse evento, aparentemente simples, levou a uma erupção das emoções, experiências e energias que eu controlava desde o nascimento de Sarah.

Subitamente senti-me como se tivesse sido inserida numa tomada elétrica de alta voltagem, e comecei a tremer incontavelmente. Minha respiração caiu para um ritmo automático e rápido, que parecia fora do meu controle, e uma multidão de visões inundou minha consciência. Chorei como se estivesse nascendo; experienciei a morte; mergulhei em dor e êxtase; força e delicadeza; amor e medo; profundezas e alturas. Eu estava numa montanha-russa experiencial e não conseguia mais controlá-la. O gênio tinha saído da garrafa."⁶

Durante experiências Kundalini, como essas, a pessoa pode começar rindo ou chorando involuntariamente. Pode começar

cantando canções ou mantras; falando línguas estranhas; emitindo sons de animais; e assumindo, espontaneamente, posturas e gestos iogues. Para observadores não-iniciados, pode parecer que as pessoas que passam por tais experiências perderam completamente a razão. Essas mesmas pessoas, sem uma preparação adequada, podem pensar que estão enlouquecendo. Entretanto, submetendo-se à experiência Kundalini dentro das tradições iogues, elas a vêem como um progressivo conhecimento daquilo que chamamos de campo transpessoal e como uma abertura dramática para a vida espiritual.

Contato com espíritos de animais

Em discussões anteriores sobre consciência animal, tratamos de experiências transpessoais envolvendo completa identificação com formas físicas de várias espécies. Porém, é possível experienciar também aspectos espirituais de uma espécie particular ou de sua essência arquetípica.

Experiências de espíritos animais, ou "animais de poder", têm um papel importante no xamanismo, a mais antiga religião e arte de curar da humanidade. Xamãs de várias tradições aborígenes fazem contato com espíritos animais, durante estados não comuns de consciência conseguidos espontaneamente ou por meio de técnicas que induzem ao transe. Usam suas conexões com espíritos animais para os mais diversos propósitos, desde encontrar presas para os caçadores da tribo, até diagnosticar e curar doenças.

Através de seu *espírito guardião* ou animal de poder um xamã, homem ou mulher, pode conectar-se com forças do mundo animal e outras forças da natureza. Na tradição xamânica, os guias espirituais animais podem representar a força de toda a espécie, usada pelos xamãs para adicional conhecimento ou energia, com a finalidade de curar, caçar, e fazer mudanças necessárias em sua tribo. As técnicas para o contacto com esses espíritos, ou forças, variam de uma para outra cultura. Os zuni (Ashiwi) do Novo México, por exemplo, usam miniaturas de animais talhadas em pedra, os chamados "fetiches".

Através deles, invocam o espírito do animal que se comunica com eles diretamente, ou age como mediador entre o homem e as mais altas formas espirituais do mundo natural.

Nas culturas xamânicas os animais de poder são vistos como fontes de vitalidade pessoal, saúde, e capacidade para ter uma vida alegre em harmonia com a natureza. Em tais culturas, muito das danças, cânticos, orações e outros aspectos da vida ritual envolvem-se com os animais de poder, comunicando-se com eles, adotando aspectos de sua sabedoria ou poder, ou restabelecendo, com eles, ligações cortadas por negligência, falta de respeito, ofensa aos espíritos animais ou a um dos espíritos de ordem maior do mundo natural.

Durante minha pesquisa, surpreendi-me ao descobrir que experiências com espíritos animais não se limitam, de forma alguma, a povos de cultura aborígene. Em estados não comuns de consciência, esse tipo de experiência é bastante normal, mesmo com pessoas pertencentes às mais modernas e tecnologicamente orientadas sociedades urbanas. Comunicações com forças animais ocorrem regularmente em sessões holotrópicas e psicodélicas, workshops xamânicos e em crises espirituais espontâneas (emergências espirituais). Muitas vezes testemunhei situações em que a força, ou poder, de experiências animais foram tão convincentes que desenvolveram profundo e genuíno interesse pelo xamanismo mesmo em ocidentais previamente céticos. Em um surpreendente número de casos, pessoas têm se transformado tanto que, eventualmente, procuram estudos sistemáticos sobre o xamanismo com experientes xamãs ou com antropólogos.

Experiências com animais tomam muitas formas diferentes, e é importante diferenciá-las. Algumas vezes os animais aparecem num sonho, ou numa visão, e podem ser, simplesmente, uma expressão simbólica da linguagem da mente inconsciente. O significado dessas imagens pode, de modo geral, ser decifrado através de análise do sonho, tal como na psicoterapia freudiana ou outros enfoques sobre a interpretação dos sonhos. Em sonhos ou visões os animais podem representar uma mensagem críptica, revelando algo sobre os sentimentos e qualidades pessoais do experienciador. Assim, a imagem de um tigre, ou de uma pantera, pode ser explicada como expressão de sentimentos agressivos da pessoa que sonha, ao passo

que um garanhão, um touro, ou um bode simbolizam um forte impulso sexual dessa pessoa.

As imagens simbólicas desse tipo devem ser diferenciadas da identificação transpessoal com vários animais. Essas últimas levam as pessoas a relatar a experiência como invulgarmente autêntica, sem que haja confusão sobre a identidade do animal, completamente diversa da pessoa que o pressente. A identidade independente do animal é, seguidamente, confirmada pelo fato de que a experiência revela informações sobre um animal que o experienciador não poderia ter conhecido anteriormente.

A pessoa que tem uma verdadeira experiência transpessoal com uma presença animal resiste, de modo geral, a quaisquer esforços para dar à experiência significados simbólicos: a experiência é o que é — experiência de ser um animal ou comunicar-se com ele — e nada há para ser interpretado ou analisado.

Além da identificação com o animal individual, é também possível a identificação com a "alma" de toda uma espécie, composta da experiência coletiva de todos os membros do grupo. A existência de uma entidade tal como a alma de uma espécie tem sido seriamente explorada na ciência ocidental. O biólogo Rupert Sheldrake acredita que as memórias e a sabedoria de várias espécies são estocadas no que chama de "campos morfogenéticos". Tais campos não são acessíveis aos métodos da ciência contemporânea mas, aparentemente, acessíveis às técnicas xamânicas. Gregory Bateson também discutiu esse ponto, em sua busca do papel que tem a mente na natureza.

A experiência de espíritos animais ou animais de poder é muito diferente das experiências simbólicas de animais ou identificação transpessoal com animais individuais e com a espécie. As experiências simbólicas são criações da mente inconsciente; a identificação com animais individuais, ou com a alma de várias espécies, trata com os fenômenos que refletem o mundo físico. Em contraste, os animais de poder pertencem ao reino da realidade arquetípica. Eles têm extraordinárias características que os diferenciam dos animais comuns que podemos encontrar na natureza. Radiam incomum energia: têm capacidade para comunicar-se em linguagem humana; podem

mesmo, alternando sua forma, manifestar-se em forma animal ou forma humana. Algumas vezes aparecem em ambientes que não lhes são característicos. Uma serpente, por exemplo, pode voar com ou sem a ajuda de asas. Esses traços incompatíveis entre si mostram que o espírito animal transcende o papel usual de animais semelhantes em estado natural.

O que se segue é um excelente exemplo de experienciar a consciência animal, comunicando-se com espíritos animais. Foi relatado pelo escritor-consultor Hal Zina Bennett, que começou trabalhando com os fetiches zuni há vinte anos. Nesse sistema nativo americano, o xamã comunica-se com o espírito animal por meio de uma pequena figura de pedra representando o animal em questão.

"Seguindo as instruções de meu guia, segurei a pequena figura de pedra (um leão da montanha entalhado em pedra) na mão direita e dirigi-me a ela em seu papel no tradicional pensamento Zuni, isto é, "Guardião do Norte". A comunicação foi muito forte e direta — eu diria comunicação visceral, não verbal — como se eu pudesse conectar-me com cada célula do corpo do animal, ocasionalmente tornando-me seu próprio corpo, ao invés de observá-lo. Num momento, recebi uma clara imagem mental de uma bela, macia e majestosa leoa, quase escondida numa moita de grama alta à beira de um cânion.

A Leoa da Montanha aproximou-se de mim, com cautela, andando para trás e para frente, num descontraído zigzag. Parecia olhar-me sem interesse, mas eu estava certo de algo que poderia descrever como uma forte conexão entre nós dois. Se eu me movesse ou tivesse quaisquer pensamentos ou sentimentos agressivos em relação a ela, com certeza ela sentiria uma mudança nessa conexão energética e, instantaneamente, fugiria. Eu sentia medo e respeito por ela, mas alguma coisa dentro de mim mostrou-me que estava seguro em sua presença, desde que mantivesse meu atual estado mental — de simplesmente aprender com ela."

Quando não havia mais que seis ou oito pés de distância entre Hal e o animal, a leoa parou, olhou-o diretamente e, de repente, ficou tensa, cada músculo de seu corpo pronto e em alerta. Ela encarou-o e, para ele, pareceu que "ela estava alvejando minha própria alma". Por um minuto, talvez, ele sentiu-se, transfigurado, temeroso de que ela pulasse sobre ele

a qualquer instante e o rasgasse em tiras com suas agudas garras. Hal continua:

“De repente ela esticou o pescoço, mostrando os dentes, guinchando num uivo ensurdecedor e de gelar o sangue nas veias, fazendo com que tilintantes ondas elétricas me subissem pela espinha. Então, parou, e eu senti-me inundado por sentimentos de amor e apreciação por ela, não mais temeroso mas cheio de respeito. Ela sentou-se, então, arrumou-se um pouco, girou a cabeça e parecia estar olhando além de mim, como se não lhe interessasse eu estar ou não estar ali.

Ouvi um ruído assombroso que vinha de dentro de seu corpo, e levei um momento para perceber que ela estava ronronando como um gato, só que muito mais alto, uma espécie de profundo estrondo que ressoou em meu corpo de maneira quase sexual.

Como digo, não houve palavras entre nós mas, mesmo assim, naquele momento em que estivemos juntos obtive uma nova perspectiva do que significa manter fronteiras e territórios individuais, além de consideração pelas suas caçadas e profundo, sagrado respeito, e amor, pela presa. A Leoa da Montanha conhecia profundamente a natureza, com que se relacionava não apenas como se a natureza fosse um simples lugar: para ela, a natureza era uma impressionante força contendo todos os seres, fossem eles caçadores ou presas, ou criaturas que, de algum modo, viviam fora desse sistema de vida animal.”

Depois de muitos dias de agitação, Hal voltou mentalmente a tal lugar, aprendendo, a cada momento, mais e mais a respeito da leoa da montanha e da sua perspectiva de vida. Desde então, ela tornou-se seu principal espírito conselheiro quando surgem problemas envolvendo limites pessoais, ou sobre o uso correto da própria força.

Encontros com guias espirituais e seres supra-humanos

Talvez uma das mais compensadoras experiências no reino transpessoal seja o encontro com os guias espirituais. Eles são

encarados como seres supra-humanos que existem nos planos e níveis superiores da consciência e da energia. Podem aparecer em reconhecíveis formas humanas; falar-nos como se uma pessoa estivesse nos falando em um sonho; aparecer como uma luz radiante; ou como um poderoso campo de energia. Muito raramente esses guias comunicam-se conosco por meio de palavras: a informação é passada telepaticamente, através de canais diferentes de nossos cinco sentidos.

Muitas pessoas que têm guias espirituais assistindo-as em suas vidas contam que eles aparecem bastante espontaneamente. Podem emergir, de repente, durante um período de crise interior; durante uma doença grave; depois de uma injúria física; ou através de práticas espirituais. Alguns deles identificam-se pelo nome; outros, permanecem anônimos.

Os guias espirituais oferecem diferentes tipos de assistência. Podem intervir e aconselhar em face de algum perigo, ou oferecer-nos conselhos quando passamos por difíceis períodos psicológicos ou espirituais. Depois de nos terem auxiliado durante uma crise, ou emergência, podem jamais aparecer novamente, ou continuar nos ajudando em nossos casos do dia-a-dia.

Há uma esplêndida história sobre guias espirituais que C. G. Jung relata em *Memories, Dreams, Reflections*. Um dia, Jung recebeu uma visita vinda da Índia. O visitante era um líder espiritual naquele país. Como Jung tinha muito interesse pelo pensamento hindu, os dois conversaram longamente. Quando Jung perguntou o nome do Mestre espiritual do visitante, este contou que era “Shankaracharya”. O nome era familiar a Jung, pois Shankaracharya fora um grande comentarista dos textos vedas. Pareceu-lhe, entretanto, impossível que o visitante tivesse esse mesmo homem como Mestre, desde que Shankaracharya estava morto há séculos. Para esclarecer a dúvida, perguntou ao visitante se estava falando do Shankaracharya que havia morrido há algumas centenas de anos.

— Sim, é ele — o homem respondeu para espanto de Jung.
— Então você se refere a um espírito? — perguntou Jung.
— Naturalmente, era seu espírito — respondeu o homem.
— Também há gurus fantasmas. A maioria das pessoas tem gurus vivos. Mas sempre há algumas que têm um espírito como Mestre.⁷

Através das eras, pessoas têm recebido informações vindas de entidades supra-humanas e guias espirituais. Algumas vezes os receptores guardam as informações para seu próprio uso. Outras vezes, agem como mediadores dividindo as comunicações com outras pessoas. Atualmente, essa comunicação compartilhada é chamada de "canalização" (channeling). Em alguns casos, comunicações desse tipo têm-se tornado significativas para milhões de pessoas no mundo todo. É geralmente aceito que os vedas, uma das mais antigas escrituras religiosas do mundo, tiveram como base revelações canalizadas por sábios e profetas hindus. Do mesmo modo, e de acordo com a crença muçulmana, o Alcorão foi canalizado por Maomé, quando em estado visionário. Nos Estados Unidos, a influente religião dos mórmons, da Igreja dos Santos dos Últimos Dias, teve suas fontes de revelação canalizadas por Joseph Smith, no começo do século dezenove.

Quem já leu os trabalhos de Alice Bailey deve saber que muitos dos livros que levam seu nome foram, na realidade, canalizados para ela por uma entidade que chamava, a si mesma, de "O Tibetano". A própria Bailey reconheceu esse espírito-guia como o verdadeiro autor de muitos de seus escritos. O muito respeitado psicólogo Roberto Assagioli comunicava-se com a mesma entidade, creditando-lhe os princípios-chaves do sistema de desenvolvimento pessoal que ele denominou de "psicossíntese". Em alguns casos os guias espirituais oferecem um serviço útil e pragmático como, por exemplo, dirigir seus "canais" para trechos de livros que fornecem informações sobre assuntos específicos.

Durante sua vida, C. G. Jung teve muitas poderosas experiências transpessoais. Já mencionei um dramático episódio em que ele canalizou seu famoso texto *Seven Sermons for the Dead*. A entidade que inspirou a canalização apresentou-se como o Gnóstico Basilides. Jung teve também experiências com seu guia espiritual Philemon, que muito lhe ensinou sobre a dinâmica da psique humana. Nos últimos anos de vida, e refletindo sobre esses materiais canalizados, Jung disse que a maior parte de seus trabalhos baseou-se nessas canalizações. Disse, ainda, duvidar que seus trabalhos pessoais, no estudo da psique humana, tivessem sido possíveis se ele tivesse se limitado às informações adquiridas por meios mais tradicionais.

Nas duas últimas décadas, a canalização tornou-se popular e tem atraído muita atenção. Entre os livros baseados em informações canalizadas por guias espirituais, está a série de escritos de Jane Robert que as recebe de uma entidade cujo nome é "Seth". Há também, entre outras obras, *Emmanuel Books*, de Pat Rodegast; *Messages from Michael*, de Yarbo, e *New Age Transformations: Revelations*, de David Spangler. Um dos mais conhecidos textos canalizados é o livro best-seller *A Course in Miracles*. É altamente admirado por muitas pessoas leigas e por profissionais reconhecidos nacionalmente como Hugh Prather e Gerald G. Jampolsky, M.D., que o utilizam em suas conferências e seminários. O trabalho original foi canalizado por Helen Schucman, uma psicóloga treinada tradicionalmente, ateuista, descrente da paranormalidade, com sólida posição universitária e excelentes credenciais em sua profissão.

Contatos com guias espirituais, ou canalização, pertencem ao vasto spectrum de experiências transpessoais que ocorrem em estados não comuns de consciência. O exemplo seguinte é o relato feito por um professor de filosofia. Conta suas experiências durante uma consulta com todo um grupo de guias espirituais, que ele percebeu ser um conselho de anciões cósmicos. O fato ocorreu durante uma sessão em que ele estava em estado não comum de consciência.

"A inteligência que deu origem ao nosso universo é enormemente sofisticada, e seus trabalhos estão muito além da compreensão humana. Se você quer acesso a essa inteligência, ela terá que lhe ensinar como recebê-la. Desde que essa inteligência nada mais é que o seu próprio ser, é questão de aprender como estar atento em mais e mais níveis de 'seu' próprio ser, ou seja, do ser tal como é. Hoje, recebi numerosas visões do universo e instruções de como apreendê-las. A meditação foi feita por um conselho de anciões.

Os anciões eram os guardas do conhecimento, o conhecimento do que estava se passando no universo por bilhões e bilhões de anos. Já que eu buscava esse conhecimento, fui levado ao conselho para obtê-lo. O conhecimento não é, apenas, dado a você; você tem que trabalhar para consegui-lo. Primeiro, tem que chegar a um nível de percepção e, depois, trabalhar para sustentar a concentração necessária para receber o conhecimento que eles se dispõem a lhe oferecer.

Eu estava sentado junto ao conselho de anciões no núcleo primordial do universo, nas entranhas da terra, onde os guardiões da existência física se reúnem e fazem as coisas acontecerem. Eu queria entender, queria conhecer coisas. Quando me vinha à mente alguma coisa que eu queria entender, o conselho, imediatamente, sabia o que eu pensava e aceitava isso como se fosse um pedido formal. O chefe do conselho, em voz trovejante, lançava um cântico: 'Ele quer saber isso.' Então os outros juntavam-se a ele e começavam uma invocação. Cantavam para juntar as forças necessárias à obtenção do conhecimento."

De acordo com o professor de filosofia que teve a experiência acima, o conselho dos anciões deu-lhe acesso ao "conhecimento experiencial" e permitiu-lhe "ver muitos trechos de como o universo trabalha". Ele sentiu que podia "conhecer qualquer coisa" que quisesse, se tivesse suficiente força para perseverar. Entretanto sentiu que, para perseverar nisso, devia ser capaz de "nivelar-se com a existência", isto é, expandir-se até o tamanho da realidade que queria conhecer. De algum modo, sua capacidade para ver o universo dessa maneira respondia ao profundo desejo que, disse ele, "tem me impulsionado por milhares e milhares de anos". Ele continua seu relato.

"Algumas vezes eu cometia um erro; me distraía enquanto os anciões cantavam. Quando isso acontecia, sentia-me agarrado até os ossos e alguma coisa me dizia: 'Escute! Escute! Cresça! Escute! Não é nada disso. Agora, preste atenção!' Aqueles enormes monges me inculcavam: 'Espere! Todas essas coisas têm seu lugar. Mas, se você quer entender a estrutura do universo, você precisa ser capaz de fazê-lo em níveis profundos. Você precisa ser capaz de experienciá-lo.' "

Visitas a outras dimensões e universos paralelos

Às vezes, aventuras transpessoais parecem ocorrer em locais estranhos, mundos com realidades muito diferentes das nossas. De vez em quando, esses mundos parecem localizar-se em pla-

nos da realidade que são paralelos e que coexistem com nosso próprio mundo. As entidades que habitam esses outros reinos parecem ter formas grotescas, diferentes de tudo que conhecemos em nossa realidade física, e agem de acordo com suas leis, também estranhas para nós. Ainda que muitas dessas entidades sejam criaturas inteligentes, podem ter processos emocionais e intelectuais que pouco, ou nada, se parecem com os nossos.

Pessoas que descrevem suas aventuras nesses outros universos, muitas vezes os ligam a engenhosas histórias de ficção científica, como *Guerra nas estrelas*, filmes de George Lucas, ou às mais fantásticas seqüências de *Jornada nas estrelas*, série americana de televisão. As aventuras, em si mesmas, podem ser tidas como perigosas, algumas vezes devido à natureza hostil das criaturas envolvidas e, outras vezes, devido à incerteza e medo do desconhecido. Quando a situação parece perigosa, é porque o visitante — ele ou ela — encontra-se num ambiente completamente estranho, num mundo em que qualquer movimento em falso pode levar a uma desgraça.

Nessa categoria de experiência transpessoal, são particularmente indistintos os limites entre a realidade objetiva e o reino mítico do inconsciente coletivo. A pessoa pode sentir-se bastante insegura quanto à própria experiência: é, isso, uma visita real a um remoto planeta de nosso cosmos, uma viagem interdimensional a um universo paralelo, ou um estado visionário envolvendo o inconsciente coletivo? O mesmo problema de interpretação pode existir em experiências envolvendo os OVNI's (objetos voadores não identificados), de mundos diferentes do nosso, ou encontros com inteligências alienígenas. Como se vê na discussão dos fenômenos dos OVNI's, experiências desse tipo têm uma qualidade incomum que as coloca numa zona crepuscular, entre a realidade de consenso e o mundo de consciência e de arquétipos.

Jornadas a realidades míticas

A maioria de nós pensa em mitos como histórias, inventadas e fictícias, sobre aventuras de heróis imaginários em lugares

inexistentes — produtos da fantasia e da imaginação. Entretanto, o trabalho pioneiro de C. G. Jung e do mitologista Joseph Campbell, citando apenas dois nomes, tem mostrado que tal modo de entender a mitologia é superficial e incorreto. Ambos demonstraram que os verdadeiros mitos são manifestações de fundamentais princípios organizadores que existem no cosmos, afetando todas as nossas vidas. Jung chamou-os de arquétipos.

Tais arquétipos manifestam-se através de nossa psique individual, mas não são criações humanas. Em certo sentido, os arquétipos são supra-ordenados a nossa psique e representam princípios governantes universais, agindo em nossas vidas. Segundo Jung, arquétipos poderosos podem influenciar não apenas nossos processos e comportamentos individuais mas, também, grandes eventos culturais e históricos. Os arquétipos são universais e podem atravessar fronteiras históricas, geográficas e culturais, ainda que possam ter diferentes nomes e mostrar variações, de uma para outra cultura. Uma vez que os mitos envolvem arquétipos, pode-se dizer que, na verdade, os mitos têm autonomia, não dependendo do homem, em momento algum, para criá-los. Eles existem no vasto mar do conhecimento humano, a que Jung se refere como “inconsciente coletivo”, tão reais quanto os pássaros que voam no céu ou os animais marinhos que nadam em nossos oceanos.

Modernas pesquisas sobre estados não comuns de consciência confirmam a posição de Jung sobre os arquétipos, além de adicionarem outra importante dimensão. Em estados não comuns, as fronteiras que normalmente consideramos, entre mitos e o mundo material, tendem a desaparecer. Enquanto o mundo de matéria sólida desintegra-se em dinâmicos padrões de energia, o mundo das realidades arquetípicas torna-se cada vez mais real e palpável. Sob tais circunstâncias, as figuras mitológicas tornam-se literalmente vivas e assumem existências independentes. O mesmo é verdadeiro quanto ao panorama e à estrutura que compõem o mundo mitológico. O mundo experiencial resultante é, no mínimo, tão concreto e convincente quanto nossa realidade diária.

Em suas formas mais elementais e profundas, os arquétipos são princípios cósmicos completamente abstratos, muito além da capacidade humana de percepção. Porém, em esta-

dos não comuns, podem também aparecer sob formas que percebemos através de visão interior, audição, cheiro, paladar, contato, ou pelo sentido virtualmente palpável de uma *presença*. Alguns arquétipos são universais, e várias de suas expressões são encontradas em todas as culturas mundiais. Há, também, variações arquetípicas muito mais individualizadas. Assim, os universais arquétipos de Mãe ou Pai resumem todas as características essenciais dos papéis de ambos, sem preocupação com raça, cor, cultura, ou circunstâncias específicas. Arquétipos mais específicos e limitados são o Bom Pai e a Boa Mãe, ou seus opostos Pai Tirano e Mãe Terrível. Outros exemplos de arquétipos universais podem ser o Velho Sábio, a Mulher Sábia, o Amante, o Mártir, o Mago e o Eremita.

Após quase toda uma vida estudando os arquétipos, Jung confirmou a existência de três arquétipos-chaves, em seus estudos da personalidade e do comportamento humanos: 1) a Anima, ou personificação dos aspectos femininos no inconsciente de um homem; 2) o Animus, ou a corporificação de elementos masculinos no inconsciente de uma mulher; e 3) a Sombra, a parte desconhecida, obscura e reprimida de nossa personalidade. Esses três aspectos de nossa psique são geralmente escondidos e desconhecidos por nós. Mesmo assim, exercem fortes influências em nossas escolhas, auxiliando, portanto, a modelar nosso comportamento e nossa experiência de vida, até trazermos tais aspectos à nossa consciência e conhecê-los.

Há algum tempo, tive oportunidade de conhecer esses arquétipos, durante uma sessão psicodélica a que me submeti. Essa experiência pessoal muito contribuiu para o conhecimento desse fascinante aspecto de nossa psique.

“Quase no fim da sessão, em que eu experienciava extraordinárias visões mostrando o Apocalipse, vi, subitamente, um grande palco. Ele parecia estar localizado no meio do nada, suspenso no espaço cósmico e fora do tempo. Havia ali uma exibição magnífica de princípios universais personificados (os arquétipos) que, através de uma complexa interação, criam a ilusão do mundo fenomenal, o movimento divino da consciência cósmica que os hindus chamam de *lila*. A cena tinha tal majestade e grandeza que fica além de minha capacidade descrevê-la.

Os arquétipos que vi eram figuras multiformes, como Proteu, com muitas facetas, níveis, dimensões e significados

diversos. Foi impossível focalizar qualquer aspecto particular das mesmas, pois, à medida que eu as observava, continuavam a transformar-se, numa inacreditavelmente intrincada interpenetração holográfica. Cada figura representava a essência de sua função e, simultaneamente, todas as manifestações concretas desse princípio no mundo fenomenal. Ao mesmo tempo em que eram, claramente, entidades individuais, incluíam um grande número de outros seres e situações de todos os tempos e lugares da história.

Vi Maia, um misterioso princípio etéreo simbolizando a ilusão que cria o mundo da matéria. Havia uma figura semelhante à Anima, que incorporava o eterno princípio ou força femininos. Vi uma figura parecida com Marte, que aparentava ser o princípio responsável pelas guerras durante toda a história da humanidade. Havia a real figura do Soberano; do retraído Eremita; do mago ardiloso; e dos Amantes representando todos os dramas sexuais através dos tempos. Todos eles inclinaram-se em minha direção, como se estivessem esperando apreciação pelo seu desempenho estelar no Jogo Divino do universo. Pareciam deleitar-se com minha grande admiração por eles."

Além das figuras arquetípicas universais, que mostrei acima, há motivos ou temas arquetípicos, também universais, que podemos encontrar quando em estados transpessoais de consciência. Estes últimos podem se expressar como enredos, parábolas ou histórias cujos conflitos, e suas resoluções, empregam figuras arquetípicas. Muitos desses temas manifestam-se na vida humana social e sexual, com a qual todos somos familiares. Como experiências internas, podem ser identificados como fontes de dificuldades biográficas, isto é, conflitos emocionais que engendraram cedo em nossas vidas. Excelente exemplo disso é o ódio de um filho pelo pai, e o amor pela mãe, popularizado por Sigmund Freud em seu famoso trabalho sobre o complexo de Édipo, assunto da peça *Édipo Rei*, escrita por Sófocles há mais de dois mil anos. O oposto desse tema arquetípico é o complexo de Eletra, o amor da filha pelo pai e sua hostilidade em relação à mãe.

O tema do bom irmão e do mau irmão foi imortalizado pela história bíblica de Caim e Abel. De modo semelhante, lendas e histórias de fadas expressam seguidamente esses temas arquetípicos. "Branca de Neve" e "Cinderela" descrevem dolorosos

conflitos entre a jovem e sua maldosa madrasta. "Hansel e Gretel" retrata o drama de dois irmãos amorosos postos em perigo pela figura da mãe maldosa. Muitas obras da literatura mundial são variações do tema dos Amantes: Tristão e Isolda, Romeu e Julieta, Abelardo e Heloísa são apenas alguns entre os amantes famosos. Outras formas extremas de conflitos arquetípicos envolvem o Torturador e a Vítima, o Matador e o Morto, o Tirano e o Oprimido, o Preso e o Libertador. Freud disse que tais mitos têm suas raízes em conflitos biosociais que experienciamos diariamente. Sob esse ponto de vista, o mito de Édipo é uma criação artística inspirada por conflitos psicológicos universais, ocorrentes em certa idade de rapazes jovens.

Minhas próprias observações de estados não comuns de consciência apóiam fortemente o ponto de vista de Jung quando afirma que o mundo arquetípico tem vida independente. Tal mundo é supra-ordenado à nossa realidade diária e representa sua força propulsora. Jung, por exemplo, acredita que nossos conflitos reais com os pais (se somos homens) têm raízes universais e são expressões do mito de Édipo, existindo independentemente de nós em nossa realidade diária. Joseph Campbell tornou esse ponto muito claro em *Myths to Live By*. A mesma idéia é apresentada por Jean Shinoda Bolen em *Godesses in Every Woman e Gods in Every Man*.

Para uma pessoa que não experienciou estados incomuns de consciência, é muito difícil explicar como é possível que ela própria consiga experienciar-se como um arquétipo universal; experienciar-se, por exemplo, como a Grande Mãe, que representa a essência da maternidade, as qualidades de todas as mães do mundo, através da história da humanidade. A melhor maneira de conseguir isso talvez seja imaginar uma simples figura tridimensional. A figura está elaborada de tal maneira que, à medida que você anda a seu redor, cada vez percebendo um ângulo diferente, você percebe ainda outros aspectos da mesma, ainda que todos eles pareçam ser apenas outra visão do total. Isso tem sido demonstrado como real através da holografia. Há alguns anos, foi exibido em Honolulu um holograma composto, o "The Child of Hawaii", uma coleção de rostos individuais de muitas crianças havaianas coexistindo em uma única imagem holográfica. Apesar de haver, na realidade, grande número de faces, elas estavam superpostas apa-

rentando ser uma única figura que se transformava, revelando uma nova face todas as vezes que você mudava sua posição ou ângulo de visão.

Alguns motivos e figuras mitológicas, apesar de representarem variações dos arquétipos universais, são específicos de determinada cultura ou religião. Jesus Cristo e a Virgem Maria, por exemplo, têm significação específica para os cristãos; Bodhisattvas Avalokiteshvara e Kuan Yin são unicamente budistas; e a Rainbow Serpent pertence ao mundo Dreamtime dos aborígenes australianos. Independentemente de sua universalidade ou especificidade, as deidades que aparecem no reino transpessoal pertencem a duas categorias distintas: a primeira, associada às forças da luz do bem, como Cristo, Apolo, Ísis, ou Krishna; a segunda, associada ao mal e à escuridão, como Satã, Hades, Set e Ahriman. Muitas vezes, uma única deidade pode incorporar tanto a luz quanto a escuridão, tanto o bem quanto o mal. Isso é particularmente característico das deidades orientais, ao passo que na mitologia do mundo ocidental elas tendem a ser estritamente dicotomizadas. Exemplos de deidades que transcendem polarização são o Brahman Hindu e os cinco Budas descritos no *Tibetan Book of the Dead*.

O mundo dos arquétipos

Muitos povos de conduta espiritual encontram, pela primeira vez, deidades arquetípicas no processo morte-renascimento. Na primeira parte deste livro, tratamos de algumas maneiras pelas quais vários aspectos de nossa história biológica misturam-se com arquétipos do inconsciente coletivo. Aqui, o encontro com tais aparentemente horríveis e furiosas deidades é parte muito importante do processo morte-nascimento. Para uma pessoa de conduta espiritual, elas são portadoras de uma morte simbólica do ego, um degrau necessário para a abertura espiritual. É também nesse ponto que arquétipos bem-aventurados aparecem, pela primeira vez, no instante do renascimento, ou na felicidade oceânica do útero.

As figuras arquetípicas, tanto das deidades bem-aventuradas quanto furiosas, são dotadas de grande energia e poder luminoso. Quando as encontramos, a experiência é usualmente associada a emoções fortes. A qualidade da reação depende da natureza da deidade, pode tratar-se desde êxtase e felicidade suprema até um terror metafísico, uma dor física ou emocional subjugante, ou a sensação de perder a razão. Entretanto, mesmo poderosos como podem parecer esses confrontos, não se tem a impressão de um cotejo com o Ser Supremo ou forças máximas do universo. Tais deidades — bem-aventuradas ou horríveis e furiosas — são elas próprias criações do poder mais alto, personificações dos princípios-chaves universais. Joseph Campbell referiu-se a isso em muitas de suas palestras, especialmente no contexto de cultos religiosos. Enfatizou que as deidades individuais não deveriam ser adoradas por suas características próprias mas, sim, serem encaradas como expressões concretas da suprema força criativa que transcende qualquer forma. Assim, deveriam ser vistas como “transparentes daquilo que é transcendente e de que são expressões”.⁹

Muitos anos de pesquisa demonstraram que, em estados não comuns de consciência, podemos não apenas testemunhar realidades míticas e arquetípicas mas podemos, realmente, tornar-nos tais arquétipos. Podemos nos identificar completamente com Sísifo, nas profundezas do inferno, rolando montanha acima um grande bloco de pedra. Podemos nos tornar Teseu matando o Minotauro no escuro Labirinto. Podemos nos tornar radiosos, com a beleza de Afrodite, ou brilhar, com a glória de Hélio e Apolo. Podemos assumir a forma corporal e a experiência interior de criaturas míticas como Cérbero, Cíclope e Centauro.

É notável a descoberta de que pessoas de uma determinada cultura ou raça não são limitadas aos arquétipos das mesmas. Em nossa pesquisa já vimos, por exemplo, americanos brancos, de classe média, moradores de cidades, que, em estados não comuns de consciência, tiveram significativos encontros com heróis legendários como o polinésio Maui ou com Xangô, deus banto do sexo e da guerra. Em muitas ocasiões, durante anos, presenciei mulheres americanas e européias tornarem-se Kali, a deusa hindu. Mostravam a mesma tradi-

cional expressão facial da deusa com a língua de fora, ainda que não tivessem conhecimento prévio dessa imagem. De modo oposto, durante workshops no Japão e na Índia presenciamos muitos participantes, naturais desses países e criados dentro de suas tradições, apresentando profunda identificação com Cristo.

De vez em quando, o mundo dos contos de fadas torna-se vivo e encontramos, ou nos identificamos, com sereias, elfos, gnomos, fadas ou monstros. É de particular interesse notar que, em muitos casos, pessoas que desconhecem certas figuras mitológicas, e não eram capazes de *experienciá-las* acuradamente e com grandes pormenores, conseguem desenhá-las com detalhes que se ajustam perfeitamente a antigas descrições das mesmas. Depois de alguém ter presenciado literalmente milhares de peças de evidência desse tipo, torna-se claro que qualquer pessoa tem acesso a temas arquetípicos de todos os tempos e culturas, não apenas das culturas da época de nosso nascimento biológico atual.

Nossa pesquisa sobre estados não comuns de consciência apóia, assim, os conceitos de C. G. Jung, o qual sugere que, em nossos sonhos e visões, podemos experienciar mitos estranhos à nossa cultura e que não conhecíamos por prévias leituras, conhecimento de artes ou conversas com outras pessoas. Esse é o mundo do "inconsciente coletivo", um oceano infinito de conhecimento que podemos extrair. Nesta época de avançada tecnologia, poderíamos comparar o inconsciente coletivo com uma estação transmissora que irradia constantemente todos os programas e informações jamais transmitidos pelo rádio e pela televisão. A qualquer momento podemos "mudar de canal", trocando aquele que mantemos ligado no dia-a-dia por um infinito número de outros canais, ultrapassando as fronteiras do tempo, do espaço e até das espécies. É virtualmente impossível imaginar que estamos sempre rodeados por toda essa informação e que, ao mesmo tempo, temos acesso a ela sempre que quisermos. Mas, nossa analogia com as ondas de rádio nos dá uma idéia da imensidade de informações às quais temos acesso através do inconsciente coletivo.

Decifrando intuitivamente os símbolos universais

Desde o clássico trabalho de Freud sobre a interpretação dos sonhos, o estudo dos símbolos psicológicos tem sido uma importante parte da psicologia profunda. Segundo Freud, os símbolos representam coisas que já conhecemos mas que julgamos objetáveis e inaceitáveis. Em nossos sonhos, tais matérias problemáticas — geralmente de natureza sexual — são substituídas pelos símbolos correspondentes. Assim, por exemplo, um trem precipitando-se através de um túnel pode exprimir o frustrado desejo sexual de alguém. Freud levou muitos anos tentando identificar todos os símbolos que representam os órgãos sexuais masculinos e femininos, a relação sexual e os aspectos da vida instintiva.

Jung discordou fortemente das interpretações simbólicas freudianas. Para ele, aquilo a que Freud se referia deveria ser chamado de "sinal", pois era, simplesmente, outro modo de representar uma realidade conhecida, não diferente dos pictogramas usados nos sinais de trânsito em nossas auto-estradas. Jung aventou que os verdadeiros símbolos não são afirmações cripticas sobre funções biológicas e sim referências a complexas realidades transcendentais.

Os símbolos universais tiveram papéis importantes em muitas religiões, durante séculos. A suástica indo-iraniana, por exemplo — uma cruz com os ponteiros virados para o lado esquerdo — é um antigo símbolo de paz e bem-estar relacionado ao disco solar. (Em sua forma seguindo os ponteiros do relógio, tornou-se a infame cruz gamada, símbolo do partido nazista alemão.) Os centenários símbolos hindus de Shiva lingam e yoni têm múltiplos significados, desde os órgãos sexuais masculinos e femininos e funções gerativas, até forças estáticas e dinâmicas da existência — consciência pura e energia criadora. A cruz, um símbolo de origem pré-histórica, tem significações universais profundas em muitas culturas diferentes. Em sua mais antiga conotação, aponta para o sol e, através dele, para a força criativa do universo. Em outras conotações simboliza toda a existência porque representa os quatro pontos cardeais ou direções, e o centro. Na principal corrente cristã, simboliza a histórica crucificação de Jesus, ao passo que na

mística cristandade esotérica refere-se a diferentes aspectos de encarnação, morte espiritual e renascimento. Em sua variedade egípcia, a cruz do Nilo, ou *ankh*, era o símbolo mais sagrado dos mistérios de Ísis e Osiris, por meio dos quais os neófitos descobriram sua imortalidade e a vida eterna.

A estrela de seis pontas — dois triângulos sobrepostos apontando para direções opostas — tem muitos e diversos significados, dependendo da época e da cultura histórica. Na alquimia antiga e medieval, ela retratava a união dos quatro elementos: terra, água, fogo e ar. Na cabala, é chamada a “Estrela de Davi” e representa uma pessoa iluminada cuja consciência inferior (triângulo apontando para o alto) luta para alcançar níveis mais altos, enquanto a consciência superior (triângulo orientado para baixo) tenta tornar-se eficiente e funcional no mundo físico. Na tradição tântrica representa a união dos princípios masculinos e femininos.

O famoso símbolo taoísta yin-yang representa a dinâmica inter-relação dos princípios femininos e masculinos, ou os aspectos ativos e passivos do Tao, o princípio criativo do cosmos. De maneira similar, o lótus tem papel importante no simbolismo espiritual de muitas culturas, incluindo as do Egito Antigo, Índia e América Central, em todas elas como símbolo do potencial espiritual do homem.

Continuo a me admirar pelo fato de que muitas pessoas, em estados transpessoais da mente, sejam capazes de não apenas pressentir tais símbolos mas, também, de decifrar sua mais profunda significação esotérica, mesmo sem prévio conhecimento das tradições espirituais das quais se originam. Tal fato sugere, fortemente, que esses símbolos não são Logos designados pelo homem para proposições religiosas, mas são elementos de uma linguagem simbólica pertencente ao inconsciente coletivo.

Experiência do Criador e da consciência cósmica

Nas experiências transpessoais mais dramáticas e abrangentes, as fronteiras parecem dissolver-se, e desaparecem as distinções

entre nós mesmos e outras pessoas, objetos ou forças. Experienciamos unidade e encontro ou até completa identificação com o princípio criativo do universo. Dependendo do grau em que ainda mantemos nossa identidade cotidiana, podemos experienciar esse encontro no papel de testemunha atemorizada, ou como a própria força criativa. Esse princípio criativo pode manifestar variedades de formas. Às vezes, aparece como um demiurgo personalizado ou criador, um arquétipo de ordem superior que tem poder sobre todos os outros. Já presenciei casos em que as pessoas se experienciavam como mais de um criador. Como, por exemplo, deidades masculinas e femininas trabalhando juntas, como aparecem de vez em quando nas mitologias das culturas ou, mesmo, como uma hierarquia de universos e de criadores. Mais freqüentemente, a força criativa do universo é percebida como algo além de qualquer forma: pura consciência dotada de inteligência suprema e capacidade para criar cada um e todos os mundos experienciais, conhecidos e desconhecidos, físicos ou etéricos.

Experiências de consciência cósmica têm sido descritas em muitas escrituras religiosas através da história. O mais importante princípio criativo tem sido conhecido por muitos nomes: Brahman, no hinduísmo; Dharmakaya, no budismo mahayana; Tao, no taoísmo; Pneuma, no misticismo cristão; Alá no sufismo; Keter, na cabala. A mensagem básica das tradições místicas é que podemos experienciar e nos conectar com o princípio, e, também, que cada um de nós, de certo modo, é o princípio criativo. Isso é possível porque no universo todas as fronteiras são, em última análise, ilusórias, arbitrárias e podem, portanto, ser transcendidas. A mais conhecida expressão dessa sabedoria perene é a famosa afirmação *Tat tvan asi* (Tu és Isto, tu és a Divindade) encontrada entre os antigos upanixades hindus. Modernas pesquisas sobre estados não comuns de consciência dão forte apoio a essa compreensão da natureza humana, uma vez que mostram, sem dúvida alguma, que estados transcendentais de consciência podem ser alcançados por vários métodos de expansão de consciência.

Quando experienciamos identificação com a consciência cósmica, temos a sensação de envolver a totalidade da existência dentro de nós, e de compreender a realidade subjacente a todas as realidades. Sentimos, de maneira profunda, estar

em conexão com o supremo e fundamental princípio de todo Ser. Nesse estado, fica absolutamente claro que tal princípio é o fundamental e único mistério: desde que sua existência é aceita, tudo o mais pode ser compreendido e explicado por ele. A experiência da consciência cósmica é ilimitada, insondável e indescritível. Porém, mesmo um pequeno comprometimento experiencial com a mesma satisfaz plenamente nossa ansiedade por entender a essência das coisas. Todas as dúvidas sobre os mistérios da vida parecem ser esclarecidas e não há necessidade de ir além disso. Não é possível, nem necessário, falar sobre isso com quem não teve tal experiência, pois ela é uma experiência auto-avaliadora e profundamente pessoal.

Provavelmente, a mais famosa afirmação sobre a inutilidade de tentar capturar a essência da fonte cósmica, em pensamento ou palavras, é a de Lao-tse, sábio chinês que viveu no século IV d.C.:

“O Tao que pode ser narrado não é o Tao eterno.
O nome que pode ser falado não é o nome eterno.
O inominado é o começo do céu e da terra.
O que tem nome é a fonte de dez mil coisas.”¹⁰

As línguas de culturas com antigas tradições espirituais e que têm como base a auto-exploração experiencial (como o chinês, o tibetano e o sânscrito) têm um vocabulário rico e sofisticado descrevendo vários estados místicos da consciência. Mesmo assim, os termos se adaptam ao significado apenas se pudermos relacioná-los com uma experiência pessoal. Nas escrituras espirituais e filosóficas da Índia há o conceito de Saccidananda, que descreve a experiência da consciência cósmica. A palavra “saccidananda” é formada por três raízes: *sat* significa existência; *chit* significa conhecimento ou inteligência; e *ananda*, bem-aventurança, êxtase. Saccidananda sugere, portanto, “uma inteligente e extática percepção da existência”. Essa experiência é desprovida de qualquer conteúdo concreto, mas como tal tem capacidade de criar infinitos mundos experienciais. Se a experiência do encontro com a força criativa mais essencial não pode ser descrita em nossa linguagem do dia-a-dia, a poesia talvez consiga chegar mais perto. Porém mesmo a poesia, muitas vezes, não alcança esta realidade. A poesia

espiritual de Rumi, Omar Khayan, Kabir, Khalil Gibran, Sri Aurobindo ou Santa Hildegard de Bingen é a que consegue expressar mais fielmente este tipo de experiência.

A narrativa sobre consciência cósmica, que vem a seguir, é de um homem envolvido em sistemática auto-exploração há alguns anos. Apresento-a aqui porque oferece pelo menos uma visão sobre as sensações, pensamentos e insights que aparecem em tal processo.

“Minha experiência, então, transformou-se numa extremamente poderosa e comovente experiência da Árvore Cósmica. O campo unificado de energia cósmica, que eu havia experienciado antes, tornou-se agora uma árvore compacta, de radiante energia, suspensa no espaço. Maior do que a maior galáxia, era totalmente feita de luz. O cerne da árvore perdia um pouco da brilhante exibição, mas os ramos e folhas eram visíveis em suas bordas. Experienciei-me como uma das folhas; as vidas de minha família e amigos íntimos eram folhas enfeixando-se à minha volta, num pequeno galho. Todas as nossas características distintivas, que nos fazem os indivíduos que somos, pareciam, dessa perspectiva, muito menores, quase arbitrárias variações dessa energia fundamental.

Fui levado a rodear a árvore e ensinado como deveria mover-me da experiência de uma pessoa para a experiência de outra, tudo me parecendo ridiculamente fácil. Vidas diferentes, ao redor do globo, eram simplesmente experiências diferentes pelas quais a árvore estava passando. Toda a experiência era governada por escolha; seres diferentes, que fizeram todos parte do Próprio Ser, simplesmente escolheram essas múltiplas experiências. Nesse ponto, eu era a árvore. Não que eu estivesse tendo todo o âmbito de sua experiência, mas sabia, por mim mesmo, que eu era essa única e abrangente Consciência. Sabia que Sua identidade era minha verdadeira identidade.

Ainda que, anos antes, eu tivesse aderido de coração ao monismo, estava agora, na realidade, experienciando o inconsútil fluxo da consciência nas cristalizações da corporificação. Estava experienciando como a consciência se manifesta em formas separadas, ainda que continue unificada, mas sabia que fundamentalmente há apenas Uma Consciência no universo. A partir dessa perspectiva, minha identidade individual e tudo o mais pareciam temporários e quase triviais. Experienciar minha Identidade verdadeira supriu-me com a sensação profunda de um encontro *numinoso*.”

Durante muitas horas seguintes, essa Consciência levou-o a um extraordinário circuito pelo universo. Era como se ela quisesse mostrar-lhe seu trabalho. Ele estava convencido de que tal consciência era o Criador de nosso inteiro universo físico. O Criador o levaria para algum lugar, o abriria para experiências, e assim ele poderia, conseqüentemente, entender o trabalho secreto do cosmos. Mais e mais, ele estava dominado pela magnitude, a sutileza, e a inteligência do que estava presenciando. A beleza do plano era tal que ele ficava ofegante pelo que estava vendo. Continua, então.

“O circuito que fiz foi a mais extraordinária jornada de minha vida. A vista de inteligentes esquemas levou-me, repetidamente, a um êxtase cognitivo. Ainda que essas experiências fossem, em si mesmas, surpreendentes, para mim o aspecto mais comovente da sessão de hoje não foi ter descoberto as próprias dimensões do universo, mas o que significou para a Consciência, em que me achava imerso, o fato de vê-las e compreendê-las. Esta consciência sentia-se muito feliz por mostrar para alguém seu trabalho. Eu sentia que ela tinha estado esperando, durante bilhões de anos, que a consciência personificada se desenvolvesse a ponto de alguém poder ver, compreender e apreciar o que ela havia realizado.

Senti o isolamento dessa Inteligência que, mesmo tendo criado tal obra-prima, não tinha ninguém que apreciasse seu trabalho, e chorei. Chorei por sua solidão, e de admiração pelo amor que a fez aceitar tal isolamento como parte de um plano maior. Atrás da criação, senti um Amor de extraordinárias proporções. Toda a existência é uma expressão de Amor. A inteligência do projeto do universo é complementada de maneira idêntica pela profundidade do Amor que a inspirou.

Aqui, de alguma maneira, percebi que não seria capaz de levar comigo, de volta, o conhecimento que adquiri nessa jornada. A Inteligência com a qual me ligava também sabia disso, tornando ainda mais valiosas nossas poucas horas de contacto. Nada havia que eu pudesse fazer com esse conhecimento, a não ser experienciá-lo agora. Minha maior tarefa foi avaliar o que estava vendo. Pareceu-me extremamente importante espelhar existência de volta a seu Criador, com amorosa apreciação. Ver, compreender e valorizar.”¹¹

Nesse tipo de experiência podemos alcançar profundos insights sobre o processo da criação, e até sentir as forças e impulsos envolvidos. Podemos sentir uma abundante força pro-

pulsora de energia criativa, imenso amor e compaixão, irresistível impulso artístico, ilimitada curiosidade e uma paixão pela experimentação. Essa identificação com a energia criativa do cosmos inspira, freqüentemente, nova atitude frente à vida, tornando-se fundamento para uma nova compreensão da existência. A maioria das pessoas sente-se estimulada quando descobre sua real condição cósmica, e ganha nova perspectiva para seus problemas diários. Muitas pessoas rejeitam todas as sensações de serem vitimizadas por suas provações e adversidades diárias e mesmo por problemas globais como guerras e disputas econômicas, certas de que em outro nível são participantes ativas na criação de um drama universal.

De vez em quando, as pessoas podem ter reações negativas a insights cósmicos desse tipo. Algumas acham difícil retornar à sua consciência do dia-a-dia, e assumir papéis que, comparados ao que acabaram de experienciar, parecem triviais. Outras podem desapontar-se ao perceberem que, como seres humanos, são apenas atores de uma peça cósmica predeterminada e resistem à aceitação desse fato. Os insights e reações pessoais a essa experiência podem ir do desapontamento à sensação de ter um papel importante na contínua evolução da consciência. Não parece haver, nesse caso, respostas simples para as questões resultantes da experienciada consciência cósmica; em última análise, a experiência faz-nos entender que nossa busca individual por respostas é parte integrante da evolução da consciência cósmica.

A experiência de consciência cósmica provê importantes insights para aprofundarmos nosso conhecimento das mais altas formas de criatividade. A literatura sobre criatividade apresenta inúmeros exemplos de extraordinária inspiração artística, científica, filosófica e religiosa, proveniente de uma fonte transpessoal e ocorrendo em estados não comuns de consciência. Mesmo os mais curtos “flashes” de insight místico levam, muitas vezes, a resultados extraordinários. O grau de participação das pessoas, nesses momentos de insight e descoberta, varia grandemente de uma para outra. De modo geral, os mecanismos envolvem três grandes categorias.

Na forma mais superficial de inspiração criativa, a pessoa luta, durante meses ou anos, com um problema difícil para o qual é incapaz de encontrar solução. Então, de repente, inesperadamente, e muitas vezes numa única explosão, a pes-

soa encontra a solução desejada. Isso geralmente acontece quando ela está em estado não comum de consciência: enquanto sonha; durante um período de grave exaustão física; em estado de alucinação causado por febre alta; ou durante meditação. O exemplo muito citado é o caso de Friedrich August von Kekule, que teve uma visão súbita da fórmula química do benzeno — um insight que deu origem à moderna química orgânica — enquanto fitava as brasas de sua lareira. De modo semelhante, o químico russo Dimitri Mendeleev teve a intuição de sua famosa tabela periódica de elementos enquanto deitado na cama, exausto após uma longa luta para categorizar os elementos de acordo com o peso atômico. Uma longa série de situações parecidas inclui o modelo planetário do átomo, de Niels Bohr; a formulação dos princípios básicos da física quântica, de Heisenberg; e a descoberta da transmissão química dos impulsos neurônicos, pela qual Otto Loewi recebeu um Prêmio Nobel.

Numa segunda forma de inspiração criativa, uma idéia pode emergir subitamente, muito antes do esperado. Nesse caso podemos experimentar um “flash inspirativo” do reino transpessoal, anos ou séculos antes de ter-se desenvolvido uma base científica que o justificasse ou lhe desse sentido. Exemplos disso são a teoria atomística de Leukippus e Demócrito, vinte e cinco séculos antes que os físicos modernos desenvolvessem a tecnologia para provar a existência dos átomos; ou a idéia de que a vida desenvolveu-se a partir do oceano, idéia essa formulada pelo filósofo iônico Anaximandro, mais de dois mil anos antes da teoria da evolução de Charles Darwin. Nas recentes décadas, após séculos da dominação da mecânica newtoniana, o entendimento científico de tempo, espaço e matéria inclinou-se às visões do universo expressas em textos religiosos orientais de milhares de anos. Essa convergência da moderna ciência ocidental para a antiga filosofia oriental é discutida por Fritjof Capra em seu livro *The Tao of Physics*, tanto quanto por outros notáveis físicos. Agora é geralmente aceito pela moderna filosofia da ciência que os insights intuitivos desse tipo representam uma parte integral e importante da exploração científica da natureza.

A terceira e mais alta forma de inspiração transpessoal é o impulso prometéico. Isso ocorre quando o artista, cientista, inventor, filósofo ou visionário espiritual tem uma súbita re-

velação durante a qual percebe um inteiro produto numa forma completa. O fato que um gênio infere de forças transpessoais reflete-se na linguagem diária, quando por exemplo nos referimos a realizações extraordinárias como “Inspiração Divina” ou “Presente de Deus”. O exemplo mais famoso do impulso prometéico é a teoria da relatividade de Albert Einstein, cujos princípios chegaram-lhe sob a forma de sensações cinestésicas nos músculos. Outro exemplo é a construção do gerador de corrente alternativa com funcionamento completo cujo esquema apareceu, para seu inventor Nicola Tesla, numa visão. Tesla teve outras visões semelhantes, a partir das quais inventou modelos para transmissão de força sem fios, geradores solares, geradores para produção de força de ondas marítimas e, finalmente, para uma grande série de robôs.

O impulso prometéico ocorre até na matemática, disciplina que, de modo geral, associamos à lógica e à razão pura. Um bom exemplo disso é o matemático e astrônomo Karl Friedrich Gauss, do século dezoito, que deu muitas contribuições importantes para a teoria dos números, a geografia de superfícies curvas, e para a aplicação da matemática na eletricidade e no magnetismo. Gauss era capaz de fazer cálculos extremamente complexos, quase em segundos, e descreveu seus insights científicos e matemáticos que chegavam a ele, com a velocidade de um raio luminoso, pela “Graça de Deus”. Mais recentemente, um jovem inculto, Srinivas Ramanujan, de uma pequena vila na Índia, surpreendeu matemáticos de primeiro escalão de Cambridge, ao resolver, de maneira espantosa, problemas de matemática altamente complexos. Segundo Ramanujan, uma deusa, chamada Namagiri, conferiu-lhe esse conhecimento de matemática numa série de sonhos reveladores.

Inspiração prometéica é particularmente comum nas artes e nas religiões. O poeta inglês William Blake disse, a respeito de sua obra *Milton*: “Escrevi esse poema a partir de um ditado repentino, doze ou, às vezes, vinte ou trinta linhas seguidas, sem premeditação e até contra minha vontade.” Os *Sonetos para Orfeu*, do escritor alemão Rainer Maria Rilke, foram canalizados em sua forma completa, sem necessidade de correções. Wolfgang Amadeus Mozart afirmava que muitas vezes suas sinfonias vinham-lhe à mente em suas formas definitivas e completas. Richard Wagner ouvia suas músicas ema-

nadas de seu "ouvido interior" enquanto as compunha. Johannes Brahms capturava a inspiração prometéica muito claramente, descrevendo seu processo criativo: "As idéias vêm-me prontamente, diretamente de Deus, e eu não apenas vejo diferentes temas nos olhos de minha mente, mas eles estão organizados em formas, harmonias e orquestrações corretas. Compasso por compasso, o produto final me é revelado quando me encontro naqueles raros momentos de inspiração." Ainda mais explícitas são as palavras de Giacomo Puccini ao descrever os processos experienciados ao compor sua obra *Madame Butterfly*: "A música dessa ópera foi-me ditada por Deus; eu fui meramente o instrumento que a anotou, transmitindo-a ao público."¹²

O destino de nações e a vida de bilhões de pessoas têm sido profundamente afetados pela divina iluminação de profetas espirituais. Basta, apenas, nos lembrarmos das revelações de Buda embaixo da árvore Bo; de Moisés no Monte Sinai; Jesus no deserto; Paulo na estrada de Damasco e Maomé durante sua visionária jornada noturna, para nos certificarmos da evidência da iluminação divina. As escrituras sagradas das grandes religiões — os Vedas, a Torah, a Bíblia, o Alcorão — são obras inspiradas, canalizadas para seus autores quando em estados não comuns de consciência.

A luz dessa evidência irresistível, em que percebemos experiências visionárias em virtualmente cada área de vida, é de se notar que a tradicional ciência ocidental continua ignorando essa força crucial da história da humanidade. Há, entretanto, um manifesto paradoxo em *Discurso do método*, de René Descartes. Este seu livro, que reformulou toda a estrutura do conhecimento ocidental e apresentou os fundamentos para a ciência moderna, foi o resultado de três sonhos e um sonho dentro de outro sonho que lhe forneceram a chave para interpretar o sonho maior. É uma grande ironia o fato de que toda a formação da ciência racional, reducionista e positivista — que hoje rejeita o "conhecimento subjetivo" — tenha sido originalmente inspirada por uma revelação manifestada num estado não comum de consciência do autor!

O vácuo supracósmico e metacósmico

Um dos mais enigmáticos de todos os fenômenos transpessoais é a experiência do Vácuo, o encontro com o Vazio, o Nada e o Silêncio primordiais. Essa extraordinária experiência espiritual é de natureza grandemente paradoxal. O Vácuo existe, além de qualquer forma. Sendo a fonte de tudo, não pode ser derivado de nada. Está além do espaço e do tempo. Mesmo que nada de concreto percebamos no Vácuo, temos também uma sensação profunda de que nada está faltando. Esse absoluto vazio é, ao mesmo tempo, prenhe de tudo da existência, uma vez que contém tudo, em forma potencial.

O Vácuo transcende todos os conceitos comuns de causalidade. As pessoas que o experienciam tornam-se vivamente cientes do fato de que várias formas podem surgir dele. Tais formas podem tornar-se uma existência no mundo fenomenal ou tornar-se arquétipos, e elas podem fazê-lo sem nenhuma causa ou razão aparentes. A idéia de que algo pode ocorrer ou formar-se sem nenhuma causa pode, em nossa consciência cotidiana, parecer-nos incompreensível, mas a mesma idéia não nos surpreende de modo algum quando experienciamos o Vácuo. Tal como as modernas teorias físicas da onda quântica, o Vácuo pode ser encarado como acumulação de um número infinito de "quanta", isto é, de partes e partículas de um conjunto completo de possibilidades para a ocorrência de, virtualmente, qualquer coisa. *Escolhendo-se* uma determinada realidade, essa realidade é criada na consciência.

EXPERIÊNCIAS DE NATUREZA PSICÓIDE

Quando o fenômeno de sincronicidade se manifesta através de um arquétipo, torna-se realmente impressionante, se não completamente milagroso — um misterioso habitante na soleira da porta. Ao mesmo tempo psíquico e físico, poderia assemelhar-se a Jano, deus de duas faces. As duas faces do arquétipo estão reunidas numa só cabeça com o mesmo significado.

— Stephan A. Holler, *The Gnostic Jung*

Entre todas as experiências do reino transpessoal, as de natureza psicóide representam o maior desafio para nossa percepção cotidiana da realidade. O termo *psicóide* foi usado, em primeiro lugar, por C. G. Jung em relação aos arquétipos do inconsciente coletivo. Jung descobriu que os arquétipos eram partilhados pela maioria dos homens ou por toda a humanidade, sendo, nesse sentido, transindividuais, isto é, não foram criados pela história ou experiência de um único indivíduo. Entretanto, a princípio Jung acreditava que os arquétipos eram predisposições inatas, semelhantes aos instintos e, assim, representados em nosso cérebro.

Em sua formulação original, Jung também descreveu os arquétipos como se operassem na psique, mas sem terem uma consciência independente da nossa. Mais tarde Jung reformulou sua opinião. Começou a acreditar que eles tinham consciência bastante separada da nossa e eram capazes de pensar e agir por si mesmos. Assim, sob seu ponto de vista, os arquétipos não eram caracteres ficcionais, criados e controlados pelos autores. Em *Memories, Dreams, Reflections*, o próprio Jung descreveu-os como “coisas maiores do que a vontade do ego”. Acreditava que era importante ver o arquétipo como seres que “Eu não produzo, mas que produzem a si próprios e têm sua própria vida”. Jung revisou sua visão anterior sobre os arqué-

tipos porque ela não explicava algumas das características importantes dos mesmos, especialmente as relacionadas com o fenômeno que Jung chamou de sincronicidade. Ele observou haver muitos casos em que os arquétipos interagem com eventos do mundo exterior de modo significativo e coerente, sugerindo relações entre realidades internas e externas que não podemos explicar em termos de causalidade, a qual é uma das bases da ciência ocidental.

O reconhecimento dos fenômenos que existem sem causa e efeito levaram Jung a definir sincronicidade como “um princípio conectivo sem causa”. Coincidências significativas entre o mundo interior — mundo das visões e sonhos — e o mundo exterior da “realidade objetiva” sugeriram a Jung que os dois mundos não eram tão distintamente separados como poderíamos imaginar. Ele começou referindo-se aos arquétipos como tendo uma natureza “psicóide”, isto é, não pertencendo ao reino da psique nem ao reino da realidade material. Ao invés disso, existiriam numa estranha zona crepuscular entre consciência e matéria.¹

Quando as fronteiras entre a consciência e a matéria ficam difusas, desafiam tudo o que nos ensinou o tradicional pensamento ocidental. Desde muito tempo atrás somos impedidos, por nossos pais, professores e líderes religiosos, a separar em linhas definidas o “subjetivo” do “objetivo”, o “real” do “irreal”, o existente do não-existente ou o tangível do intangível. Entretanto, uma realidade, muito semelhante ao não-causal universo (acausal universe) de Jung está-se tornando reconhecida pela ciência moderna, notavelmente na física quântico-relativista. Por essa razão, o estudo dos fenômenos psicóides situam-se nas fronteiras do conhecimento humano. Infelizmente, um sério enfoque científico dessa matéria é excepcionalmente difícil.

Essa categoria de experiências representa o desafio mais radical à visão científica tradicional do mundo mas, por sua natureza, é estranhamente elusiva e tem uma qualidade inconsistente, quase burladora. Isso fica mais confuso porque muitas experiências dessa categoria têm sido muito popularizadas em filmes e romances. Estamos acostumados a atribuir a existência de espíritos, Poltergeist, OVNI e psicocinese ao imaginário mundo de horror dos filmes e histórias de ficção. Essa

popularidade, à medida que nos leva a pensar sobre tais assuntos como pelo menos um entretenimento, também tende à trivialização, a nos condicionar a vê-los como coisas de "faz-de-conta".

Desde a morte de Jung, a moderna pesquisa da consciência e os estudos sobre estados não comuns têm apresentado apoio considerável às suas idéias concernentes a fenômenos psicóides. Nesse ponto, não há a menor dúvida que esta é uma área merecedora de muito mais atenção do que recebeu no passado. Neste capítulo exploramos muitos tipos de experiências transpessoais com características psicóides. Seu denominador comum é que são mais do que produtos da fantasia e da imaginação. Mesmo assim, podem faltar certas características que nos permitiriam defini-las como inegavelmente "reais", no sentido comum do dia-a-dia. Na discussão a seguir aplico o termo *psicóide* além do uso que Jung fazia dele reservando-o originalmente para os arquétipos.

Da maneira em que usarei aqui o termo, as experiências psicóides podem ser divididas em três categorias básicas. A primeira categoria contém os fenômenos psicóides mais comuns, as sincronicidades, de acordo com a nomenclatura junguiana. Aqui, deveríamos colocar experiências internas sincronizadas com fatos do mundo material. Nem as experiências internas, nem os eventos externos são necessariamente incomuns em si próprios; pelo contrário, é o elo não-causal entre eles que é notável. A existência de sincronicidades desse tipo sugere que psique e matéria não são independentes uma da outra, mas podem ter ligeiras interações quando os limites que as separam desaparecem ou se dissolvem ao mesmo tempo.

A segunda categoria representa um passo importante além da primeira. Aqui colocaríamos eventos do mundo externo associados às experiências internas, fato que a ciência julgaria impossível. Exemplos típicos desses eventos incluem manifestações presenciadas por participantes de sessões espíritas e o fenômeno chamado Poltergeist que ocorre ao redor de certas pessoas. Esses dois tipos de experiência têm sido completamente pesquisados por muitos destacados parapsicólogos. De maneira semelhante, a literatura espiritual descreve a "luminosidade supernatural" rodeando os corpos de certos santos, enquanto atletas modernos relatam, ocasionalmente, eventos que pertencem

cem ao campo de algo fisicamente impossível. Outro fenômeno dessa categoria é a zona crepuscular que rodeia os OVNIs e que tem, também, distintos traços psicóides.

A terceira categoria é representada pelas formas de experiências psicóides em que a atividade mental é usada para manipular, deliberadamente, a realidade consensual. Isso inclui psicocinese, magia cerimonial, cura e bruxaria produzidas por povos aborígenes, e feitos supernaturais dos iogues (chamados *siddhis*).

Sincronicidade: mundos além das causas

A ciência newtoniana-cartesiana descreve o universo como um sistema infinitamente complexo de eventos mecânicos estritamente determinísticos governados pelo princípio de causa e efeito. Cada processo no mundo tem suas causas específicas que, por sua vez, ocasionam outros acontecimentos. Apesar do incômodo paradoxo que isso acarreta — o problema de definir a causa de todas as causas —, essa compreensão da realidade continua sendo a doutrina básica de cientistas tradicionais. O pensar em termos causais tem tido tanto sucesso na ciência ocidental que é difícil até imaginar processos que não se sujeitariam à imposição de causa e efeito a não ser, com certeza, o começo do próprio universo.

Por causa dessa crença, profundamente enraizada, de que a causalidade é a lei central da natureza, por muito tempo Jung hesitou em publicar suas observações sobre fatos que não se ajustavam a esse modelo. Adiou a publicação de seu trabalho sobre tal assunto até que ele e outros pensadores juntaram, literalmente, centenas de convincentes exemplos de sincronicidade, tornando-o absolutamente seguro de que tinha alguma coisa válida para reportar. Em sua famosa obra *Synchronicity: An Acausal Connecting Principle*, Jung expressou sua opinião de que a causalidade é um fenômeno estatístico, ao invés de ser uma lei absoluta da natureza. Além disso, fez questão de mostrar que, em muitas ocasiões, essa "lei" não pode ser aplicada.

Muitos de nós já encontramos estranhas coincidências que desafiam explicações usuais. Paul Kammerer, biólogo austríaco e um dos primeiros cientistas a se interessarem pelas implicações científicas desse fenômeno, relatou a seguinte situação: num mesmo dia, uma passagem para o bonde pelo qual se locomovera, e um ingresso para teatro, comprado logo após, tinham o mesmo número e, na mesma noite, uma seqüência de dígitos exatamente iguais lhe foi passada como número de um telefone.² O astrônomo Flammarion citou uma história engraçada de uma tripla coincidência, envolvendo um certo Mr. Deschamps e um tipo especial de pudim de ameixas. Quando criança, um certo Mr. de Fortgibu deu-lhe um pedaço desse pudim. Dez anos mais tarde ele viu um pudim do mesmo tipo num restaurante de Paris e pediu ao garçom que lho trouxesse. Mas, aconteceu que o último pedaço do pudim já tinha sido pedido por Mr. de Fortgibu, que se encontrava ali no momento. Muitos anos mais tarde, Mr. Deschamps foi convidado para uma festa em que seria servido, como uma raridade, pudim de ameixas. Enquanto comia, comentou que a única coisa que faltava era Mr. de Fortgibu. Nesse instante, abriu-se uma porta e um homem velho entrou no recinto. Era Mr. de Fortgibu, que entrou na festa errada, pois estava errado o endereço do lugar para onde teria que ir.³

Mesmo sendo curiosa a compilação de fatos semelhantes que teriam acontecido, o interesse de Jung voltava-se para as coincidências em que vários eventos externos eram significativamente conectados com experiências interiores. Ele se referia a essa variedade de aparentes coincidências como "sincronicidade", que envolvem "ocorrência simultânea de um estado psíquico com um ou mais eventos externos que aparentam ser significativos paralelos ao estado subjetivo do momento". Entre os muitos exemplos de sincronicidade na vida de Jung, um deles é especialmente famoso, tendo ocorrido durante uma sessão de terapia com um de seus pacientes, uma mulher. Ela resistia muito ao tratamento e, até o momento em questão, tinha havido pouco ou mesmo nenhum progresso. Então, ela sonhou que havia ganho um escaravelho. Durante a análise desse sonho, Jung ouviu um barulho vindo da janela. Abriu a janela e, no peitoril, estava um besouro-cetônia tentando entrar. O inseto era de uma espécie muito rara, a que mais se asseme-

lhava ao escaravelho dourado que pode ser encontrado em tal local. Jamais tinha acontecido a Jung uma coisa semelhante. Trouxe o besouro para dentro e mostrou-o à cliente. Essa estranha sincronicidade teve forte impacto sobre ela e marcou o início de sua melhora psicológica.⁴

Minha mulher e eu temos observado muitas extraordinárias sincronicidades em nosso trabalho e, fora dele, em nossa vida particular. Especialmente uma das experiências ainda está viva em minha memória. Como já mencionei, minha mulher, Christina, passou durante doze anos por uma crise psico-espiritual que envolvia, espontaneamente, episódios ocorrentes em estados não comuns de consciência. Num certo período, um determinado símbolo aparecia freqüentemente em suas visões: um cisne branco. Na noite seguinte ao dia em que ela teve uma experiência muito significativa envolvendo a visão do cisne branco, ambos participamos de uma sessão xamânica. Dirigia a sessão o antropólogo-xamã Michael Harner, que estávamos hospedando durante o seminário, de um mês, do Esalen Institute em Big Sur, Califórnia. Michael estava apresentando uma cerimônia de cura dos índios Salish, envolvendo o "espírito de uma canoa". Nessa cerimônia, o xamã faz uma viagem visionária ao submundo para recuperar e salvar a alma do cliente que lhe pediu ajuda. Durante a viagem encontra-se, três vezes, com um animal, depois identificado como animal de poder ou espírito guardião do cliente. Nessa determinada sessão, Christina ofereceu-se como cliente. Michael fez sua jornada visionária ao submundo e, quando voltou, sussurrou ao ouvido de Christina: "Seu espírito animal é um cisne branco." Depois disso, ela dançou a dança do cisne à frente do grupo reunido.

É importante notar que Michael Harner não sabia dos problemas interiores de Christina e nem sobre suas visões com o cisne branco. No dia seguinte àquele, Christina recebeu uma carta de uma pessoa que havia tomado parte em um workshop que tínhamos apresentado meses antes. Abriu-a e encontrou dentro uma foto de seu mestre espiritual Swami Muktananda. Na foto, ele aparecia sentado num jardim, ao lado de um grande vaso de flores com o formato de um cisne branco. Tinha uma expressão travessa e, com o polegar e o indicador da mão direita, mostrava o gesto universal de "tudo bem",

indicando aprovação. Ainda que não tivesse havido conexões causais entre quaisquer desses fatos, eles formavam claramente um significativo padrão psicológico.

Eventos sincrônicos, como os aqui apresentados, podem ser ligados a muitas outras formas de experiências transpessoais e, de vez em quando, também a seqüências perinatais. Muitas e muitas vezes, tomei conhecimento de um altamente improvável número de infortúnios e desgraças narrados por pessoas que, em processos interiores, estavam aproximando-se da experiência da morte do ego. À medida que completavam tal processo e experienciavam o renascimento espiritual, essas ameaças desapareciam como que por mágica. Como mostra a experiência de Christina, quando uma pessoa conecta-se com um espírito-guia animal, através de processo xamânico ou outro trabalho interior, esse animal tende a aparecer mais e mais na vida da pessoa. De modo semelhante, quando há confrontação com imagens arquetípicas com o Animus, a Anima, a Grande Deusa Mãe, a Deusa do Amor e outras imagens, freqüentemente entramos em contacto com pessoas que conhecemos e que, de maneira ideal, representam tais arquétipos. Quando isso acontece, a única *causa* para essas sincronicidades que conseguimos encontrar é a caprichosa interação entre nosso mundo interior e o mundo físico fora de nós.

O conceito de sincronicidade tem importantes implicações para a prática da psicoterapia. Num universo mecânico onde tudo é ligado por causa e efeito, não há lugar para "coincidências significativas", no modo de pensar junguiano. Na prática da psiquiatria tradicional, quando alguém percebe coincidências desse tipo, o diagnóstico é, na melhor das hipóteses, que ele ou ela está *projetando* significado especial a partir de eventos *puramente acidentais*; numa hipótese negativa, estaria sofrendo de alucinações ou delusão. Os psiquiatras tradicionais ignoram a existência de sincronicidades genuínas ou, então, preferem ignorar esse conceito. O resultado é que podem diagnosticar erradamente uma "coincidência significativa" como proveniente de uma patologia séria (delusão de referência). Em muitos casos de emergência espiritual, mesmo com válidas sincronicidades relatadas, muitas pessoas são hospitalizadas sem necessidade. Se essas experiências tivessem sido compreendidas e tratadas como manifestações de crises psi-

coespirituais, tais pessoas poderiam ser auxiliadas rapidamente através de enfoques que ajudam numa emergência espiritual, ao invés de enfrentarem todos os problemas resultantes de uma hospitalização desnecessária.

O próprio Jung estava perfeitamente ciente de que o conceito de sincronicidade era incompatível com a ciência tradicional. Assim, acompanhava com grande interesse a nova e revolucionária visão do mundo que estava emergindo a partir do desenvolvimento da física moderna. Era amigo de Wolfgang Pauli, um dos criadores da física quântica, e ambos tiveram proveitosas trocas de idéias. De maneira semelhante, em trocas de idéias com Albert Einstein este encorajou Jung a persistir em seu conceito de sincronicidade porque tal conceito era inteiramente compatível com as novas cogitações da física.⁵ Entretanto, infelizmente as principais correntes de psicólogos e psiquiatras ainda não se alinharam com os revolucionários desenvolvimentos da física moderna e da psicologia junguiana.

Abrindo caminho para além das fronteiras da realidade material

Muitas experiências no campo psicóide envolvem fatos físicos de mundo exterior que parecem violar aquilo que acreditamos ser lei da natureza. Tais fatos podem limitar-se à percepção de uma pessoa ou ser observados por muitas, tendo, assim, as características normais da realidade consensual. A psiquiatria tradicional está ciente da existência dessas situações mas, infelizmente, relega-as ao campo da patologia.

Na psiquiatria, uma realidade que não se harmoniza com o ponto de vista newtoniano-cartesiano mas que, apesar disso, envolve duas pessoas, é chamada *folie a deux*, isto é, uma loucura compartilhada por duas pessoas. Quando toda uma família compartilha uma realidade que parece transgredir a ciência newtoniana-cartesiana, o termo tradicional correspondente é *folie a famille*. Casos desse tipo na experiência de Jung levaram-no a escrever *Seven Sermons for the Dead*. Quando um grande número de pessoas é envolvido de maneira seme-

lhante, sua experiência coletiva é chamada “alucinação em massa”. Entretanto, um exame mais profundo mostra que os fenômenos assim chamados merecem séria atenção, e não deveriam ser descartados tão facilmente. Tais fenômenos têm sido observados e relatados através dos tempos em muitas diferentes partes do mundo. Uma compreensão mais profunda dos mecanismos envolvidos poderia mudar radicalmente nossa visão da realidade.

Alguns fenômenos psicóides abrangem mudanças dramáticas do corpo humano e de suas funções. A literatura religiosa e mística apresenta enorme quantidade de descrições de espetaculares mudanças fisiológicas em pessoas que experienciaram estados transpessoais de consciência. Por exemplo, tratando-se de santos ou mestres espirituais, como Santo Inácio de Loyola ou Sri Ramana Maharshi, as pessoas frequentemente descrevem seus corpos físicos como rodeados de intensa luminosidade. Também tem sido documentado muitas vezes que certos contemplativos e místicos cristãos, quando em estado de êxtase, identificam-se transpessoalmente com Jesus Cristo: apresentam sangrentas cicatrizes nas mãos e nos pés (estigma); aparentes ferimentos de lança no abdômen ou marcas de perfuração ao redor da cabeça, onde Cristo teve sua coroa de espinhos. Acredita-se geralmente que São Francisco de Assis foi o primeiro a exibir essas mudanças, e a partir da época em que viveu, são conhecidas mais de trezentas pessoas com estigmas que têm as marcas da crucificação. Relacionado ao estigma é o “símbolo nupcial”, uma neoformação imitando um anel que algumas freiras têm ao redor de um dedo como símbolo de seus esponsais com Cristo.

Outra manifestação física que pode acompanhar estados transpessoais da consciência é a extrema temperatura do corpo. Na literatura cristã, isso é chamado Fogo do Amor (*incendium amoris*), cujo caso mais conhecido atualmente é o acontecido com o Padre Pio, de Foggia, Itália: sua temperatura, atestada por médicos, chegava muitas vezes a quase 45 graus Celsius. Na tradição sufi esse fenômeno é conhecido como Fogo da Separação, e no budismo tibetano é *Tum-mo*, o Fogo Interior. Há casos documentados de formas extremas desse fenômeno, pessoas literalmente explodindo em chamas, aparentemente através de alguma forma de combustão espontânea.

Igualmente incríveis são as notícias de pessoas “renunciadoras” que têm a capacidade de viver sem alimentação. Um nosso amigo, o mestre tântrico Ajit Mookerjee, que conhecia pessoalmente alguns eremitas do Himalaia, contou-nos que eles não necessitavam de qualquer alimento e viviam — imagine-se! — de algumas gotas de mercúrio a cada ano.

Alguns mestres tibetanos com quem tivemos muito contacto pessoal contaram que, segundo a literatura tibetana, os corpos de mestres seguidores de algumas práticas secretas realmente se desmaterializavam após a morte física. Isso contrasta com relatos sobre a aparente incorruptibilidade dos corpos de outros santos — como Santa Bernadete de Lourdes e Paramahansa Yogananda — que, segundo é alegado, não se decompuseram. Outro fenômeno que leva dúvidas à credulidade dos ocidentais educados, mas que tem sido mencionado repetidas vezes, é o da levitação. Tem sido descrito por testemunhas pessoais que o observaram em certos santos cristãos como Santa Teresa de Ávila; vários iogues hindus; lamas tibetanos; e médiuns como Daniel Douglas Home e Eusapia Palladino. Ainda que eu não tenha presenciado, pessoalmente, fenômenos extremos como os aqui descritos, conservo receptiva minha mente porque eles têm sido relatados, muitas e muitas vezes, por testemunhas dignas de crédito, e são estreitamente ligados a ocorrências que eu observei, em primeira mão, no meu trabalho. O livro de Michael Murphy, *The Future of the Body*, oferece um retrospecto surpreendente de ocorrências supernormais, meticulosamente documentadas, através dos tempos.

O lado psíquico dos esportes

Na vida atual, eventos extraordinários como os acima descritos ocorrem muito seguidamente onde menos se poderia esperar: nos esportes. Tendemos a atribuir excelentes desempenhos em várias atividades atléticas a uma combinação de disposição inata, perseverança psicológica e duros treinamentos físicos. Entretanto, a história íntima de alguns dos maiores atletas do mundo revela que os próprios esportistas seguidamente

vêm de maneira diferente. Muitos revelam que, no auge de seus desempenhos, sentiam-se em estados que assemelhavam-se a êxtase místico. Sua experiência no campo psicóide, tal como a alteração radical de tempo e espaço, alcança para eles as fronteiras do miraculoso. O livro *The Psychic Side of Sports*, de Michael Murphy e Rhea White, é uma verdadeira mina de exemplos, relatados por atletas de, virtualmente, todos os esportes. Além disso, a pesquisa de ambos os autores descobriu muitos casos em que as extraordinárias experiências interiores dos atletas emparelhavam-se com correspondentes percepções dos espectadores.

Jogadores de futebol, pilotos de carros de corrida, mergulhadores olímpicos, e outros, descrevem uma extrema diminuição do tempo subjetivo, tanto que julgam ter todo o tempo do mundo para o que devem fazer. Futebolistas, golfistas, escafandristas, pára-quedistas e alpinistas relatam mudanças drásticas na imagem do próprio corpo e, algumas vezes, tais mudanças são observadas pelos espectadores como reais transformações no corpo e no tamanho desses esportistas. Futebolistas têm descrito como pareciam penetrar a maciça linha defensiva adversária desmaterializando-se de um lado e rematerializando-se do outro lado. Corredores sentiam inesgotáveis fontes de energia e a sensação de mover-se sem esforço real e sem, na verdade, roçar o chão com os pés. O grande jogador Pelé confirmou que, num dia em que tudo parecia correr bem, ele sentiu estranha calma, euforia, e uma infindável energia. Estava absolutamente confiante que poderia driblar a defesa adversária, ultrapassando-a fisicamente. Numerosas testemunhas confiáveis testificaram que Morehei Uyeshiba, o fundador do aikido, parecia transcender as leis físicas quando demonstrava suas habilidades. Enfrentando até seis atacantes com facas, bem treinados nas artes marciais, parecia que a forma e o tamanho de seu corpo se modificavam, e que ele era capaz de desaparecer por instantes e aparecer de novo em outro lugar. Algumas dessas passagens são evidentes num filme documentário de sua arte. Seus seguidores juram que o filme não foi modificado ou adulterado, ainda que o aparecimento e desaparecimento do mestre parecessem truques fotográficos. Testemunhas da filmagem verdadeira relataram ter experienciado os mesmos fatos miraculosos registrados pelo filme.

O mundo da parapsicologia: ciência, fraude e ficção

Outra extensa categoria de experiências psicóides, tradicionalmente estudadas pelos parapsicólogos, são as manifestações espiritistas e os fenômenos Poltergeist. Já tratamos das experiências transpessoais que envolvem espíritos e entidades desencarnadas. Os espíritos são sempre associados a variados fatos físicos, em sincronicidade com eventos interiores, ou podem ser observados e confirmados por muitas pessoas. Assim, por exemplo, muitos lugares no mundo são considerados "mal-assombrados" porque muita gente que visita tais locais, independentemente, experiencia o mesmo tipo de eventos fora do comum.

Em muitas sessões espíritas os participantes compartilham seguidamente de certas estranhas experiências: rápidas batidas e ruídos nas paredes e no chão; contacto de mãos invisíveis; vozes vindas de parte alguma; sons de instrumentos musicais e rajadas de ar frio. Em alguns casos há aparições de pessoas mortas ou, através do médium, ouvem-se as vozes dessas pessoas. De vez em quando, os participantes são capazes de testemunhar telecinesia e materializações; levitação de objetos e pessoas; movimentos de objetos através do ar; formação de ectoplasma; e aparecimento de palavras escritas e pequenos objetos, sem nenhuma explicação, chamados de aportes. Para R. B. Rhine, famoso parapsicólogo americano, isso é "mediunidade física". Tais fatos são particularmente freqüentes em sessões dirigidas por certos médiuns como Eusapia Palladino e Daniel Douglas Home. Essas sessões têm sido estudadas por equipes de experientes pesquisadores.

Não há dúvida de que quando o espiritismo atingiu sua maior popularidade, por volta da mudança do século, muitos participantes foram vítimas de astuciosos vigaristas. Mesmo famosos médiuns, incluindo Eusapia Palladino, foram apanhados trapaceando ocasionalmente. Entretanto, não devemos nos precipitar e concluir que toda essa área é apenas uma fraude.

É difícil imaginar que muitos pesquisadores importantes tenham investido tanto tempo e energia num campo sem que houvesse fenômenos reais a serem observados. Em qualquer outra área, é difícil terem sido ignorados e desprezados, como estupidez e credulidade, valiosos depoimentos de tantas testemunhas da maior competência. É preciso saber que, entre sérios pesquisadores, há pessoas com as mais altas credenciais, como o famoso físico Sir Willian Crookes, o físico e fisiologista Charles Richet, ganhador do Prêmio Nobel, e Sir Oliver Lodge, membro da Royal Society na Inglaterra.

Poltergeist

Outro interessante fenômeno estudado pelos parapsicólogos foi popularizado por Hollywood recentemente. Tal fenômeno é conhecido pelo nome, em alemão, de *Poltergeist*, significando "duende barulhento, travesso". O termo técnico para o mesmo é *psicocinese recorrente espontânea* (PRE). A PRE refere-se a grande número de eventos bizarros que podem começar a acontecer espontaneamente, e para os quais não há explicação razoável. Vêm-se objetos voando pelo ar, incendiando-se, caindo e se quebrando. Objetos são misteriosamente teletransportados para dentro e para fora de quartos e salas trancados e gavetas fechadas. Todo um cômodo, ou um edifício, pode encher-se de sons e golpes, batidas, rangidos, assobios, ou mesmo vozes humanas. Investigações sobre o Poltergeist resultam, de modo característico, na descoberta de uma pessoa, quase sempre um adolescente, que parece ser o responsável pelos inusitados eventos. O fenômeno tende a desaparecer quando é resolvido um conflito com a pessoa, ou quando ela é removida da vizinhança.

É interessante notar-se que o padrão das manifestações psicóides parece estar mudando, com o passar do tempo. À medida que a mediunidade física tem virtualmente desaparecido nos tempos modernos, os casos de Poltergeist continuam a ser relatados e estudados por altamente credenciados parapsicólogos pesquisadores, de nossa época. No passado, a pes-

soa causadora do fenômeno era normalmente alguma mulher jovem, com a idade média perto de dezesseis anos. Atualmente, fenômenos desse tipo envolvem pessoas de ambos os sexos, subindo a média de idade para vinte anos.

Cientes da natureza extremamente controversa da PRE, os melhores investigadores sujeitam tais casos a um escrutínio invulgarmente meticuloso. É provável que a maior pesquisa dessa área esteja sendo conduzida na Alemanha, no Institute for the Study of Frontiers of Psychology and Psychohygiene, sob a escrupulosa direção de Hans Bender.

Um dos casos da PRE com melhor documentação foi testemunhado por mais de quarenta pessoas, a maioria delas sendo altamente qualificados técnicos, físicos e outros profissionais do ramo. Os fenômenos começaram a acontecer em novembro de 1967, num escritório de advocacia em Rosenheim, cidade da Bavária. Começaram com problemas nas instalações elétricas, e que não puderam ser explicados ou corrigidos por experientes eletricitistas. Houve relatos de muito barulho vindo de fontes desconhecidas, máquinas quebrando-se e mau funcionamento de todo o sistema telefônico. Os controladores de telefone registravam chamadas que jamais haviam sido feitas, e altamente cobradas pela companhia responsável. Quadros nas paredes moviam-se até 360 graus. Tubos de luz fluorescente caíam do teto, pondo em perigo os funcionários.

Entre os investigadores dos fatos havia físicos capacitados que, mesmo assim, não identificavam as causas dos problemas. Concluíram, por exemplo, que para as chamadas telefônicas sem o usual movimento mecânico do dial seria necessária uma inteligência supernatural, conhecimento técnico e capacidade para julgar intervalos de tempo até milésimos de segundo. Técnicos substituíram os tubos fluorescentes por lâmpadas incandescentes, mas os bulbos logo explodiram. Os distúrbios tornaram-se tão sérios e perigosos para donos, funcionários e clientes, que a firma entrou em juízo com uma ação contra "Causadores Desconhecidos", para proteger-se contra possíveis litígios. Eventualmente, Hans Bender conseguiu apontar a fonte causadora dos distúrbios: uma jovem de dezenove anos, Annemarie, funcionária da firma, que tinha profundo interesse emocional pelo seu chefe. Quando ela foi transferida para outro serviço, os fenômenos desapareceram imediatamente.⁶

A natureza elusiva dos fenômenos psicóides e os problemas inerentes ao estudo dos mesmos são ilustrados por outro famoso Poltergeist, investigado, em 1967, pelos pesquisadores americanos William Roll e Gaither Pratt. Esse caso envolveu um contabilista de dezenove anos. Por causa de seu emprego, esse jovem devia ir freqüentemente a um determinado armazém. Cada vez que lá estava, objetos voavam das prateleiras, alguns com mais freqüência que outros. Os pesquisadores do caso conseguiram montar situações experimentais num lugar de onde podiam observar o movimento dos objetos. Em muitas ocasiões, pelo menos um deles fixava a vista no jovem quando os objetos se moviam. Entretanto, jamais conseguiram perceber o momento exato em que eles caíam: caíam imediatamente antes da intenção de observar ou logo depois que foram observados. A partir disso, pode-se especular que a consciência-fonte que movia os objetos estava também ciente da intenção dos observadores, antecipando suas ações de modo verdadeiramente extraordinário.

Objetos voadores não-identificados

Entre as experiências psicóides mais controvertidas atualmente, devemos incluir os OVNI's. Foram citados pela primeira vez pelo piloto civil Kenneth Arnold, perto do Mount Rainier e, desde então, incontáveis pessoas no mundo todo dizem tê-los visto. Algumas dizem vê-los durante o dia; outras, durante uma noite escura, rodeados por estranhas luzes. Algumas pretendem ter observado estranhas naves espaciais pousando na terra. Ainda outras falam de seu contacto com os alienígenas, ou de terem estado a bordo da nave espacial, onde se submeteram a investigações científicas.

O interesse público pelos OVNI's levou a Força Aérea Norte-Americana a empreender extensas pesquisas, dirigidas por uma comissão especial, na Columbia University. A conclusão desses estudos foi negativa, atribuindo a maioria dos relatos sobre aparições de OVNI's a pessoas com desordens mentais ou a "interpretações erradas" de causas explicáveis, como

balões meteorológicos; bandos de pássaros; meteoritos; ou incomuns reflexos de luz. Essa pesquisa não satisfaz os pesquisadores sérios nem o público. Relatórios do governo explicam que o objetivo mais importante da mesma era prevenir o pânico popular ante a possibilidade de aparecimento de extraterrestres. Outras fontes dizem que, na ocasião, a Air Force lançou rumores sobre os OVNI's para encobrir desastres com ultrasecretas e experimentais naves espaciais.

Apesar de muitas pretensas visões de OVNI's terem sido apenas embustes ou má interpretação de fatos facilmente explicáveis e da proteção a pesquisas secretas, continua a haver testemunhos dignos de crédito. São testemunhos de pessoas bem informadas, altamente treinadas, emocionalmente estáveis, inteligentes e eloqüentes. Há suficientes relatos, como os dessas pessoas, para nos convencerem de que a controvérsia sobre os OVNI's ainda não terminou e merece pesquisas adicionais.

De modo geral, as discussões nessa área limitam-se a questionar sobre a probabilidade de nosso planeta ter sido visitado por reais naves aéreas de outras partes do universo. Entretanto, parece que a situação é mais complicada ainda. Muitas experiências com os OVNI's parecem ter uma qualidade psicóide; quer dizer, não são meras alucinações, nem são "reais" no sentido comum da palavra. É bastante possível que representem estranhos fenômenos híbridos, combinando elementos da vida mental com o mundo físico. Naturalmente, isso tornaria extremamente difícil o estudo dessas experiências usando métodos científicos tradicionais, os quais dependem de acuradas distinções entre o real e o irreal, os fatos materiais e os psicológicos. Um estudo completo dessas possibilidades envolveria um exame simultâneo da evidência física e das perspectivas psicológicas que emergiram da moderna pesquisa da consciência e da atual ciência física.

Como já notamos, encontros com seres alienígenas, visões de naves espaciais físicas ou metafísicas e viagens extraterrestres são relatados em toda a história. C. G. Jung interessava-se muito pelos OVNI's e escreveu, a respeito, o fascinante livro *Flying Saucers: A Modern Myth of Things Seen in the Skies*. Essa obra foi baseada em cuidadosa análise histórica de casos sobre discos voadores e aparições, através dos tempos, muitos

dos quais causaram histeria em massa. Jung concluiu que tais fenômenos poderiam ser visões arquetípicas originando-se no inconsciente coletivo.

A maioria das visões de OVNI associa-se a luzes de supernatural radiância, assemelhando-se a êxtases místicos. As descrições de visitantes extraterrestres, lugares estranhos e naves espaciais têm paralelos na mitologia universal e, assim, esses fatos poderiam ser facilmente explicados como atributos do inconsciente coletivo. Isso, porém, é apenas um aspecto do caso. O que nos interessa no presente contexto é que em muitos casos os OVNI deixaram evidências físicas relegando-os, portanto, à realidade consensual. Esse é o aspecto que projeta uma definida qualidade psicóide aos fenômenos relacionados aos OVNI. A natureza da evidência é muitas vezes ambígua e, portanto, deixa margem a variadas interpretações. Entretanto, a condição extravagante e quase arditosa de algumas visões de discos voadores parece característica de fenômenos psicóides ao invés de ser um argumento contra a existência de tais fenômenos.

Muitos leitores se lembrarão de uma notícia, há anos atrás, sobre uma visão de OVNI que o comandante e a tripulação de um jumbo japonês presenciaram, sobrevoando o Alasca. Todos os tripulantes viram uma nave espacial seguindo-os. Exatamente na mesma hora, uma estação terrestre de radar registrou a presença de um objeto não identificado no local indicado pela tripulação. Mais tarde, quando tal notícia sensacional provocou manchetes em todo o mundo, o operador de radar, embarçado, afirmou que uma investigação mais profunda revelou que o objeto não identificado era um artefato técnico. O estranho erro de um operador credenciado e a excepcional sincronicidade com a visão presenciada por uma tripulação treinada são características de fatos de natureza psicóide. A confusão relativa aos OVNI reflete-se também no enfoque que a mídia apresenta a esse respeito, incluindo a Tass, agência soviética de notícias que alterna-se entre noticiar as visões e, ao mesmo tempo, tentar desmascará-las.

A controvertida evidência física sobre a existência dos OVNI inclui marcas no chão; terra queimada nos locais reportados como pontos de pouso; materiais não identificados

por análises químicas; fotografias e filmes executados por amadores; marcas, semelhantes às dos estigmas, no corpo de pessoas que contaram ter sido seqüestradas; misteriosas mutilações de animais e outros fatos.

Comparando-se os relatórios de pessoas que dizem ter sido raptadas, percebe-se uma estonteante concordância entre as descrições que fazem das formas de vida alienígena e a de certos símbolos percebidos durante contactos entre tais pessoas e essas formas. Outras notáveis semelhanças têm sido descobertas mesmo em relatos sobre seqüestros em que as pessoas envolvidas não tinham conhecimento dos OVNI nem interesse por eles, antes de serem seqüestradas. Durante pesquisas posteriores, pessoas que passaram por tal tipo de experiência têm sido hipnotizadas e examinadas por psiquiatras. O hipnotismo tem sido usado para dissipar a amnésia de que muitas vítimas de seqüestro parecem sofrer. Em muitos casos, relatos pessoais de testemunhas do mesmo fato coincidem e se harmonizam inteiramente.

Um dos casos desse tipo com muito boa documentação é o acontecido com a família Andreasson, descrito no livro *The Andreasson Affair*, de Raymond Fowler. A investigação foi conduzida de acordo com conselhos de um perito em assuntos referentes aos OVNI, o Dr. Allen Hynek. Entre os investigadores, estavam Raymond Fowler, antigo membro do Serviço de Segurança da U. S. Air Force, e o Dr. Harold Edelstein, diretor do Instituto de Hipnose de New England. A investigação completa incluiu hipnose regressiva; exame psiquiátrico; exames de caráter, análise de tempo, e teste eletrônico de estresse (teste com detector de mentiras). Os investigadores compararam relatos pessoais da protagonista principal, Betty Andreasson, de sua filha mais velha, Becky, e de muitos outros membros da família. A conclusão a que chegaram, impressa em 528 páginas, foi que as testemunhas dos fatos falaram a verdade sobre suas experiências.

De acordo com o relatório, o disco voador apareceu numa noite escura, em janeiro de 1967, quando uma luz oscilante pairava sobre o quintal da casa dos Andreasson. Diversos humanóides, com mais ou menos noventa centímetros de altura, feições mongolóides, enormes cabeças em forma de pêra e olhos gateados, entraram na casa. Depois de breve comuni-

cação telepática mútua, Betty foi transportada para o interior da nave por meio de um mecanismo de sucção.

Ali, foi submetida a um doloroso exame que incluiu a introdução de grandes agulhas de prata em suas narinas e na cavidade peritoneal. Mais tarde foi levada a um mundo estranho, com arquitetura e paisagens esquisitas. A experiência culminou num encontro de Betty com a gigantesca figura arquetípica de um pássaro, rodeado por chamas, assemelhando-se à legendaria fênix. Um aspecto particularmente importante do caso é que Betty tinha habilidade artística e conseguiu desenhar os alienígenas, o interior da nave espacial, as estruturas do estranho mundo e a fênix que ali vira.⁷

Jacques Vallée, experiente astrofísico e pesquisador de OVNI, tem estudado e escrito sobre esse assunto por quase duas décadas. Sua opinião sobre a natureza desses fenômenos resultou de suas próprias experiências diretas. Primeiro viu um OVNI em um observatório na França, onde trabalhava. Depois, analisou fotos tiradas por outras pessoas e entrevistou pessoas que relataram encontros com discos voadores. Suas conclusões apóiam a crença de que a maioria das visões de OVNI está de acordo com aquilo que aqui chamamos de experiências psicóides.

Baseado em muitos anos de intensa pesquisa, Vallée concluiu recentemente que pelo menos alguns OVNI têm uma realidade física mas são, simultaneamente, ligados de maneira incomum a experiências interiores de quem relata as visões. Conclui que as espaçonaves vêm de "outras dimensões" de espaço e tempo, que coexistem com nosso universo e podem não ser "extraterrenas" no sentido lato da palavra. Vallée especula que as inteligências alienígenas que produzem e controlam os OVNI deveriam ser capazes de manipular tempo e espaço de maneira completamente além de nossa capacidade de, sequer, imaginar tal coisa. Pode acontecer que o estado mental do observador possibilita aos OVNI entrar em sua dimensão de espaço e tempo e se tornarem visíveis. Porém os OVNI não são produtos da imaginação do observador e, assim como os guias espirituais de Jung, eles existem independentemente de nossa consciência. Em outras palavras, ao invés de serem produtos de nossa própria imaginação, os "extraterrestres" estão usando nossa consciência como porta de entrada para nosso nível diário de realidade.

No estudo dos fenômenos relativos aos OVNI, até os mais sérios pesquisadores confrontam-se com investigativos problemas para os quais talvez não haja solução no nosso estágio atual de conhecimentos. Em primeiro lugar, com base nesses conhecimentos, parece bastante improvável que haja vida inteligente em outros planetas de nosso sistema solar e, assim, os extraterrestres viriam de muitos anos-luz de distância. Eles deveriam controlar uma tecnologia inimaginável para nós. Suas naves espaciais deveriam alcançar velocidade superior à velocidade da luz (viagem transluminal) ou terem capacidade para escapar das dimensões de tempo-espaço como as conhecemos, e de viajarem através do hiperespaço, ou deveriam vir de outras dimensões, de tempo e espaço completamente diferentes (viagem interdimensional). Se existe uma civilização lá fora, no espaço, que comande tal controle do universo, poderíamos também presumir que ali houvesse uma tecnologia para usar a consciência individual e a transpessoal de modo inteiramente desconhecido para nós. Se tudo isso fosse verdade, é bem possível que suas visitas às nossas dimensões da realidade nos parecessem fantasias, ocorrências arquetípicas ou experiências visionárias. Poderíamos até acreditar que, se os habitantes dessa civilização têm motivos para mascarar suas visitas, têm também tecnologia para explorar os deliberados esforços humanos no sentido de perpetuar os OVNI, embustes para criar confusão ou descrença.

Tudo isso se apresenta como um fascinante problema para nós. Se os OVNI existem realmente e são produtos da avançada tecnologia que citamos aqui, somos levados a encarar a convergência de duas áreas que sempre vimos como pólos opostos: o mundo racional da tecnologia avançada e o mundo irracional da fantasia. Do nosso atual ponto de vista, não seríamos capazes de distinguir uma área da outra. Viagens interplanetárias com tal extensão nos indicariam o máximo triunfo de racionalidade e ciência — uma surpreendente realização para qualquer forma inteligente de vida. Entretanto, experienciaríamos, ao mesmo tempo, os resultados dessa realização como fenômenos que, geralmente, associamos com o mundo do mítico e do mágico: os processos pré-racionais do pensamento de culturas primitivas; a imaginação criativa dos artistas e a alucinação dos insanos. Poderia parecer que nessas experiên-

cias fecha-se um círculo: a consciência que, tendo alcançado a fronteira limite da evolução material, está retornando à sua fonte primeva.

Vitória da mente sobre a matéria: psicocinese intencional

Em alguns fenômenos psicóides, mudanças na realidade consensual parecem ser o resultado da intenção consciente de indivíduos, ou grupos de indivíduos, para a manipulação de eventos no mundo físico. É importante enfatizar que a forma do fenômeno psicóide denominado "psicocinese intencional" opera sem intervenção física: mudanças físicas ocorrem simplesmente por um desejo para que aconteçam ou, algumas vezes, pela realização de atos simbólicos ou rituais que não têm uma conhecida relação causal com o resultado. Atividades rituais, com intenção de influenciar fatos externos, têm sido realizadas nas culturas pré-industriais durante séculos. Descrições de fenômenos da mente sobrepondo-se à matéria são abundantes nas literaturas espirituais e ocultistas de todos os tempos. Entretanto, o potencial para a consciência humana influenciar diretamente a matéria tem sido refutado e, sistematicamente, negado pela ciência tradicional, mesmo a despeito do significativo apoio à evidência por parte da moderna pesquisa parapsicológica e da física quântica.

Antropólogos e a mágica cerimonial

Antropólogos estudiosos das culturas aborígenes têm observado e descrito elaboradas cerimônias para pedir chuva, para haver boas caçadas e boas colheitas, ou para obtenção de outras finalidades práticas. Tais cientistas muitas vezes expressam sua perplexidade ao perceberem que as pessoas ligadas a essas práticas exibem uma "lógica dupla": demonstram inteligência su-

perior, conhecimento e engenhosidade na caçada, na pescaria e na agricultura mas, apesar disso, têm necessidade de executar seus rituais que, para os ocidentais, parecem desnecessários, supersticiosos e infantis. Apenas as pessoas que passaram, suficientemente, por estados não comuns de consciência podem entender essa "lógica dupla" que se relaciona com dois diferentes níveis da realidade: fazer ferramentas e aprender práticas específicas apontam para o mundo material; por outro lado a vida cerimonial faz parte da dinâmica arquetípica do reino transpessoal. A natureza desses domínios e seu mútuo inter-relacionamento estão longe de ser claramente compreendidos pela ciência moderna, apesar dos esforços concentrados de cientistas e filósofos. Em seu livro *The Passion of the Western Mind*, Richard Tarnas juntou convincente evidência de que esse problema tem sido o mais importante foco da filosofia européia durante os últimos dois mil e quinhentos anos.

À primeira vista, parece ridículo para a maioria dos ocidentais a idéia de atrair chuva com batidas de tambor, cantos e danças. Porém, aqueles de nós que, em primeira mão, tiveram contacto com esses rituais, sempre se espantaram com seus resultados. Joseph Campbell, homem de educação e inteligência superiores, muitas vezes contou a história de uma cerimônia indígena americana que presenciou no sudoeste dos Estados Unidos. Quando a cerimônia começou, ele achou graça, com certo cinismo, pois o céu estava azul e claro, sem sinal algum de chuva. Para seu espanto, durante o ritual o céu cobriu-se de nuvens pesadas e o dia terminou com um aguaceiro. Os índios não pareciam surpresos, de modo algum; por causa de suas passadas experiências com esse tipo de cerimônia, antecipavam o sucesso da mesma.

Durante um período de catastrófica estiagem na Califórnia, minha mulher e eu dirigimos um seminário de um mês no Instituto Esalen, em Big Sur. A convite de nosso grupo, o centenário xamã Don José Matsuwa, da tribo dos huichol do México e professor convidado, concordou em conduzir uma cerimônia para atrair chuva. O ritual durou toda a noite e, quando terminou, começou a chover. Ficamos atônitos com o resultado inesperado, mas Don José não demonstrou nenhuma surpresa. Sorriu e disse: "Isso é *kupuri* (a bênção dos deuses). Isso sempre acontece." Quando descíamos para o

oceano, para a oferenda final, o chuvisqueiro transformou-se numa forte chuva que durou seis horas. Esse fato não significa, necessariamente, que Don José tenha atraído a chuva, mas estranhas sincronicidades semelhantes devem acompanhar um número substancial desse tipo de cerimônias. É inacreditável que tantas culturas continuem usando tais ritos por centenas de anos sem um significativo índice estatístico. Para um xamã também seria difícil manter sua reputação por um longo tempo com uma série de fracassos nesses cerimoniais.

A mesma situação existe quando se trata de cura espiritual. Os profissionais do ocidente geralmente não levam a sério relatórios de antropólogos sobre sucessos terapêuticos de cerimônias e práticas de cura das culturas pré-industriais. Atribuem esses pretensos benefícios a pensamento mágico, sugestão e credulidade de nativos. Entretanto, controlados estudos comparativos entre os efeitos terapêuticos da medicina ocidental e de vários rituais de cura dos índios trouxeram resultados de muito interesse. No sul norte-americano, especialmente na Flórida, por exemplo, estudos sobre imigrantes cubanos e outros sul-americanos mostraram que os antigos sistemas de cura caribenhos apresentaram, em muitos casos, resultados melhores do que os da medicina e da psiquiatria ocidentais. Além disso, os *curanderos* (curandeiros xamânicos) parecem conhecer os limites dos processos indígenas de cura, e recomendam médicos americanos a clientes com certos tipos de problemas.

Ainda que se pudesse esperar bons resultados apenas quando a pessoa tem distúrbios emocionais e psicossomáticas, alguns enfoques espirituais parecem estender-se a problemas médicos graves. Tenho tido contacto pessoal com pesquisadores de ótimas credenciais acadêmicas que estudaram, e filmaram, o trabalho de cirurgiões psíquicos no Brasil e nas Filipinas, destacando-se, entre eles, Walter Pahnke, Andrija Puharich e Stanley Krippner, que pesquisaram e filmaram o trabalho de cirurgia psíquica no Brasil e nas Filipinas. Todos eles impressionaram-se muito com aquilo que presenciaram. O inculto brasileiro Zé Arigó, também chamado "operador da faca enferrujada", fazia, cada dia, centenas de bem-sucedidas operações. Não usava desinfecção e anestesia, e fechava incisões juntando as bordas dos cortes com seus dedos. Enquanto operava ou prescrevia remédios, dos quais não tinha conhe-

cimento científico, sentia-se guiado pelo espírito do "Dr. Fritz", um falecido médico alemão de Heidelberg.

Sabe-se que Tony Agpoa e outros cirurgiões psíquicos das Filipinas faziam intervenções cirúrgicas sem nenhum instrumento próprio, usando apenas as mãos para tocar no corpo dos doentes. Essas operações foram testemunhadas por muitas pessoas e freqüentemente filmadas. Estudos minuciosos dos filmes, quadro por quadro, não revelaram truques ou trapanças. Em alguns casos, resultados bem-sucedidos foram confirmados por hospitais universitários, como o de um tumor na glândula pituitária, sofrido por uma pessoa que eu conheço. Ao mesmo tempo, coincidindo com a natureza do tipo Maggo de fenômenos psicóides, amostras de pele tidas como de pessoas que se submeteram a essas operações, quando examinadas em laboratórios provaram ser peles de animais. O fato de que curas documentadas ocorreram nesse campo sugere que, se nada mais, há ligações entre a consciência e o mundo físico, ligações que apenas começamos a examinar e a entender.

No pólo oposto da escala, os efeitos negativos de feitiçarias e de "rogar pragas" têm sido documentados por antropólogos e experientes médicos ocidentais. Entre os antropólogos, por exemplo, é bem conhecido que indivíduos de culturas indígenas ficam seriamente doentes, ou mesmo morrem, quando enfeitizados por bruxos. Tem havido casos em que pessoas enfeitizadas morrem, mesmo tendo sido removidas de seu meio cultural para hospitais ocidentais. Alguns desses fatos foram levados a público na Austrália e na África, onde se interligam influências nativas e ocidentais. Walter B. Cannon, pesquisador ocidental conhecido mundialmente por seus estudos pioneiros sobre o estresse, estudou e reconheceu como merecedor de uma séria pesquisa o fato de que doenças sérias, e até a morte, podem ser causadas por feitiçarias ou processos puramente psicológicos.

Provavelmente, o relato de mais interesse sobre feitiçaria foi aquele publicado no *Johns Hopkins Medical Journal*, nos fins dos anos sessenta. O artigo contou a história de uma jovem da Flórida, enfeitizada na hora de seu nascimento, pela parteira. Nesse dia a parteira fez três partos, dos quais nasceram três meninas. Profetizou, então, que elas deveriam morrer antes que completassem, respectivamente, dezenove, vinte

e um e vinte e três anos de idade. A primeira jovem morreu num acidente de carro, antes de seu décimo nono aniversário como a parteira profetizara. A segunda passou fechada em casa o dia anterior ao aniversário para sentir-se absolutamente segura. À noite, certa de que estava salva, foi a um bar para celebrar, mas foi morta por um projétil acidental. Assustada pela misteriosa efetivação das duas primeiras profecias, a terceira jovem sentiu-se mal e foi levada ao hospital universitário Johns Hopkins. Ali morreu, antes de seu vigésimo terceiro aniversário, a despeito de todo o esforço da equipe hospitalar para salvar-lhe a vida. A autópsia não apresentou fundamento médico suficiente para justificar sua morte.

Outro interessante fenômeno documentado por antropólogos é a aparente invulnerabilidade de participantes de certos tipos de estado de transe. Por exemplo, Elda Hartley filmou, em Bali, extáticos rolando em pilhas de vidro quebrado e subindo escadas que tinham como degraus espadas afiadas, sem sofrerem nenhum dano físico.⁸ No Rio de Janeiro, Brasil, tomei parte numa cerimônia de umbanda. Os participantes tomavam grandes quantidades de cachaça enquanto experienciavam estados de possessão pelas deidades, mas quando, minutos depois, saíam do transe, não apresentavam nenhum sinal de embriaguez. Fatos como esse acontecem freqüentemente em rituais do tipo vodu, na América do Sul e no Caribe. Fenômenos semelhantes aos acima descritos têm sido observados em muitas culturas do mundo.

Nos últimos anos tem havido tentativas de desmistificar, para a mente ocidental, um fenômeno semelhante. Descrições de cerimônias em que os participantes andam descalços sobre muitos metros de brasas incandescentes com temperaturas variando entre 700 e 800 graus Celsius foram negadas repetidamente, no oeste, como sendo quiméricos contos da carochinha. Porém, nos fins da década de oitenta, o costume de andar sobre brasas, vindo da Indochina para os Estados Unidos, tornou-se a moda da Nova Era. Desde essa época, milhares de pessoas neste país têm sido capazes de imitar tais feitos, mas queimaduras de algum tipo que podem aparecer nos participantes são exceções, não regra geral. Se o andar sobre brasas pode, ou não, ser explicado naturalmente, o exemplo acima indica, claramente, que o conhecimento de nossa cultura sobre

o que é possível, ou impossível, tem ainda muito espaço para se expandir.

Feitos supernaturais dos iogues

A literatura espiritual do oriente, especialmente a hindu, a budista e a taoísta, lembra que, em estados adiantados de sua prática espiritual, os adeptos desenvolvem seguidamente habilidades extraordinárias, algumas das quais pertencendo, de modo claro, ao reino do supernatural e miraculoso. Entre tais capacidades, encontra-se um notável domínio das funções fisiológicas, normalmente governadas pelo sistema nervoso autônomo, e que, para os neurofisiologistas ocidentais, estão muito além de nosso controle consciente. Os iogues hindus são capazes de interromper sangramento venoso e arterial, fazer parar seus próprios corações, viver sem alimento e mesmo sobreviver sem oxigênio. Eremitas himalaíes meditam durante longos períodos de tempo sentados, nus, no gelo e na neve. O exercício tântrico tibetano, conhecido como *Tum-mo*, pode elevar a temperatura do corpo a surpreendentes graus, em tempo muito curto. Um praticante desse método pode ficar sentado sobre gelo e neve e fazer aumentar tanto a temperatura corporal que ela seria suficiente para secar lençóis molhados.

Tal como as notícias do andar sobre brasas, descrições de feitos semelhantes são vistas com reserva por cientistas ocidentais, apesar de pesquisadores hindus terem publicado estudos confirmando a maioria dessas alegações. Nas duas últimas décadas, entretanto, foram feitas no ocidente importantes experiências nessa área, reportadas por cientistas com esplêndidas credenciais. Alguns dos melhores estudos desse tipo começaram na prestigiosa Fundação Menninger em Topeka, Kansas. Aí, no início da década de setenta, os doutores Elmer e Alyce Green começaram a examinar essas antigas alegações e a pesquisar e documentar os efeitos de práticas espirituais. Suas pesquisas representam uma combinação única de profundo conhecimento do campo transpessoal, sofisticado equipamento eletrônico e rigorosas técnicas ocidentais de investigação.

Um dos primeiros sujeitos dessa investigação foi um iogue indiano, o Swami Rama. Sob condições de laboratório, e em poucos minutos, ele conseguiu uma variação de temperatura, de mais ou menos doze graus, entre dois termistores ligados à esquerda e à direita da palma de sua mão. Em testes focalizando seu sistema cardiovascular, o Swami conseguiu abaixar o número das batidas do coração de 93 para perto de 60 por minuto, levando apenas segundos para conseguir tal efeito. Num teste particularmente dramático, fez cessar o fluxo de sangue através do coração, produzindo uma palpitação atrial de mais ou menos trezentas e seis batidas por minuto, de duração de 16 segundos. Logo após a experiência, as batidas de seu coração voltaram ao normal e o Swami, em estado completamente lúcido, ria e brincava com os pesquisadores. Além de controlar as batidas do coração, o fluxo sanguíneo e a temperatura, ainda apresentou outros feitos à equipe de pesquisadores dos Greens.

Numa experiência altamente controlada, em que foi coberto e enrolado em panos para que não usasse, de maneira alguma, a respiração a fim de conseguir tal feito, o Swami moveu um tipo de compasso que estava a metros de seu lugar usando apenas seu poder mental. Repetiu a experiência duas vezes, movendo, em cada vez, dez graus fora do eixo do objeto. Era também capaz de produzir cistos em seus membros, em questão de segundos, e fazê-los desaparecer em tempo igual. Um desses cistos foi extraído e validado por exames médicos. O Swami disse que o "tecido macio" do corpo era muito fácil de ser manipulado e que podia-se produzir e fazer desaparecer tumores apenas pela força da mente. Numa demonstração, em Chicago, foi capaz de tornar visíveis à audiência as sutis energias de seus chacras. Muitas fotos Polaroid foram feitas pelos observadores, documentando o fenômeno.

A pesquisa dos Greens, na Menninger, tem continuado nas duas últimas décadas. Incluem, até agora, centenas de sujeitos que vão desde o curandeiro índio Rolling Thunder a numerosos mestres espirituais do oriente. O "iogogue ocidental" Jack Schwarz, do Oregon, demonstrou sua habilidade para diagnosticar com precisão condições médicas lendo a aura dos pacientes. Além disso, mostrou surpreendente capacidade para controlar as atividades de suas ondas cerebrais, do fluxo san-

guíneo, e dos processos de cura. As investigações dos Greens, nessa área, contribuíram para o desenvolvimento das técnicas de biofeedback que têm ajudado milhares de pessoas a se livrarem de enxaqueca, certos tipos de problemas circulatórios e até mesmo epilepsia.

A possibilidade de controlar muitas funções involuntárias (agora chamada, na medicina, treinamento de biofeedback) é aceita atualmente pela ciência ocidental. Como resultado, os cientistas não mais encaram como impossíveis tais fenômenos. Discutem-nos no contexto do modelo médico, excetuando formas extremas como viver sem alimentação e oxigênio, sobre o que permanece o ceticismo. Entretanto, outras alegações sobre forças supernaturais (*siddhis*) exercidas pelos iogues continuam a desafiar a ciência tradicional. Isso inclui a capacidade de materializar e desmaterializar objetos e mesmo o próprio corpo; mover objetos físicos pela força da mente; projetar-se, à vontade, para lugares distantes; aparecer ao mesmo tempo em dois lugares (bilocação); e praticar levitação. A existência desses fenômenos, aparentemente impossíveis, será refutada ou confirmada por futuras pesquisas. Tendo em vista, porém, as descobertas da física quântica concernentes à relação entre consciência e matéria, mesmo tais fenômenos não mais parecem tão absurdos como pareciam antes.

Pesquisas de laboratório sobre psicocinese

Há um crescente número de dados, provindos de modernas experimentações cientificamente confirmadas, que apóiam a existência da psicocinese mas que continuam sendo controversos. A razão disso é que mesmo as mais bem cuidadas e meticulosas pesquisas enfrentam grande resistência se parecerem apoiar uma realidade "supernormal", isto é, uma realidade que não seja análoga ao modelo newtoniano. A psicocinese tem sido documentada em numerosos experimentos de laboratório. A metodologia para isso varia desde uma simples máquina de jogar dados até esquemas usando emissão de elétrons em decaimento radioativo, sofisticados dispositivos eletrônicos e mo-

ternos computadores. Têm havido experiências bem-sucedidas com alvos vivos como, por exemplo, curas psicocinéticas de animais, plantas, culturas de tecidos e enzimas, e até fazer parar e depois reativar o coração de uma rã retirado de seu corpo.

Tem especial interesse o trabalho com indivíduos excepcionalmente bem-dotados, como a psíquica soviética Nina Kulagina. Sob condições de laboratório, ela demonstrou capacidade para mover objetos macroscópicos simplesmente concentrando-se neles.⁹ Em outra demonstração de laboratório, o americano Ted Serios projetou suas imagens mentais num filme dentro de uma câmera. Quando revelado, o filme mostrou claras fotografias das cenas que ele tinha em mente durante a projeção.¹⁰ Um dos mais controversos fenômenos desse tipo é o psicocinético efeito de dobrar colheres e outros objetos de metal, experiência introduzida nos Estados Unidos pelo psíquico israelense Uri Geller. Durante suas apresentações havia fatos que pareciam demonstrar claramente a qualidade do tipo Mago de experiências psicóides, sobre as quais já falei aqui. Enquanto, em algumas sessões, Uri apresentava feitos surpreendentes, em outras foi apanhado trapaceando. Há muitas descrições de como elementos eletrônicos usados em laboratório para gravar dados experimentais falharam nos momentos mais críticos e, também, descrições de como coisas significativas tendem a acontecer fora do alcance das câmeras de vídeo usadas para documentar seu trabalho.

Enquanto as particulares habilidades psicocinéticas de Uri eram seriamente questionadas, crianças dos Estados Unidos, da Europa e do Japão, inspiradas por suas apresentações na televisão, eram capazes de dominar a arte de dobrar colheres. Apesar de toda a confusão que rodeava, é difícil imaginar que tudo associado ao caso Uri Geller tenha sido produto de farsa e prestidigitação.

Gostaria de mencionar aqui um caso que ilustra o tipo de problemas que os pesquisadores enfrentam em seus esforços para documentar tais fenômenos. Meu irmão Paul, que é psiquiatra e mora no Canadá, estava trabalhando na McMaster University, em Hamilton. Foi convidado a estar presente, como testemunha profissional, a um encontro de Uri Geller com jornalistas canadenses. A certa altura, pediram a Geller que adivinhasse e reproduzisse desenhos simples que os jornalistas

fizeram em pedacinhos de papel e guardaram em envelopes fechados. Ainda que tentasse, Uri não conseguiu executar o pedido. Entretanto, naquele momento, meu irmão começou a ter vívidas imagens mentais e foi capaz de realizar o que tinha sido pedido ao psíquico pelos jornalistas. Devo enfatizar que meu irmão não se julga um psíquico. Nunca fez coisa semelhante, antes ou depois do encontro com Uri Geller. Naquele encontro, sentiu como se algum tipo de campo energético tivesse se transferido de Uri para ele próprio.

O território inexplorado

Podemos concluir essa parte sobre experiências psicóides afirmando o seguinte: referências na literatura mística, observações da pesquisa moderna de consciência e dados fornecidos por laboratórios dos Estados Unidos, da União Soviética, da Tchecoslováquia e de outros lugares, sugerem fortemente a existência de conexões entre a consciência individual e o mundo da matéria, o qual desafia seriamente a visão da realidade que tem a nossa cultura. Acredito que um estudo sistemático e imparcial de fenômenos psicóides e experiências transpessoais levarão, eventualmente, a uma revisão da idéia que temos da realidade. Tal revisão terá alcance igual à revolução de Copérnico ou à substituição do modelo newtoniano pela física quântico-relativista.

IV

IMPLICAÇÕES PARA UMA NOVA PSICOLOGIA DO SER

O homem, ao contrário de qualquer coisa orgânica ou inorgânica do universo, cresce além de sua vida, onde nos degraus de suas realizações, surge à frente de suas realizações.

— John Stewart

Existem fases, na vida humana, de revelação interior e exterior, quando novas profundidades parecem desdobrar-se na alma, quando aflora uma multidão de novas necessidades, e surge a sede por algo novo e indefinido. Existem períodos em que ... ousar constitui a mais alta sabedoria.

William Ellery Channing

1. Consciência humana e sua relação com a matéria
2. A natureza de distúrbios emocionais e psicossomáticos
3. Psicoterapia e processos de cura
4. As raízes da violência humana e a atual crise global

NOVAS PERSPECTIVAS DA REALIDADE E DA NATUREZA HUMANA

O homem, ao contrário de qualquer coisa orgânica ou inorgânica do universo, cresce além de sua obra, sobe nos degraus de seus conceitos, emerge à frente de suas realizações.

— John Steinbeck

A nova visão da psique, descrita neste livro, tem implicações de longo alcance não só para cada um de nós, como indivíduos, mas também para os profissionais de psiquiatria, psicologia, psicoterapia e medicina. Pode, também, auxiliar a abertura de imensos campos para o estudo de história, religiões comparadas, antropologia, filosofia e até política. Para um estudo em profundidade do impacto desse trabalho sobre quase todas as áreas de exploração humana, naturalmente seriam necessários muitos livros. Porém, é possível resumir, sucintamente, algumas das áreas mais importantes afetadas por nosso novo conhecimento da consciência humana. Simplificando, podemos ter uma visão dessas implicações em termos das quatro categorias seguintes:

1. Consciência humana e sua relação com a matéria
2. A natureza de desordens emocionais e psicossomáticas
3. Psicoterapia e processos de cura
4. As raízes da violência humana e a atual crise global

A consciência humana e sua relação com a matéria

A ciência newtoniana-cartesiana encara a matéria como o fundamento do universo. Cientistas ádeptos dessa linha de pensamento descrevem a consciência como um produto de processos fisiológicos que acontecem no cérebro. A partir dessa perspectiva, cada uma das nossas consciências é confinada dentro de nossos crânios, absolutamente separada das consciências de outras pessoas. A ciência tradicional também considera a consciência como um fenômeno exclusivamente humano, e tende a encarar mesmo as mais altas formas de vida não-humana como pouco mais que máquinas inconscientes. Entretanto, estudos cuidadosos de experiências que nos são acessíveis através de estados não comuns de consciência, especialmente os de natureza transpessoal, apresentam convincente evidência de que essas velhas definições da consciência são incompletas e incorretas.

Esse quadro que mostra a consciência humana confinada dentro do crânio pode parecer verdadeiro quando se refere a um estado comum de consciência. Entretanto, não explica o que acontece quando entramos em estados não comuns como transe e crises psicoespirituais espontâneas. Ou aqueles estados conseguidos através de meditação, hipnose, sessões psicodélicas e psicoterapia experimental. O amplo e surpreendente espectro de experiências que se torna acessível sob tais circunstâncias sugere, claramente, que a psique humana tem potencial para transcender aquilo que normalmente consideramos limitações de espaço e tempo. A pesquisa moderna de consciência revela que nossa psique não tem limites reais e absolutos. Ao contrário, somos parte de um campo infinito de consciência que engloba tudo o que existe, além do tempo-espaço e no interior de realidades que ainda devemos explorar.

Nossa pesquisa mais recente revela que consciência e experiência humana são mediadas pelo cérebro, mas não têm ali sua origem e não dependem inteiramente do cérebro. É certo que a consciência pode fazer coisas que o cérebro e os órgãos sensoriais não conseguem. A suposição de que isso poderia ser verdade não se restringe à psicologia transpessoal e foi expressa por um dos pais da moderna pesquisa do cérebro, o neuro-

cirurgião Wilder Penfield. Quase no fim da vida, Penfield escreveu o livro *The Mystery of Mind*, no qual resume suas observações a respeito da relação entre o cérebro humano e a consciência. Afirmou que, como neurocirurgião, acreditava que a consciência não se originava do cérebro. Pesquisas posteriores, e particularmente a tanatologia em seus estudos sobre as experiências quase-morte, acrescentaram evidência convincente à posição de Penfield.

Novas descobertas científicas estão começando a apoiar crenças de culturas, de milhares de anos, que mostram nossa psique individual como, em última análise, uma manifestação da consciência e da inteligência cósmicas que fluem através de toda a existência. Nunca perdemos completamente o contacto com essa consciência cósmica porque nunca estamos inteiramente separados dela. Esse é um conceito encontrado independentemente em tradições místicas através do mundo. Aldous Huxley chamou-o de "filosofia perene".

O novo enfoque da psique humana, proposto pelas mais avançadas pesquisas, preenche a lacuna entre a tradicional ciência ocidental e a sabedoria de sistemas espirituais baseados em séculos de sistemáticas observações da consciência. Quando levamos em consideração a nova cartografia descrita neste livro, importantes fenômenos culturais como xamanismo, sistemas espirituais do oriente e as tradições místicas do mundo tornam-se, subitamente, formas normais e inteligíveis do empenho humano, ao invés de aberrações psicopatológicas ou novidades passageiras.

Considerando a nova cartografia da consciência humana, começamos a ver, sob nova luz, estudos de antropólogos e historiadores. Equipados com o conhecimento de experiências perinatais, experiências transpessoais e fenômenos psicóides, encontramos novos significados em antigos ritos de passagem, em cerimônias de cura e nos antigos mistérios de morte e renascimento. Podemos tomar como exemplo os ritos de passagem, cerimônias que foram parte importante da vida humana antes da era industrial. Esses ritos marcaram, e auxiliaram, o progresso de importantes transições biológicas ou sociais como nascimento de uma criança, circuncisão, puberdade, casamento, morte ou migração tribal. A maioria das cerimônias rituais envolvia estados não comuns de consciência,

induzidos por uma técnica escolhida entre muitas outras. Os iniciados que tomavam parte nesses rituais experienciavam, muitas vezes, morte e renascimento tanto quanto profundas conexões no reino transpessoal. Várias cerimônias de cura para indivíduos, tribos inteiras, ou mesmo todo o cosmos, usavam também, de modo típico, técnicas de alteração da mente. Através delas eram alcançadas ligações entre os participantes e forças mais altas da natureza ou do universo.

Em muitas culturas avançadas, as pessoas podiam ter experiências semelhantes explorando os sagrados mistérios de morte e renascimento. Esses eram ritos de transformação baseados em mitologias específicas representando importantes elementos de vida em antigas civilizações. Na Babilônia, por exemplo, os ritos de morte e renascimento eram efetuados sob a invocação de Ishtar e Tammuz; no Egito, de Ísis e Osiris. Na Grécia Antiga e Ásia Menor havia os mistérios eleusianos, os ritos dionisíacos, os mistérios de Átis e Adônis e outros. Na antiguidade, muitas figuras importantes da cultura e da política eram iniciadas nesses mistérios. Isso inclui os filósofos Platão e Aristóteles, o dramaturgo Eurípides e o líder militar Alcibiades. Em todas essas tradições, os participantes experienciavam transcender a realidade diária e explorar realidades bem fora do campo da consciência comum.

A psiquiatria tradicional nunca explicou adequadamente essas formas de experiência, sua universalidade e sua importância, tanto cultural quanto psicológica. A oportunidade de observar cientificamente estados não comuns de consciência em pessoas de nossa própria cultura nos forneceu algumas pistas, totalmente novas, do significado de antigas passagens para dentro de outras realidades. Agora ficou claro que essas práticas antigas não eram fenômenos patológicos, nem produtos de superstição primitiva. Eram, ao contrário, legítimas e altamente sofisticadas práticas espirituais que reconheciam, e homenageavam, uma visão da consciência muito mais abrangente do que a visão que têm aqueles que aderiram ao modelo newtoniano-cartesiano da realidade. E mais, quando estados não comuns de consciência abrem-se a tais práticas, até pessoas de nossa época e cultura, cientificamente cautelosas e muitíssimo inteligentes, percebem essas experiências profundamente

comoventes e pessoalmente significativas, trazendo-lhes uma ruptura dramática de suas crenças.

Uma das mudanças mais importantes que a maioria das pessoas experiencia, através de estados não comuns de consciência, envolve uma nova apreciação do papel da espiritualidade no esquema universal de acontecimentos. No século atual, a psiquiatria e a psicologia acadêmica rejeitaram a espiritualidade como sendo um produto de superstição, pensamento mágico primitivo e completa patologia. Entretanto, por força da compreensão emergente fornecida pela moderna pesquisa de consciência das últimas duas décadas, estamos começando a encarar a espiritualidade como inspirada, e sustentada, pelas experiências perinatais e transpessoais originadas no mais profundo recesso da mente humana. Essas experiências visionárias têm uma fundamental qualidade numinosa, de acordo com a nomenclatura de Jung. Foram elas as fontes originárias de todas as grandes religiões. Além disso, tornou-se óbvio que os seres humanos têm profunda necessidade de experiências transpessoais e estados em que transcendam sua identidade individual para que sintam seu lugar num todo maior e eterno. Essa ânsia espiritual aparenta ser mais básica e compelidora do que o impulso sexual e, se não for satisfeita, pode resultar em sérios distúrbios psicológicos.

A natureza de desordens emocionais e psicossomáticas

Novas observações da consciência humana também têm trazido radicais mudanças em nosso ponto de vista sobre a saúde mental. Através de específicos desenvolvimentos históricos, a psiquiatria tornou-se uma disciplina médica. Esse processo começou no século passado quando causas biológicas como tumores, infecções, deficiências e doenças degenerativas do cérebro foram encontrados em algumas — mas de nenhuma maneira em todas — desordens mentais. Ainda que estudos científicos posteriores não conseguissem provar a existência de causas biológicas na maioria das neuroses, depressões, doenças

psicossomáticas e estados psicóides, a medicina continuou a dominar a psiquiatria porque era capaz de controlar os sintomas de muitas desordens mentais.

Atualmente o modelo médico continua a ter um papel predominante na teoria psiquiátrica, na clínica prática, na formação de médicos e na medicina forense. O termo *desordem mental* é aplicado livremente para muitas condições em que não é encontrado um fundamento orgânico. Como na medicina, os sintomas são vistos como manifestações de um processo patológico, e sua intensidade encarada como medida direta da seriedade da doença. Muito da corrente principal da psiquiatria concentra seus esforços na supressão de sintomas. Essa prática equipara o alívio dos sintomas à "melhora", e a intensificação dos mesmos à "piora" das condições clínicas.

Na psiquiatria, outro legado da medicina é a ênfase dada a especificações do diagnóstico, fixando rótulos para as desordens mentais. Porém, enquanto nos males puramente físicos é possível estabelecer diagnósticos relativamente acurados com base em observações e testes de laboratório, na psiquiatria esses rótulos diagnósticos são bem mais elusivos. Além disso, diferentemente do diagnóstico de doença física, os rótulos psiquiátricos não fornecem ao médico rumos claramente definidos de tratamento. Na psiquiatria, a filosofia e as crenças pessoais do psiquiatra, incluindo o relacionamento humano que mantém com seus pacientes, têm freqüentemente papel importante para determinar o curso do tratamento para a maioria dos clientes. Por exemplo, psiquiatras orientados organicamente podem prescrever terapia com eletrochoque para neuróticos, ao passo que aqueles orientados psicologicamente podem usar psicoterapia com psicóticos.

O trabalho com pessoas em estados não comuns de consciência trouxe notáveis mudanças na compreensão, e profundos novos insights, sobre desordens emocionais e psicossomáticas que não têm causas claramente definidas. Esse trabalho mostrou que todos nós carregamos registros internos de traumas físicos e emocionais, alguns de origem biográfica ou perinatal, outros de natureza transpessoal. Algumas pessoas podem chegar a experiências transpessoais e perinatais através de técnicas de meditação. Outras conseguem resultados apenas através de longa psicoterapia experiencial ou sessões psi-

codêlicas. Em algumas pessoas com fraca defesa psicológica, esse material inconsciente pode vir à superfície, espontaneamente, durante suas atividades diárias.

Quando começamos a sofrer sintomas de desordem emocional, e não de natureza orgânica, é importante perceber que isso não é início de uma "doença". É, na realidade, a emergência em nossa consciência do material mergulhado nas partes inconscientes de nosso ser. No momento em que o processo se completa, os sintomas associados com o material inconsciente são permanentemente resolvidos e tendem a desaparecer. Assim, a emergência de sintomas não é o aparecimento de doenças, mas o começo de sua cura. Do mesmo modo, a intensidade dos sintomas não deveria ser encarada como medida da gravidade da doença, tanto quanto como indicação da marcha do processo de cura. Psiquiatras clínicos sabem, há décadas, que os pacientes com sintomas mais dramáticos tendem a ter um prognóstico muito melhor do que aqueles cujos poucos sintomas desenvolvem-se vagarosa e insidiosamente. Ainda assim, a escolha do tratamento tradicional é a supressão dos sintomas, evitando que venham à tona. Ironicamente, essa é a prática conhecida por prolongar a doença emocional.

Os estados não comuns de consciência tendem a trabalhar como um sistema interno de radar, procurando as cargas emocionais mais fortes e levando o material, que lhes é associado, para a consciência, onde podem ser resolvidos. Nesse processo, os sintomas já existentes são exagerados e o previamente escondido "material inconsciente" sustenta esses sintomas que vêm à tona. Esse processo de exagerar os sintomas, seguido pela resolução dos mesmos, é paralelo aos princípios do sistema de cura da homeopatia. Ao invés de definir os sintomas como sendo o problema, a homeopatia os vê como manifestações do processo de cura. Isso, naturalmente, se choca com as teorias da medicina moderna.

A pesquisa dos estados não comuns de consciência também nos proporcionou novos insights sobre a importância relativa do material biográfico pós-natal. Na psiquiatria dominante consideramos experiências traumáticas da primeira infância, junto com eventos mais recentes da vida do cliente, como fontes principais de neurose e de muitas desordens psicossomáticas. Com poucas exceções, teóricos da psiquiatria julgam que

os distúrbios psicóticos não podem ser compreendidos em termos puramente psicológicos, pois devem ser causados por patologia cerebral ainda não identificada. Entretanto, nossas pesquisas mais recentes desafiam essas duas pretensões.

Observando clientes em estados não comuns de consciência, descobrimos que seus sintomas neuróticos ou psicossomáticos seguidamente envolvem mais do que o nível biográfico da psique. Inicialmente, podemos perceber que os sintomas são ligados a traumas sofridos na infância e meninice, exatamente como diz a psicologia tradicional. Mas, quando o processo continua e as experiências se aprofundam, os mesmos sintomas são vistos como relacionados também com aspectos particulares do trauma do nascimento. Raízes adicionais do mesmo problema podem ser localizadas nas fontes transpessoais como, por exemplo, uma experiência numa vida passada, um tema arquetípico não resolvido ou a identificação da pessoa com um animal específico.

Assim, uma pessoa que sofre de asma psicogênica pode, primeiro, reviver um ou mais fatos da infância envolvendo sufocação como o quase-afogamento, o sofrimento resultante de coqueluche, ou a dispnéia devida a difteria. A fonte mais profunda, do mesmo problema, pode ser uma iminente sufocação da pessoa quando ainda no canal de parto. No nível transpessoal, os sintomas da asma podem ser relacionados a experiências de vida passada, como enforcamento ou estrangulamento, ou mesmo a elementos da consciência animal, como a identificação com um animal sufocado por uma jibóia *constrictor*. Para uma completa solução dessa forma de asma, é importante confrontar e integrar todas as diferentes experiências ligadas ao problema.

Profundo trabalho experiencial tem revelado estruturas similares multiniveladas, em outras condições tratadas por psiquiatras. Os níveis perinatais do inconsciente, tratados nos primeiros capítulos deste livro, são importantes repositórios de sensações e emoções difíceis e, freqüentemente, fontes de ansiedade, depressão, sentimentos de desesperança e inferioridade, tanto quanto de agressão e violentos impulsos. Reforçado por traumas posteriores, da infância e meninice, esse material emocional pode causar fobias, depressões, tendências sadomasoquistas, comportamento criminoso e sintomas histéricos. As

tensões musculares, as dores e outros desconfortos físicos, como partes naturais do trauma do nascimento, podem posteriormente tornar-se problemas psicossomáticos como asma, enxaqueca, úlceras pépticas e colite.

Em nossa exploração da terceira matriz perinatal (MPB III) descrevemos como nossa experiência pôde ser ligada a um forte despertar da libido. Assim fica patente que nosso primeiro encontro com sensações sexuais está associado a ansiedade, dor e agressão. Além disso, é aí que encontramos também sangue, muco e, possivelmente, urina e fezes. Essas associações parecem ser a base natural para o desenvolvimento de desvios sexuais e perversões e até casos extremos, como assassinato por motivos sexuais. Sigmund Freud abalou o mundo quando disse que a sexualidade não começa na puberdade mas existe na infância. Nossas mais novas observações mostram que todos nós experimentamos sensações sexuais bem antes da puberdade e da infância mas, na verdade, antes de virmos ao mundo. Tal idéia pode exigir muito do nosso sentido de credulidade, mas apresenta uma explicação plausível para as fontes da patologia sexual, especialmente em suas mais extremas e bizarras formas.

Observações adicionais sugerem que tendências suicidas, alcoolismo e vício de drogas têm, também, raízes perinatais. De especial significado é o uso liberal da anestesia durante o parto e de certas substâncias para minorar a dor da mãe, ensinando o recém-nascido, num nível celular, a sentir o estado drogado como caminho natural para escapar da dor e das emoções difíceis. Essas descobertas foram confirmadas recentemente por estudos clínicos, que ligam várias formas de comportamento suicida a aspectos específicos do nascimento biológico. A escolha de drogas para se matar é ligada à anestesia durante o nascimento; a escolha do enforcamento liga-se à estrangulação na hora de nascer; a escolha de suicídio violento significa um também violento nascimento. Como no exemplo da asma psicogênica, raízes adicionais dos problemas acima podem ser encontradas no domínio transpessoal: tentativa de suicídio por enforcamento relaciona-se com sufocação ou ter sido enforcado em vidas passadas; suicídio por overdose de drogas relaciona-se com experiências com drogas na vida passada; suicídios por meios violentos, como uma deliberada

colisão de carros, liga-se a um evento de vida passada de características semelhantes.

Nossa nova compreensão de dificuldades emocionais não se limita a neuroses e desordens psicossomáticas. Pode estender-se a muitos extremos distúrbios psicológicos, conhecidos como psicoses. Esforços tradicionais para explicar psicologicamente sintomas psicóticos não têm sido muito convincentes, principalmente quando clínicos tentam interpretá-los apenas em termos de eventos biográficos, experienciados desde a infância e através da meninice. Estados psicóticos envolvem frequentemente emoções extremas e sensações físicas, tais como desespero abismal; profunda solidão metafísica; infernal tortura física; mortais agressões ou, inversamente, identidade com o universo; êxtase arrebatado; celestial felicidade. Durante um episódio psicótico, uma pessoa pode experimentar sua própria morte e renascimento ou mesmo a destruição e a recriação de todo o mundo. O conteúdo desses episódios é sempre fantástico e exótico, retratando vários seres mitológicos; paisagens infernais e paradisíacas; ocorrências de outros países e culturas e encontros extraterrestres. Nem a intensidade de emoções e sensações, nem o extraordinário conteúdo de estados psicóticos podem ser explicados racionalmente em termos dos primeiros traumas biográficos tais como fome, privação emocional ou outras frustrações de um bebê.

Se expandirmos a cartografia da psique, como já descrita neste livro, muitos estados, atribuídos tradicionalmente a desconhecidos processos patológicos do cérebro, aparecem de repente sob uma luz inteiramente nova. O trauma do nascimento, o qual constitui um importante aspecto do inconsciente, é um evento muito doloroso e potencialmente ameaçador da vida, que normalmente dura muitas horas. Certamente é, então, uma fonte muito mais plausível de extremas emoções e sensações do que a maioria dos eventos da meninice. Além disso, as dimensões mitológicas de muitas experiências psicóticas representam uma normal e natural característica do domínio transpessoal da psique, de acordo com o conceito junguiano do inconsciente coletivo e seus arquétipos. Ademais, a emergência desses profundos elementos do inconsciente pode ser vista como uma tentativa da psique de livrar-se de marcas traumáticas e de simplificar seu próprio funcionamento.

Todas essas observações fizeram com que a minha mulher, Christina, e eu concluíssemos que muitos estados diagnosticados de modo geral como doenças mentais, e tratados rotineiramente com medicação supressiva são, na realidade, crises psicoespirituais, ou "emergências espirituais" como as chamamos. Se forem entendidas e apoiadas de maneira adequada, podem resultar em cura e transformação pessoal. Episódios desse tipo têm sido descritos, através dos séculos, na literatura mística, como aspectos importantes da jornada espiritual. Têm ocorrido na vida de xamãs, de fundadores das grandes religiões, de santos e profetas, de renunciantes e iniciantes nos mistérios sagrados de todas as épocas. Em 1980, Christina fundou a Spiritual Emergence Network (SEN), Rede de Emergência Espiritual, organização mundial de pessoas que oferecem apoio e orientação a indivíduos em crise psicoespiritual, como uma alternativa ao tratamento tradicional. Atualmente, a lista de endereços de interessados contém milhares de nomes de pessoas dos Estados Unidos e de muitos outros países.

Psicoterapia e as práticas de cura

Na maioria dos sistemas existentes de psicoterapia, a meta é entender como a psique trabalha e por que desenvolvem-se desordens emocionais. Sua finalidade é usar suas teorias para mudar a maneira do cliente de pensar, sentir, comportar-se e tomar decisões vitais. Mesmo nas formas mais não-diretivas da psicoterapia, o terapeuta é considerado o veículo-base para o processo de cura porque tem maior conhecimento e treino que o cliente. Isso é considerado como suficiente qualificação para que ele oriente a auto-exploração através de questões e interpretações apropriadas.

O problema é que poucas escolas de terapia concordam com os pontos mais fundamentais concernentes aos mistérios da psique humana, à natureza da psicopatologia, e mesmo às técnicas terapêuticas. O enfoque do mesmo problema difere de acordo com as convicções pessoais do terapeuta e da escola

à qual ele está ligado. Não há estudos conclusivos mostrando que certas escolas são superiores a outras, no sentido de obter resultados terapêuticos. É sabido que “bons terapeutas” de escolas diferentes conseguem bons resultados e “maus terapeutas” não os conseguem. Além disso, as mudanças pelas quais passam os clientes parecem ter pouco a ver com o que os terapeutas acreditam estar fazendo. Tem sido sugerido que o sucesso da psicoterapia não tem nada a ver com a técnica do terapeuta ou do conteúdo de interpretações verbais, mas depende de fatores como a qualidade do relacionamento no ambiente terapêutico, o grau de empatia, ou a sensação do cliente de ser compreendido e encorajado.

Nas tradicionais psicoterapias verbalizadas, espera-se que o cliente forneça informações sobre seus problemas, presentes e passados e, possivelmente, descreva seus sonhos que, acredita-se, são um meio de proporcionar insights ao inconsciente. Então, cabe ao terapeuta decidir o que é psicologicamente relevante. Assim, o analista freudiano enfoca problemas sexuais, o adleriano enfatiza o material relacionado com complexos de inferioridade e a busca do poder, etc. Contrastando com isso, o trabalho com estados não comuns de consciência deixa de lado as diferenças teóricas entre várias escolas, e o papel do terapeuta como intérprete do material psicológico. Lembramos aqui que, em estados não comuns, o material com a carga emocional mais forte é automaticamente selecionado e levado para a consciência. Esses estados não comuns também fornecem os insights necessários e mobilizam nossas próprias forças interiores de cura com toda a sua sabedoria e poder inerentes. Mesmo que se tenha tentado duplicar esses processos naturais de cura, nenhuma escola de psicologia jamais o conseguiu.

O requisito mais importante para o terapeuta que se ocupa com estados não comuns de consciência não é dominar técnicas específicas e dirigir o cliente para a direção desejada, mas confiar no desenvolvimento espontâneo do processo, e aceitá-lo. É essencial fazer isso incondicionalmente, mesmo que, de vez em quando, o terapeuta não compreenda intelectualmente o que está acontecendo. Essa tarefa desafia a maioria dos terapeutas que dependem dos direcionamentos teóricos da doutrina que segue. Sem esforço de sua parte, os sintomas tornam-se estados não comuns claros e acontecem transformações pessoais, resul-

tantes do desdobramento de um inesperado conjunto de experiências, as quais podem ser biográficas, perinatais, transpessoais, ou dos três tipos. Tenho presenciado muitas curas dramáticas e mudanças positivas de personalidade — que escaparam completamente a todos os meus esforços quanto à compreensão racional — em Respiração Holotrófica, no trabalho com emergências espirituais, e em milhares de sessões psicodélicas de terapia durante minhas primeiras pesquisas.

No trabalho com estados não comuns de consciência, papéis de terapeuta e clientes são muito diferentes daqueles da psicoterapia tradicional. O terapeuta não é o agente ativo que provoca mudanças no cliente por meio de intervenções específicas, mas é alguém que, inteligentemente, coopera com as forças internas de cura do cliente. Esse papel do terapeuta é coerente com a significação original da palavra grega *therapeutes*, que significa “a pessoa que auxilia no processo de cura”. Concorda, também, com as idéias de C. G. Jung sobre a psicoterapia: a obrigação do terapeuta é mediar, para o cliente, um contato e uma permuta com seu ego interior que, então, vai guiar o processo de transformação e individuação. O critério para permuta e cura vem do inconsciente coletivo que ultrapassa, de longe, o conhecimento intelectualmente disponível para o terapeuta.

Ao mesmo tempo em que o terapeuta e o cliente podem sentir-se frustrados, ocasionalmente, pela falta de entendimento racional no processo de cura, as dramáticas mudanças positivas alcançadas pelo cliente, num espaço de tempo relativamente curto, são compensações mais do que suficientes. Nesse tipo de trabalho, torna-se claro ser impossível usar uma estrutura conceitual rígida que leva os problemas do cliente para compartimentos preconcebidos. Como sugeriu Jung, não existe garantia que aquilo que observamos numa determinada sessão terapêutica já foi presenciado antes e pode ser entendido em termos de doutrinas existentes. A psique não tem fronteiras e tem recursos e criatividade aparentemente infinitos. Por essa razão, é possível que em qualquer encontro terapêutico possamos mesmo testemunhar, ou experienciar, fenômenos que jamais foram observados. Isso faz do trabalho terapêutico uma excitante e contínua aventura, repleta de descobertas e novos conhecimentos a cada volta.

As raízes da violência humana e a atual crise global

Entre as mais importantes implicações do novo modelo da psicologia estão insights de natureza sócio-política. As tentativas da ciência tradicional para explicar, de modo plausível, as atrocidades que caracterizam muito da história humana, têm sido geralmente não convincentes, deixando muito a desejar. A imagem do homem como o "macaco nu" que guarda instintos assassinos, herdados de seu passado animal, não está de acordo com aquilo que o psicanalista Erich Fromm chamou de "agressão maligna", própria apenas do homem. Os animais lutam por alimento, sexo e território próprio, mas nenhum animal na natureza sequer se aproxima de copiar as insensatas crueldades cometidas pelos seres humanos. Os esforços psicológicos para explicar nossa violência, em termos do modelo biográfico da consciência humana, têm sido igualmente frustradores e inadequados.

No momento em que reconhecemos o fracasso para explicar a psicopatologia individual em termos do modelo tradicional orientado biograficamente, torna-se mais óbvia a insuficiência desse método quando aplicado à psicopatologia de massa de guerras sangrentas; revoluções; crueldade de regimes totalitários; bestialidade de campos de concentração; e genocídio. Tal como acontece com comportamentos extremamente violentos de indivíduos, a angústia emocional experienciada na infância e na meninice não justifica comportamentos anormais de tal proporção.

Os traumas psicológicos, associados a experiências modeladoras de nossa psique após o nascimento, não são suficientes para explicar os horrores do nazismo, as atrocidades de um regime de Stalin, ou o comportamento monstruoso do apartheid. Entretanto, eventos como esses começam a se tornar mais compreensíveis quando adicionamos as perspectivas perinatais e transpessoais que se expressam em estados não comuns de consciência. O trauma do nascimento envolve uma

luta de vida e morte, além de ter potencial para tornar-se a base para muitos extremos de emoção. Como um evento que todos nós dividimos, tem o potencial para trazer à tona aberrações psicológicas em escala maciça, com talvez centenas de milhares de pessoas dividindo uma experiência comum de tremenda e inconsciente fúria. Os arquétipos do inconsciente coletivo também podem ser fontes de psicopatologia de massa, uma vez que são dotados de extraordinária força psicológica que trespassa todas as fronteiras individuais.

A guerra é complexa, naturalmente, e envolve muitos fatores, incluindo raízes históricas, políticas e econômicas, tanto quanto raízes psicológicas. Não deveríamos presumir que a guerra pode ser reduzida apenas a fatores psicológicos. Entretanto, enquanto aspectos tangíveis de conflitos entre nações têm recebido muita atenção, as dimensões e raízes psicológicas dessas crises têm sido ignoradas. Aqui, a moderna pesquisa da consciência oferece alguns indícios e insights de muito interesse. Em estados não comuns, o material que emerge do inconsciente frequentemente inclui temas de guerra, regimes totalitários, revoluções, horrores dos campos de concentração, e genocídio. Cenas mostrando esses temas podem ser experiências extremamente fortes, com toda uma série de emoções e sensações físicas, tanto das vítimas quanto dos perpetradores.

Quando as sessões são dominadas pela MPB II, a pessoa liga-se a sensações da criança presa no canal de parto antes que a cervix se abra. Isso é frequentemente acompanhado por cenas da história humana em que a pessoa experiencia papel de vítima. Tal experiência envolve identificação com a população oprimida por um regime totalitário; com civis sofrendo durante uma guerra; com ocupantes de campos de concentração e com os oprimidos de todas as épocas. Sequências desse tipo ocorrem até em sessões de pessoas que jamais experienciaram, pessoalmente, tais sensações na vida real, mas cujo inconsciente tem conhecimento íntimo de todas as emoções e sensações envolvidas.

Quando o processo volta-se para a MPB III, a pessoa identifica-se com a criança lutando para escapar do canal de parto depois que a cervix se abriu. Nesse momento, muda dramaticamente a natureza das sensações sócio-políticas que acompanham a experiência. Ainda há cenas de violência, mas agora

o indivíduo identifica-se com o papel de agressor. O processo oscila entre identificação com a vítima e com o perpetrador. Ocasionalmente, alguém pode também tornar-se um observador externo. Aqui, o tema predominante é a revolução: a opressão tornou-se intolerável e o tirano deve ser derrotado. A meta é alcançar a liberdade, quando se possa "respirar" novamente. As experiências abrangem cenas da revolução francesa e da bolchevista; da guerra civil americana e de outras lutas pela liberdade. E o momento real do nascimento é muitas vezes acompanhado por cenas retratando vitórias em variadas revoluções ou fim de guerras.

A rica e abrangente natureza de emoções e sensações envolvidas nessas experiências mostra que não são fabricadas individualmente, a partir de fontes como livros de aventura, filmes e shows de televisão. Depois de testemunhar milhares de sessões de terapia em que tal tipo de material estava envolvido, estou completamente convencido que isso origina-se no inconsciente coletivo. Quando, em nossas explorações interiores, chegamos à memória do trauma do nascimento, isso parece abrir as portas do inconsciente coletivo, onde ganhamos acesso às experiências de pessoas que sofreram, na vida real, situações semelhantes.

A tirania da sombra

Após examinar material desse tipo por mais de vinte anos, fui inevitavelmente levado à possibilidade muito real de que o nível perinatal de nosso inconsciente, a parte de nossa psique que "conhece" tão intimamente a história da violência humana, pode, na realidade, ser parcialmente responsável por guerras, revoluções e atrocidades semelhantes. Quero mostrar outra peça de evidência que não se origina da moderna pesquisa da consciência, mas de cuidadosa pesquisa histórica.

Logo depois da publicação de meu primeiro livro, *Realms of the Human Unconscious*, recebi uma carta de Lloyd de Mause, psicanalista e jornalista de Nova York. De Mause é um dos fundadores da psico-história, disciplina que aplica

os achados da psicologia profunda à história e à ciência política. Os psico-historiadores estudam assuntos como a relação entre a história da infância de líderes políticos e seus sistemas de valores e processos de tomar decisões. Também tentam estabelecer ligações entre os costumes de educação da criança, em determinada época, e a natureza de guerras e revoluções. Lloyd de Mause estava muito interessado em meus achados a respeito do trauma do nascimento e suas possíveis implicações sócio-políticas porque confirmavam suas próprias pesquisas.

Há muitos anos, de Mause vem estudando os aspectos psicológicos de períodos precedentes de guerras e revoluções. Interessa-lhe saber como líderes militares conseguem mobilizar com sucesso massas de pacíficos civis e transformá-los em máquinas de morte. Seu enfoque foi muito original e criativo. Além da análise de fontes históricas, obteve dados de grande importância psicológica de caricaturas populares, piadas, sonhos, lapsos de linguagem, comentários de locutores e mesmo rabiscos e garatujas nas margens de rascunhos de documentos políticos. Quando de Mause entrou em contacto comigo, tinha analisado dessa maneira dezessete situações precedentes à deflagração de guerras e sublevações revolucionárias, desde a antiguidade até às épocas mais recentes.

De Mause ficou assombrado com o número extraordinário de figuras de linguagem, metáforas e imagens, relacionadas com o nascimento biológico, que encontrou no material histórico. Líderes militares e políticos, descrevendo situações críticas e fazendo declarações de guerra, usam caracteristicamente termos que se aplicam igualmente bem à aflição perinatal. Dizem que o inimigo os está "sufocando e estrangulando", tirando-lhes o "último ar dos pulmões", "confinando-os" e não lhes dando "suficiente espaço para viver" (*Lebensraum*, de Hitler). São igualmente frequentes: cavernas escuras, túneis, labirintos confusos, abismos perigosos em que podíamos ser empurrados e a ameaça de devoração ou afogamento. E também a promessa de resolver situações tem a forma de imagens perinatais: líderes prometem levar-nos à "luz do fim do túnel"; "guiar-nos para a saída do labirinto"; e garantem que, depois que o opressor for vencido, todo mundo poderá "respirar livremente" outra vez.

Os sujeitos da pesquisa de Lloyd de Mause incluem Alexandre, o Grande; Napoleão; o Kaiser Guilherme II; Adolf Hitler; Khrushchev e Kennedy. Encontrou simbolismo do nascimento também nas declarações do almirante Shimada e do embaixador Kurassa antes do ataque a Pearl Harbor. Particularmente deprimente foi o uso da linguagem perinatal ligada à explosão da bomba atômica em Hiroshima. O avião bombardeiro tinha o nome da mãe do piloto, Enola Bay; a bomba tinha o apelido de "Little Boy", pintado em seu lado; o código dirigido a Washington para confirmar a bem-sucedida detonação da bomba foi "o bebê nasceu" (*The baby was born*). Desde a época de nossa correspondência, Lloyd de Mause tem coletado muitos adicionais exemplos históricos, aperfeiçoando sua tese de que nossas memórias do trauma perinatal têm um importante papel em atividade social violenta.

Outro apoio para essas idéias pode ser encontrado no excelente livro *The Faces of the Enemy*, de Sam Keen. O autor juntou uma importante coleção de pôsteres de guerra, cartões e caricaturas, de muitos períodos e culturas históricas diferentes. Demonstrou que a maneira com que o inimigo é descrito, ou retratado durante uma guerra ou revolução, é um estereótipo, com poucas variações, e tem muito pouco a ver com as características reais da cultura em foco. De acordo com Keen, as supostas imagens do inimigo são essencialmente "projeções dos aspectos reprimidos, desconhecidos e sombrios de nossas próprias mentes inconscientes".¹ Ainda que certamente pudéssemos encontrar na história humana exemplos de "guerras justas", aqueles que iniciam as atividades guerreiras estão substituindo, de modo típico, alvos externos por elementos de sua própria psique que poderiam ser enfrentados numa auto-exploração pessoal.

O suporte teórico de Sam Keen não inclui especificamente o domínio perinatal do inconsciente. Entretanto, a análise de seu material revela a preponderância de imagens simbólicas características da MPB II e da MPB III. O inimigo é retratado como um perigoso polvo; um dragão vicioso; uma hidra de muitas cabeças; uma gigantesca tarântula venenosa; ou um leviatã devorador. Outros símbolos usados com frequência incluem felinos ou pássaros viciosamente predatórios, tubarões monstruosos e sinistras serpentes, particularmente víboras e

jibóias constritoras. Cenas mostrando que estrangulamento e esmagamento, sorvedouros ameaçadores e traiçoeiras arcias movidas são também em grande número nas imagens do tempo de guerras, revoluções e crises políticas. A justaposição de imagens de estados não comuns de consciência que apresentam experiências perinatais, com a documentação pictórica e histórica coletada por Lloyd de Mause e Sam Keen, oferecem forte evidência das raízes perinatais da violência humana.

De acordo com os insights fornecidos pelo conjunto de observações de estados não comuns de consciência, e com as descobertas de psico-historiadores, todos nós carregamos em nosso profundo inconsciente poderosas energias e emoções associadas ao trauma do nascimento e que não foram assimilados e dominados adequadamente. Para alguns de nós, esses aspectos de nossa psique podem ser completamente inconscientes, enquanto para outros pode haver vários graus de percepção sobre a influência dos mesmos. Quando o material desse tipo é ativado no nosso interior por eventos reais do mundo exterior, pode levar a uma esquisita psicopatologia individual, incluindo violência, para a qual não parece haver causa visível. Parece que, por razões desconhecidas, a percepção dos elementos perinatais pode crescer simultaneamente em um grande número de pessoas, e isso cria uma atmosfera de tensão, ansiedade e expectativa. Um líder como Hitler é talvez influenciado pelas energias perinatais mais fortemente que outros em sua cultura e tem, ao mesmo tempo, o poder de manipular o comportamento coletivo de toda uma nação. Com esses dois fatores conjuntos, é fácil para ele renegar seus inaceitáveis (e inconscientes) sentimentos (a "sombra", na terminologia junguiana) e projetá-los numa situação externa. A culpa do desconforto coletivo é atribuída ao inimigo, e a intervenção militar é oferecida como uma solução.

A guerra oferece oportunidade para abandonar as defesas psicológicas que, normalmente, mantêm sob controle as tendências perinatais perigosas. O superego de Freud, força psicológica que exige comportamento controlado e civilizado, é suplantado pelo "superego da guerra": somos agora elogiados pelo mesmo comportamento, inaceitável e mesmo criminoso, do tempo de paz — morte, destruição indiscriminada e pilhagem. Uma vez que a guerra explode, podemos dar livres

rédeas aos impulsos destrutivos e autodestrutivos. Os elementos perinatais que normalmente encontramos em certo estágio do processo de exploração e transformação interior (MPB II e MPB III) manifestam-se agora em reais situações externas a nós; em combates corpo a corpo no campo de batalha ou em forma de notícias da televisão. Várias situações sem saída, orgias sadomasoquistas, violência sexual, comportamento bestial e demoníaco, soltura de explosivas energias e escatologia, que normalmente atribuímos a imagens do campo perinatal, são todas exteriorizadas em guerras e revoluções com extraordinária vividez e força.

Deixar os impulsos inconscientes soltos — seja que isso ocorra individualmente em comportamento autodestrutivo e conflitos interpessoais, ou seja coletivamente através de guerras e revoluções — não resulta em transformação, como poderia ocorrer levando-se o mesmo material à total consciência, pois estão faltando insights e intenção terapêutica. Mesmo quando o comportamento violento resulta em vitória, não é atingida a meta da memória inconsciente do nascimento, que era a força motora de tais eventos. A mais triunfante vitória exterior não libera aquilo que o inconsciente esperava ou desejava: uma sensação interior de liberação emocional e renascimento espiritual. Imediatamente após a excitação inicial pelo triunfo, vem um sóbrio despertar, acompanhado por amargo desapontamento. Normalmente, não demora muito para que surja uma reprodução fiel do prévio sistema opressor, pois as mesmas forças inconscientes continuam a operar no inconsciente coletivo e individual das pessoas. Quando examinamos a história, cuidadosamente, vemos que esse mesmo ciclo ocorre, sempre de novo, sejam os eventos envolvidos chamados Revolução Francesa, Revolução Bolchevista ou Segunda Guerra Mundial.

Durante muitos anos, quando a Tchecoslováquia estava sob um regime marxista, dirigi em Praga um profundo trabalho experiencial. Durante esse período, coletei grande número de fascinante material a respeito das dinâmicas psicológicas do comunismo. Assuntos relacionados com a ideologia comunista emergiam caracteristicamente enquanto meus clientes lutavam com emoções e energias perinatais. Tornou-se óbvio que a cólera sentida pelo revolucionário contra seus opressores re-

cebe forte reforço psicológico de sua revolta contra a prisão interior de sua experiência perinatal. E, de maneira inversa, a necessidade de coagir e dominar os outros foi expressada, muitas vezes, como um esforço para superar o medo de ser dominado pelo próprio inconsciente. A confusão mortífera entre opressor e revolucionário parece, então, ser uma expressão externalizada do tumulto experienciado no canal de parto. Isso não significa que não existiam problemas políticos a serem resolvidos: o importante é que temas perinatais, sentidos com incrível intensidade, ditavam o modo pelo qual esses conflitos eram percebidos e exteriorizados.

A visão comunista tem elementos de verdade psicológica que atraem grande número de pessoas. A noção básica dessa verdade é que uma experiência dramática de proporções revolucionárias deve ocorrer para poder terminar com o sofrimento e a opressão. A noção de que essa transformação social trará maior harmonia é correta em termos do processo psicológico de morte e renascimento e transformação interior. Entretanto, é perigosamente falsa quando projetada ao mundo externo como ideologia política. A falácia básica é que uma configuração essencialmente arquetípica de morte espiritual e renascimento toma a forma de um programa ateuístico e anti-espiritual.

É interessante notar que enquanto as revoluções comunistas tiveram extremo sucesso em sua fase destrutiva, a fraternidade e a harmonia, prometidas por suas vitórias, não se concretizaram. Ao invés disso, as novas ordens trouxeram regimes em que imperam a opressão, a crueldade e a injustiça. Se as observações acima estão corretas, nenhuma intervenção externa tem a oportunidade de criar um mundo melhor, a não ser que se associe a uma profunda transformação da consciência humana.

Ecoss e reflexos do inferno

As dinâmicas perinatais podem também nos ajudar a compreender fenômenos como os dos campos nazistas de concen-

tração que, de outro modo, seriam incompreensíveis. O Prof. Bastians, de Leyden, na Holanda, teve extensas experiências no tratamento da, assim chamada, síndrome de campo de concentração, isto é, problemas emocionais que aparecem décadas após o encarceramento. Ele salientou que o campo de concentração é, em última análise, um produto da mente humana. O fato de que a imagem mental de tal instituição deve ter precedido sua existência material sugere que há uma área correspondente na psique inconsciente. Bastians expressou isso sucintamente: "Antes que houvesse um homem no campo de concentração, havia um campo de concentração no homem."² Já aponte que as imagens envolvendo campos nazistas de concentração, campos de trabalho da era de Stalin e outros temas semelhantes emergem espontaneamente nas experiências de pessoas confrontando com o nível perinatal de seu inconsciente. Um exame mais aprofundado das condições gerais e específicas de campos nazistas de concentração revela que eles são uma exteriorização realística da atmosfera de pesadelo da MPB II e da MPB III.

Pensemos nas barreiras de arame farpado, cercas com alta voltagem elétrica, torres de controle armadas com metralhadoras, campos minados e matilhas de cães treinados. Tudo isso, certamente, ajudava a criar uma arquetípica imagem infernal da situação sem saída, tão característica da MPB II. Os elementos de violência, bestialidade e sadismo contribuíram para a atmosfera de insanidade e horror, bastante familiar a pessoas que reviveram seu nascimento. O abuso sexual de mulheres e homens, incluindo estupro e práticas sádicas, existiam tanto em nível individual quanto nas "casas de bonecas", que providenciavam "diversões" para os oficiais e ofereciam uma escapatória para seus mais violentos impulsos perinatais inconscientes.

Um dos aspectos mais espantosos das práticas de campos de concentração era a violação dos cuidados básicos de higiene e a indulgência para com a escatologia. Uma vez que isso estava em agudo contraste com o meticuloso senso germânico de limpeza, e envolvia descaso pelo perigo de epidemias maciças, tal aspecto indica claramente o envolvimento de forças inconscientes e irracionais. Uma das brincadeiras favoritas dos oficiais nazistas era atirar nas latrinas vasilhas de co-

mida dos prisioneiros e obrigá-los a retirá-las. Outras vezes, jogavam os próprios ocupantes nos excrementos quando eles se abaixavam para satisfazer necessidades fisiológicas. Como resultado, muitos prisioneiros afogaram-se em excreto humano.

Sufocamento em câmaras de gás e o fogo dos crematórios eram outros elementos do ambiente infernal e horripilante dos campos. Todos esses são temas que as pessoas, quando em estado não comum de consciência, encontram seguidamente em experiências interiores, no contexto da MPB III. Em época de paz, têm acontecido atrocidades semelhantes durante insurreições em prisões. Aparentemente, a superlotação e o abuso contra prisioneiros tendem a ativar os elementos perinatais inconscientes, levando muitas vezes a violentas sublevações e rebeliões.

No nível transpessoal podem também ser encontradas significantes raízes de rebeliões sócio-políticas. C. G. Jung acreditava que os arquétipos do inconsciente coletivo não apenas influenciam o comportamento individual mas, também, governam grandes movimentos históricos. Partindo desse ponto de vista é possível que nações inteiras e grupos culturais exteriorizem temas mitológicos. Por exemplo, na década precedente à Segunda Guerra Mundial, Jung encontrou nos sonhos de seus clientes germânicos muitos elementos da mitologia nórdica sobre "Ragnarok", o crepúsculo dos deuses. Concluiu, então, que esse arquétipo estava emergindo na psique coletiva da nação alemã, e predisse que isso levaria à maior catástrofe do mundo, que resultaria, basicamente, na autodestruição desse povo. Em muitos casos, líderes espertos usam especificamente imagens arquetípicas para alcançar suas metas políticas. Dessa maneira, Hitler utilizou os motivos mitológicos da supremacia da raça nórdica e do império milenário, tanto quanto os antigos símbolos arianos da suástica e da águia. O aiatolá Khomeini e Saddam Hussein inflamaram a imaginação de seus seguidores muçulmanos com referências à *jihad*, isto é, a guerra santa contra os infieis.

Ainda que não seja fácil estabelecer-se provas conclusivas nesta área, uma consideração completa dos níveis perinatais e transpessoais da psique nos indica novas e emocionantes possibilidades para o estudo e a compreensão da história e da cultura humanas. Provavelmente, o que mais desperta

curiosidade quanto aos novos insights são aqueles relacionados à atual crise global. Temos, todos nós, o dúbio privilégio de viver uma época em que o drama do mundo está atingindo seu auge. A violência, a cobiça e a ganância, que modelam a história humana nos últimos séculos, alcançam tais proporções que podem resultar facilmente na completa aniquilação da espécie humana, ou mesmo no extermínio de toda a vida no planeta. Os variados esforços diplomáticos, políticos, militares, econômicos e ecológicos para corrigir a atual conjuntura parecem, todos eles, piorar, ao invés de melhorar, a situação.

Será possível que falhem nossos esforços em prol da paz porque nenhum de nossos enfoques atuais dirigiu-se à dimensão que parece ser o centro da crise global, a psique humana? Há, no mundo, meios suficientes para garantir um bom padrão de vida para todos, na face da terra. Da mesma maneira, não é necessário que morram milhões de pessoas com doenças para as quais a medicina contemporânea tem remédios eficazes. A ciência moderna tem o know-how para desenvolver fontes de energia, limpas e renováveis, e prevenir a deterioração de nosso ambiente físico. O maior obstáculo que enfrentamos, como espécie, acha-se no atual nível evolutivo de nossa consciência. Essa é a causa fundamental para a insensata espoliação de nossos recursos naturais; a poluição de nossa água, ar e solo; e o vergonhoso desperdício de inconcebíveis somas de dinheiro e energia na insanidade da corrida armamentista. Por essa razão, é importante conhecermos tanto quanto possível as dimensões psicológicas e espirituais da arriscada situação pela qual todos nós estamos passando.

No nosso mundo moderno temos externalizado muito dos elementos essenciais da MPB III. Ao trabalhar para alcançar uma transformação no nível individual, sabemos que devemos encarar e trabalhar tais temas. Os mesmos elementos que encontraríamos no processo psicológico de morte e renascimento, em nossas experiências visionárias, aparecem hoje como notícias de nossos jornais vespertinos. Vemos no mundo todo o desencadeamento de monstruosos impulsos agressivos em guerras e motins revolucionários; no aumento da criminalidade; no terrorismo e nos distúrbios raciais. Experiência e comportamento sexual têm tomado formas sem precedência, mani-

festando-se como liberdade sexual para muitos jovens; promiscuidade; casamento aberto; liberação da homossexualidade; locais para práticas sadomasoquistas; atividades, livros e filmes que tratam abertamente de sexo; e muitas outras situações. O elemento demoníaco também se está tornando incrivelmente evidente no mundo moderno. Atestam esse fato o crescente interesse por cultos satânicos e feitiçaria; a sempre maior popularidade de livros e filmes com temática ocultista; e crimes diabólicos. A dimensão escatológica é demonstrada na progressiva poluição industrial; no acúmulo, em escala global, de produtos refugados, e na rápida degeneração de condições higiênicas nas grandes cidades.

Muitas pessoas com quem temos trabalhado têm apresentado, espontaneamente, insights de muito interesse sobre a situação atual. Durante os poucos últimos anos, centenas de pessoas têm expressado a crença de que a humanidade está numa encruzilhada, encarando um aniquilamento coletivo ou um salto evolucionário de consciência, de proporções inéditas. Parece que estamos todos envolvidos num processo paralelo ao da morte e renascimento psicológicos, experienciados individualmente por tantas pessoas quanto em estados não comuns de consciência. Se continuarmos a exteriorizar as tendências destrutivas de nosso inconsciente profundo, sem dúvida alguma destruiremos a nós mesmos e toda a vida no planeta. Entretanto, se conseguirmos internalizar esse processo, em escala suficientemente grande, isso poderia resultar num processo evolucionário e tirar-nos de nossa condição atual de quase-primatas.

Tão utópico quanto pode parecer à primeira vista, isso poderia muito bem ser nossa única oportunidade real. Durante anos, tenho presenciado profundas transformações em pessoas envolvidas em sérias e sistemáticas buscas interiores. Algumas delas meditavam e tinham uma prática espiritual regular. Outras sofriam episódios espontâneos de crise psicoespiritual, ou participavam de várias formas de psicoterapia e auto-exploração experienciais. À medida que seu nível de agressão decrescia, tornavam-se mais tranqüilas, mais satisfeitas consigo mesmas e mais tolerantes para com os outros. Sua capacidade para aproveitar a vida crescia consideravelmente, em particular quanto aos prazeres simples do dia-a-dia.

O respeito pela vida e a consideração pela ecologia são algumas das mais freqüentes conseqüências da transformação psicoespiritual resultante de trabalho responsável com estados não comuns de consciência. Encontramos a mesma situação com emergências espirituais de natureza mística, baseadas em experiência pessoal. Acredito que um movimento direcionado para uma percepção mais completa de nossa mente inconsciente aumentará, vastamente, nossa possibilidade de sobrevivência planetária. Espero que este livro seja uma contribuição para essas finalidades, oferecendo assistência e orientação para aqueles que escolherão este caminho ou já o estejam percorrendo.

NOTAS

CAPÍTULO 1 RUPTURAS EM DIREÇÃO A NOVAS DIMENSÕES DA CONSCIÊNCIA

1. David Bohm, *Wholeness and the Implicate Order* (London: Routledge and Kegan Paul, 1980).
2. Rupert Sheldrake, *A New Science of Life* (Los Angeles: J. P. Tarcher, 1981).
3. Michael Harner, *The Way of the Shaman* (New York: Harper & Row, 1980).
4. Stanislav Grof, estudo sobre o caso de Peter, extraído de *Realms of the Human Unconscious: Observations from LSD Research* (New York: Viking Penguin, 1975).

CAPÍTULO 2 A TOTALIDADE E O UNIVERSO AMNIÓTICO — MPB I

1. Stanislav Grof, estudo sobre o caso de Ben, extraído de *Realms of the Human Unconscious: Observations from LSD Research* (New York: Viking Penguin, 1975).

CAPÍTULO 3 EXPULSÃO DO PARAÍSO — MPB II

1. Stanislav Grof, estudo extraído de *Realms of the Human Unconscious: Observations from LSD Research* (New York: Viking Penguin, 1975).

CAPÍTULO 4 A LUTA MORTE-RENASCIMENTO — MPB III

1. Stanislav Grof, estudo extraído de *Realms of the Human Unconscious: Observations from LSD Research* (New York: Viking Penguin, 1975).

CAPÍTULO 5

A EXPERIÊNCIA DE MORTE E RENASCIMENTO — MPB IV

1. Stanislav Grof, estudo extraído de *Realms of the Human Unconscious: Observations from LSD Research* (New York: Viking Penguin, 1975).

CAPÍTULO 6

UMA VISÃO GERAL DO PARADIGMA TRANSPESSOAL

1. C. G. Jung, *Septem Sermones ad Mortuos* in S. Hoeller, *The Gnostic Jung and the Seven Sermons to the Dead* (Wheaton, IL: Theosophical Publishing House, 1982).
2. Abraham Maslow, *Religions, Values and Peak Experiences* (Cleveland: State Univ. of Ohio, 1964).
3. William James, *Varieties of Religious Experience* (New York: Collier, 1961).
4. C. G. Jung, *Septem Sermones ad Mortuos* in S. Hoeller, *The Gnostic Jung and the Seven Sermons to the Dead* (Wheaton, IL: Theosophical Publishing House, 1982).

CAPÍTULO 7

VIAGENS ALÉM DOS LIMITES FÍSICOS

1. Eugene O'Neill, *Long Day's Journey into Night* (New Haven, CT: Yale Univ. Press, 1956), Act 4, 153.
2. Stanislav Grof, estudo do caso de Jenna, extraído de *The Adventure of Self-Discovery* (Albany: State Univ. of New York Press, 1988).
3. Stanislav Grof, estudo de um caso não publicado.
4. Rusty Schweickart, "Space-Age and Planetary Awareness: A Personal Experience" in *Human Survival and Consciousness Evolution*, editado por Stanislav Grof (Albany: State Univ. of New York Press, 1988).
5. Stanislav Grof, estudo de um caso não publicado.
6. Stanislav Grof, estudo de um caso não publicado.
7. Stanislav Grof, estudo extraído de *The Adventure of Self-Discovery* (Albany: State Univ. of New York Press, 1988).
8. Stanislav Grof, estudo extraído de *The Adventure of Self-Discovery* (Albany: State Univ. of New York Press, 1988).
9. J. E. Lovelock, *Gaia: A New Look at Life on Earth* (New York: Oxford Univ. Press, 1979).

CAPÍTULO 8

ATRAVÉS DAS FRONTEIRAS DO TEMPO

1. Stanislav Grof, estudo de um caso extraído de *Realms of the Human Unconscious: Observations from LSD Research* (New York: Viking Penguin, 1975).
2. Stanislav Grof, estudo do caso de Richard, extraído de *Realms of the Human Unconscious: Observations from LSD Research* (New York: Viking Penguin, 1975).

3. Stanislav Grof, estudo do caso de Inga, extraído de *The Adventure of Self-Discovery* (Albany: State Univ. of New York Press 1988).
4. Stanislav Grof, estudo do caso de Nadja, extraído de *Realms of the Human Unconscious: Observations from LSD Research* (New York: Viking Penguin, 1975).
5. Stanislav Grof, estudo do caso de Renata, extraído de *Realms of the Human Unconscious: Observations from LSD Research* (New York: Viking Penguin, 1975).
6. Stanislav Grof, estudo de um caso não publicado.
7. Stanislav Grof, estudo de um caso extraído de *Realms of the Human Unconscious: Observations from LSD Research* (New York: Viking Penguin, 1975).
8. Stanislav Grof, estudo do caso de Jesse, extraído de *The Human Encounter with Death*.

CAPÍTULO 9

ALÉM DA REALIDADE CONSENSUAL

1. Aldous Huxley, *Heaven and Hell* (Harmondsworth, England: Penguin Books, 1971).
2. Stanislav Grof, estudo do caso de Richard, extraído de *The Adventure of Self-Discovery* (Albany: State Univ. of New York Press, 1988).
3. Stanislav Grof, estudo do caso de Eva Pahnke, extraído de *The Adventure of Self-Discovery* (Albany: State Univ. of New York Press, 1988).
4. Stanislav Grof, estudo de um caso não publicado.
5. Christina Grof e Stanislav Grof, *The Stormy Search for the Self* (Los Angeles: Jeremy P. Tarcher, 1990).
6. Christina Grof e Stanislav Grof, *The Stormy Search for the Self* (Los Angeles: Jeremy P. Tarcher, 1990).
7. C. G. Jung, *Memories, Dreams, Reflections* (New York: Pantheon Books, 1961).
8. Stanislav Grof, estudo de um caso não publicado.
9. Joseph Campbell, conferência no Esalen Institute, Big Sur, CA, 1984.
10. Lao-tseu, *Tao Te Ching* (New York: Vintage Books, 1972).
11. Stanislav Grof, estudo de um caso não publicado.
12. William Blake, Johannes Brahms e Giacomo Puccini em *Higher Creativity*, por W. Harman e H. Rheingold (Los Angeles: Jeremy P. Tarcher, 1984), 46.

CAPÍTULO 10

EXPERIÊNCIAS DE NATUREZA PSICÓIDE

1. C. G. Jung, "On the Nature of the Psyche" em *The Structure and Dynamics of the Psyche*, trabalhos coletados, Vol. 8, Bollingen Series XX (Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 1960).
2. Paul Krammer, *Das Gesetz der Serie* (A Lei das Séries) (Stuttgart and Berlin, 1919).
3. Camille Flammarion, *The Unknown* (London and New York, 1900), 191 ss.
4. C. G. Jung, *Synchronicity: An Acausal Connecting Principle*, Vol. 8, Bollingen Series XX (Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 1973).
5. C. G. Jung, Carta para Carl Selig, 25 de fevereiro de 1953, em *Letters: Nineteen Fifty-One to Nineteen Sixty-One*, Vol. 2, Bollingen Series XCV (Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 1973).

6. Hans Bender, *Telepathie, Hellsehen und Psychokinese* (Freiburg im Breisgau, Germany: Aurum Verlag, 1984).
7. Raymond E. Fowler, *The Andreasson Affair* (Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1979).
8. Elda Hartley, *Sacred Trance in Bali and Java*, filme documentário.
9. Stanley Krippner, *Human Possibilities* (Garden City, NY: Anchor Press/Doubleday, 1980).
10. Jules Eisenbud, *The World of Ted Serios* (New York: William Morrow, 1967).

CAPÍTULO 11 NOVAS PERSPECTIVAS DA REALIDADE E DA NATUREZA HUMANA

1. Sam Keen, *The Faces of the Enemy* (New York: Harper & Row, 1986).
2. A. Bastians, "Der Mann im Konzentrationslager und das Konzentrationslager im Mann", manuscrito mimeografado, s.d.

ÍNDICE

- Abandono, 78
- Aborígenes, cultura, 133, 136, 137, 196;
espíritos animais, 182, 183; feitiçaria, 213; mágicas cerimoniais, 230-35; ritos de cura, 140, 213
- Aborto, 56, 142
- Abstração, 23
- Acupuntura, meridianos, 179
- Adoração fálica, 88, 91
- Agonia, e êxtase do nascimento, 84, 87-89
- Agpoa, Tony, 233
- Agressão, 81, 86, 88, 93, 251, 252, 256, 266, 267
- Alá, 201
- Álcool, 63
- Alcoolismo, 100, 251
- "Além dentro de si", 102
- Aliens*, filme, 77
- Alterados, estados, 27, 33, 36, 38, 40, 192; identificação de grupo, 119-24
- Alucinação, 216; em massa, 218
- Amantes, arquétipo, 193, 195
- Âmbar, 136
- Amor, 117, 204, 205
- Ancestrais, experiências com, identificação, 149-52
- Andreasson, família, 227
- Anima, 193, 194, 216
- Animal, 33, 106; animais antepassados, 144; guias espirituais, 182-86; identificação com, 125-28, 184; e processo de nascimento, 47
- Animus, 193, 216
- Ankh, 200
- Antropologia, 24, 35, 230-35, 243, 245
- Antroposofistas, 163
- Aparições, 174, 221
- Apogeu, experiências de, 60, 104, 111
- Apolo, 62
- Apolo 9, missão no espaço, 123-25
- Ar, 200
- Arigó, operação psíquica, 232
- Aristóteles, 246
- Armstrong, Anne, 172
- Arnold, Kenneth, 224
- Arquétipos, coléricos e alegres, 197; consciência de, 210; deidades, 114; encontro durante morte e renascimento, 196-97; exemplos universais, 193-95; experiências com, 62, 69, 74-75, 142, 192-96, 210; identificação de grupo, 121-23; religiosos, 196. *Ver também* Mitologia
- Arte, 64, 207-8; temas perinatais na, 76-77, 91-92
- Artística, impulso e inspiração, 204-5, 207-9. *Ver também* Criativos, princípios
- Asma, 41, 250
- Assagioli, Roberto, 188
- Assombração, 221
- Associação Internacional de Psicanálise, 29
- Astral, campo, 175, 176
- Astrofísica, 19, 32
- Ateísmo, 34
- Atletas, 212, 219-20
- Átomo, 16, 17, 19, 133, 206
- Aura, 174, 179, 180
- Automática, escrita, 175
- Babilônia, 246
- Babinski, reflexo de, 39
- Bailey, Alice, 188

Bardo Thodol: O Livro dos Mortos Tibetano, 167, 170, 196
Bateson, Gregory, 24, 119, 138, 184
Bender, Hans, 223
Bennett, Hal Zina, 185-86
Bíblia, 75-76, 194, 208
Big Bang, teoria, 142
Bilocação, 237
Biofeedback, 27, 237
Biográfico, campo e material, 38-41, 42, 249
Biosfera, consciência da, 131-32
Bohm, David, 20-24
Bolen, Jean Shinoda, 195
Botânicos, processos, identificação com, 128-31
Brahma, 196
Brasas, andar sobre, 235
Brasil, 175, 232
Buda, 62, 76, 196, 208
Budismo, 37, 180, 196, 235; mahayana, 201; tibetano, 163, 219; vajrayana, 163
Cabala, 200, 201
Caím e Abel, 194
Calor, do corpo, 218
Campbell, Joseph, 174, 194, 195, 197, 231
Camus, Albert, 72
Canalização, 188-90; artística, 207-8; de literatura, 188-89, 207
Cannon, Walter, 233
Caribe, 234
Cármica, experiência, 62, 63, 114, 141, 142, 156, 163, 165
Casamento, 245, 267
Catolicismo, 157
Causalidade, 26, 115, 211-16
Célula, 17
Cérebro, 16-17, 24, 25, 26-27, 106, 109, 244-45, 249
Cesariana, 105
Chacra, 174, 179, 180
Chuva, cerimônia, 230, 231, 232
Cibernética, 25, 138
Ciência ocidental tradicional, 25, 26, 27, 33, 37, 208, 211, 213, 217, 244
Circuncisão, 245
Cirurgia psíquica, 232-33
Clarividência, 167, 171-72
COEX, sistemas, 41-45
Código genético, memórias ancestrais gravadas no, 152

Cogumelo, 131
Comportamento criminal, 250-51, 262
Comportamento suicida, 251
Comunismo, 262
Concentração, campos de, síndrome de, 264-65
Concepção, 143-44
Consciência, 15-18, 22-23, 25, 26, 27, 32; cósmica, 30, 33, 165-66, 200-8, 245; expansão do conceito de tempo e espaço, 113, 114
Corão (Alcorão), 188
Cordão umbilical, 98, 99
Corpo sutil, 179
Course in Miracles, A. (Schucman), 189
Criador, 200-1, 204, 205. *Ver também* Deus
Criativos, princípios, 25, 31, 200-8
Crimes, 267
Crise: global, 266; psico-espiritual, 28, 35, 104, 167, 183, 216, 253, 267
Cristais, 136-37
Cristandade, 37, 199; e processos de nascimento, 75-76; reencarnação, 156, 163-64; simbolismo, 95-97
Cristão, misticismo, 218
Cristo, 76, 77, 90, 95, 102, 123, 196, 198, 199, 208, 218
Curandeiros, 232
Curas: por aborígenes, 140, 213; cerimônias, 232, 246; do ego, 254; psicocinéticas, 238; rituais, 140
Dança, 155, 182, 231
De Mause, Lloyd, 258-59
Deidades, 90, 91, 97, 196. *Ver também* Deusas; Deuses
Delusão, 216
Demônios, 62, 97
Depressão, 41, 72-73, 161, 247, 250
Descarnadas, entidades, 176
Deus, 95, 96, 97, 102, 207, 208
Deusas, 102, 130, 196, 198, 216
Deuses, 101, 198; objetos inanimados e, 137; plantas e, 130-31
Discurso do Método (Descartes), 208
Doença: auras para diagnóstico de, 180; e espíritos animais, 182-83. *Ver também* Psicossomáticas, desordens; Sintomas
Drogas, uso de, 100, 251
Dual, unidade, 117, 118, 142, 145, 152
Ecologia, 266, 267
Ectoplasma, 221

Edelstein, Harold, 227
Édipo, complexo de, 194, 195
Egito, 156
Ego, 37, 50, 55, 113; comportamento autodestrutivo, 86, 87, 93, 262; divino, 102, 105; encapsulado, 117; falso, 100; interior, 112; morte do, 99, 101, 197, 216; como parte do universo, 116
Einstein, Albert, 19, 20, 116, 207, 217
Electra, complexo de, 194
Eletrochoque, terapia, 248
Elétron, 19
Eleusianos, mistérios, 246
Embrional, experiência, 142-45. *Ver também* Fetal, experiência
Emmanuel's Book (Rodegast), 189
Empatia, 118
Energia, campos de, 179-82; recursos, 266
Enxaqueca, 41, 161, 237, 251
Epilepsia, 237
Erógenas, zonas, 79, 92, 105
ESP, percepção extra-sensorial, 27, 166-72
Esalen Institute, 35, 119, 176, 215
Escatologia, 85, 90, 92, 262, 264, 267
Escrituras religiosas, 90, 120, 135, 208, 218
Ecuridão, 196. *Ver também* Mal
Espaço, 19, 114, 167-68, 169-70
Espaço-tempo, 19, 244; e OVNIs, 228
Espíritos, 218
Espíritos guardiães, 182-86, 215
Estigmas, 218
Estupro, 87, 91, 92, 264
Existencialismo, 72
Experiência: cármica, 62, 63, 114, 141, 142, 156, 163, 165-66; coletiva, 153-56; simbólica, 184, 185
"Experiência visionária, A" (Huxley), 135
Experiencial, psicoterapia, 27, 28, 35, 38, 48, 62, 63, 167, 244, 248, 250
Êxtase, 64, 252; e agonia no nascimento, 84, 87-89; identificação durante o nascimento, 117; oceânico, 59, 62, 64, 65; religioso, 218; vulcânico, 59, 87
Extraterrestres, 70, 224-29
Faces of the Enemy, The (Keen), 260
Fadas, contos de, 194-95, 198
Família, 37, 64, 78. *Ver também* Ancestrais

Fantasmas, 211
Feitiçaria, 81, 91, 267
Feitiço, 81, 89, 267
Femininos, princípios, 201
Fertilidade, ritos, 89, 91
Fetal, experiência, 51-52, 142-46; êxtase, 58-65; unidade com a mãe, 117, 118, 142-43, 145. *Ver também* Matrizes; Nascimento; Útero
Fetiches, 182, 185
Filipinas, 175, 232
Filmes, 77, 92
Filogenética, experiência, 142
Filosofia espiritual do Oriente, 27, 31, 32, 37, 206, 246. *Ver também* nomes específicos
Física, 217, 229, 237
Fobias, 41, 93, 161, 250
Fogo do Amor, 218
Fogo, 130, 200; consciência do, 133, 134-35; como purificador, 91; sagrado, 137
Forças, 101
Fotossíntese, 128, 130
Freud, Sigmund, 29, 31, 38, 84, 92, 194, 195, 251; análise de sonhos, 199
Fromm, Erich, 256
Gaia, teoria, 138-40
Garret, Eilileen, 178
Gasparetto, Luiz Antonio, 176
Geller, Uri, 238-39
Genocídio, 257
Giger, Hansruedi, 77, 92
Grande Deusa Mãe, 62, 102, 130, 139, 196, 216
Gravidez, 52-65, 142-46
Grécia, 75, 101-2, 163
Green, Elmer e Alyce, 235-37
Grof, Christina, 35, 119, 180-81, 215-16
Guardião, espírito, 182-86, 215
Guerra Mundial, Segunda, 262-65
Hades, 196
Harary, Keith, 171
Harner, Michael, 27, 215
Himalaia, eremitas, 219, 235
Hinduísmo, 137, 163, 166, 180, 193, 198, 199, 201, 235
Hiperespaço, 229
Hipnose, 227, 244; regressão, 28; terapia, 160
Hiroshima, bombardeio, 260
Histeria, 93, 250
Hitler, Adolf, 260, 261, 265

Holografia, 20-24
Holograma, 20, 21, 22
Holomovimento, 23
Holotrópica, respiração, 28, 36, 39
Home, Daniel Douglas, 219, 221
Homeopatia, 136, 249
Humanidade, identificação com, 123-25
Hussein, Saddam, 265
Huxley, Aldous, 37, 135, 174, 245
Hynek, Allen, 227
Identificação, 117-25; com ancestrais, 149-52; com animais, 125-28, 250; com arquétipos, 196-98; com consciência grupal, 120-23; em estados alterados, 120; com humanidade, 123-25; com infância dos pais, 147-49; com matéria inanimada e processos inorgânicos, 133-37; e unidade dual, 118; com vida, 131-32
Idiomas, falar, 155, 175, 182
Igreja, 188
Inanimada, matéria, 133-37
Inconsciente: coletivo, 26, 37, 42, 47, 106, 111, 141, 142, 153, 191, 192, 198, 212; individual, 38, 42; mente, 28, 31
Índia: escritos, 179; reencarnação, 163
Infância, 31, 35, 36, 37-41, 64
Inferno, 75
Inspiração. *Ver* Criativos, princípios lógicos, 219; feitos sobrenaturais, 213, 235-37
Ísis, 102, 196, 200, 246
Islã, 37
Jainismo, 163
James, Willian, 112
Jeans, James, 20
Judaísmo, 37
Jung, C. G., 25-26, 37, 47, 50, 58, 106, 111-13, 148, 153, 187, 188, 198, 247, 255, 265; arquétipos, 192, 193; OVNIs, 225; símbolos universais, 199; sincronicidade, 210-13, 214, 215, 217
Kalí, 197
Kammerer, Paul, 214
Keen, Sam, 261
Kelsey, Dennys, 160
Kennedy, John F., 260
Kierkegaard, Soren, 72
Komeini, Ayatollah, 265
Kubler-Ross, Elizabeth, 170
Kulagina, Nina, 238
Kundalini, experiência, 180-82
Lao-tse, 202
Laser, 20
Lendas, 194
Levitação, 219, 221, 237
Lila, 193
Línguas: experiências de outras vidas, 155; e termos místicos, 202
Literatura: canalizada, 188, 207; religiosa e espiritual, 164, 165; temas perinatais, 77, 91
Lógica, 27; dupla, 230-31
Lovelock, J. E., 139
LSD, 26, 29, 36, 148; experiência do autor, 29-30; uso terapêutico, 31-32, -146, 149, 150, 167, 177
Luminosidade do corpo, 212, 218
Luz, 23, 100, 102; e cristais, 135; no momento da morte, 30
Mãe (Mães), 98; arquétipos, 80-81, 83, 193; boa, 56, 83, 117, 118, 146, 148-49; unidade durante a gravidez, 56, 83, 117, 118, 146, 148-49
Mágica cerimonial, 213
Maia, 121-23, 194
Mal, 60, 61, 70, 81, 90, 196
Manifestações, 212, 218, 221-24
Mantras, 182
Maomé, 188, 208
Masculinos, princípios, 201
Maslow, Abraham, 60, 104, 111-12
Massa, psicopatologia de, 256-57
Matéria, 16-25, 109, 243-44
Matéria inanimada, identificação com, 133-37; relação com a consciência humana, 243-47
Materialismo, 16-101, 265
Materialização, 221
Matriz Perinatal Básica, 46-48
Matriz Perinatal Básica I (MPB I), 47, 51-65; experiência do autor, 51-56; e experiência transpessoal, 61-63; êxtase e unidade cósmica na, 59; traços biológicos e psicológicos, 55-58; e útero bom, 57, 58, 62, 63, 64; e útero mau, 57, 60-61, 62, 63, 65; e vida pós-natal, 63
Matriz Perinatal Básica II (MPB II), 66-79, 257, 264; expressão artística da, 77; imaginário espiritual e religioso, 74-77; e o papel de vítima, 78-79
Matriz Perinatal Básica III (MPB III), 80-93, 251, 257, 264, 266; e arte, 91-92; experiências pós-natal, 92-93; impressões escatológicas, 85, 90, 92; e raízes da violência, 86-87, 93; e

sexualismo, 84, 88-89, 92-93; temas espirituais e místicos, 90-91; temas titânicos, 85-86, 92
Matriz Perinatal Básica IV (MPB IV), 94-106; mitologia da morte e renascimento, 101-2; morte, renascimento e o ego, 99-101; realidades biológicas da, 98-99; simbolismo religioso e místico, 101-2
Matsuwa, Don Jose, 231-32
Medicina, 243, 248, 249. *Ver também* Xamãs
Meditação, 28, 181, 244, 248
Médiuns, 175-79, 219, 221, 222
Medo, 38
Memória, 172
Memórias. *Ver* sistemas COEX
Memórias, *Sonhos, Reflexões* (Jung), 115, 187, 210
Mendeleev, Dimitri, 206
Meninice, 31, 36, 37-41, 46, 63, 259
Menninger, Fundação, 235-36
Metais, 135, 139; como objetos sagrados, 135-137
Mental, doença, 248, 253
Mental, saúde, 247-53
Mescalina, 72
Messages from Michael (Yarbo), 189
Metamorfose, 128
Militar, líder 259-63
Mística: experiência, 31, 35, 104, 202; literatura, 120
Misticismo, 27, 246; cristão, 218
Míticas, realidades, 191-96
Mitologia, 32, 33, 53, 58, 106, 144, 174; arquétipos, 191-96; e comportamento de nações, 265; grega, 75; imagens e temas de, 85-86, 265; da morte e renascimento, 101; e processo de nascimento, 47, 90-91
Moisés, 208
Moléculas, 17, 133
Moody, Raymond, 170
Morfogenéticos, campos, 25, 184
Mórmons, 188
Mortos, comunicação com, 174-79
Mozart, Wolfgang Amadeus, 207
Muktananda, Swami, 181, 215
Murphy, Michael, 219, 220
Música, 103; temas perinatais na, 92
Musical, inspiração, 207-8
Myths to Live By (Campbell), 195
Nadis, 179, 180

NASA, 139
Nascimento: agonia e êxtase, 84, 87-89; anestesia durante o, 251; cesariana, 105; e despertar sexual, 80, 83, 92; dificuldade, 68, 105, 251; experiência Kundalini, 180-81; indução, 105; momento do, 94-99; prematuro, 117; processo e experiência, 33, 34, 36, 38, 42, 44, 66-106; simples, 105; unidade dual, 117
Nativo, americano, 130-31, 134, 153, 182, 185, 231, 236
Natureza: forma na, 25; identificação com, 132-38
Nenês, cuidados com, 63, 66; e unidade dual, 117, 118
Neurofisiologia, 23, 25
Neurose, 249
Neurose obsessiva-compulsiva, 93
Neuróticos, 248
Nêutrons, 19
New Age Transformations: Revelations (Spanler), 189
Newtoniana, ciência, 16, 17, 18, 19, 24, 26, 117, 165, 206, 213, 217, 239, 244, 247
O'Neil, Eugene, 116
Ocultismo, 138, 267
Ômega, experiência, 28
Ordem, explicação da, 21
Orgasmo, 93
Orígenes, 164
Osíris, 200, 246
OVNIs, 191, 211, 213, 224-29
Pajem, experiência com crianças, 64, 66; unidade dual, 117, 120
Pahnke, Walter N., 176, 232
Pais, identificação com infância, 147-49
Palladino, Eusapia, 219, 221
Paraíso, 53, 58, 135
Parapsicologia, 27, 35, 166-72
Pearl Harbor, ataque em, 259-60
Pechorskaya, Lavra, 159
Pedras, 135, 139; como objetos sagrados, 135-37
Penfield, Wilder, 245
Percepção: interior, 42, 103; do mundo, 42, 103, 113
Perinatal, experiência, 46-48, 51-65, 216, 250, 257; e violência humana, 256-63. *Ver também* Matriz Perinatal Básica; Nascimento
Peiote, 131

Pio, Padre, 218
 Plantas, 33; identificação com, 128-31; psicodélicas, 130-31
 Platão, 246
 Pleroma, 111
 Pneumonia, 40
 Poder superior, 100
 Poderes animais, 174, 182, 183, 215
 Poesia espiritual, 202-3
 Política, ciência, 259
 Poltergeist, 211, 212, 221, 222-23
 Poluição, 267
 Pornografia, 89
 Pratt, Gaither, 224
 Precognição, 167
 Pribam, Karl, 24
 Profetas, 208, 253
 Prometéico, impulso, 206-7
 Prostituição, templo, 88, 91, 92
 Prótons, 19
 Psicanálise, 29, 31, 38
 Psico-história, 259-60
 Psicoativa, substância, 117, 131, 167
 Psicocinese, recorrente e espontânea, 211, 212
 Psicocinese, pesquisa sobre, 39
 Psicodélicos, 28, 131; pesquisa, 26, 244; terapia, 28, 35, 43, 72, 248
 Psicóides, experiências, 114, 210-39; manifestações físicas, 212-13, 217-30; psicocinese, 230-37; sincronicidade, 213-17; três categorias de, 212-13. *Ver também* OVNI's; Poltergeist
 Psicologia, 25, 26, 243, 247; humanista, 38; profunda, 26, 199, 259; tradicional, 45, 106, 217
 Psicopatologia, 256, 261
 Psicose, 252
 Psicossintese, 188
 Psicossomáticas, desordens, 41, 42, 162, 247-53
 Psicoterapia, 38, 216, 243, 248, 253-55; estados incomuns da consciência, 254-55
 Psicóticos, 248, 249
 Psique: cartografia da, 36-37; domínio transpessoal, 61
 Psiquiatria: corrente principal, 34, 44, 45, 216, 217, 243, 247, 248, 249; como disciplina médica, 247
 Psiquiátrica, Instituto de Pesquisa, 31
 Psíquica, cirurgia, 232-33
 Psíquicos, 36, 175, 237-38

Psychic Side of Sports (Murphy; White), 219-20
 Puthoff, Harold, 171
 Quântica, Física, 21, 211, 217, 230, 237, 239
 Raciais, experiências, 153-56
 Racionalidade, 27
 Realidade, 21-23; consenso, 18; natureza da, 27, 172; ordens, 21
 Religiões: arquétipos da, 196-97; criador e consciência cósmica, 201; do mundo, 32, 102, 188, 208, 243, 247; e reencarnação, 156, 157, 163-64
 Renascimento espiritual, 97-102
 Rendição, 100
 Repressão, 38
 Respiração: infantil, primeira, 99; problemas com, 40
 Ressurreição, 95-96, 101
 Revoluções, 258-63, 267
 Rhine, R. B., 221
 Ring, Kenneth, 28, 170
 Ritos de passagem, 246
 Rituais, 231
 Roberts, Jane, 189
 Roll, William, 224
 Sabom, Michael, 170
 Sadomasoquismo, 41, 84, 250, 262; e processo do nascimento, 85, 87
 Sangue, pressão sanguínea, 237
 Santa Bernadete de Lourdes, 219
 Santa Hildegard von Bingen, 203
 Santa Teresa de Ávila, 219
 Santos, 218-19, 253
 São Francisco de Assis, 164, 218
 São Paulo, 208
 Sartre, Jean Paul, 72
 Satã, 196
 Satânicas, práticas, 81, 89
 Schucman, Helen, 189
 Schwarz, Jack, 172, 180, 236
 Schweickart, Rusty, 123-25
 Sensações físicas, 16, 17, 27, 33, 109, 110, 112, 115, 244
 Ser Supremo, 197
 Sessões, 212, 221
 "Seth, livros de", 189
Seven Sermons for the Dead (Jung), 111, 188, 217
 Sexo, 56, 267; abuso, 262, 264; desvios e desordens, 85, 92, 250; símbolos, 199

Sexual, despertar: associado com dor e agressão, 251; e com processo do nascimento, 80, 84, 92
 Sexualidade: começo da, 251; e experiência do nascimento, 84, 87-89, 92; e morte, 88-89; e transcendência, 88
Shakti, 180
 Sheldrake, Rupert, 24, 184
 Shiva, 137, 200
Siddhis, 213, 237
 Simbolismo, 265; decifrando símbolos universais, 199-200
 Símbolos universais, 199-200
 Smith, Joseph, 188
 Simonton, Carl, 119
 Sincronicidade, 26, 164, 211, 213-17
 Sintomas, doenças, curas, 248-49
 Sistema solar, 142
 Sikismo, 163
 Sociedade, violências nas, 256-66
 Sol: uma deidade, 137
 Sombra do ego, 193, 258-63
 Sonhos, 26, 183, 198, 211; análise dos, 183, 199, 254
 "Star Trek" (série de TV), 191
Star Wars (filmes), 191
 Stevenson, Ian, 165
 Suástica, 199, 265
 Sublimação, 104
 Sufismo, 202, 218
 Sufocação, 82, 84
 Superego, 86, 261
 Superstição, 247
 Supra-humanos, seres, 186-87
Synchronicity: An Acausal connecting Principle (Jung), 213
 Tambor, 231
 Tanatologia, 28, 36, 167, 169, 244
 Tao, 167, 168, 202
 Taoísmo, 37, 102, 137, 202, 235
 Targ, Russell, 171
 Tart, Charles, 171
Tat Tvan Asi, 54, 102, 201
 Tesla, Nicola, 207
 Telepatia, 167; comunicação com os mortos, 175
 Tempo, 20, 33, 114, 167-69; e percepção extra-sensorial, 166; transcendência do, 121-23, 141-72
 Teosofistas, 163
 Terra, 199; consciência da, 138-40; história pré-humana, 141
 Thomas, Lewis, 138
 Torah, 208

Tradições tântricas, 117, 200, 235
 Transcendência, 89; de tempo, 121-23, 141-73
 Transe, estados de, 233, 244
 Transformação, 114, 261, 263
 Transpessoal, consciência, 106, 109-14; exploração e mapeamento, 112-14
 Trauma, 37, 38, 249, 250; físico, 40, 43-44
 U. S. Air Force, 225, 227
 Unidade cósmica, 32, 114
 Unidade dual, 117, 118, 142, 145, 152
 Universo, 16, 17, 20; ego como parte do, 116; história pré-humana de, 142; ligação com, 53, 54, 57, 58; paralelo, 191
 Upanixades, 54, 59, 102, 201
 Útero, 67-69; bom, 57, 58, 62, 63, 64, 103; mau, 57, 61, 62, 63, 65. *Ver também* Matrizes
 Uyeshiba, Morrehei, 220
 Vácuo cósmico, 209
 Vallé, Jacques, 228
 Vazio, 209
 Vedas, 187, 208
 Vida, 23; evolução, 17; experiências ameaçadoras, 42
 Vidas passadas, experiências, 42, 62, 141, 156-66, 250; curas, 161-62; e LSD, 31
 Violência, 264, 265; história humana, 256-63; e processo do nascimento, 87, 92; sexual, 261
 Virgem Maria, 102, 196
 Visões, 26, 32, 62, 120, 183, 198, 207, 208, 211
 Visões remotas, 171
 Vítima, papel de, 78-79, 86
 Vodú, rituais, 234
 Verbal, habilidade, 35
 Watts, Alan, 99
Wholeness and the Implicate Order (Bohn), 22
 Xamãs, 36, 136, 215, 231, 232, 253
 Xamanismo, 27, 28, 35, 37, 183, 185, 245
 Yoga, 37, 117, 155
 Yeats, William Butler, 26
 Yin-yang, símbolo, 200
 Zen-budismo, 102
 Zoroastrianismo, 163
 Zuni, povo, 133, 182, 185